PIERRE II

O curso bíblico

www.pierre2.net

PDF version : May 4, 2026

1

Itinerário Espiritual - Em Busca da Verdade

1. INTRODUÇÃO

Este «ITINERÁRIO ESPIRITUAL» visa ajudar aqueles que desejam descobrir a Verdade, a Felicidade e a Paz Interior, a da alma; para **o** ajudar a **si**, leitor, se realmente se preocupa com a Verdade.

Este Itinerário está dividido em três partes. Os dois primeiros (Preliminar e Sensibilização) são uma preparação para o próprio Itinerário Espiritual. Não são indispensáveis, mas para serem aconselhados de acordo com a disposição de cada um:

1. O PRELIMINÁRIO é uma preparação **psicológica** para um bom começo em direcção ao objectivo. Antes de começar, precisa de saber claramente o que quer exactamente e se está suficientemente motivado para alcançar a Verdade.
2. A CONSCIÊNCIA convida-o e prepara-o para entrar em si mesmo para se descobrir a si mesmo, para se tornar consciente do seu estado de espírito.
3. O próprio ITINERÁRIO ESPIRITUAL coloca-o à frente do sobrenatural e abre-lhe o caminho para o alcançar livremente... se assim o desejar.

2. PRIMEIRA FASE - A PRELIMINAR

A Verdade e a Felicidade são inseparáveis: se está na Verdade, só deve ser feliz. Se não estás feliz no teu coração, é porque não tens dentro de ti a verdadeira Luz que aquece e conforta a alma. Quanto mais verdade acumularmos, mais felizes seremos. Só o **conhecimento da** Verdade liberta o homem (ler João 8:32).

Antes de embarcar neste caminho de investigação, certifique-se de que está em boa forma psicológica e que chegou o momento de embarcar nele. Responder cuidadosamente a estas três perguntas:

1. Em que estado psicológico se encontra? E porque se encontra neste estado?

   (feliz ou infeliz por causa da sua situação financeira, da sua posição social, da sua cultura, das suas ideias filosóficas, de um amor humano, etc...).

2. Qual é o seu estado espiritual? E porque se encontra nesse estado?

   (crente ou descrente devido a pensamentos herdados ou inserção numa comunidade religiosa desde o seu nascimento, devido ao hábito, sujeito aos costumes e preconceitos da sua sociedade particular, etc.).

3. Está satisfeito com o seu estado ou quer evoluir?

   Se não quiser sublimar a sua existência, este Itinerário não é para si. Mas se, por outro lado, tiver sede de descobrir a Verdade para poder evoluir, terá de fazer um **esforço**. Continuar a ler este Itinerário.

Note o seguinte: se não tiver **escolhido livre e pessoalmente** a sua situação espiritual numa base sólida e objectiva, e se não tiver escolhido os **seus próprios pensamentos** após uma pesquisa cuidadosa e consciente, estará sujeito a preconceitos religiosos, racistas ou outros e nunca florescerá. Atirado pela ignorância, será uma presa fácil à ansiedade e à agitação nervosa, aos frutos inconscientes de um conhecimento insuficiente e incerto ou de uma ignorância total. Estes frutos nocivos deram origem a guerras religiosas, fanáticas e sangrentas, bem como a seitas perniciosas muitas vezes com o suicídio como ideal...

O resplendor do conhecimento revigora a alma humana. Por outro lado, a escuridão da ignorância atrofia a vida interior; a alma só pode ser insatisfeita e envergonhada. Isto manifestar-se-á externamente em agressividade e impaciência, ou, pelo contrário, num estado de tristeza e depressão.

Não estando seguro das suas crenças, expor-se-á à dúvida e não será capaz de confiar em si próprio. Sempre em busca do «novo» que o acalmaria, só encontrará a desilusão e acabará por desesperar da verdadeira Felicidade ou por se satisfazer com a mediocridade.

Tomar consciência deste tipo de triste nostalgia que por vezes invade a alma; ela é mantida pela ignorância. Deve ser definida como «nostalgia de felicidade», de uma felicidade perdida. mas recuperável nos seus próprios termos. É-nos dado tempo para o encontrarmos novamente através do **conhecimento**. E aquele que procura, encontra.

2.1 Descondicionamento

Para se libertar do domínio nocivo da ignorância, deve antes de mais **descondicionar-se**, ou seja, libertar-se de uma personalidade imposta inconscientemente pela sua família e integração social. Esquece a tua identidade familiar, a tua posição social, descarta as memórias (boas ou más) de um passado que te marca no fundo, faz uma tábua limpa de preconceitos que incutem uma falsa personalidade para **te encontrares** a **ti próprio**. Finalmente, comece a procurar racionalmente e logicamente a Felicidade, o fruto da Verdade. És capaz de conhecer a Verdade, de a discernir, de a libertar das mentiras.

Você é esperto. Utilize-o.

Tem um coração. Sensibilizá-lo.

Tem uma lógica. Tire as **suas próprias** conclusões.

Mantenha o seu entusiasmo em alta. Colocar nele amor e alegria. Não permita que forças negativas o paralisem com a preguiça e o medo do Desconhecido.

Levante-se e dê os seus primeiros passos no **seu** reino interior. Pertence-lhe. Não se sinta alienado ou com medo, caso contrário, outros lhe tirarão a sua alma.

Com boa vontade e perseverança, alcançará a Grande Felicidade que o espera como um troféu no final da estrada, no topo da Montanha de si mesmo.

2.2 Pré-requisitos para o sucesso

1. Desejo profundo de conhecer a Verdade: ninguém pode dar nada àqueles que não têm sede.
2. Sinceridade: empenho total e consciente da vontade e inteligência em descobrir a Verdade e em conformar-se com ela sem hipocrisia nem restrições. Ser de boa fé.
3. Coragem para romper, embora gradualmente, com velhos hábitos, ideias, amizades e relações sociais que dificultam a evolução espiritual e impedem a libertação da alma.
4. Deve assumir-se que a Verdade é **uma só e objectiva**; um conceito e o seu oposto não podem ser ambos verdadeiros. Cada um não pode fazer a **sua própria** verdade subjectiva: o Sol existe ou não existe para todos. Também Deus o faz.
5. Liberdade de escolha, mas nós assumimos a **responsabilidade pela** nossa opção. Poder assumir esta responsabilidade com argumentos válidos significa ter atingido uma maturidade digna de confiança.

A principal armadilha é fazer-se uma «verdade» subjectiva, ilusória no seu próprio tamanho, em vez de se questionar e de se esforçar por evoluir para abraçar a única Verdade.

2.3 Conclusão

Depois de reflectir sobre este Preliminar, está pronto para empreender a investigação neste espírito, não por curiosidade, mas com a firme resolução de mudar a si mesmo para se tornar outro você? Sairia enriquecido e amadurecido ao ponto de já não reconhecer a pessoa idosa que em tempos foi.

Se o seu coração diz «Sim», não o desiluda. Responder à sua chamada. Descobrirá, perseverando, o mundo da Felicidade em que tantos homens já não acreditam e que, sem ser deste mundo materialista, está no entanto neste mundo, estando em **si**. Cabe-lhe a si descobri-lo. Não te deixes distrair pelas vicissitudes da vida quotidiana.

> Diz uma velha lenda hindu:
>
> Houve uma época em que todos os homens eram deuses. Mas eles abusaram tanto da sua divindade que Brahma, o mestre dos deuses, decidiu tirar-lhes o seu poder divino e escondê-lo num lugar onde lhes seria impossível encontrá-lo. Assim, o grande problema era encontrar um esconderijo para ele.
>
> Quando os deuses menores foram convocados para um conselho para resolver este problema, eles propuseram isto: «Enterremos a divindade do homem na terra». Mas Brahman respondeu: "Não, isso não é suficiente, pois o homem vai cavar e encontrá-lo.
>
> Então os deuses responderam: «Nesse caso, vamos atirar a divindade para o mais profundo dos oceanos». Mas Brahman respondeu novamente: «Não, porque mais cedo ou mais tarde o homem irá explorar as profundezas de todos os oceanos e é certo que um dia o encontrará e o trará à superfície».
>
> Então os deuses menores concluíram: «Não sabemos onde escondê-lo porque não parece haver nenhum lugar na terra ou no mar que o homem não consiga alcançar um dia». Então Brahman disse: «Isto é o que vamos fazer com a divindade do homem: vamos escondê-la nas profundezas de si mesmo, pois é o único lugar onde ele nunca pensará em procurá-la».
>
> Desde essa altura, conclui a lenda, o homem circulou a terra, explorou, escalou, mergulhou e cavou, procurando algo dentro dele.

3. SEGUNDA VEZ - SENSIBILIZAÇÃO

Awareness é um programa de trabalho psicológico, um esforço de introspecção que o ajudará a descobrir-se como é, a esforçar-se por evoluir para o que deve ser. É um «Itinerário Psicológico» complementar ao Itinerário Espiritual. Convido-o a fazer uso dele ao longo do caminho, se o considerar necessário; é uma medida do seu estado de espírito.

Sócrates disse: «Homem, conhece-te a ti mesmo». É um convite à sensibilização. Aqui, em resumo, está um método de sensibilização que o ajudará a explorar o seu mundo interior.

O ser humano é composto por três níveis vitais complementares:

1. Corporeal: relacionado com o aspecto físico, material. É o corpo.
2. Psicológico: relacionado com o aspecto intelectual e emocional. É a alma.
3. Espiritual: relacionado com o sobrenatural. É o espírito.

Os dois últimos aspectos são materialmente elusivos, mas intimamente ligados ao corpo. A harmonia perfeita deve reinar entre estes três níveis. Qualquer desequilíbrio perturba a personalidade humana. Insistir num plano e negligenciar os outros perturba o nosso ser. Devemos ter em conta a hierarquia que existe entre estes três níveis: o mais importante é o espiritual, seguido pelo psicológico e finalmente o corpóreo. Esta última parte de nós - o corpo - é certamente importante. É a parte tangível da nossa pessoa e pode velar o resto da nossa personalidade. Sendo o mais compreensível, o mais imediato, o corpo corre o risco de ensombrar o resto, como vemos frequentemente. Mas o corpo deve servir como instrumento para descobrir as nossas duas outras dimensões invisíveis. Têm uma importância vital muito maior. É por isso que devemos ter o cuidado de fazer do corpo um instrumento de descoberta, disciplinando-o, instruindo-o e orientando-o sabiamente a partir de dentro, onde se encontra a sede da alma e do espírito.

O único obstáculo para o homem, o seu único inimigo: **ele próprio**.

Sensibilização significa conhecer-se a si próprio. Temos de nos aplicar à introspecção das profundezas do nosso ser: descobrir a nossa alma e o nosso espírito.

Isto é fácil e difícil:

- É fácil porque não requer outros meios além de nós próprios, e outros instrumentos além da vigilância e da resolução para nos transformarmos - custe o que custar - a fim de alcançarmos a harmonia interior.
- É difícil devido a obstáculos (conscientes ou inconscientes) tais como a suavidade psicológica, medo ou recusa de nos descobrirmos como somos, apego ao materialismo e aos prazeres mundanos. É preciso grande coragem moral para admitir as próprias falhas e querer libertar-se delas.

Um bom método para alcançar o auto-conhecimento é aplicar os três pontos seguintes:

1. Uma avaliação da personalidade,
2. A descoberta dos nossos complexos,
3. A calma.

3.1 Avaliação da personalidade

É um exercício para registar o nosso ponto de partida, o nosso progresso ou os nossos contratempos. Esta avaliação mantém em nós uma dinâmica de evolução da qual depende a nossa transformação. A chave da nossa transformação é a descoberta do estado da nossa alma, das nossas qualidades e dos nossos defeitos, de que são exemplos os seguintes:

- **Qualidades**: coragem moral, desejo de melhorar, auto-confiança, paciência, tenacidade e perseverança, mansidão, amor, altruísmo, sociabilidade, alegria, optimismo, etc...
- **Falhas**: indiferença, orgulho, vaidade, sensualidade, sensibilidade, ciúmes e inveja, egoísmo, intolerância, fanatismo, avareza, falta de abertura, etc...

A descoberta do nosso estado de espírito é indispensável; é o primeiro passo para a evolução. Dele depende o remédio a ser aplicado. Não devemos entrar em pânico quando descobrirmos os nossos defeitos, mas considerar calmamente este estado a partir do qual queremos e podemos evoluir, se nos sentirmos preocupados.

O passo seguinte é colocar-se em relação ao **estado ideal** a atingir nos três níveis vitais da personalidade humana, dos quais o seguinte é um esboço:

1. O **nível corporal** diz respeito à vida física: vitalidade, saúde, robustez, bons reflexos, etc... No que diz respeito aos alimentos, a qualidade e quantidade de alimentos deve ser cuidada para evitar a sobrecarga e o excesso de peso que são causas de dœnça. Temos de cuidar do corpo através do exercício físico: um corpo saudável, uma mente saudável.

2. O **nível psicológico** diz respeito à vida intelectual e emocional da alma:

   - O intelecto inclui o domínio da inteligência, o poder de atenção e concentração, memória, imaginação, etc.

   - A vida afectiva relaciona-se com o amor. O amor por si próprio e pelos outros deve ser equilibrado. Uma sociabilidade prudente e selectiva - de acordo com as qualidades morais dos outros - apoia a nossa evolução (Leia Ecclesiasticus 12).

3. O **nível espiritual** diz respeito ao nosso espírito e está relacionado com o sobrenatural. É este nível que rege toda a nossa personalidade. Se formos bem iluminados a este nível, a felicidade transborda em todo o nosso ser. É por isso que este nível é, de longe, o mais importante. Precisamos de o detectar para lhe dar a plenitude da Verdade. Este é o objectivo da nossa investigação.

Tendo tomado consciência das nossas falhas, devemos aplicar a cada uma delas a virtude oposta: à indiferença, interesse e motivação; ao orgulho, modéstia e humildade; à suavidade, esforço; à vaidade, renúncia; à avareza, generosidade; ao fanatismo, tolerância, etc.... Para ser feliz tem de pagar o preço e para se curar tem de mudar. É inútil criticar os outros, tentar aperfeiçoá-los, querer mudar o mundo sem se mudar a si próprio. As grandes revoluções começam **dentro de nós** e **por nós**. É evoluindo nós próprios que conseguiremos criar outros.

3.2 A descoberta dos nossos complexos

Muitos desistem pelo caminho por causa de certas lágrimas interiores desanimadoras, sentimentos que confundem a mente. Estes são os complexos.

Certos factos da vida por vezes marcam-nos desde a nossa infância. Após um choque emocional ou outro, os seus efeitos permanecem enterrados na nossa memória, produzindo poderosos sentimentos negativos (de inferioridade, superioridade, agressividade, culpa, etc.). Eles dirigem inconscientemente algumas das nossas acções, estando à espreita numa área da mente subconsciente da nossa alma.

Sentir-se inferior nem sempre significa uma diminuição do valor moral. É necessário procurar as **causas** deste sentimento: defeito físico, falta emocional, drama familiar, falta de cultura, pobreza, etc... Por outro lado, é possível sentir-se superior sem ser superior. Estes complexos causam desconforto ao nível do subconsciente. O nosso trabalho será detectar estes complexos, tomar consciência deles a fim de os curar. Esta é a «Sensibilização». Mas primeiro temos de ter a coragem de admitir o que somos! Por vezes será necessária ajuda amigável ou profissional (psicólogo, etc...), nem sempre fácil de encontrar.

Temos de ser capazes de discernir a verdadeira fonte do desconforto que nos perturba: será devido aos nossos complexos ou aos maus-tratos de outros? Não devemos subestimar o efeito que o comportamento dos outros tem sobre nós. O sistema das sociedades modernas não é tenro. Temos portanto de nos proteger e defender para viver... ou por vezes sobreviver e aprender a adaptar-nos a diferentes situações.

Isto implica uma observação objectiva do nosso próprio comportamento para com os outros. Todos tendemos a projectar sentimentos negativos ou positivos sobre nós próprios nos outros: «Julgamos os outros por nós próprios», sem darmos um passo atrás e sem discernimento.

Exemplo: a pessoa agressiva vê outros de forma agressiva e queixa-se deles. Pelo contrário, o homem honesto acredita que todos estão inocentes e fica surpreendido por ser roubado por alguém que ele considera honesto. Isto pode levar a uma grande desilusão, especialmente na área emocional em que o coração está envolvido.

3.3 Calmaria

Deve-se trabalhar sobre si próprio com calma e paciência para superar defeitos. Aceite-se como é! Se somos incapazes de nos aceitarmos a nós próprios, de nos reconciliarmos connosco mesmos, como podemos esperar que os outros nos aceitem e nos apoiem?

A cultura da calma protege-nos de ataques externos. Desta forma, avançamos gradualmente para o auto-controlo. Quem conseguir controlar-se, controlar as situações mais críticas, pode acalmar a violência, acalmar as audácias, fazer os desvios mais favoráveis à paz interior e à harmonia social.

A calma interior é promovida através do relaxamento do corpo e da mente, bem como da respiração controlada, tal como ensinada nas aulas de Yoga.

Os efeitos da calma:

- Facilita o funcionamento normal do sistema nervoso.
- Aumenta a eficiência do esforço, ao mesmo tempo que reduz a fadiga.
- Domina a impaciência e a tendência para a fúria.
- Encoraja a reflexão e melhores decisões.
- Reforça a autoconfiança e a autoconfiança.

- Atrai a confiança dos outros.
- É uma arma poderosa para enfrentar a adversidade com mais hipóteses de triunfo.

3.4 Conselhos práticos

Esta simples avaliação pode ser feita por escrito num caderno pessoal. Observe-se com objectividade e sinceridade, obtendo ajuda, se possível, de alguém mais experiente.

A perseverança transformará a nossa vida pessoal, interior, familiar, comunitária e profissional com grande alegria e amor.

Este processo proporciona resultados progressivos mas sempre certos e eficazes. O tempo é dado para isso. Não devemos ser impacientes e apressados para alcançar resultados satisfatórios rapidamente. Arriscamo-nos a perder tudo no processo. O crescimento **normal** deve levar o tempo necessário para atingir uma maturidade saudável. Um homem não pode atingir a idade de quarenta anos sem passar dos trinta.

Seremos ajudados pela Providência na medida da nossa **fé** e **perseverança**.

A fé é o antídoto para o medo.

Com medo, espera-se o pior; com fé, espera-se o melhor.

Temos de ter confiança em nós próprios e na ajuda do Criador.

3.5 Meditação

Meditar profundamente sobre os seguintes pensamentos:

Diz Mestre Eckhart (Dominicano alemão do século XIV):

> «. . . não está fora de si, mas dentro de si, tudo dentro. . . »

O psicanalista Jung costumava dizer:

> «É preciso observar pacientemente o que acontece silenciosamente na alma, porque cada homem tem, pela sua natureza, na sua própria alma, algo que pode crescer».

Jung prossegue, dizendo:

> «A alma tem naturalmente uma função religiosa. . . A tarefa principal de toda a educação de adultos é trazer à consciência o arquétipo da imagem divina, ou as suas emanações e efeitos».

Finalmente, recordemos as palavras de Sócrates: «O homem conhece-se a si mesmo». Mas isto não é suficiente, pois só se pode conhecer a si próprio em relação à única e objectiva Verdade. É necessário dizer: «Homem, conhece a Verdade e conhecer-te-ás a ti mesmo». É neste sentido que Jesus disse: «Conhecereis a Verdade e a Verdade vos fará livres» (João 8,32). A Verdade só nos liberta se a aceitarmos.

4. TERCEIRA VEZ - A VIAGEM ESPIRITUAL

Esta rota está em quatro fases:

1. **Deus** existe?
2. **Religiões**: São todas iguais?
3. **A Opção**: Revelação Divina, a Bíblia (O Curso Bíblico)
4. **Felicidade**: Viver na Verdade Descoberta

Vamos passar por estas etapas, uma a uma, metodicamente.

Há pouco a dizer sobre a etapa da Felicidade: é o culminar do Itinerário, o final feliz que se quer alcançar. Aí encontrará descanso depois do seu cansaço e poderá falar sobre isso melhor do que eu posso. Assim, estudaremos apenas as três primeiras fases.

Arme-se de paciência, mobilize a sua atenção e o seu poder de concentração, para que a sua colheita possa ser abundante.

4.1 Primeiro passo - Deus

4.1.1 Haverá um Deus?

A primeira questão a resolver é a questão de Deus: ele existe ou não? É a partir daí que o caminho se divide em dois: o dos crentes e o dos ateus. Proponho responder de forma inteligente a dez perguntas para fazer estas descobertas pessoalmente.

Antes de pensar nestas questões, é importante dar um passo atrás para garantir que a resposta seja realmente sua, emanando livremente da investigação e lógica **pessoal**, sem influências externas (de religião, família, preconceitos, interesses materiais, etc.).

Para o conseguir, já deve ter feito o esforço de libertação, de **descondicionamento** de que vos falei na Preliminar.

Dê a si próprio algum tempo para pensar. Nunca usar a falta de tempo como desculpa; podemos sempre encontrar o tempo e a forma de fazer o que queremos. É-nos dado tempo para procurar a Verdade. Não o percamos noutro lugar (abuso televisivo, jogos desportivos, jogos de cartas, álcool, etc...). Vamos dar às actividades importantes o primeiro lugar.

Coloque-se numa atmosfera propícia à reflexão. Sozinho, num lugar calmo, de preferência num ambiente natural, imagine que acabou de nascer. Não tem, portanto, identidade familiar ou integração social. Esqueça o seu nome e descubra você mesmo. Aqui está neste silêncio, sozinho, rodeado de árvores a balançar ao vento, ouve-se o murmúrio das folhas e o chilrear dos pássaros. Está sozinho no mundo. Tornas-te pacificamente consciente do teu corpo, da tua pessoa. Simplesmente existe.

Responda às dez perguntas que lhe vou fazer a seguir. Leve todo o tempo necessário para lhes dar uma resposta cuidadosa. Pode ter a resposta pronta ou pode ter de esperar muito tempo antes de responder a uma pergunta e esclarecer quaisquer dúvidas que possa ter sobre a mesma. Não importa quanto tempo se leva; é bem passado.

É importante não voltar atrás, não retroceder depois de descobrir a verdade sobre um determinado assunto. Nunca desistir de uma luz de entrevista por vantagem material ou sob pressão de preconceito. Algumas pessoas podem criticá-los e desencorajá-los. Mas você, espere! Finja ouvir apenas o seu coração e mente; não abandone a sua própria lógica. É importante que se sinta confiante de que está a responder livremente, que usa a **sua própria inteligência** para

concluir após cuidadosa consideração, como um detective sábio faria quando confrontado com uma situação complexa.

Aqui estão as perguntas; dê-se ao trabalho de as responder honestamente, mesmo que se pense que são ingénuas:

Acredita na existência de Deus? Porque é que acredita na existência de Deus?

Esta é a primeira questão que me vem à mente; dela fluem os resultados da nossa investigação.

Comece, se lhe convém, por não usar sequer a palavra «Deus» e, na sua própria língua, dê um nome a esta «Onda Sobrenatural»: Força, Energia, Perfeição, Beleza, Amor, Acaso, Fogo, Luz...etc.... Especialmente porque, etimologicamente, «Deus» deriva de «Zeus» (o deus supremo da mitologia grega antiga). Este nome foi traduzido «Deus» em latim, depois dado pelos primeiros cristãos romanos ao Criador, tornou-se «Deus» em francês.

Portanto, lembremo-nos, se quiser, desse nome por conveniência. Acredita em Deus? Tem ou não tem? Quais são as razões para a sua resposta? Deve concluir por si próprio com uma mente dedutiva e inteligente. Por exemplo: um polícia entra numa sala, vê um cadáver ensanguentado deitado no chão e a confusão por toda a sala. Qual deve ser a sua conclusão? Outro exemplo: pensa que é o único que tem a chave do seu quarto. Sai-se dele trancando a porta. Volta para encontrar um relógio de pulso na sua mesa. Qual é a conclusão inteligente? Uma «oportunidade»? Ou **alguém** mais tem uma chave do seu quarto? É certo que «alguém» entrou. Apenas um polícia idiota não veria um crime no primeiro caso e não entenderia que «outra pessoa» tem a chave do seu quarto. É com esta mesma inteligência elementar que se deve concluir sobre a existência de Deus, a partir da existência do mundo e do cosmos.

Existe um universo material. De onde é que vem? A maioria dos crentes baseia-se na criação e na sua admirável harmonia para concluir, regressando ao Criador. Este foi o caso, por exemplo, de Voltaire e Einstein, o reitor da ciência moderna.

Disse **Voltaire**:

> «Não posso acreditar que o relógio (criação) exista sem o relojoeiro (Deus)»

Einstein colocou-o desta forma:

> «A emoção mais bela e profunda que podemos experimentar é a sensação do místico (ou seja, o espiritual que não cai dentro dos sentidos). É a semente de toda a verdadeira ciência. Aquele para quem esta emoção é estranha, que já não é capaz de ser surpreendido, é agora apenas um homem morto.
>
> Saber que o que é impenetrável para nós existe verdadeiramente manifesta-se como a Sabedoria mais elevada e a Beleza mais radiante que as nossas faculdades obtusas só podem compreender nas suas formas mais primitivas. Este Conhecimento, este sentimento, está no centro da verdadeira religiosidade. A experiência religiosa cósmica é o mais forte e mais nobre estimulante da investigação científica.»
>
> «A minha religião consiste numa humilde admiração pelo Iluminável Espírito Superior que se revela nos mais pequenos detalhes, perceptível pela nossa frágil e fraca inteligência. Esta convicção profunda e comovente da presença de um Poder Racional Superior, revelada através do universo incompreensível, forma a minha ideia de Deus.» (*«Filosofias vivas», 1931 e «Os cientistas falam-nos de Deus», de René Courtois, Ed. Foyer Notre Dame, Bruxelas*)

Citei estes dois exemplos - entre tantos outros - de uma conclusão científica e lógica para o ajudar a concluir de forma inteligente sobre a verdadeira causa do universo. Medite bem neles.

Os ateus, por seu lado, baseiam-se, entre outras coisas, na existência do mal no mundo para concluir que Deus não existe. Este argumento não é válido, uma vez que o Mal não é uma entidade em si mesmo; só é concebível em relação ao Bem: o Mal é um Bem destruído, amputado (crime, roubo, dœnça física ou mental, etc...). Assim, só se descobre o ódio porque se conhece o amor, e só se reconhece a dœnça em relação à boa saúde. Descobrirá mais tarde que o mal não pode ter a sua fonte em Deus que é o Bem perfeito. Também compreenderá que o Mal foi introduzido no mundo pelo próprio homem.

Outros afirmam que a desordem social, as guerras religiosas, e as teorias da evolução são tudo provas de que Deus não existe. Contudo, esta desordem e estas guerras devem-se à má gestão e má fé por parte dos homens, não à inexistência de Deus. Quanto à evolução, revelaria não só uma certa organização da Criação, mas o Programador desta evolução: Deus. Por outro lado, não há nenhuma prova racional da inexistência de Deus.

Pergunta: Pode um relógio, um carro, uma refeição ser feita por acaso? Do mesmo modo, pode uma criação organizada e meticulosa ser o produto do acaso? Cabe-lhe a si responder de forma inteligente! Qual seria esta oportunidade? E de onde vem? Então, chamemos a Deus «Chance»...

Se, nesta fase, acredita que Deus não existe, já não o podemos ajudar na sua busca. Aqui os nossos caminhos espirituais separam-se, mas a nossa fraternidade humana deve permanecer para construir juntos harmoniosamente a nossa cidade terrestre e a nossa sociedade, aceitando ser diferentes, mas respeitosos das nossas respectivas convicções.

Se, pelo contrário, concluir que Deus existe, podemos continuar juntos a nossa busca para O conhecer melhor, convencidos, nós também, da Sua existência. Passemos então à segunda pergunta.

Ele é Pessoal ou Impessoal?

Todo o ser inteligente, consciente e responsável é pessoal; o homem, por exemplo. Por outro lado, a matéria, os animais e as plantas não o são. Os animais são dotados de um instinto que ainda não é inteligência. As abelhas, por exemplo, constrœm as suas colmeias em forma hexagonal, não por inteligência, mas por instinto. Eles estão, por assim dizer, «programados» e não podem fazer o contrário, nem podem «ultrapassar» a si próprios para fazer melhor. Será sempre assim para eles. Eles são incapazes de inventar uma máquina para colher flores no seu lugar. Além disso, não se põe um cão na prisão por morder um homem; o animal não pode ser responsabilizado pelas suas acções porque não é uma pessoa. E mais uma vez, nunca verá um grupo de burros a organizar uma manifestação pública para exigir o direito a uma carga máxima a ser transportada e um número limitado de horas de trabalho. Este tipo de actividade é uma questão de inteligência.

Acreditar num Deus Pessoal é acreditar que Ele é a suprema Inteligência, Conhecimento, Amor, Consciência e Responsabilidade. (Reler o texto de Einstein citado acima)

Ele está vivo ou inerte?

Pensa que Deus está vivo, activo e produtivo, ou inerte e congelado como os neutrões e protões estão, sem actividade intelectual e emocional?

O ser que é activo e produtivo está vivo. Acreditamos que há em Deus uma intensidade infinita de vida, conhecimento total, Inteligência perfeita e Amor. Ele conhece e ama perfeitamente o Seu Ser e a Sua criação, o produto do Seu amor livre.

É Ele Matéria ou Espírito?

A matéria cai sob os sentidos. É detectável por instrumentos de precisão. No passado, os homens adoraram o sol, a lua e os ídolos, pensando que Deus era matéria. Acreditamos que Deus é o «**Espírito Superior Ilimitado**» (Einstein). Este Espírito só pode ser compreendido pela mente do homem, na intimidade da sua consciência iluminada pela inteligência e amor da Verdade.

Existe uma ligação directa entre Ele e nós?

Acreditamos que existe um laço entre o Criador e a Sua criatura; é um laço de Causa (Deus) a realizar (nós, a Sua criação).

Este vínculo é estabelecido em si, ou está quebrado? A sua intuição dir-lhe-á.

Se esse laço for quebrado em si, gostaria de restabelecê-lo?

Podemos entrar em contacto com Ele? Como é que fazemos isso?

Este contacto é possível e só pode ser espiritual entre espíritos. Na «Awareness», viu que o homem é corpo, alma e **espírito**.

Alguns chamam a este contacto «oração»; é um simples «diálogo» com Deus. Temos de nos libertar dos cultos e das atitudes de medo impostas por alguns líderes religiosos. Estes cultos são inspirados pelo paganismo. Deus é um Pai terno que deseja falar aos seus filhos sem qualquer falsificação, mas respeitosamente.

Se não **desejar** restabelecer a ligação com Deus, isso não acontecerá.

Ele pode ajudá-lo na sua busca?

Se acreditardes Nele Todo Poderoso e Sábio, concluireis que Ele é capaz, mesmo disposto, de vos ajudar, iluminando-vos, pois Ele ama a Sua criatura: Ele ama-vos ardentemente.

Está pronto para Lhe pedir ajuda?

Algumas pessoas preferem procurar Deus sozinhas, sem a ajuda de Deus.

Estamos convencidos, pela nossa parte, de que ninguém pode descobrir e compreender Deus sozinho. A ciência humana já nos ultrapassa e recorremos a vários institutos científicos e professores para compreender uma pequena parte da criação, ainda mais quando é o Criador que está em jogo. É necessária uma certa humildade para recorrer a Deus a fim de O conhecer, pois Ele, e só Ele, pode revelar-se àqueles que O amam. Já é tão frequentemente difícil para nós compreender os homens. Portanto, se Deus não se revelar, não O podemos conhecer nem compreendê-Lo.

Contacta-O com todo o teu coração, com todo o teu coração, e diz-Lhe: «Ajuda-me, peço-Te, para Te conhecer, para Te amar». Descobrirá que Ele é sensível ao amor, ternura e humildade, como muitos o são.

Ele é silencioso, escondido e esquivo, ou revela-se a si próprio?

Deus expressa-se não só em si mesmo, mas também àqueles que O procuram. Ele não pode ser indiferente ao homem que criou. Estamos convencidos de que Deus anseia por contactar o homem e anseia por restabelecer o vínculo quebrado pelo homem no decurso da história. Sendo um Deus Pessoal, portanto inteligente e amoroso, Ele revela-se àqueles que O procuram apaixonadamente e desejam contactá-Lo.

Será que Ele se revelou na História?

Isto é o que nos interessa. Queremos saber se Deus se revelou à humanidade. Nos muitos caminhos espirituais que temos diante de nós, é no caminho da Revelação divina, onde o próprio Deus se revelou à humanidade, que nós queremos ir.

Sem esta Revelação, não teríamos compreendido o verdadeiro carácter de Deus, nem como Ele lida com os homens. Foram os profetas que, falando em nome de Deus, nos ensinaram que Ele é «bom e compassivo», que Ele habita nos corações dos crentes, ao contrário dos deuses despóticos de várias mitologias, exteriores, distantes e vagos, com exigências desumanas, e a quem foram oferecidos sacrifícios de animais, homens e crianças.

Aqui termina a primeira etapa deste Itinerário. Saímos dele a acreditar num **Deus Pessoal Revelador**. Estamos, nesta fase, na encruzilhada das muitas religiões que se nos apresentam no mundo. Qual escolher? Temos primeiro de os conhecer. Passemos agora à segunda fase: «Religiões».

4.2 Segunda fase - Religiões

Tendo passado a fase da existência de Deus, passemos à fase das religiões.

Há uma multiplicidade de caminhos religiosos no mundo. Para poder escolher um deles, é preciso conhecê-los. Estão divididos em dois grupos: as religiões filosóficas e as religiões reveladas.

4.2.1 Filosóficas "religiões

Não são realmente religiões, mas sim tentativas e erros individuais, busca humana da paz de alma. São devidos a fundadores com almas nobres, como Krishna, Confúcio e Buda, que foram impulsionados por um desejo ardente de purificar as suas almas através do desapego do material. Estabeleceram uma moralidade respeitadora dos homens, renunciando ao material supérfluo. Os ritos de purificação (baptismo, abluções, incenso, hinos, etc.) devem elevar a alma a zonas tranquilas.

Algumas práticas levam à meditação e à meditação. As disciplinas físicas dominam a agitação do corpo, especialmente a respiração. Estas práticas, encontradas no yoga, são excelentes e podem ser praticadas sem adoptar as crenças, tais como a reencarnação, a veneração de certos animais considerados sagrados (a vaca branca, os macacos, etc...). Estes ensinamentos são pressupostos humanos. Não há revelação ou prescrição divina nestas correntes filosóficas, não há sequer menção do Deus único, das suas qualidades (bom, misericordioso, justo, etc...), nem de um plano divino para salvar o homem como nas religiões reveladas. Existe uma literatura abundante sobre este assunto. Apresentarei aqui brevemente as correntes filosóficas mais importantes.

Budismo

Fundada por Gautama no século VI a.C. nas encostas dos Himalaias na Índia. Aos 28 anos de idade, Gautama deixou a sua mulher e filhos em busca da Verdade. Frequentou as inúmeras escolas de sabedoria sem ser capaz de encontrar a Verdade que sentia dentro de si. Após anos de vaguear, um dia sentou-se para meditar debaixo de uma figueira e ficou, como que encantado, extasiado, inundado de conhecimento, sabendo o que tinha de fazer. Nesse dia tornou-se o «Buda», ou seja, o «Iluminado» ou «o Sábio», aquele que é despertado. Compreendeu que não devia estar apegado à matéria, nem ao prazer mundano. Num instante, vislumbrou a vaidade de preocupações estritamente materiais. Ele queria transmitir este «conhecimento», esta «Luz» («Budismo») a outros.

Em resumo, para Buda, o mundo dos sentidos é ilusório. Só o nosso desejo nos pode prender a ele... e perder-nos. Deste apego à terra vem a dor. A reencarnação é um castigo que visa purificar-nos e ensinar-nos a libertar-nos do fascínio da matéria. Mas o círculo de reencarnações

pode ser interrompido pelo desapego, pela renúncia ao desejo. Tendo renunciado ao desejo, percebe-se então a ilusão e a vaidade do sensual: ilumina-se. Pode-se assim chegar ao «Nirvana», que corresponde à tranquilidade da consciência libertada das correntes dos prazeres corporais.

Buda não tinha discernido entre os prazeres corporais legítimos e os prazeres ilegítimos prejudiciais que, sendo irregulares e desequilibrados, obstruem a vida da alma e impedem o prazer espiritual. Além disso, Buda não tinha vislumbrado aquelas delícias espirituais que consistem na imensa alegria de descobrir e viver a verdade. O seu Nirvana limitava-se à obtenção de uma alma sem perturbações, uma consciência limpa. Mas se devemos renunciar ao desejo de vaidades, devemos reavivar o desejo do que é bom e desejar, com entusiasmo, descobrir tudo o que pode sublimar a alma. Este sentimento, desejo, é uma poderosa força motriz; faz parte da natureza humana e não deve ser reprimido. Sem o desejo entusiástico de encontrar a vida real, não se pode florescer nem fazer nada de bom; a vida terrena seria insípida e tornar-se-ia um disparate insuportável.

Mais do que uma filosofia, o budismo é um sistema de ética, um modo de vida correcto que tem oito directrizes: ideias certas, intenções certas, discurso certo, acção certa, vida certa, esforço certo, atenção certa e meditação certa. Isto constitui para o budista o «Nobre Caminho da Libertação». Buda nunca afirmou que o seu ensinamento era de Deus.

A revelação divina ensina-nos que através do amor verdadeiro e puro de Deus e do próximo atingimos alturas ainda mais elevadas do que o Nirvana. O Nirvana pode satisfazer a vida psicológica do homem, a sua alma, mas o Apocalipse transcende este nível e atinge o espírito. Ali reside a nossa intensidade vital, o cume mais alto e mais vibrante do nosso ser.

Hinduísmo

O hinduísmo precedeu o budismo por cerca de dois séculos. O Buda era hindu no início, mas, insatisfeito com esta corrente, procurou noutro lugar depois de ter frequentado várias escolas hindus. Ele decidiu, depois de ter sido «iluminado», encontrar o seu caminho por si próprio na sua busca espiritual.

O hinduísmo é um sistema de crenças difícil de definir; não tem uma lista comum de doutrinas para todos os membros, nenhum sistema filosófico único, nenhuma hierarquia, nenhum equivalente aos livros sagrados (Bíblia, Alcorão), nenhum culto uniforme, estando dividido numa multidão de castas (semelhante às múltiplas denominações cristãs e muçulmanas). Cada grupo tem os seus próprios ritos, e cada hindu está sujeito aos ritos do seu grupo, seguindo as regras de conduta e adoração instituídas para o seu uso, especialmente no que diz respeito à alimentação (muitas vezes vegetariana), casamento e adoração dos deuses.

O hinduísmo dá ao indivíduo liberdade quase absoluta no campo da especulação e da investigação, mas impõe regras de conduta muito rigorosas. Assim, o teísta e o ateu, o céptico e o agnóstico podem ser bons hindus desde que reconheçam o modo hinduísta de cultura e existência. O que importa não é a crença na doutrina, nem a fé, mas a conduta. Gandhi (que acreditava em Deus) disse: «Um homem pode não acreditar em Deus e ainda chamar-se a si próprio hindu: o hinduísmo é a busca incessante da Verdade e a Verdade (*a ênfase de Gandhi*) é Deus».

A especulação varia quanto à essência da divindade: alguns hindus são politeístas, outros panteístas. A metempsicose é geralmente ensinada (o regresso da alma após a morte na vegetação, animais ou corpos humanos, dependendo do grau da sua purificação). O Buda só ensinou a reencarnação (regresso num corpo humano). Isto já é uma evolução do hinduísmo, porque só o corpo humano é digno da alma humana.

O hinduísmo tem uma vaga noção de absoluto, neutro (nem masculino nem feminino), espírito eterno, causa e fonte original de tudo o que é, e o fim ao qual tudo regressa. Este Espírito

manifesta-se através de uma «Tríade» ou trindade de deuses, os «Trimurti»: Brahma (o Criador), Vishnu (o Conservador) e Shiva (o Destruidor que, ao destruir um mundo antigo, gera nova vida ao mesmo tempo). Além disso, há uma série de divindades menores, demónios, espíritos, objectos sagrados adorados pelos hindus. A vaca é considerada um animal sagrado. Para além dos poucos rebanhos que fornecem leite e manteiga, há um número considerável de animais mesquinhos, que não pertencem a ninguém, que vagueiam pelas aldeias e cidades e são alimentados pelos presentes dos fiéis. A lei proíbe a matança destes animais, mesmo para encurtar o seu sofrimento. Durante a fome, viu-se que os hindus se privavam das suas magras rações e davam-nas às vacas. Os macacos são também animais sagrados e os hindus suportam estoicamente as suas depredações.

Confucionismo

Confúcio nasceu na China no século VI a.C. Ele era um político e não pretendia ser um reformador religioso, não estando realmente interessado nos problemas da vida religiosa. O seu ensino era de elevada moralidade político-militar (comportar-se bem com os seus inimigos, etc.). Ele acreditava no Céu, mas recusou-se a pronunciar-se sobre a existência para além da sepultura: «Uma vez que não se pode compreender a vida, como se pode compreender a morte? disse ele. Ele não ensinou nada sobre os espíritos:»Se não podemos servir o homem, como podemos servir os espíritos?«ele ainda disse. No entanto, ofereceu sacrifícios aos seus antepassados»como se eles estivessem fisicamente presentes".

O ensino de Confúcio visava engendrar «um Homem Superior», homens cultivados que seguiriam «o Caminho do Meio» e guiariam outros neste Caminho de moderação em todas as coisas.

Confúcio existia num clima politeísta, mas ensinou que existe apenas um Soberano Supremo, quase inacessível, que faz sentir a sua presença e decide o destino dos homens que lhe podem apelar, para além das crenças estabelecidas. Por outro lado, o Apocalipse ensina-nos que Deus é acessível e ansioso por ser contactado. O respeito de Confúcio pelo Criador levou-o a um espírito de tolerância baseado numa consciência aguçada do fosso prodigioso entre o que o homem acredita saber sobre Deus e sobre si próprio e o que não sabe. Confúcio nunca afirmou que estava a ensinar de Deus.

Na China, o comunismo opôs-se ao confucionismo, julgando-o demasiado moderado e tolerante, e também por causa do culto aos antepassados.

Além disso, há um número ilimitado de «religiões» africanas e sul-americanas, fetichistas e crenças feiticeiras. O que citei como exemplo das grandes correntes espirituais é suficiente para discernir entre a busca humana e a revelação divina. Em suma, todas estas expressões religiosas são tentativas de captar Deus, um grito humano, inconsciente mas urgente, para Deus: «Onde estás, quem és tu? Deus responde revelando-se na Sagrada Escritura:»Aqui estou eu!"

4.2.2 Religiões reveladas

Nas religiões reveladas, Deus responde a Si próprio àqueles que O procuram. Através desta revelação, o Criador apresenta-se para se fazer conhecido como Ele é. Este conhecimento do Criador eleva o homem à sua própria dignidade, e depois a Deus, em quem se encontra a plenitude da Verdade, Felicidade e Paz.

De todos os caminhos espirituais que estão abertos para nós, qual devemos escolher? Aquele, é claro, onde Deus se revela.

Três religiões apresentam-se como reveladas: judaísmo, cristianismo e islamismo. Estas três, de facto, são apenas uma religião, todas cumpridas na pessoa do Messias, Jesus, enviado por Deus para unir homens de boa fé de todas as raças, cores e nações. As divisões entre crentes são devidas ao fanatismo, ignorância e interesses humanos.

Judaísmo

Há 4000 anos, Deus interveio directamente pela primeira vez no mundo, revelando-se a Abraão, o Sírio. Através dele, Deus formou uma comunidade humana para se fazer conhecer e preparar para a vinda do Messias, o Salvador de todos os homens. Esta comunidade deu-se o nome de «judeus». A sua religião é o judaísmo. Eles escreveram a sua história e os seus ensinamentos na Bíblia. Os judeus contemporâneos ainda estão à espera deste Messias. Eles acreditam que ele deve restaurar o trono político de David e reconstruir o Templo de Salomão. Não tendo compreendido o plano de Deus para a salvação espiritual de todos os homens, rejeitaram o messianismo universal de Jesus.

Cristianismo

Os cristãos acreditam no Apocalipse feito a Abraão. O cristianismo começou há dois mil anos com Jesus de Nazaré, reconhecido como o Messias universal pelos cristãos. Os primeiros cristãos eram judeus convencidos de que Jesus é o Messias esperado. Levaram este ensino para os quatro cantos do globo. Das muitas biografias de Jesus, apenas quatro foram retidas e consideradas inspiradas por Deus: os quatro Evangelhos. As cartas foram escritas pelos primeiros convertidos, os Apóstolos de Jesus, e guardadas pelas gerações seguintes. Estas cartas, juntamente com as quatro biografias do Fundador, são chamadas o Novo Testamento ou «o Evangelho»; foram acrescentadas à Bíblia judaica e consideradas pelos cristãos como parte integrante da Bíblia.

Ao longo da história, os cristãos têm estado divididos por vezes por circunstâncias humanas e por vezes por controvérsias espirituais. Isto deu origem a três grandes igrejas cristãs: Católica, Ortodoxa e Protestante.

Islão

No século VII d.C., Maomé, o profeta da Península Arábica, apareceu. Falou aos politeístas sobre a região do único Deus que se revelou a Abraão e depois a Jesus. Muhammad apareceu confirmando toda a mensagem bíblica, testemunhando que Deus se tinha revelado a Abraão e que Jesus é verdadeiramente o Messias. Ele condenou os judeus pela sua recusa em acreditar em Jesus. O Alcorão é o livro do Islão.

Assim, as «três» religiões reveladas concordam que Deus revelou-se à humanidade através de Abraão. Estudaremos portanto mais de perto esta Revelação começando cronologicamente: com a Bíblia. Veremos os livros do Antigo Testamento, depois os do Novo Testamento. Finalmente, irá ler o livro «A Faithful Look at the Qur'an», que o irá preparar para a leitura do Alcorão.

4.2.3 Reflexões

Os Livros do Apocalipse

Este Itinerário Espiritual apresenta as razões da nossa fé: é baseado na Revelação Divina. Banimos todos os sentimentos sectários e fanáticos, opondo-nos aos ensinamentos desta Revelação.

Se se intitulasse judeu, cristão, muçulmano, budista ou hindu, etc., se não tivesse nascido desta forma, tê-lo-ia escolhido? E porque o teria escolhido? De acordo com a sua resposta, saberá se conseguiu ou não descondicionar-se a si próprio. Este descondicionamento, esta libertação é indispensável antes de se iniciar o estudo dos livros do Apocalipse. A fé não vem por herança, mas através de uma escolha pessoal iluminada pelo conhecimento. Se se sentir libertado do fanatismo, considerando todos os homens iguais e chamados a encontrar a Verdade, pode continuar com a mente aberta na busca objectiva da Verdade. Convido-vos, portanto, a prosseguirem com o estudo do Curso Bíblico.

Ateístas e Fé em Deus

Algumas pessoas «ateístas» pensam que não têm fé. Isto deve-se ao facto de que alguns «crentes» oferecem uma imagem distorcida e falsa de Deus. De facto, muitos dos chamados crentes, mesmo no clero das diferentes religiões, não reflectem o **Verdadeiro** Espírito Divino. Acreditamos que cada pessoa verdadeiramente sedenta da Verdade acabará por descobrir a Verdadeira Face de Deus **após o indispensável esforço de descondicionamento** mencionado na Primeira Era deste «Itinerário Espiritual». Assim:

Se amas **realmente** a Deus, acabarás inevitavelmente por acreditar n'Ele.

Mas se não O amas..,

encontrará mil e uma desculpas para O recusar,

disfarçando o seu ódio com a descrença.

Em suma, tudo é uma questão de Amor:

Amar ou não amar! Esta é a primeira pergunta...

Se amas a Deus, irás encontrá-Lo sem falta!

Pois então Ele próprio virá ter convosco.

E encontrar Deus é encontrar a Felicidade!

Pois Nele se encontra a plenitude da Verdade, do Descanso e da Alegria.

O problema do mal - Porque é que existe mal no mundo?

Deus que é bom, porque «criou» o mal?

Estas são perguntas que ouvimos com bastante frequência.

Para encontrar as respostas, devemos dar-nos ao trabalho de pensar cuidadosamente e usar a nossa lógica, começando, por exemplo, por convencer-nos de que Deus, que é bom, não pode ter criado o mal; pois cada árvore só pode dar o seu fruto.

De onde vem o mal?

Uma reflexão sobre o mal está em ordem. O mal não é uma entidade em si, mas um bem truncado, uma enfermidade: a dœnça é uma falta de saúde, a cegueira é a privação da visão, o roubo é a expropriação, o assassinato é a privação da vida, a mentira é a verdade distorcida, a injustiça é a falta de justiça, os prazeres corporais irregulares são um desvio da energia humana. Todas estas enfermidades impedem o homem de evoluir espiritualmente. O mal assim definido, torna-se claro que Deus não pode ter prazer em «criá-lo», nem pode ter prazer em ver as suas criaturas sofrer. Ele não tem qualquer interesse nisto. Qualquer pessoa lógica e imparcial pode ver isto.

Por outro lado, Deus deu um sentido à criação; há uma direcção, uma direcção a tomar na vida; não se deve conduzir na direcção errada, nem velocidade, nem beber e conduzir, etc., para não se prejudicar a si próprio ou aos outros. Muitas pessoas recusam-se a seguir o caminho de Deus e preferem fazer o que lhes apetece. Esta é a fonte do mal no mundo. Conduzimos a 200 milhas por hora em estado de embriaguez, causamos acidentes e mortes, e... a culpa é de Deus

Este é o homem que trouxe a amargura do mal para a sua casa. Ele nunca deixa de regar esta planta maligna com egoísmo e paixão pelo poder e dominação. É a ganância do homem que está na origem das guerras fratricidas. O homem mata o homem seu irmão para o despojar e sujeitá-lo às suas exigências. E isto, contra os preceitos do Criador divino. De quem é a culpa?!

É a Revelação Divina que, no relato **simbólico** da queda de Adão e Eva, nos informa sobre a fonte do mal na terra. O homem e a mulher escolheram acreditar nos maus conselhos do diabo, em vez de confiar nas instruções divinas para alcançar a plenitude da vida. Desta forma,

introduziram o pensamento do diabo na intuição do homem. Este foi o primeiro pecado, a divisão entre Deus e a sua criatura. Depois de introduzir o desequilíbrio entre o homem e Deus, «Caim» continuou o acto perverso matando o seu irmão «Abel» e introduziu o mal entre o homem e o homem seu irmão. O culpado não foi certamente Deus que tinha avisado o homem.

A bondade de Deus manifesta-se para com o homem pecador através da graça do perdão. Esta graça é simbolizada pelas «túnicas de pele» que Deus dá a Adão e Eva para esconder a sua vergonha. De facto, Deus estende a sua mão a todos os homens para os fazer sair da sua desgraça. Mas Ele não pode forçar a mão do homem que é livre, nem pode forçá-lo a praticar o bem, nem pode impedi-lo pela força de cometer o mal. Nem pode Deus forçar o homem a agarrar a graça divina, a tirar partido da ajuda divina para se salvar a si próprio. Ele estende a sua mão, e cabe-nos a nós agarrá-la.

Deus pede; Ele propõe-se a Si próprio. Ele nunca se impõe a si próprio.

Assim, o homem não pode ser **obrigado a** fazer o bem ou a evitar fazer o mal. E isto por duas razões:

1. **A natureza do Criador**: Deus não é um ditador. Ele aconselha, mas não obriga as suas criaturas a praticar o bem. Liberte-se, Ele criou espíritos e homens à Sua imagem: livres.

2. **Natureza humana**: O homem não é um escravo ou qualquer animal, um cão que é amarrado ou amordaçado de modo a não morder. Livre e digno, ele deve usar as suas faculdades emocionais e intelectuais no seu próprio interesse e no interesse geral. Para cometer o mal, o homem deve perder o coração e a inteligência. Este é o pior tipo de enfermidade, pois é a fonte de todo o mal, e seria correcto culpar o Criador se Ele tivesse criado na enfermidade desde o início. Agora, no início, a criatura humana era, na sua dimensão humana, impecável mas sujeita à evolução para Deus. Foi o orgulho humano que rejeitou qualquer possibilidade de colaboração, qualquer sincronização com o trabalho do Criador. Daí o desequilíbrio e a origem de todo o mal na terra: é o homem que comete livremente actos que o seu Criador não recomenda. Ele é um Pai que não deseja nenhum mal à humanidade. O que é que Ele ganharia em ter as suas criaturas a gemer? Se pensarmos nisso, Ele não é um sádico. Pelo contrário, Ele nunca deixa de nos aconselhar paternamente a evitar práticas e atitudes que prejudicam o corpo e a alma (drogas, prazeres ilusórios, injustiça, egoísmo, orgulho, etc.).

Porque é que Deus criou?

A vida, a vida real, aquela concebida pelo génio do Criador, é bela. E Ele queria que o partilhássemos com Ele. É, portanto, um gesto altruísta e bom que é a base da criação. Poucos se dão ao trabalho de olhar profundamente, de reconhecer os seus erros, que são as verdadeiras causas da sua desgraça, de ultrapassar os seus preconceitos prejudiciais. Eles ganhariam tanto, se não tudo, se se superassem a si próprios. Encontrar-se-iam de novo, livres de falsas concepções através de um gesto de humildade e objectividade. Aquele que procura sinceramente, com objectividade e desprendimento, sem amargura nem constrangimento, encontra infalivelmente!

Mas porque criou sabendo que o diabo e o homem caído não deviam gozar a vida? Porque é que criou sabendo que o mal sairia dele?

O Criador é livre. Infinitamente livre. Foi a partir deste movimento que Ele criou, expressando um sentimento de amor infinito para com aqueles a quem Ele chamou à Vida. Se Ele se tivesse abstido de criar, prevendo - entre os espíritos e os homens - que as criaturas se tornariam más por ciúmes ou provocações, Deus não teria sido livre. Ele ter-se-ia despersonalizado. Se, de facto, devido a essa oposição, Deus se tivesse abstido de criar, Ele teria sido sujeito a inimigos mesmo antes de eles existirem. Isto é obviamente ilógico. Pois o Criador é infinitamente livre. Como o homem pode livremente fazer o que quer no quadro da sua natureza, Deus pode ainda

mais, fazer o que quer de acordo com a sua natureza **infinitamente livre**. A oposição da natureza criada é incapaz de refrear a vontade Todo-Poderosa do grande Arquitecto da criação.

Os espíritos angélicos e os homens caídos são livres de se autodestruírem. Mas o que Deus criou foi, no início, perfeito, cada um de acordo com a sua própria natureza. Este é o ensino das Sagradas Escrituras.

Em Cristo Jesus, Deus devolve a sua Vida eterna com imenso amor àqueles que colaboram nesta redenção. «Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos», diz Jesus (João 3,16 / 15,13 / 1 João 4,9). Portanto, é preciso ter humildade e gratidão suficientes, e estar disposto a estender a mão para agarrar a graça oferecida livremente. Há, infelizmente, tão poucos que queiram compreender.

O homem sábio saberá como recuperar, através de Jesus, o que o diabo, através de Adão, conseguiu tirar-lhe.

4.3 Terceira etapa - a opção: Revelação Divina

4.3.1 Introdução

Tendo feito a opção da Revelação, aprofundaremos o nosso conhecimento estudando os livros que falam sobre ela. Sugiro, portanto, que estude a Bíblia através do «Curso Bíblico» e o Corão através do texto «Olhar Fiel ao Corão».

Apenas um coração puro chegará ao fim da busca. É portanto a si, «Coração Puro», que me dirijo a mim próprio e a este curso bíblico. Purificou o seu coração «descondicionando-o», libertou-se das cadeias do preconceito e do ódio. A vossa sede de conhecer a Verdade nua levar-vos-á a ouvir a sua doce e revigorante melodia.

«Coração Puro», é só a vós que me dirijo, a vós que estais prontos a sacrificar tudo para vos criar. A si que sofre de ignorância, que procura compreender para poder amar. A vós que desejais erguer-vos das trevas para abraçar o Sol. A vós que estais cansados de dormir ao ponto de estar determinados a quebrar o caixão da mundanização, a quebrar com a mediocridade e a banalidade. A si que descobriu a ilusão da vaidade, que está pronto a pagar o preço elevado da verdadeira Felicidade e Verdade, que tem a vontade de perseverar, de superar todos os obstáculos, de enfrentar corajosamente todos os desafios para chegar ao topo e saciar a sua sede na Fonte pura da Vida sem Fim. «Coração Puro», é a vós que me dirijo.

Apresento-vos o fruto de quarenta anos de estudo, investigação e fadiga. É fruto colhido da Árvore da Vida, «ouro purificado pelo fogo» (Apocalipse 3:18). Ele deu-me a felicidade que desejo para si. Se conseguir prová-lo, saiba que o deve à minha família espiritual e especialmente à minha esposa e aos meus filhos espirituais: devo-lhes a possibilidade de vos apresentar este curso.

Pode ter tentado ler a Bíblia, mas as dificuldades afastaram-no dela. Não desanime, pois para compreender a Bíblia **de acordo com o Espírito de Deus**, precisa de um guia seguro. No livro de Actos, o apóstolo Filipe perguntou a um homem etíope, lendo do livro de Isaías: «Compreendes o que estás a ler? Ele respondeu:»E como posso, se ninguém me guia"? Então Filipe sentou-se ao seu lado e explicou-lhe o que dizia (Actos 8:30-31).

Este curso bíblico é um guia seguro; «faça-o sentar-se perto de si», como Philip fez com o etíope, e segui-lo passo a passo, sistemática e implacavelmente, um pouco todos os dias. No final, possuirá a Vida através do Conhecimento.

O Papa Pio XII tinha dito:

> «A ignorância da Sagrada Escritura é uma ferida no lado da Igreja.»

Assim, sempre que se agarra uma mancha escura, essa ferida cicatrizará, os pulmões da sua alma expandir-se-ão e respirará a alegria de conhecer e compreender Deus um pouco melhor. E este conhecimento levar-vos-á ao amor que, por sua vez, vos fará querer saber mais sobre o vosso maravilhoso Criador. Quererá então assemelhar-se a Ele, ter o Seu Espírito, a Sua mentalidade em vez da sua própria, que é muito estreita. Esta é a «ressurreição» e o «renascimento» de que Jesus fala (João 5,25 e 3,5-7). Então os olhos do seu coração abrir-se-ão e verá a Vida na sua Fonte: «Abençoados **são os puros de coração**, pois verão Deus». (Mateus 5,8). Ver Deus é a verdadeira felicidade.

Após o estudo deste curso, com o tempo, e se fores assíduo **na** sua leitura, a Bíblia deixará de guardar segredo para ti, e o Seu Espírito estará em ti, revelando-te directamente, a partir de dentro, os conselhos do adorável Criador. Pois ensinar-vos-á, esse é o seu objectivo, a viver permanentemente com Ele e a desfrutar da sua calorosa companhia aqui em baixo.

Para o propósito da Bíblia é comunicar-vos um Espírito, o Espírito de Deus; esse Espírito é o próprio Deus em vós. O conhecimento bíblico não é um objectivo em si mesmo; é inútil se não levar à aquisição do Espírito de Deus, na Sua maneira de ver, de querer e de amar a Vida, a verdadeira. Não é uma questão de se agarrar à vida material deste mundo materialista, às suas alegrias enganadoras e sempre decepcionantes, mas à Vida espiritual, a da sua alma. Abra-se ao mundo eterno que é chamado a descobrir aqui em baixo, tal é a razão da sua existência na terra. Esta é a grande aventura bíblica que está prestes a empreender. Que esta aventura seja a vossa maior ambição neste mundo que passa, onde apenas as conquistas espirituais permanecem para sempre.

Comece por comprar uma boa Bíblia: «A Bíblia de Jerusalém» ou «Bíblia Crampon», por exemplo. Folha através dela. No início, vai sentir-se um pouco perdido. Isso é normal. Mais tarde, após este curso, verá que você e a Bíblia serão amigos inseparáveis para toda a vida.

Sim, amigos inseparáveis **para toda a vida**. Porque não imagine que vai descobrir tudo de uma vez, de uma vez por todas, desde a primeira leitura, sem nunca mais regressar a este Livro sagrado. Quanto mais consultar a sua Bíblia, mais ela será descoberta por si; o seu Espírito falará consigo a partir de dentro, especialmente se a ler com amor e entusiasmo. Deve habituar-se a dedicar **toda a sua vida**, pelo menos dez minutos por dia, à leitura regular de textos bíblicos, mesmo depois de terminar este curso.

Nunca diga apenas que leu a Bíblia 2, 3, 5 ou 10 vezes, como algumas pessoas fazem, afirmando que «a conhecem de cor». Falar assim é demonstrar que não se compreendeu a alma da Bíblia. Com as Sagradas Escrituras, não se faz uma contabilidade da leitura, mas sim uma utilização diária e contínua dos seus textos. Não deixe passar um dia sem lavar o seu coração enquanto lê um texto, tal como lava o seu rosto todos os dias. Até hoje e após 40 anos de assídua frequência, nunca deixo de descobrir aqui uma delicadeza, uma nuance ali que me permite compreender melhor a intenção do escritor bíblico. E isto aproxima-me ainda mais de Deus.

No apêndice deste curso encontrará um estudo limitado do Alcorão: «A Faithful Look at the Qur'an» (Um olhar fiel sobre o Alcorão). Verá que o Alcorão não é mais do que a Bíblia, uma vez que ela própria é uma tradução da Bíblia «em língua árabe clara», destinada aos árabes da península árabe no século VII d.C. Naquela época não podiam ler a Bíblia, uma vez que só existia em hebraico, grego e latim, todas línguas estrangeiras aos árabes.

A leitura do Alcorão liberta-o do fanatismo sectário em que muitos crentes maus pereceram e continuam a perecer que, por causa do chauvinismo, estão satisfeitos com a simples leitura da Bíblia ou do Alcorão. É necessário conhecer ambos, lembrando que o Alcorão transmite a mensagem bíblica, confirma-a e introduz o Evangelho.

Se começo com a Bíblia, é porque ela precede cronologicamente o Alcorão. O Evangelho dar-lhe-á um espírito de abertura, se for dócil a ele, que lhe permitirá ler o Alcorão de forma objectiva

e sem preconceitos. Verificará que aqueles que difamam a Bíblia ou o Alcorão pensam que são diferentes uns dos outros ou que se contradizem; estão enganados. Por isso, vá em frente e diga a si mesmo que irá ler os dois livros. Compreenderá que ambos transmitem a mesma mensagem numa língua e estilo diferentes porque falam com sociedades diferentes.

Aplicação e assiduidade são os elementos indispensáveis para o seu sucesso; a sua formação espiritual e profética depende deles.

Vamos agora juntos para o prado bíblico. Segue pacientemente este curso bíblico de 15 lições, e aplica-te a ler os capítulos da Bíblia cada vez que eu te remeto para eles.

O que é a Bíblia?

Há 4000 anos, 2000 anos antes de Cristo, toda a humanidade desconhecia a existência do único e único Deus Criador. O homem era politeísta e cada sociedade tinha a sua mitologia de múltiplos deuses com diferentes nomes governados por um deus, mestre supremo, «Baal» para os cananeus, «Júpiter» para os romanos, «Zeus» para os gregos, «Ahura-Mazdâ» para os mazdeus (Irão actual), etc. A Bíblia é a Bíblia.

Era necessário que o único Criador se revelasse, pessoalmente, à humanidade a fim de se dar a conhecer a ela. Abraão o Aramaico foi o primeiro homem a quem Deus se revelou pessoalmente por volta do ano 2000 AC. (Génesis 12:1-3). Se não fosse esta revelação, toda a humanidade teria caído na ignorância total da história da criação e da identidade do seu Criador.

Esta revelação divina, feita a Abraão, foi para ele e para a sua comitiva um tumulto total. Tendo ocorrido numa época da história em que o monoteísmo era insuspeito e inaceitável, quando o politeísmo tinha as suas regras imutáveis e os seus cultos rígidos e remuneradores, tal revelação não agradou a todos. De facto, as várias clergies mitológicas sobreviveram graças às ofertas aos deuses, e os fabricantes de ídolos beneficiaram muito bem do lucrativo comércio dos seus produtos. Ainda hoje, na nossa sociedade do século XXI, a revelação do único Deus perturba mais pessoas do que regozija-se.

A Bíblia conta a história do diálogo de Deus com Abraão, o pacto entre eles e a primeira sociedade monoteísta que resultou. Estes últimos tentaram explicar, de acordo com as fracas luzes científicas da época, como Deus sozinho criou o universo. Queriam também explicar a fonte do mal e as razões do infortúnio humano. Isto foi preservado por escrito na Bíblia.

O pouco conhecimento dos escritores bíblicos (os escribas) obrigou-os a referir-se às narrativas mitológicas mas a monotecizarem o seu conteúdo. Assim, já não são «os deuses» que criaram um o céu, outro o sol, outro a lua, as estrelas, o mar ou o vento, etc., mas é o único Deus que se revelou a Abraão, e só Ele, pela Sua omnipotência, criou todas as coisas.

A primeira sociedade monoteísta desviou-se da linha traçada por Deus (1 Samuel 8:5-20 / 11:14-15 / 12:19). Enviou profetas para o trazer de volta ao caminho divino (Jeremias 7,22 / Jeremias 8,8 / Amós 5,21-27 / Miquéias 6,6-8 / Oséias 8,1-4 / Oséias 9,15). Anunciaram que Deus enviará um profeta supremo, o Messias, para iluminar toda a humanidade, não só os judeus, com o conhecimento de Deus (Isaías 42,1 / Romanos 3,29), um conhecimento ciosamente guardado pela primeira sociedade monoteísta (Actos 11,1-3).

Este Messias é Jesus de Nazaré, que veio para dirigir todos os corações sedentos de verdade para a plenitude da luz. Esta é, em suma, a história bíblica perfeitamente encarnada em Jesus que diz:

> «Quem ouve a minha palavra e acredita, passa da morte para a vida.» (João 5,24)
>
> «Se algum homem tiver sede, que venha ter comigo, e beba, quem acreditar em mim. Do seu ventre correrão rios de água viva.» (João 7:37-39)
>
> «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.» (João 14,6)

> «Digo-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa.» (João 15,11)
>
> «Vinde a mim, todos vós que trabalhais, e eu vos aliviarei.» (Mateus 11,28)

A Verdade que procuramos, a Felicidade a que aspiramos, não se encontra em cultos, doutrinas, grupos religiosos, grupos de pesquisa esotérica ou edifícios de oração, mas no encontro e acolhimento da **Pessoa** que os possui e os distribui **livremente** àqueles que têm sede deles: Jesus, o Messias (Apocalipse 21:6; 22:17). Jesus é a síntese de toda a Bíblia. Qualquer conhecimento bíblico que o exclua é vaidoso porque:

> «A vida eterna é que eles te conhecem, o único Deus verdadeiro, e o teu Mensageiro, Jesus, o Messias.» (João 17:3)

O que é o Alcorão?

O Alcorão é apresentado como uma inspiração bíblica «em árabe claro» (Alcorão XXVI; Les Poètes, 192-196). Foi dirigido ao mundo árabe através do Profeta Maomé. Mais informações podem ser encontradas no texto A «Faithful Look at the Qur'an», do qual o seguinte é um extracto:

A armadilha em que cristãos e muçulmanos caíram é considerar a religião do Alcorão em oposição à da Bíblia. O Corão não é responsável por este mal-entendido. Pelo contrário, apresenta-se como um resumo da mensagem bíblica, inspirada a Maomé em «linguagem árabe clara», dirigida aos habitantes da Arábia, porque não tinham - como o povo da Bíblia - mensageiros divinos para os aconselhar.

O Alcorão diz:

> «O Alcorão é uma revelação do Soberano do universo. O Espírito Fiel desceu-o (*do Céu*) sobre o teu coração (*Maomé*), para que possas ser um dos Apóstolos em **árabe simples**. Ele (*o Corão*) **está nos Livros** (*a Bíblia*) dos **primeiros** (*judeus e cristãos*).» (Alcorão XXVI; Poetas, 192-196)

Note-se que a inspiração do Alcorão já se encontra na Bíblia que precedeu o Alcorão. O Alcorão não difere, portanto, da Bíblia, uma vez que dela emana. Só difere de ter sido revelado «em língua árabe clara»:

> «Revelámos assim em **árabe** uma Sabedoria.» (Alcorão XIII; O Trovão,37).
>
> «Revelámos-te um Livro (*o Alcorão*) em **árabe**, para que avisasses **a mãe das aldeias** (*Meca*) **e arredores**.» (Alcorão XLII; A Deliberação,7).
>
> «Ele (*o Alcorão*) é a Verdade do teu Senhor, para que possas avisar um povo que**não teve profeta diante de ti**, e para que possam ser guiados no caminho certo.» (Alcorão XXXII; Adoração,3).

4.3.2 A Bíblia: O Curso Bíblico

Leia o nosso texto: «O Curso Bíblico».

4.3.3 O Alcorão: Uma Visão Fiel do Alcorão

Leia o nosso texto: «Um Olhar Fiel ao Corão».

4.4 Quarto passo - felicidade

Todo o trabalho de pesquisa empreendido neste Itinerário Espiritual visava conduzir à felicidade interior e profunda, a da alma consciente de possuir os tesouros da vida eterna. Esta felicidade é o fruto da vida com Deus, que a Bíblia chama «Emanuel» e que significa como vimos «Deus-connosco».

Não há explicação para este passo: para ser compreendido, deve ser vivido.

Recebeu luz suficiente para viver o Emmanuel e compreender esta palavra bíblica:

> «Provar e ver como Deus é bom» (Salmos 34(33),9).

Meditar bem: Mateus 1,23 / João 14,21-23 e Hebreus 9,2 / João 17,21-24 / Apocalipse 21,1-5 / Apocalipse 21,22-27.

Leia o texto «A Restauração Universal».

2

O curso bíblico

1. Lição 1: Os livros da Bíblia

A Bíblia é uma colecção de 73 livros, por isso é uma pequena biblioteca num só livro. É por isso que se chama «Bíblia», do grego «To Biblio» que significa «O Livro». Esta palavra vem de «Biblos», o antigo porto libanês onde, pela primeira vez, os manuscritos eram recolhidos, já não em pergaminhos, mas em livros. Assim, «a Bíblia» significa «**O Livro**» por excelência. Os judeus e cristãos são conhecidos no mundo árabe como «o povo do Livro» (Ahl el Kitab), aqueles que seguem a Bíblia.

Dos 73 livros contidos na Bíblia, 46 são os livros do Antigo Pacto (ou Antigo Testamento) e 27 são os livros do Novo Pacto. Os judeus reconhecem apenas os livros do Antigo Pacto e recusam-se a considerá-lo «Antigo», acreditando que o seu pacto com Deus permanece válido, apesar das suas muitas traições denunciadas pelos profetas na Bíblia e da sua recusa em reconhecer Jesus como o Messias. Os profetas, contudo, já tinham declarado esta aliança quebrada oito séculos **antes da** vinda de Jesus (Isaías 24,5 / Jeremias 11,10 / Jeremias 31,32), proclamando que Deus estabelecerá uma «Nova Aliança» (Jeremias 31,31), a revelada nos livros desta Nova Aliança, os evangelhos (ver Mateus 26,28 e Lucas 22,20). Os cristãos acreditam nos 46 livros do Antigo Pacto (que consideram desactualizados) e nos 27 livros do Novo Pacto estabelecidos pelo martírio de Jesus.

A Bíblia está portanto dividida em duas partes principais: os livros do Antigo Pacto e os livros do Novo Pacto. É importante compreender os livros do Antigo Pacto a fim de perceber a importância e a necessidade do Novo Pacto, novo pelo seu Espírito e a revelação da **verdadeira face de** Deus.

O Antigo Convénio

Os 46 livros do Antigo Pacto estão divididos em 3 grupos de livros:

1. **Os livros de história**

   Eles contam a história da criação (o livro do Génesis), depois de Abraão e dos judeus até cerca de 130 a.C., ou seja, até ao início do Império Romano no Médio Oriente, especialmente na Palestina (ver 1 Macabeus 15, 15-24).

   Este grupo é constituído por 21 livros.

2. **Os livros sapienciais**

   Estes são livros de sabedoria e de alta moralidade. O estilo é frequentemente poético. Contêm conselhos e orações que brotam espontaneamente de um coração inspirado por Deus para nos ensinar como nos dirigirmos ao Criador.

Existem sete destes livros.

3. **Os livros proféticos**

   Cada um destes livros fala do profeta cujo nome leva e relata as suas palavras e testemunho.

   Existem 18 deles.

A Nova Aliança

Os 27 livros do Novo Convénio estão divididos em 3 grupos de livros:

1. Os 4 Evangelhos e o livro de Actos dos Apóstolos.
2. As 21 cartas (chamadas «epístolas», do latim «epistola») enviadas pelos Apóstolos aos primeiros cristãos.
3. O livro do Apocalipse.

Cada um dos livros da Bíblia está dividido em capítulos e cada capítulo em versículos, o mesmo em todas as Bíblias e traduções. Isto facilita a referência e a localização dos textos.

Exemplo: Génesis 12:3 significa capítulo 12, versículo 3 do livro de Génesis.

Os primeiros cinco livros históricos são de particular importância histórica. E são: Génesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronómio. Encontre-os na sua Bíblia. Os judeus chamam-lhes «Habakkuk Torah» (A Torá) que significa «A Lei» em hebraico. Quando os Evangelhos falam da Lei, referem-se a estes livros (João 1:45). Os cristãos chamam-lhes «O Pentateuco», do grego «penta» que significa cinco e «tevki» que significa pergaminhos, porque a Bíblia uma vez foi escrita em pergaminhos de couro que o leitor desdobrou à medida que ia avançando.

Exemplo de cilindros

Hoje, graças à prensa de impressão, podemos ter uma Bíblia num único volume que é fácil de transportar. No passado, os livros eram escritos à mão por escribas especializados. Alguns livros bíblicos, tais como os livros do Génesis e do profeta Isaías, formaram cada um vários pergaminhos que eram difíceis de transportar, e ninguém podia possuir todas as Escrituras Sagradas. Estas foram depositadas no Templo de Jerusalém e em certas sinagogas onde foram ensinadas, lidas, consultadas e discutidas. Alguns livros são muito pequenos e mal preenchem uma página dos nossos volumes modernos, mas temos o hábito de lhes chamar «livros» mesmo que sejam apenas uma folha (o livro do profeta Obadias, a carta de Judas e as duas últimas cartas de João).

Faça um diagrama com os nomes dos livros bíblicos para ter a estrutura da Bíblia em resumo diante dos seus olhos. Isto ajudá-lo-á a encontrar o seu caminho e a distinguir os livros do Novo Testamento dos livros do Antigo Testamento.

1.1 Autores e tempo de escrita

Foram necessários 1.000 anos para escrever a Bíblia, desde o Génesis até ao Apocalipse. A sua escrita começou por volta do século X a.C. e terminou por volta de 95 d.C. com o Evangelho de São João e o seu Apocalipse. São João é o último escritor bíblico.

Tendo sido escrita durante um período de mil anos, a Bíblia é o trabalho de vários autores que são chamados «os escritores sagrados». Vêm de diferentes origens sociais: são sacerdotes, reis, profetas, pastores, apóstolos de Cristo, dois dos quais simples pescadores: Pedro, que escreveu duas cartas, e João, que escreveu um evangelho, três cartas e o livro do Apocalipse, o último dos livros bíblicos. O evangelista Lucas era um médico, um homem culto e educado. Alguns escritores sagrados são e permanecerão desconhecidos, tais como os escritores do Génesis, os livros de Samuel e dos Reis, etc.

Antes da descoberta da impressão, a Bíblia era manuscrita, escrita à mão por escribas dedicados. Eram estudiosos de textos bíblicos e de leis religiosas. Foi contra os escribas que o condenaram que Jesus se enfureceu. Pois aqueles que escreveram a Bíblia tinham conhecimento dos textos proféticos que o predisseram, pelo que a sua rejeição da sua mensagem, predita pelos profetas, é injustificada e condena-os (Mateus 23).

Para além dos muitos escritores bíblicos, existe apenas um Autor que, ao longo dos séculos, inspirou e supervisionou toda a obra bíblica: Deus. Foi o Espírito Divino que levou todos os escritores humanos, durante um período de cerca de mil anos, a escreverem tudo o que sabiam sobre Deus, as suas aparições e as suas manifestações aos homens escolhidos por ele para levar a cabo o seu plano: dar-se a conhecer aos homens. Estes escritores sagrados eram por vezes cultivados como os profetas Isaías, Jeremias, Daniel e os Apóstolos Mateus, Paulo e Lucas, e por vezes simples pastores e pescadores como o profeta Amós e os Apóstolos Pedro e João. Isto mostra que Deus não precisa da cultura humana para se revelar.

Houve, portanto, vários autores humanos, mas o Autor principal é Deus. Durante todos os séculos em que a Bíblia foi escrita, Deus velou pelo cumprimento do Seu plano e pô-lo por escrito para se revelar aos homens de todos os tempos posteriores, para se revelar a vós, hoje, e àqueles que virão depois de vós até ao fim da humanidade na terra. O Espírito de Deus tem sido para os escritores sagrados o que a musa é para os pœtas, em todas as proporções.

Podemos ver que os escritores bíblicos expressaram a Revelação divina com uma precisão e fidelidade que evoluíram com o tempo e a experiência. Tem havido frequentemente confusão entre a Revelação de Deus e o desejo pessoal do escritor, entre o que Deus queria ser compreendido e o que foi compreendido. É preciso muita delicadeza e discernimento para compreender a linguagem de Deus. É preciso tempo, experiência e oração. Requer purificação da alma e elevação à intenção de Deus que vai além das nossas próprias intenções excessivamente materialistas. De facto, Deus diz no livro de Isaías: «Os teus pensamentos não são os meus pensamentos.... Tão alto como o céu está acima da terra, tão alto estão os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos» (Isaías 55,8-9).

Quanto mais familiarizados estavam os profetas com a linguagem de Deus, melhor compreendiam o verdadeiro significado das suas palavras. Deus queria que este mal entendido da sua Palavra se reflectisse no texto bíblico. Assim, depois de ter falado, por exemplo, da circuncisão a Abraão e Moisés, Deus explicou mais tarde pelo profeta Jeremias como uma necessidade de circuncidar (isto é, de purificar) **o coração**, não o prepúcio (Jeremias 9:25). Só o amor é capaz de purificar o coração.

Foi com Jesus que Deus se expressou melhor: Cristo relata com precisão as palavras e as verdadeiras intenções de Deus. É por isso que é chamado «a Palavra (*ou a Palavra*) de Deus» pelo Evangelho (João 1:1) e o Corão (Alcorão III; A Família de Imran,45 - ver «Um Olhar Fiel ao Corão»). Foi ele que insistiu especialmente no amor (Mateus 19:19) e no amor que purifica (Lucas 7:47).

Jesus, a Palavra de Deus por excelência, é a síntese de toda a mensagem bíblica. Ele é a Bíblia que vive e age **em nós**; por isso, temos de conseguir introduzir Jesus em nós para que Ele possa agir em nós e connosco. É para conhecer e compreender Jesus que devemos estudar a Bíblia, o Antigo e o Novo Testamento. Então perceberemos como introduzir o Espírito de Jesus que é o Espírito de Deus na nossa vida quotidiana.

1.2 Tradições orais

Abraão apareceu 2000 anos a.C. Os escribas começaram a escrever a Bíblia cerca de 1000 anos mais tarde. Mas antes de a Bíblia ser escrita, como é que a história de Abraão passou para as gerações seguintes? Oralmente: a primeira comunidade de crentes contou uns aos outros de boca em boca, na família, as histórias dos antepassados, como Deus apareceu a Abraão, depois aos seus descendentes para os manter afastados dos ídolos. As histórias foram passadas de pai para filho durante séculos. Os acontecimentos permaneceram assim vivos nos espíritos. No entanto, passando oralmente de pai para filho ao longo dos séculos, a mesma história foi contada de forma diferente sobre alguns pormenores sem importância. O que alguns atribuíram, por exemplo, a Abraão, outros disseram do seu filho Isaac.

Isto deu origem a várias «tradições orais» que diferiam ligeiramente umas das outras. Assim, encontrará a mesma história repetida duas vezes, uma atribuída a Abraão (Génesis 12:10-20) e uma segunda a Isaac (Génesis 26:1-11). Do mesmo modo, há duas histórias de criação em Génesis: a primeira de Génesis 1:1 a Génesis 2:3 e a segunda de Génesis 2:4 a Génesis 2:25. Verá que a forma de criação difere nas duas histórias, por exemplo, o homem, segundo a primeira história, é criado **depois das** plantas e dos animais, mas é criado **antes** deles na segunda. A diferença entre as duas narrativas está no modo de criação, mas é sempre Deus que é **o único Criador**. Esta é a importante mensagem que a Bíblia nos quer comunicar, uma mensagem ainda hoje contestada pelos ateus e materialistas que rejeitam toda a revelação divina.

Quais são as razões para estas diferentes tradições orais?

As mais importantes são as seguintes:

- O longo tempo (muitos séculos) que decorre entre o evento e a sua escrita faz-nos esquecer a quem aconteceu um facto específico: foi Abraão e a sua esposa (Génesis 20:1-18) ou Isaac e a sua esposa (Génesis 26:1-11)? Algumas tradições orais atribuíam-no a Abraão e outras a Isaac. Mais tarde, os escritores, não querendo omitir nada, relataram ambas as histórias para satisfazer todos e para unir as fileiras. Isto não deve ser visto como uma precisão histórica.
- A multiplicidade de narradores
- A mudança de mentalidade dos escribas e crentes

Assim, houve várias tradições orais, as mais importantes das quais são as seguintes:

- A tradição «Elohist» onde Deus, no texto original hebraico, é chamado «Elohim»..
- A tradição «Yahwist», onde Deus é chamado «Yahweh»..

- A tradição «sacerdotal», introduzida pelos sacerdotes e levitas, onde se pode ver a rigidez e estreiteza da sua mentalidade, bem como o seu apego ao culto. O livro dos Levitas (Leviticus) é um exemplo disto mesmo.

Não deixe que estas tradições orais sejam uma vergonha para si; leia de passagem sobre elas para compreender melhor algumas das diferenças quando começar a ler a Bíblia.

Estas tradições orais ainda diferiam do norte para o sul da Palestina, uma vez que os habitantes eram influenciados pelas mitologias dos países vizinhos. Por exemplo, alguns acreditavam que a criação estava concluída em seis dias, enquanto outros pensavam de forma diferente, dependendo do que ouviam dos seus vizinhos nos países vizinhos. Mas os judeus concordaram todos num facto essencial: que um só Deus criou tudo, e foi este Deus único que falou com Abraão. Esta é a importante revelação a ser salvaguardada; a forma de criação é menos do que secundária.

Foi esta revelação do **único** Deus que criou distinguiu os judeus dos outros povos que os rodeavam, todos eles naquela época eram politeístas e idólatras.

Quando, no século X a.C., os líderes religiosos judeus decidiram pôr a sua história por escrito, incluíram as várias tradições orais a fim de salvaguardar a unidade da comunidade judaica. Estas diferentes tradições orais ajudam-nos a compreender a Revelação em espírito, de acordo com a intenção de Deus, e não de acordo com a letra, de acordo com as interpretações humanas e políticas. Compreenderá melhor isto quando estudar o Génesis.

1.3 A autenticidade do texto bíblico

Nos últimos anos, os descobrimentos arqueológicos têm desafiado a historicidade das narrativas bíblicas. Segundo os professores israelitas Finkelstein e Silberman, autores do livro «A Bíblia Revelada»: «Estas são histórias que foram costuradas a partir de memórias, detalhes de costumes antigos, lendas sobre o nascimento dos diferentes povos da região».

Mesmo que não haja provas arqueológicas para os nomes de pessoas e lugares mencionados na Bíblia, o facto é que **o texto bíblico** foi escrito por homens inspirados por Deus, a fim de elevar espiritualmente os seus contemporâneos.

Cabe-nos a nós ler estes textos com discernimento, a fim de extrair o ouro dos mesmos. Os próprios profetas, especialmente Jeremias, um contemporâneo da Bíblia, condenam a falsa caneta dos escribas (Jeremias 8:8)!

Como podemos ter a certeza de que o texto bíblico que temos hoje nas nossas mãos é o texto original? Alguns afirmam que este texto foi falsificado e que, consequentemente, a Bíblia já não pode ser confiável.

Existem três tipos de provas da autenticidade do texto bíblico actual; não há, no entanto, qualquer prova da sua falsificação.

1.3.1 Provas arqueológicas

A arqueologia tem desenterrado inúmeros textos da Sagrada Escritura, do Antigo e do Novo Testamento. Nenhuma obra literária da antiguidade, mesmo pós-bíblica, foi transmitida tão fielmente como a Bíblia, com provas arqueológicas que a sustentem. Possuímos tantos e tão antigos manuscritos bíblicos que não pode haver dúvidas sobre a autenticidade do texto bíblico.

Para o Antigo Testamento

Os Pergaminhos do Mar Morto

A descoberta arqueológica mais importante é o chamado «Qumran» ou «Mar Morto», pergaminhos na Palestina. Estes pergaminhos de couro, nos quais grande parte do Antigo Testamento está escrito, foram providencialmente descobertos nas cavernas do planalto «Qumran», adjacente ao Mar Morto, em 1947 por um pastor palestiniano à procura do seu bode perdido. Encontrou-a numa das grutas, dando-lhe um pontapé num sítio. Ao aproximar-se, viu debaixo do seu pé a tampa de terracota de um frasco contendo um pergaminho de couro escrito em hebraico. Este foi o início da descoberta de muitos pergaminhos, assim enterrados, dos vários livros do Antigo Testamento. Tinham sido escondidos no subsolo por uma comunidade religiosa judaica, os «Essénios», que viviam em Qumran e cuja missão específica era a escrita e a protecção de textos bíblicos. Os pergaminhos descobertos datam de 200 AC.

Era costume colocar documentos que deviam ser protegidos desta forma; este costume é mencionado pelo profeta Jeremias que pediu ao seu secretário: «Pega nestes documentos e coloca-os num vaso de barro, para que possam ser conservados durante muito tempo» (Jeremias 32,14).

Os Pergaminhos do Mar Morto estão agora no Museu Rockefeller em Jerusalém, cópias de microfilmes estão em todos os grandes museus do mundo. O texto destes pergaminhos é idêntico ao que temos hoje nas nossas Bíblias.

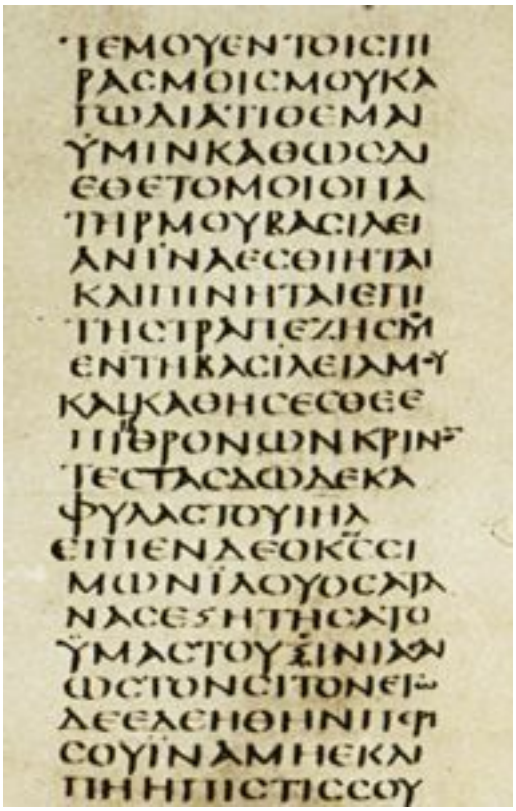
Para o Novo Testamento

Papyrus Rylands

O manuscrito mais antigo é um pequeno fragmento de papiro do ano 125 d.C., «Papyrus Rylands», depois do nome do arqueólogo que o descobriu. Contém um texto do Evangelho de S. João 18,31. Isto tranquiliza-nos quanto à autenticidade do texto, dado que João morreu por volta do ano 105 d.C. e que este papiro data apenas de cerca de vinte anos após a sua morte.

Chester Beatty

Outro achado arqueológico, quantitativamente mais importante, é o papiro (plural de papiro) de «Chester Beatty» datado do século III d.C. Eles contêm grandes partes do Novo Testamento. São mantidos na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.



Excerto de «Sinaiticus»

Há ainda três exemplares inteiros muito antigos da Bíblia, do Antigo Testamento e do Novo Testamento:

- **O Vaticano**

  Escrito em latim, data do século IV d.C. e está alojado no Museu do Vaticano, daí o seu nome.

- **O «Sinaiticus»**

  Escrito em grego, também data do século IV. Foi encontrado por um príncipe russo no final do século XIX no convento greco-ortodoxo de Santa Catarina no Sinai, daí o seu nome. Encontra-se no Museu Britânico.

- **O «Alexandrinus»**

  D data do século V e encontra-se no Museu Britânico.

O texto destas três Bíblias antigas é o mesmo, e é idêntico ao das nossas Bíblias modernas.

1.3.2 A prova lógica

- A multiplicidade dos ritos cristãos é uma garantia da autenticidade do texto bíblico, que é a mesma para todos.

- Os textos do Antigo Testamento são os mesmos para cristãos e judeus.

- Alguns muçulmanos e judeus afirmam que os cristãos falsificaram a Bíblia. Eles baseiam a sua reivindicação numa farsa: o chamado «Evangelho de Barnabé». Ficou demonstrado que este «evangelho» foi escrito no século XVI por um judeu que «se converteu» ao cristianismo e depois novamente ao islamismo. De acordo com este «evangelho», o Messias não é Jesus, mas

Maomé. Isto contradiz a Bíblia e o Corão, que reconhecem ambos que Jesus é o verdadeiro Messias. Assim, nenhum cristão e nenhum muçulmano pode acreditar no «evangelho» de Barnabé sem negar a sua fé. Além disso, deve-se recordar que as descobertas arqueológicas demonstraram a autenticidade do presente texto bíblico.

- Todos os estudiosos bíblicos reconhecem a autenticidade do texto bíblico. Entre os muçulmanos, dois grandes estudiosos: o Sheikh Afghani e o Sheikh Mohammed Abdo (antigo Mufti do Azhar do Cairo) negam categoricamente a falsificação da Bíblia.

1.3.3 Uma prova de fé

Deus, que revelou a mensagem bíblica, não pode permitir que o seu conteúdo seja falsificado e que se percam profecias, especialmente as que dizem respeito ao Messias.

1.4 Línguas bíblicas

A Bíblia foi originalmente escrita em duas línguas: hebraico para o Antigo Testamento e grego para o Novo Testamento (excepto o Evangelho de Mateus que foi escrito em aramaico, porque o Evangelho de Mateus foi dirigido aos judeus). O Antigo Testamento também foi escrito em aramaico pelos judeus exilados na Babilónia (Iraque) no século VI a.C., onde aprenderam a língua.

Os livros do Novo Testamento foram originalmente escritos em grego, a língua internacional da época (ver Actos 21:37), tal como o inglês e o francês de hoje.

1.4.1 A Bíblia «hebraica»

O texto original do **Antigo Testamento em hebraico** é chamado a «**Bíblia Hebraica**». Esta Bíblia não contém, portanto, os livros do Novo Testamento, uma vez que os judeus não acreditam neles. Foi encontrado no Templo de Jerusalém e nas sinagogas em forma de pergaminho. Os tradutores da Bíblia referem-se a ela como uma base segura nas suas traduções do Antigo Testamento.

1.4.2 A Bíblia «Grega»

No século III a.C., os judeus da diáspora (os que vivem fora da Palestina) já não falavam hebraico e por isso não conseguiam ler a Bíblia hebraica. Aqueles que se encontravam em Alexandria, Egipto, pediram portanto aos judeus da Palestina que enviassem peritos bíblicos para traduzir «The Torah, the Books (*of Wisdom*) and the Prophets» (*como os judeus chamavam à Bíblia*) do hebraico para o grego. Enviaram-lhes 70 estudiosos bíblicos. Quando chegaram a Alexandria, traduziram todos os livros bíblicos de hebraico para grego, bem como 5 outros livros que os judeus da Palestina leram nas sinagogas e assembleias, mas não os reconheceram como livros inspirados. Estes cinco livros não faziam portanto parte dos livros «canónicos», ou seja, oficialmente reconhecidos como inspirados por Deus.

E são:

- Para os livros históricos: Judith e Tobit;
- Para os livros Sapienciais: Wisdom and Ecclesiasticus;
- Para os livros proféticos: Baruch;
- Foram acrescentados mais dois capítulos ao livro de Daniel: Daniel 13 e 14.

Mais tarde, os dois livros dos Macabeus foram também traduzidos para grego e adicionados aos anteriores já traduzidos, elevando para 7 o número de livros traduzidos para grego e adicionados aos 39 livros da Bíblia hebraica. Este grupo de 7 livros com os capítulos 13 e 14 de Daniel são reconhecidos como livros deuterocanónicos, em que se é livre de acreditar ou não.

No segundo livro dos Macabeus, encontrará um eco dos laços estreitos entre os judeus da Palestina e os seus co-religionistas no Egipto, e o convite feito a estes últimos para obterem os textos da Bíblia: «Aos seus irmãos, os judeus que estão no Egipto, a salvação (*shalom*); os judeus e os seus irmãos que estão em Jerusalém, etc. Que ele (*Deus*) abra o seu coração à sua lei (*Torah*)... (2 Maccabees 1:1-4). Neemias fundou uma biblioteca para reunir os livros (*bíblicos*) sobre os reis, os escritos dos profetas e David... Judah reuniu igualmente todos os livros (*livros bíblicos do Antigo Testamento*) que foram dispersos devido à guerra que foi travada contra nós (*deportação para Babel*), e que estão nas nossas mãos. Portanto, se precisar deles, envie-nos mensageiros para lhe trazerem cópias» (2 Maccabees 2:13-15). O interesse demonstrado pelos judeus da Palestina pelos do Egipto deve-se ao facto de estes últimos terem formado o grupo judeu mais rico e mais poderoso da diáspora, tal como os judeus da América de hoje.

A tradução grega da Bíblia hebraica é conhecida como «A Bíblia grega» ou «A Bíblia Septuaginta» (isto é, os 70) devido aos 70 estudiosos bíblicos judeus que a traduziram para o grego. Difere da Bíblia hebraica pelos 7 livros «deuterocanónicos» que lhe foram acrescentados. É esta Bíblia grega que os judeus da diáspora, que não entendiam hebraico, consultaram na época dos Apóstolos, para verificar as palavras de Paulo (Actos 17,2 / 17,11)

Os judeus recusaram então e continuam a recusar reconhecer os 7 livros deuterocanónicos como inspirados por Deus. Esta é a razão pela qual não são encontrados na Bíblia hebraica. Os protestantes também rejeitam estes 7 livros e não os incluem na sua Bíblia. Por outro lado, as Bíblias Católicas e Ortodoxas contêm estes livros.

Assim, dependendo de encontrar ou não estes 7 livros, será capaz de reconhecer uma Bíblia Católica de um protestante. Estes livros não contêm nada que difira doutrinariamente entre as várias denominações. Quanto aos 27 livros do Novo Testamento, eles existem em todas as Bíblias Cristãs. Só no século XVI, depois de Lutero (o fundador do Protestantismo), os protestantes retiraram os sete Livros deuterocanónicos da sua Bíblia.

A Bíblia hebraica e a Bíblia Septuaginta grega servem de base para todas as traduções da Bíblia. Quando os livros do Novo Testamento foram escritos, foram acrescentados pelos cristãos à tradução grega do Antigo Testamento (Septuaginta).

1.4.3 A Bíblia «latina» (ou a «Vulgata»)

No século IV d.C., São Jerónimo traduziu a Bíblia do hebraico e grego para o latim, que se tornou a língua internacional naquela época, e permaneceu durante muito tempo uma língua utilizada no mundo religioso e científico (medicina, etc.). São Jerónimo traduzido para uma língua popular (vulgaris) para que as pessoas pequenas pudessem compreender. É por isso que esta Bíblia era conhecida como «A Vulgata», ou seja, «O Popular», acessível ao povo. Esta tradução latina foi utilizada durante muito tempo no mundo religioso do Ocidente, antes de a Bíblia ter sido traduzida para todas as línguas do mundo, apenas há cem anos atrás. Hoje a Bíblia está traduzida em mais de 1500 línguas. A mensagem evangélica é assim espalhada por todo o mundo. Este é um sinal dos tempos preditos por Jesus (Mateus 24,14).

Quando uma Bíblia menciona que é traduzida das línguas originais, significa que é traduzida do hebraico e do grego, mas não do latim, que já é uma tradução do hebraico e do grego originais. Antes de comprar uma Bíblia, certifique-se de que esta está traduzida a partir das línguas originais.

2. Lição 2 - Os primeiros 11 capítulos do Génesis

Começará agora a ler o primeiro dos livros históricos: Génesis. É também o primeiro livro da «Torah» ou do «Pentateuco». Génesis é composto por 50 capítulos dos quais os primeiros onze nos falam da Pré-história, do que aconteceu antes de Abraão desde a criação do mundo, desde a criação de Adão e Eva, a sua revolta contra Deus, até ao dilúvio com Noé. Estes primeiros onze capítulos formam um bloco separado do resto do Génesis e da história bíblica em geral. Muito tem sido escrito sobre eles e vários pensadores religiosos têm dedicado livros a eles.

Nos primeiros onze capítulos, os escritores sagrados tentam responder a questões sobre o sobrenatural e a vida na terra: de onde vem o universo? Porque é que a vida na terra é difícil? Porquê dor, tristeza e morte? As respostas: existe um só Deus que é o Criador. Ele criou o homem feliz, mas o homem desobedeceu e partiu do seu Criador, e ao fazê-lo, experimentou a desgraça. Deus elaborou então um plano para salvar o homem da sua insensatez.

Começando no capítulo 12, Génesis fala-nos da própria história religiosa com o aparecimento de Abraão a quem Deus chamou, o primeiro entre os homens, a fazer um plano com ele para salvar da ignorância espiritual todos aqueles que acreditariam nas suas palavras.

Comece por ler apenas os capítulos 1 e 2 do Génesis e depois continue a ler este curso. Note-se que o Génesis conta dois relatos diferentes da criação devido a diferentes tradições orais.

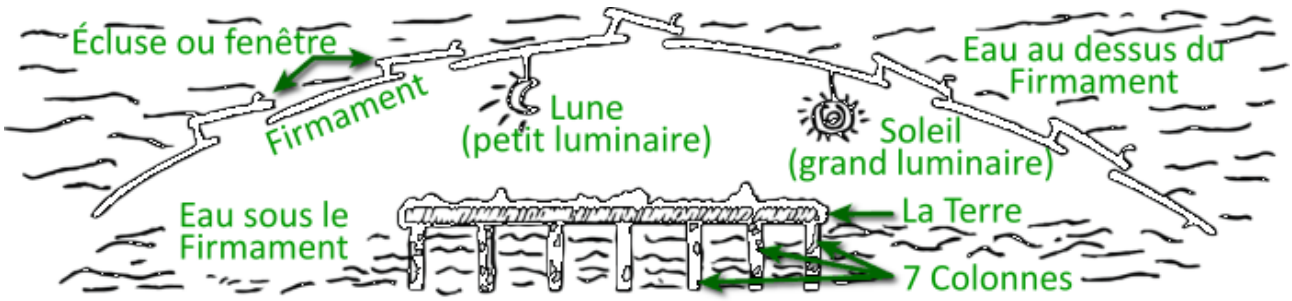
2.1 A primeira conta de criação (Génesis 1:1 a 2:3)

Deve ter encontrado alguns pontos «não-científicos» nessa história. Tem razão, porque a Bíblia não é um tratado sobre ciência, é um tratado sobre espiritualidade. O que lhe é pedido é uma precisão **espiritual**; ela dá-lhe ao dizer que Deus é o único criador do universo. Se Ele criou em 6 dias ou não, isso não é o que importa. A intenção da Bíblia é revelar a existência do único e único Criador.

Para ousar revelar a existência de um Deus único e criativo, 2000 anos a.C., num mundo politeísta e idólatra, é necessária uma coragem extraordinária. Sócrates foi morto 1.500 anos depois desta revelação por ter acreditado, na Grécia, o país da filosofia e da civilização daquela época, que só existe um Deus (chamado por ele «O Primeiro Mover» porque dá movimento vital a tudo). Ainda hoje, existem sociedades ateístas que proíbem falar de Deus nos países que estão na vanguarda do progresso científico. Ainda há milhões de fetichistas politeístas nos arbustos da África e da América no século XXI. Quando se pensa em tudo isto, pode-se apreciar melhor as dificuldades e perigos que os nossos antepassados na fé enfrentaram quando começaram a escrever a Bíblia há três mil anos atrás para revelar a existência do único Deus.

Para compreender melhor este primeiro relato da criação, é preciso saber que os escritores que o escreveram tinham um conhecimento muito básico de Deus e uma falsa concepção do cosmos. Só sabiam da existência de Deus e não sabiam que a terra era redonda e girava em torno do sol.

Eles acreditavam que Deus precisava de luz para ver claramente antes de criar. Assim, criou a luz desde o primeiro dia e «separou a luz da escuridão. Deus chamou à luz dia e à escuridão noite... o primeiro dia» (Génesis 1:4-5).



Desenho do cosmos

Só no século XVII é que Galileu descobriu que a terra era uma bola e que girava em torno do sol. Mas antes disso, os homens pensavam que era plano e flutuante sobre uma enorme extensão de água, estabilizada por sete colunas que afundaram na água (1 Samuel 2,8 / Provérbios 9,1).

Para explicar a chuva, eles pensaram que a água estava armazenada no céu, acima do firmamento. Esta água não caiu à terra devido ao firmamento que a suportava, e eles acreditavam que era uma cúpula sólida que separava «a água acima do firmamento da água abaixo» (Génesis 1:7).

Visão do mundo na antiguidade

Este firmamento continha janelas ou fechaduras que Deus abriu para deixar cair a chuva no seu tempo. A única diferença entre o que os crentes e os pagãos disseram sobre isto é que os pagãos acreditavam que **os deuses** criaram o universo e abriram as comportas do céu para deixar passar a chuva.

Ainda se acreditava que o sol, a lua e as estrelas eram deuses. O Apocalipse explicou que eles foram criados por Deus. Os crentes acreditavam que eram pendurados no firmamento para iluminar a terra, tal como as lâmpadas eram penduradas no tecto.

Não se deve pedir à Bíblia que revele que a terra é redonda, não plana, e que é a terra que gira em torno do sol, e não o contrário. A Bíblia tem um propósito específico: revelar Deus à humanidade. Foi isto que os escritores sagrados tentaram fazer desde a sua concepção do cosmos.

Sabendo isto, pode compreender melhor agora porque Génesis 1:6 diz que Deus criou o firmamento «para separar as águas que estão abaixo do firmamento das águas que estão acima do firmamento». Não há nada de «científico» nisto. O objectivo do escritor é revelar o único Deus que criou todo o universo e que os deuses da mitologia nunca criaram nada, nem sequer existindo eles próprios. Portanto, não há um deus que criou o sol, outro o mar, outro a lua, etc.... O politeísmo é assim varrido pelo conhecimento do Criador único do universo.

Como alguns adoravam o sol e a lua, os escritores do Génesis relataram a sua criação no 4º dia para os depreciar aos olhos dos seus adoradores. De facto, o livro de Deuteronómio revela que mesmo entre os judeus, alguns adoravam o sol, a lua e as estrelas (Deuteronómio 17:2-3 / 2 Reis 23:5). Note-se que os nomes do sol e da lua nem sequer são mencionados, mas são chamados «as duas grandes luzes:.... o grande para o dia e o pequeno para a noite...». Também aqui, é cientificamente falso dizer que o Sol foi criado no 4º dia, uma vez que a ciência mostra que o Sol existiu milhões de anos antes da Terra. E como seria criado o sol no 4º dia, quando, segundo o próprio Génesis, já se tinham passado 3 noites e 3 manhãs? Manhãs sem sol? Génesis também diz que estas duas luzes foram criadas «para separar a luz das trevas» (Génesis 1:18). Agora, no primeiro dia Deus já tinha «separado a luz das trevas» (Génesis 1,4). É portanto necessário compreender a intenção espiritual do escritor: revelar que Deus é o único Criador e abolir a adoração idólatra do sol, da lua e das estrelas.

Isto leva-nos a um ponto importante: a Bíblia deve ser entendida literalmente (de acordo com o «significado literal» do texto) ou em espírito (de acordo com o significado «alegórico» ou «espiritual» do texto)? Deve-se acreditar que Deus criou em 6 dias de 24 horas, que o sol foi criado no 4º dia, nem antes nem depois, ou é necessário ter em conta o nível científico do tempo? Para nós, o que conta é o significado espiritual: descobrir o que Deus nos quer dizer através do conhecimento parcial, a forma literária e o estilo do escritor sagrado da época.

Um escritor bíblico moderno teria escrito as narrativas de criação de uma forma diferente, dizendo por exemplo: «No início Deus criou os neutrões e prótons evoluindo a uma temperatura de 100.000.000 graus centígrados, milhões e milhões de anos atrás. Estas moléculas condensaram-se ao arrefecerem para formar a 'matéria prima' a partir da qual Deus moldou o cosmos. Primeiro criou o sol do qual uma parte dele se partiu e arrefeceu para formar a terra, etc.». Esta forma de apresentar a criação não muda o essencial: é sempre Deus que criou tudo por si mesmo. Isto é o que conta para o conhecimento espiritual.

Como alguns adoravam as «grandes serpentes do mar» (tubarões, baleias, crocodilos, etc.), especialmente entre os marinheiros, Génesis 1:21 coloca-os, também intencionalmente, entre os animais criados por Deus. Hoje, visando alguns asiáticos que adoram a vaca branca, um escritor bíblico teria acrescentado que este animal é uma criatura de Deus; os leitores teriam concluído por sua própria vontade que não há nada de divino nele e teriam deixado de o venerar.

Note-se que apenas o homem, entre todas as criaturas, está à imagem de Deus (Génesis 1:26). Esta «semelhança» do homem com o seu Criador não é física, mas espiritual: o homem também é espírito, não só feito de carne, sangue e ossos. Deus dotou o homem de uma consciência, ao contrário do animal, que vive apenas ao nível do instinto. É uma queda para o homem viver apenas a nível do corpo.

A elevação do homem ao nível espiritual leva-o a «dominar» sobre toda a criação animal. Além disso, quando Deus terminou de criar o homem, e só então, viu «que tudo o que tinha feito era **muito bom**», e não apenas «bom» como com outras criaturas. O homem é, portanto, o objectivo da criação do universo (Génesis 1:31).

Já reparou que neste primeiro relato o homem é criado homem e mulher, o homem e a mulher sendo criados ao mesmo tempo (Génesis 1:27)? Por outro lado, no segundo relato, a mulher foi criada depois do homem e foi tirada do seu lado. Há outra diferença entre as duas histórias: na primeira, o homem é criado no sexto dia, depois de todas as outras criaturas; segundo a segunda história, o homem foi criado primeiro, depois os animais e finalmente a mulher. Este é outro exemplo das várias tradições orais.

O que é comum a ambas as narrativas é a intenção do escritor:

1. Deus criou o primeiro casal humano. Não importa como foram criados.
2. O homem deve respeitar a mulher e tratá-la como igual porque..:

   - ela foi criada ao mesmo tempo que ele (de acordo com o 1º conto), ou dele, do seu próprio lado, perto do seu coração (de acordo com o 2º conto);

   - o homem foi formado a partir da terra, mas a mulher a partir de uma matéria mais evoluída: do corpo do homem.

Estes textos visam, portanto, promover as mulheres em tempos em que foram depreciadas. Não devemos, portanto, compreender à letra a criação humana, uma vez que tem aqui dois textos diferentes. Descobrir, através destas duas formas, o ensinamento moral: Deus criou o homem e a mulher como iguais para se amarem e respeitarem um ao outro porque são feitos um para o outro, um complementar ao outro. Acima de tudo, são feitos à imagem de Deus que é amor, respeito e dignidade.

Deus pede ao primeiro casal humano para se multiplicar e encher a terra (Génesis 1:28). Por esta razão, o homem, que deve muito aos seus pais, deve deixá-los apenas para viverem com a sua esposa, com quem é «uma só carne» (Génesis 2:24). É esta atmosfera de amor que deve reinar entre os cônjuges que se querem manter à imagem de Deus. Leia o que Jesus diz sobre isto em Mateus 19,1-12, bem como o conselho de Paulo aos esposos na sua carta aos Efésios (Efésios 5,21-33). Verá mais à frente que o primeiro casal humano perderá a imagem de Deus ao desobedecê-Lo. O nosso esforço visa reconquistar a nossa semelhança com o Pai divino. Este é o propósito da Revelação divina.

Um último ponto a considerar neste primeiro relato é o «descanso» de Deus no 7º dia (Génesis 2:2-3). Deus não descansa como os homens, pois Ele não se cansa como eles. A menção de repouso no 7º dia destina-se aos homens, para que possam descansar um dia por semana em vez de passarem todo o tempo a preocupar-se com a vida terrena e a acumular dinheiro. Deus convida os homens a dedicar um dia por semana a dar um passo atrás e a pensar na vida espiritual (Êxodo 35:1-3).

O objectivo destes dois últimos textos de Génesis e Êxodo é salvar o homem do materialismo, uma vez que a maioria dos homens pensa apenas em dinheiro. Alguns compreenderam-nos à letra, indo acreditar que Deus descansava, e ainda descansa, todos os sábados e que o homem não deveria fazer nada nesse dia. Este é o caso dos judeus que interrompem toda a actividade aos sábados, mesmo boa (cultura física, etc.), ao ponto de paralisia quase total (proibição de circulação de autocarros, aviões para descolar, etc.). Zangaram-se com Jesus porque ele curou no sábado (o sábado); Jesus respondeu que, ao contrário do que eles pensavam, Deus trabalha sem cessar (João 5,16-18). Em Israel, os israelitas religiosos «respeitam» o sábado

ao ponto de não andar mais de um quilómetro, não apanhar táxis, autocarros ou aviões. Os fundamentalistas judeus obtiveram o encerramento do aeroporto aos sábados, e apedrejam os autocarros em circulação nesse dia. Mas quando se trata de tomar a iniciativa da guerra num sábado, eles não hesitam...! Jesus - prevendo os desastres que irão destruir Israel - aconselhou os judeus nestes termos irónicos: «Reza para que a tua fuga não caia num sábado...» (Mateus 24:20). (Mateus 24:20). Isto significa que teremos de fugir para longe, uma distância que aqueles que compreendem a Torá à letra não se podem permitir num sábado... Este é o perigo da interpretação literal: «A letra mata, mas o Espírito dá vida», diz Paulo (2 Coríntios 3,6).

2.2 A Segunda História da Criação (Génesis 2:4-25)

Já assinalei que, nesta história, a mulher foi criada do lado do homem; 3 outros pontos devem ser considerados:

1. a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal,
2. Os nomes que o homem dá aos animais,
3. O estado do primeiro casal humano.

2.2.1 A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal (Génesis 2:17)

Está no meio do Paraíso e não é uma realidade botânica, mas uma metáfora, é uma acção ou atitude que Deus julga errada e que o homem deve evitar ou enfrentar as consequências. O homem deve ter um certo comportamento para com Deus: uma relação filial amorosa, simples e de total confiança. Note-se que esta é uma «árvore do **conhecimento**», e não uma maçã, como algumas pessoas pensam. É uma realidade moral, não uma realidade vegetal.

Como devemos compreender a natureza desta «árvore do conhecimento do Bem e do Mal»? É o facto de se apreciar a si próprio, sem referência a Deus, o que é bom e o que é mau, de se sentir livre para julgar o bem contra o que o Criador aconselha. Hoje em dia ouvimos muitas vezes as pessoas dizerem: «Porque é que algo que é proibido está errado»? E chegam ao ponto de concluir em nome da liberdade que é bom... mesmo que, para Deus, seja mau (drogas, homossexualidade, pedofilia, violência, pornografia, etc.).

É por isso que o profeta Isaías tinha dito: «Ai daqueles que chamam ao mal bem e ao bem mal...» (Isaías 5:20).

(Isaías 5:20). Alguns são atraídos pelo desejo ou curiosidade de conhecer o mal, de o experimentar. É útil conhecer o Bem praticando-o, mas é sempre prejudicial entregar-se ao Mal. Devemos rezar para não «sucumbir à tentação» do mal, que sabe seduzir-nos assumindo a aparência do bem (ver Mateus 6,13); «o próprio Satanás disfarça-se bem como um anjo de luz», diz São Paulo (2 Coríntios 11,14).

A Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal é, portanto, uma tentação: desejar ser livre de Deus para julgar como ele o faz, ser seu igual e não ter contas a dar-lhe, nenhum conselho a pedir-lhe, decidir por si próprio, «como adulto», ser independente de Deus. Agora não é neste espírito de conflito que se vive com Deus, mas sim num espírito de colaboração divino-humana, um espírito de troca entre pai e filho. Todos precisamos do conselho de um ou outro; o homem consulta no seu trabalho aqueles que são mais experientes do que ele, e para obter diplomas profissionais é preciso ter a humildade de ir primeiro às universidades. Não se pode ser um bom professor sem ser um bom aluno. Não se pode atingir a maturidade sem passar pela infância. Porquê então, quando é uma questão de Deus, o Mestre da Vida, é necessário pensar em tomar a sua «independência» para julgar coisas vitais, que muitas vezes são tão complexas e delicadas? Este tipo de independência é uma «árvore do conhecimento» do Mal que não

pode ser tocada com impunidade. Temos de triunfar sobre o desejo desta falsa independência, afastar estas ideias orgulhosas se quisermos viver bem. Porque, se se choca demasiado com uma tentação - como Eva fez em Génesis 3:6 - acaba por cair na armadilha. Portanto, aceitemos colocar-nos na escola de Deus se quisermos aprender o que é a verdadeira vida. Não sejamos nem um agente nem uma vítima do mal.

Este é o ensinamento de Génesis 2:17. O seu propósito é manter o homem na mentalidade vivificadora de Deus, o Espírito Santo.

2.2.2 Os nomes são dados pelo homem, e não por Deus, aos animais

De facto, note-se que o Criador não dá os seus nomes aos animais: «Ele trouxe-os ao homem para ver como os chamaria, e cada um devia ser chamado pelo nome que o homem lhe deu» (Génesis 2:19). É uma forma de expressar a liberdade do homem e uma certa independência que o torna um colaborador de Deus, superior ao animal. Aqui vemos um aspecto da colaboração entre Deus e o homem na administração do mundo, uma administração aconselhada por Deus que teria dado felicidade aos homens se tivesse sido respeitada por eles desde o início.

Dar um nome é um acto significativo e importante pelo qual se estabelece uma ligação afectiva e íntima com o ser nomeado, tal como os nomes dados aos animais domesticados que mantemos em casa ou, de maior importância, o que damos aos nossos filhos. No caso de João Baptista e de Jesus, e porque foram enviados por Deus, foi o próprio Deus que impôs os seus nomes antes de nascerem (Lucas 1:13 / Lucas 1:31). Ele manifesta assim que eles são os seus enviados. Para nós ainda é importante saber o nome de uma pessoa ou mesmo de um animal de estimação. Tudo tem um nome, e o que não é nomeado não tem qualquer valor. É por isso que os escritores do Génesis não deram um nome ao sol ou à lua quando foram criados (Génesis 1:14-19).

2.2.3 O estado do primeiro casal no Céu.

Este é o estado de espírito, a condição psicológica e espiritual do primeiro casal. Segundo a segunda história, Adão, sem Eva, sentiu-se sozinho: «Não é bom para o homem estar sozinho», diz o Criador. «Devo dar-lhe um ajudante a condizer com ele» (Génesis 2:18). Mas entre os animais não havia nenhum para preencher o vazio no seu coração: «Não encontrou nenhum ajudante que o **igualasse**» (Génesis 2:21). O homem precisava de uma **pessoa**, um companheiro com quem pudesse dialogar e que, como ele, tivesse sido criado à imagem de Deus, dotado de inteligência e capaz de amar para o compreender. Esta é a única «ajuda que vai **com ela**».

Deus decidiu portanto que o homem deve ser um casal humano, complementar um ao outro: homem e mulher. Uma grande decisão! Deus realizou a primeira «operação cirúrgica» anestesiada da história humana: «Ele pôs o homem a dormir, tomou uma das suas costelas e fechou a carne no seu lugar.... Da costela Deus moldou uma mulher e trouxe-a até ao homem».

Já viram como, quando o homem viu a mulher a sair dele, ele **gritou** com entusiasmo e alegria: «Ah, desta vez! (*não como noutros tempos com a criação de animais*), este é osso dos meus ossos e carne da minha carne»! O homem está obviamente feliz por se encontrar diante de um ser como ele, uma pessoa de outro sexo que emana dele.

A primeira reacção do homem é querer dar um nome a esta adorável pessoa que está à sua frente. Ele não pergunta o nome dela, ele sabe que ela não tem nenhum; ele nomeia-a referindo-se a si próprio: «Esta chamar-se-á Isha (*Mulher*)», pois em hebraico «homem» chama-se «Ish», «Ish» nomeia o seu complemento feminino depois do seu próprio nome: «Isha». Em francês «Isha» daria «Hommesse», a partir da palavra «Homme». Em inglês, a palavra «woman» (femme) vem de «man» (homme). O nome do homem é dado exclusivamente ao seu parceiro humano. Ela é, ao contrário dos animais, o reflexo feminino do seu próprio rosto. Reconhece-se nela. Tendo saído da sua carne, «um homem deixa, portanto, pai e mãe para se apegarem à sua esposa e juntos se tornarem uma só carne» (Génesis 2,24 / Mateus 19,3-6).

Assim, ao unir-se à sua esposa, o homem reencontra-se, completa-se; volta a colocar em si a costela que foi extraída. É por isso que Deus condena, no Evangelho, aqueles que, no fim dos tempos, proíbem o casamento (como fazem alguns religiosos): «O Espírito (*Deus*) diz expressamente que, nos últimos dias, alguns **negarão a fé** para se apegarem a espíritos enganadores e doutrinas diabólicas... Estas pessoas **proíbem o casamento**...» (1 Timothy 4:1-3). Isto não significa que o casamento deva ser uma obrigação moral: algumas pessoas encontram em Deus o Cônjuge a quem o seu coração aspira. Esta união espiritual com Deus é um apelo divino feito a todos os homens, seja directamente, através de um celibato livremente escolhido, seja através do casamento. Em qualquer caso, Deus deve ser o Primeiro Amor; é Ele que nos orienta então para o celibato ou para uma união matrimonial. Não existe uma lei absoluta a favor ou contra o casamento. Para cada um a sua vocação, todas as vocações são igualmente sagradas, uma vez que são uma colocação em prática da vontade divina. A felicidade é apenas o fruto do cumprimento desta vontade.

Em que estado de espírito se encontrava o primeiro casal no Paraíso? Homem e mulher foram banhados em felicidade, pois Deus criou-os puros, inocentes, sem manchas: a sua consciência estava limpa. De onde veio o mal? Nenhum pensamento maligno lhes foi colocado pelo Criador. E como é possível que Deus, que é o Bem Absoluto, coloque o mal na alma e na mente do homem criado por ele? O bem vem apenas do bem. É por isso que Ish e Isha eram felizes, sem quaisquer problemas nas suas vidas e sem os complexos psicológicos que lhes roíam. Em paz com Deus e uns com os outros, «não tinham vergonha um do outro» (Génesis 2:25). Olharam-se um para o outro sem terem de corar para um pensamento indigno do seu estado, e podiam olhar Deus no rosto.

Só depois da sua revolta contra Deus é que o homem e a mulher conhecerão a vergonha. Esta situação ainda hoje prevalece no mundo devido aos maus desígnios e comportamentos injustos dos homens ao longo dos séculos. Já não nos olhamos realmente na cara e a sombra do mal paira sobre a maioria das consciências. Poucos homens, por exemplo, são capazes de resistir à atracção de dinheiro, fama, poder, ou de olhar para um corpo nu sem ter desejos insalubres, desequilibrados ou reprimidos. Mas no início da humanidade não foi assim: homem e mulher olharam-se um para o outro com amor verdadeiro, profundo e puro. Eram imaculados, «nus» de todo o pecado e vestidos com a graça de Deus, vivendo permanentemente com o Criador.

Desde que Deus criou o homem na inocência, como é que o mal entrou no mundo? Isto é o que o capítulo 3 do Génesis nos revelará. Leia-o antes de continuar esta lição, para que possa compreender melhor as explicações que se seguirão. Mas antes, tenha consciência da alegria que sentiu quando compreendeu o que já aprendeu. Sentiu os pulmões da sua alma expandir-se e respirar o oxigénio da alegria espiritual ao descobrir a verdade sobre assuntos bíblicos que lhe eram obscuros?

2.3 A Revolta do Homem contra Deus (Génesis 3)

Através desta história simbólica que acabou de ler, Génesis ensina-nos como o mal entrou no mundo: o homem cometeu o erro de acreditar no diabo, em vez de ouvir os conselhos de Deus. Aqui a serpente simboliza o diabo astuto. Portanto, é o próprio homem que traz o mal para o mundo. De facto, ele é o único responsável por isso. Ele preferiu acreditar no diabo e negligenciou os conselhos altruístas de Deus. Seduzido pelas falsas perspectivas deste inimigo, o homem tornou-se escravo de Satanás. Ele logo espalhou ideias nocivas e desejos maléficos nos corações das gerações posteriores. O diabo teve agora os seus agentes, a sua semente, na terra para expulsar a humanidade de Deus. Toda a história da salvação consiste em exorcizar o homem reintroduzindo nele os pensamentos de Deus, libertando-o assim da má influência. O homem libertado do diabo consegue pedir ardentemente a Deus: «Seja feita a Tua vontade...» e nunca mais a minha.

O diabo aproximou-se da mulher, não do homem, porque o homem, tendo falado com Deus, era mais difícil de seduzir. Repare na astúcia com que a serpente demoníaca se aproxima da mulher. Para garantir que não seria repelido por ela, ele iniciou o diálogo com a malícia fazendo uma simples pergunta, mas de forma a distorcer o conselho divino: «É verdade que Deus lhe disse para não comer de **todas as** árvores do jardim?» Esta forma de apresentar o problema continha as sementes de uma revolta contra Deus. Satanás quis incitar a mulher à rebelião fazendo-a acreditar que não devia comer de «todas as árvores». Antes da intervenção satânica, o casal humano estava satisfeito com o seu destino.

E a mulher explicou ao diabo: «Podemos comer do fruto das árvores, mas não do fruto do jardim. Deus disse: Não comereis dela sobre a dor da morte». O diabo sabia disso! Mas o diálogo tinha começado e para ele isso era o que contava. Foi o primeiro triunfo satânico sobre a Humanidade. Satanás poderia agora, depois de ter ganho o ouvido da mãe dos homens, continuar o diálogo interior secular com toda a humanidade. Continuou corajosamente a falar à pobre mulher incauto: «Mas não, vá lá, não morrerás. Pelo contrário, se o comeres, os teus olhos abrir-se-ão e serás como Deus, conhecendo o bem e o mal». A mulher foi seduzida pela ideia de ser independente como Deus, de decidir por si própria o que é bom e o que não é.

O pior é que o diabo deu uma falsa imagem de Deus, a de um ditador ciumento das suas prerrogativas, mesquinho com os seus privilégios e querendo impedir o homem de evoluir, proibindo-o de se alimentar da árvore do conhecimento. Mas o oposto era verdade: Deus aconselha o homem a não lhe tocar para não **morrer**, mas a ser imortal como Deus: vivo e feliz para sempre. Pois a morte do homem é devida ao falso discernimento do bem e do mal. Para sermos «como Deus» temos de pensar «como Ele», discernir de acordo com Ele. Este é o Espírito Santo que Jesus nos disse para pedirmos a Deus (Lucas 11:13). Este Espírito dá-nos a vida eterna, e através d'Ele tornamo-nos como Deus, imortais.

Que atitude deveria a mulher ter tido antes dos avanços do diabo? Indiferença! Este é o maior desprezo. Ela deveria pelo menos ter tido cuidado e ter pedido a identidade da pessoa com quem estava a falar: «Quem é você?». Ela, que estava à imagem de Deus, deveria ter comparado esta imagem com aquela que falava com ela. Esta foi a atitude de Maria, a Virgem de Nazaré, perante o anjo Gabriel: «Ela perguntou-se o que significava a saudação do anjo» (Lucas 1:29). Se «Isha» se tivesse interrogado sobre o significado das palavras do seu interlocutor malvado, teria envergonhado a maldita víbora. Pois o diabo sabia que Deus não tinha proibido o homem de comer de **todas as** árvores do jardim; a mulher também o sabia; e ela deveria ter tido o discernimento de confundir o diabo. Mas ela estava cega pelo orgulho: para se tornar como Deus. É, no entanto, «como Deus» que o próprio Deus nos quer fazer como Deus. Só podemos tornar-nos como Deus **através** dele. O homem queria tornar-se nele **sem** ele. Isto é culpa dele.

A mulher sucumbiu e arrastou o marido para a sua fúria contra Deus. Depois de terem «comido» o fruto proibido, ambos os olhos foram abertos, tal como o diabo tinha dito à mulher, mas para ver como era ridícula a situação em que eles se tinham voluntariamente colocado. Tinham vergonha da sua culpa, percebendo que já não estavam a contemplar a face de Deus que dá vida, mas a face cínica do seu sedutor satânico. Foi a este espectáculo desesperado que os seus olhos se abriram, apercebendo-se de que tinham sido enganados. Jesus veio para reabrir os olhos dos seus fiéis ao rosto vivificante de Deus: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus» (Mateus 5,8).

Esta experiência foi um choque para o primeiro casal. Já nada era o mesmo, tudo tinha mudado entre Deus e eles e entre eles próprios. Já não se atreveram a olhar para Ele ou a enfrentarem-se uns aos outros. Perceberam que a sua felicidade era devida à graça de Deus e que a tinham perdido. Agora sentiam-se nus, desprovidos do benefício dos raios divinos. O homem queria experimentar o mal e experimentou a amargura do mesmo. Este gosto amargo do nada deve-se

à retirada de Deus da alma que lhe resiste, deixando-a na solidão, presa da tristeza. Pois Deus propõe-se a si mesmo, mas nunca se impõe a si mesmo.

O diabo consegue separar o homem de Deus. Assim, a tristeza e a vergonha eram «o fruto» colhido pelo homem da «árvore» que ele não devia tocar. Estes sentimentos deprimentes são a fonte de complexos humanos; geram todo o tipo de desequilíbrios: culpa, inferioridade, falsa modéstia, etc. O homem tenta frequentemente levantar-se novamente, mas cair no excesso oposto: desplante, orgulho e arrogância, libertinagem, etc. O homem não pode permanecer erecto sem Deus.

A queda do primeiro casal humano é conhecida como «pecado original». As suas consequências não se limitaram aos primeiros pais, mas contaminaram os seus descendentes. Todos nós herdámos os defeitos deste primeiro pecado, tal como a criança sofre as consequências de um desequilíbrio familiar ou social.

Vergonha sufocou homem e mulher ao ponto de tornar a sua nudez corporal insuportável. As folhas de figueira que transformaram numa tanga para se cobrirem são simbólicas: esconder a falha cometida espiritualmente, cobrindo o corpo. Mas foi ao nível da alma que a falha ocorreu. A Bíblia usa frequentemente a expressão «pôr a nu» para revelar as verdadeiras intenções da alma, para denunciar crimes e falhas (ver Jeremias 13,26/ Lamentações 1,8/ Naum 3,5/ 2 Coríntios 5,1-5). O homem e a sua esposa não querem ser vistos por Deus no seu estado miserável, por isso cobrem os seus corpos. Pela primeira vez, têm medo de O enfrentar. Quando Deus se aproxima deles, nas suas consciências contaminadas, eles desviam os olhos da alma, como todos os culpados que se sentem descobertos. Adão e Eva fogem quando ouvem Deus a aproximar-se, em vez de correrem para Ele espontaneamente. Este voo perante Deus deixou a sua marca na humanidade: o homem tem medo de Deus, evita o seu olhar e foge d'Ele. Este é o legado do pecado original.

Vemos que nem o homem nem a mulher pedem perdão. O homem culpa a mulher e, indirectamente, o próprio Deus por a ter dado a ele: «Foi a mulher **que** me deste que me deu fruto e eu comi-o». Ele parece culpar Deus por lhe ter dado o companheiro que costumava trazer-lhe alegria. A mulher, por sua vez, coloca a culpa no diabo. Teria sido tão maravilhoso se o homem e a sua esposa, juntos, tivessem pedido perdão àquele que tinham acabado de ofender: «Uma falta admitida é meia perdoada», dizem eles. Mas na maioria das vezes, o homem prefere exonerar-se e culpar outra pessoa pelos seus defeitos.

Adão e Eva... somos nós também! Como reparar o erro? Quem se preocupa com isso? Quando o fizermos, temos de pedir desculpa. Quantos pedem perdão a Deus do fundo do seu coração, não da ponta dos seus lábios?

Qual foi exactamente a natureza do primeiro pecado humano? Muitos comentadores e intérpretes têm procurado compreendê-la. Penso, como alguns intérpretes, que foi uma tentativa humana de usurpar a soberania divina: destronar Deus para reinar no seu lugar, ser autosuficiente e decidir sem Deus sobre os assuntos da vida, escolher para si próprio o que é bom e o que é mau, decidir sozinho o que faz o homem feliz ou infeliz. O fracasso do homem abriu-lhe os olhos: ele percebeu que sem Deus não poderia ser totalmente feliz. Ele tinha vergonha disto. Jesus veio para nos devolver Deus, para nos colocar de novo na sua companhia dadora de vida. É por isso que os profetas que O proclamaram O chamaram «Emanuel» que em hebraico significa «Deus connosco» (Isaías 7,14 / Mateus 1,22). Jesus traz o homem de volta a Deus. Não há outra forma (João 14,6); o perdão divino é obtido pela fé em Jesus (1. João 2,12 / Colossenses 2,13).

Algumas pessoas pensam que o pecado original era sexual. Este não parece ser o caso desde que Deus pediu ao primeiro casal que se multiplicasse e enchesse a terra (Génesis 1,28). No entanto, se este pecado tinha assumido a forma de um acto sexual, era porque este acto tinha

sido realizado sem Deus ou num espírito de desafio a Deus, um espírito de pura sensualidade, ao nível do mero instinto e do único prazer da carne (como muitos fazem no mundo da pornografia), excluindo os sentimentos de profundo amor e comunhão espiritual do casal em Deus.

Isto explicaria porque, após a culpa, Deus diz à mulher: «A tua luxúria (***ímpeto sexual***) vai empurrá-la para o seu marido».. (Génesis 3:16). Após a culpa, deixará de ser o coração a regular a relação entre homem e mulher, mas sim o desejo sexual: e a partir de agora o homem «dominará» a mulher, como temos visto em muitas sociedades desde tempos memoráveis. A harmonia do casal foi quebrada, dando lugar a um crescente desequilíbrio que é difícil de ultrapassar. Vemos este desequilíbrio levar ao divórcio, poligamia, adultério e as situações muitas vezes tão dramáticas nas famílias humanas em todo o mundo. Este é o fruto do espírito do diabo introduzido pelo homem no coração da humanidade na época do pecado original.

Não devemos acreditar que só os nossos primeiros pais são responsáveis por esta falha dramática: milhares de milhões de pessoas depois deles, ainda hoje, continuam a agravar a situação, proclamando a sua solidariedade com o pecado do primeiro casal, sem pensar em aprender as lições do passado. Milhões de homens ainda resistem ao Espírito de Deus, preferindo o seu próprio espírito ou o da antiga víbora que confundiu o primeiro homem.

O homem moderno, deslumbrado pela falsa ciência e inflado pelo orgulho, persiste em acreditar que pode passar sem Deus; quer julgar pela sua pequena cabeça o que é bom para ele e o que é mau. A humanidade acabou assim com a poluição material e o perigo nuclear que ameaçam a própria existência da Humanidade. A poluição espiritual é ainda mais grave e resulta do facto de o homem negligenciar os conselhos do Céu e ouvir apenas as sugestões do Inferno. E quando o homem não se sente bem, em vez de questionar a sua atitude, culpa a Deus, que o tinha avisado para não fazer o que o tinha deixado dœnte e triste. Pense nas drogas e nos homossexuais que se manifestaram contra Deus depois de terem apanhado «SIDA»... É como a pessoa dœnte que se recusa a tomar o medicamento prescrito pelo médico; a sua dœnça piora e a sua raiva é dirigida ao médico... em vez de se dirigir a si próprio.

Note-se que Deus só amaldiçoa o diabo, porque o diabo sabia o que estava a fazer. Mas o homem e a mulher não estavam **plenamente** conscientes da gravidade e das consequências do seu acto. Portanto, Deus dá um vislumbre de esperança na redenção futura, anunciando que os filhos da mulher se vingarão e um dia triunfarão sobre os filhos do diabo. Deus diz ao diabo: «Estás amaldiçoado entre todos os animais.... Colocarei inimizade entre vós e a mulher, entre os vossos descendentes e os dela. **Ela esmagará a tua cabeça**, e bater-lhe-ás no calcanhar» (Génesis 3:15). Este versículo é o primeiro anúncio da vinda de um descendente humano - o Messias - que salvará os homens da prisão psicológica e espiritual para onde os demónios os tinham atirado. A mulher e a sua descendência que esmaga a cabeça do diabo é a Virgem Maria e o seu Filho, Jesus, juntamente com todos os seus próprios, homens de boa vontade de todo o mundo.

Na sua infinita misericórdia, Deus dá ao homem a oportunidade de se redimir, de fazer reparações. Esta possibilidade é simbolizada pelo vestuário de peles cuja nudez o Criador cobre a nudez do homem. Adão e Eva quiseram cobrir a sua vergonha com «folhas de figo» (Génesis 3:7). Esta peça de vestuário não é resistente. Então Deus, como bom Pai, ofereceu-lhes «túnicas de pele e vestiu-as» para expressar a sua compaixão e encorajar o homem a procurar uma saída para a sua confusão. Isto permite àqueles que amam a Deus encontrar o seu caminho de volta para Ele, sabendo que Ele é compreensivo, que Ele os ajudará a reformarem-se à Sua imagem perdida pelo pecado (Romanos 5:12-16 / Colossenses 3:10). Pois o pecado destrói a imagem de Deus em nós. Através do pecado, Satanás moldou a humanidade à sua imagem. Jesus veio para restaurar a humanidade à imagem de Deus.

Após a queda, «o homem chamou à sua esposa 'Eva', porque ela era a mãe de todos os crentes» (Génesis 3:20). Este novo nome de Isha indica uma nova situação: a mulher já não está atrás

do homem, mas depois da sua grande missão: dar vida à humanidade. Para Eve, em hebraico, chama-se «Havva», que significa «vida». Note-se que o nome do homem, «Adam», não é mencionado. Mais tarde o nome Adam foi-lhe dado em relação à sua origem, porque «Adama» em hebraico significa «terra», «barro» ou «lama» a partir da qual Deus formou o homem. Daí o seu nome «Adam» que é traduzido como «Terroso», «Barro» ou «Lama» em relação à sua extracção. O nome Adam é mencionado pela primeira vez em Génesis 4:25.

Após a queda, a atitude de Deus para com o homem muda: com um toque de ironia, ele diz da sua criatura: «Eis que o homem se tornou como um de nós; ele conhece o bem e o mal» O homem merecia ser ridicularizado. Ele também merecia ser retirado do Paraíso antes de cometer outra estupidez: «Ele podia esticar a mão e **também** colher da árvore da vida para comer dela e viver para sempre!...» (Génesis 3:22). Outra ironia merecida e humilhante. Pois o homem gostaria de viver para sempre... como Deus... sem morrer, mas na terra, e sem ter de comparecer perante o Juiz Eterno. Não é este o desejo de muitos homens que procuram soros de longevidade? E pelos meios mais ridículos: as empresas embalsamamam os corpos dos clientes interessados a um preço elevado e mantêm-nos em frigoríficos especiais até que o produto «milagroso» seja descoberto, para o injectar no corpo e «ressuscitar» o cliente... encantado por voltar a encontrar vida neste mundo.... Mas estas empresas de «ressurreição» devem elas próprias estar vivas...!

O que significa para o homem ser expulso do Paraíso? Será para ser exilado de um lugar terreno? Não, não é essa a questão: o paraíso é um estado de espírito: felicidade. O ser humano estava plenamente feliz antes de decidir tomar conta de si mesmo, para se libertar de Deus. O Criador tinha dado tudo ao homem, gratuitamente. Não lhe faltava nada, nem espiritual e psicologicamente, ser preenchido com o amor do seu Criador, nem materialmente, ser preenchido com a abundância dos produtos da terra. A vida era livre de problemas em todos os aspectos. O que tornou a vida difícil, se não impossível por vezes, foram os sistemas económicos introduzidos pelos homens gananciosos pela posse, um modo de vida prejudicial (vida mundana cara, bebidas alcoólicas, charutos, cigarros, jogos de azar, casinos, roupas de marca, etc.). No entanto, a terra produz calma e constantemente para todos. Os produtos são tão abundantes que alguns países ricos têm mais; este excedente é destruído para manter os preços elevados, em vez de ser distribuído para o faminto Terceiro Mundo. Os trusts internacionais e as sociedades de consumo não têm feito as pessoas felizes: é desemprego, inflação, insatisfação no mundo. Uma grande parte da economia mundial é dedicada às armas de destruição... E a terra que Deus criou continua a dar ao homem o melhor que ele tem para oferecer... E o homem esforça-se por tornar a terra cada vez menos habitável e capaz de o alimentar, poluída pelos resíduos nocivos (nucleares e outros) com que está a saturá-la.

O homem sempre quis teimosamente viver a **sua** vida como lhe apeteceu, sem Deus. O resultado? Os ricos têm tudo o que o dinheiro pode comprar, mas não estão satisfeitos, porque o dinheiro não pode comprar felicidade e paz de espírito. Apesar da abundância em que vivem, muitas pessoas ricas preferem o suicídio à vida. Isto é porque a sua vida é sem Deus. A «independência» do homem tornou a vida difícil e desagradável para ele. É por isso que Deus tinha dito ao homem que a terra seria amaldiçoada «por tua causa (***por sua conta***). Com muita dor, viverá todos os dias da sua vida. Pelo suor da sua testa comerá o seu pão (***devido à sua má gestão***)» (Génesis 3:17-19). O homem tende sempre a fechar-se à orientação do Criador, preferindo rodear-se de conselheiros humanos menos eficazes. Mas Deus é aquele «Conselheiro maravilhoso» de quem fala o profeta Isaías (Isaías 9,5).

Assim, o homem foi banido da felicidade ao rejeitar a Fonte com as suas próprias mãos. A partir daí, vagueia em busca de um substituto para a verdadeira felicidade, acreditando que a encontrará por vezes em dinheiro, por vezes em prazer ou em vã glória. O texto de Génesis diz que «Deus o enviou do jardim do Éden para lavrar o solo» (Génesis 3,23). Se Deus mandou o

homem embora, foi porque queria viver a sua própria vida sem a intervenção de Deus; deixe-o portanto ir ao ponto do esgotamento para cultivar o solo, o solo que estava pronto para lhe dar tudo sem se cansar (Lis Mateus 6:24-34). Mas o homem preferiu deixar-se engolir pela matéria.

A queda original teve assim duas consequências infelizes para toda a humanidade:

1. O primeiro, o mais prejudicial, é psicológico e espiritual:

O espírito e a alma do homem caíram no corpo, ficando sujeitos à carne, adormecidos, como se estivessem anestesiados. O choque que receberam fê-los literalmente perder a consciência. O homem perdeu assim as suas faculdades espirituais e psicológicas, tornando-se frágil, incapaz de se orientar **a partir de dentro**. Esta queda leva ao vaguear do coração e do intelecto; a angústia instala-se na alma humana. Pœtas, filósofos e intelectuais de todos os tempos têm procurado em vão compreender e analisar as razões da ansiedade humana. Só a Revelação Divina nos iluminou.

A desobediência do homem introduziu Satanás no subconsciente de toda a humanidade. Satanás obteve o direito de habitar e intervir na vontade do homem e agora fala em seu nome. Ele disfarça-se de usurpador da identidade do homem. Assim, quando dizemos «eu» ou «eu quero», devemos discernir quem está a falar. **Quem é este «eu», que fala em nós?** Quem deseja? Deus, Satanás ou nós próprios? Esta é a base do discernimento. Cristo vem para nos «reconectar» a Deus e para nos libertar de parasitas satânicos. É por isso que Jesus diz aos seus inimigos: «O teu pai é o diabo, e tu queres satisfazer os desejos do teu pai» (João 8,44). Eles não estavam conscientes disso, mas estavam dispostos a isso. É sempre salutar assegurar que o que se deseja está em harmonia com a vontade de Deus, com o seu plano para a libertação da humanidade.

Tendo caído inteiramente no seu corpo, o homem só podia descobrir a vida da alma a partir das sensações físicas, uma vez que a reflexão e os sentimentos estavam encerrados no corpo. O homem vive agora preso à terra, incapaz de encontrar sozinho e dentro de si a vida da alma, da qual sente apenas uma vaga nostalgia.

Apesar disso, Deus, através de Jesus, estende a mão ao homem. Aquele que agarra esta mão divina vê a sua alma elevar-se ao seu destino original. Este regresso da alma à vida é chamado pelo Evangelho «A Primeira Ressurreição» (Apocalipse 20,5-6 / João 5,25-26).

2. A segunda consequência é material e temporal:

A vida do homem na terra é dificultada pela culpa do próprio homem.

Toda a história da salvação humana visa fazer sair o homem da confusão em que voluntariamente se meteu. Foi preciso todo o amor e génio de Deus, o seu terno Criador, para o fazer sair do seu desnorteamento através do seu Enviado: Jesus.

A moral desta história é que não se deve entrar em diálogo com a tentação: não se discute com o diabo, tal como não se brinca com o fogo. Não façamos como Eva que permaneceu para contemplar o que era proibido, achando-o bom quando Deus tinha dito que estava a dar a morte. Vamos acreditar em Deus, mesmo que o mal **nos** «pareça» bom. Que a culpa de Eva nos sirva para desmascarar a morte que se nos apresenta de uma forma sedutora. Façamos como Maria, aquela jovem de coração puro que merecia ser a digna Mãe do Messias, o Salvador dos homens. Ela nunca aceitou ouvir a voz sedutora da «serpente» satânica, simplesmente ignorou-a, tendo olhos e ouvidos apenas para Deus, querendo realizar apenas o Seu plano. É por isso que ela é chamada a «Nova Eva», a nova Mãe dos vivos, ou seja, dos crentes, Ela cujos filhos esmagam o crânio do diabo (Génesis 3:15).

Expliquei longamente os três primeiros capítulos do Génesis a fim de inculcar em si um espírito que lhe permita compreender a Bíblia de acordo com a intenção de Deus. Tenha o cuidado de compreender as histórias que leu sobre a criação e a queda à letra. Procurar um significado

espiritual profundo através das alegorias, sem estar ligado pelo significado literal que fecha o horizonte da procura e da compreensão. O mundo não foi criado em 6 dias, nem o sol no 4º dia; uma serpente não se apresentou materialmente a Eva: esta serpente simboliza as ideias inspiradas pelo diabo ao homem em geral e não necessariamente à mulher de uma forma subtil e tortuosa, como uma serpente, para seduzir sem ser reconhecida.

Por outro lado, podemos acreditar na teoria da evolução sem deixar de acreditar em Deus. Neste caso, Deus teria criado de uma forma evolutiva. Não há nenhum fundamento científico que apoie aqueles que afirmam que a evolução demonstra a inexistência de Deus: se há evolução, há portanto «Aquele» que a faz evoluir: Deus. É Ele quem terá «programado» esta evolução, à medida que um embrião se desenvolve (evolui) de germes minúsculos para o tamanho humano adulto. Aqueles que acreditam na teoria fixista (isto é, que Deus criou o homem tal como ele é, sem evoluir de uma fase animal inferior) e os defensores da evolução concordam assim com o ponto essencial para a Bíblia: Deus é o único Criador. Cabe à ciência determinar o modo de criação!

Agora, leia Gênesis capítulo 4 antes de continuar o curso.

2.4 Caim e Abel: o homem mata o homem seu irmão (Génesis 4)

Acaba de ler uma história simbólica, que revela como o mal se espalhou na terra entre o homem e o homem, seu irmão, depois de ter sido cometido pelo homem contra Deus, seu «Pai».

Esta história, como as que a antecederam, é alegórica e não deve ser entendida literalmente, uma vez que não aconteceu exactamente dessa forma. Pois havia literalmente na terra apenas Adão, Eva e os seus dois filhos; quem seria esta «primeira vinda» por quem Caim temia ser morto (Génesis 4:15)? Portanto, estamos a falar de gerações, e os nomes de Caim e Abel são apenas simbólicos: não têm realidade histórica. Todos os dias Caim mata Abel.

Porque é que Deus recusou a oferta de Caim e aceitou a de Abel? Este é um ensinamento que a Bíblia nos quer dar. Muitas pessoas insistem no desenvolvimento histórico desta história, sem tentarem descobrir a sua **moralidade**.

Para compreender este texto, é preciso ler nas entrelinhas. Note-se que Caim apresentou «produtos do solo» (*... quaisquer... os maus, em vez de se livrar deles... e de se livrar do pesado dever de oferecer algo a Yahweh*). Por outro lado, Abel «ofereceu o **primogénito** (*o melhor que tinha*) do seu rebanho, e **até** a sua gordura (*tão preciosa para guardar para cozinhar...*). Mas para Abel nada era demasiado bom para Deus)». Isto significa que Caim ofereceu-se relutantemente, com ganância e cœrção, sem amor. Por outro lado, Abel ofereceu o melhor de forma espontânea e com todo o seu coração. Compreende-se então a atitude de Deus. Agimos da mesma forma e recusamos com demasiada frequência um presente oferecido por pessoas com más intenções.

Recusar um presente de alguém é rejeitar a pessoa que o apresenta. Deve haver boas razões para o fazer. Perante a rejeição de Deus, Caim deveria ter tomado consciência das suas próprias falhas, por respeito pela dignidade d'Aquele a quem queria oferecer os seus dons imperfeitos. Deveria ter-se recomposto, ter pedido desculpa, e depois ter-se redimido, fazendo de boa vontade uma oferta agradável.

Deus disse aos padres judeus através do profeta Malaquias: «Despreza-me.... Traz-se o animal roubado, o coxo e o dœnte, e traz-se como uma oferta. Posso aceitá-lo com as suas mãos? Maldito seja o patife que tem no seu rebanho um macho que prometeu por voto e que me sacrifica uma besta podre» (Malaquias 1,13-14).

O Profeta Amós também diz aos judeus em nome de Deus: «Não encontro prazer nas vossas ofertas, não as quero» (Amós 5,22), e depois acrescenta que a oferta aceitável de Deus é a

prática da bondade e da justiça (Amós 5,24). É porque estas ofertas foram feitas no espírito de Caim que Deus as recusou.

Tudo o que é dado sem amor não tem qualquer valor aos olhos de Deus. Jesus tinha elogiado uma mulher pobre que tinha colocado apenas uma pequena mœda na caixa dos pobres, julgando que ela tinha colocado mais do que os ricos, tendo dado com todo o seu coração e com o necessário, não com o supérfluo (Lucas 21:1-4). No mesmo espírito, Paulo diz que dar todo o seu dinheiro aos pobres sem dar amor é inútil (1 Coríntios 13:3).

Ao ver-se rejeitado, Caim ataca o seu irmão em vez de se arrepender. Ele agravou a sua condição, deixando-se levar pelo ciúme e inveja ao ponto de matar o seu único irmão. E quando Deus lhe perguntou sobre o seu irmão, respondeu arrogantemente: «Sou eu o guardião do meu irmão?» Longe de ser o seu guardião, ele era o seu executor! E assim Deus amaldiçoou Caim pelo seu crime, pela sua impenitência e impertinência...

A maldição de Caim é a segunda mencionada no Génesis. A primeira maldição divina caiu sobre o diabo. Caim representa assim os descendentes e a imagem do diabo na terra. Esta descendência amaldiçoada será o instrumento de Satanás ao longo dos séculos. Os filhos da Mulher, a «Nova Eva», são chamados por Deus para lutar e vencer esta descendência diabólica (Apocalipse 12:17).

Qual é o significado do sinal que Deus colocou em Caim para que ele não fosse morto? É simbólico e representa a violência cuja face deste fratricídio é marcada para sempre. A sua testa severa, o seu rosto duro e o seu olhar perverso reflectem o ódio enraizado na sua alma. Portanto, não é Caim que deve ter medo do «primeiro a chegar», mas, pelo contrário, a partir de agora todos terão de temer este criminoso, apenas pela sua aparência.

É Caim e os seus semelhantes que assustam as pessoas, pois se um Caim for morto, ele será vingado por «7» outros. Caim, expulso por Deus, hesita em ir embora sob o pretexto de que será morto. Ele desejava ficar com Deus, não para se arrepender e mudar a sua vida, mas para estar a salvo... enquanto comete o mal. Deus disse-lhe: «Vai, sai daqui; não és tu, criminoso, que deves ter medo dos outros, mas sim tu que assustas sete outros», ou seja, uma multidão (Génesis 4:15). O número 7 é simbólico: indica plenitude; Jesus diz a Pedro para perdoar 77 vezes 7 vezes 7 vezes àqueles que sinceramente se arrependem, ou seja, um número ilimitado de vezes (Mateus 18,21).

Caim acaba por «retirar-se da presença de Iavé para permanecer na terra de Nod» (Génesis 4:16). Esta terra é simbólica: Nod significa «vaguear» em hebraico e simboliza a perda da alma. Não é portanto um lugar geográfico, mas um triste estado de alma, ainda pior do que isso devido ao pecado original. Pois para este tipo de pecado que merece a maldição de Deus não há esperança de libertação da alma: é pecado contra o Espírito de Deus pelo qual o perdão não é possível, uma vez que não há arrependimento (Luk 12,10/ 1 João 5,16-17).

Através de Caim e dos seus companheiros, o mal espalhou-se e agravou-se no mundo, com os filhos de Caim a tornarem-se ainda piores do que o seu pai fratricida. Este é o significado da história de Lamech (Génesis 4,19-24). Leia-o novamente: Lamech ameaça as suas duas esposas, Ada e Cilla, com as piores represálias, mostrando o seu carácter intratável e bestial: ele matou um homem que só o feriu e uma criança porque lhe bateu; porque «se Caim é vingado 7 vezes, Lamech é vingado 77 vezes mais...!» Depois de Caim, a violência aumenta, e os seus descendentes são infinitamente mais violentos do que os seus antepassados fratricidas. Compreende agora melhor a expressão «ser vingado 7 vezes»; lembre-se que o simbolismo do número 7 é plenitude ou suficiência, como quando dizemos: «Eu repeti isso 100 vezes...»; o que queremos dizer é que repetimos tal e tal assunto um número suficiente de vezes para ser compreendido.

Deus, querendo restaurar a bondade na terra, dá a Adão e Eva outro filho: «Adão tinha 130 anos quando gerou um filho à sua imagem» (Génesis 5:1-3). Este novo filho é o antepassado dos homens que devem combater o mal espalhado por Caim e os seus descendentes.

Note-se que este novo filho, chamado Seth, está à imagem de Adão, não à imagem de Deus, deformado em Adão por sua culpa. Imagem deformada, mas não completamente destruída, como foi o caso de Caim e Lamech. A restauração da imagem divina é assim possível no caso de Seth e dos seus semelhantes. Esta «cirurgia estética» espiritual tem como objectivo reformular o aspecto moral do homem para o de Deus. O seu modelo é o Rosto luminoso de Jesus que, por sua vez, nos dá o protótipo do rosto aprovado por Deus, o de Maria sua Mãe. Rendendo-se à vontade divina, Maria respondeu ao anjo Gabriel anunciando o nascimento de Jesus: «Eu sou a serva do Senhor, para que me seja feito segundo as tuas palavras» (Lc 1,38). Que Maria nos ajude a recuperar a imagem de Deus, a fim de evoluirmos para a perfeição humana, cujo cume é assemelharmo-nos a Deus.

Assim, depois da culpa de Adão, os homens geram os seus filhos à sua própria imagem, não à imagem de Deus que era perfeito em Adão antes da queda. Este é o triste legado do pecado original: uma imagem divina que se tornou desfocada, quase irreconhecível dependendo do caso, mas que pode ser recuperada sob certas condições. Aqui reside a responsabilidade dos pais. Que imagem de Deus dão os pais aos seus filhos? Que ideia é que eles próprios têm de Deus? Será que eles, pelo menos, têm a preocupação de conhecer Deus, de descobrir o Seu verdadeiro «Nome», o Seu verdadeiro rosto, o que Ele realmente é, a fim de O revelar aos seus descendentes? Será que querem ser bons pais, ajudando os seus filhos a evoluir, ou será que os impedem de ter a sua própria imagem distorcida? Todas estas são questões que este texto nos convida a colocar a nós próprios no programa de descondicionamento e sensibilização empreendido no início desta viagem espiritual. A oração ensinada por Jesus: «Pai, santificado seja o teu nome», assume toda a sua importância e significa: «Pai, para que eu possa conhecer o teu verdadeiro rosto, para que eu o reflicta».

Eva nomeou o seu novo filho Seth (em hebraico «Shat» significa «Concedido»). Ela deu-lhe esse nome porque Deus «**lhe concedeu outro filho**» para substituir Abel. Seth está à imagem de Adão, não de Deus. Lembre-se bem do seu nome porque os escritores bíblicos fizeram dele o sucessor de Adão e o antepassado dos «filhos de Deus» na terra, a linhagem de «a Mulher» que deve esmagar a cabeça da serpente satânica (Génesis 3,15).

Leia o capítulo 5 do Génesis e esteja atento às frases que se repetem rítmica e **intencionalmente**: «Tais (*o nome é dito*) geram tais (*o nome é dito*) e (*outros*) filhos e filhas (*cujos nomes não são registados*)». Há uma intenção para isso: aqueles cujos nomes são mencionados são considerados como os antepassados dos judeus. Os que não são mencionados são os antepassados de outros povos. Lembre-se que dar um nome é dar valor, e abster-se de o nome é desprezar. Esta genealogia imaginária visa separar os homens em duas categorias: os escolhidos que são nomeados e os caídos que não têm nome.

Os escritores do Génesis (escribas e sacerdotes judeus) pensavam que apenas os judeus estavam «à imagem de Deus». Esta árvore genealógica foi inventada por eles para elevar a dignidade dos judeus à custa dos gentios (goïms) da época. Não tem, portanto, qualquer realidade histórica.

Os judeus consideram-se os únicos «filhos de Deus» na terra, descendentes directamente de Set e da sua linhagem **que leva um nome**. Apresentam-se como o «povo escolhido». Segundo eles, os «outros filhos e filhas» da linhagem de Seth, aqueles que não são nomeados, não levam a imagem de Deus, não estando à imagem de Seth e dos seus descendentes nomeados. É por isso que não são considerados pelos judeus como homens, mas «homoides», um grau inferior ao dos homens (os judeus) e um grau superior ao dos animais, algures entre o judeu (que é homem) e o símio.

A interpretação espiritual desta genealogia é a seguinte: os «chamados» descendentes de Set e a sua linhagem representam todos os homens justos e bons de todas as raças e nações; os outros «filhos e filhas» sem nome representam os descendentes malvados e homicidas.

Dois nomes simbólicos devem ser lembrados nesta genealogia fictícia: Enoque e o seu filho Matusalém. Enoque porque não morreu, mas «desapareceu, porque Deus o levou» sem o fazer morrer fisicamente por causa da sua retidão: «Enoque caminhou com Deus», diz-nos Génesis (Génesis 5:21-24). Note-se a idade de Enoque: 365 anos, o número de dias no ano solar. Outro homem justo conhecia o destino de Enoque e não morreu: o profeta Elias, levado para o céu vivo. Lerá a sua história mais tarde (2 Reis 2:11-13). Enoque e Elias são duas grandes figuras a serem conhecidas: tornaram-se símbolos de uma fé ardente e corajosa. O seu arrebatamento pode ser entendido como um facto simbólico ou real, mas acima de tudo é necessário recordar a sua moralidade: os crentes fiéis não morrem, como Jesus ensinou (João 8,51). De acordo com Génesis, Matusalém viveu mais tempo na Terra: 969 anos.

Isto traz uma palavra sobre a longevidade da vida destes homens. É real ou simbólica? Um pouco de ambos. É real, mesmo que exagerado, porque quanto mais mal e materialismo aumentam no mundo, mais pessoas sofrem de várias dœnças e frequentemente morrem na sua juventude. É comum, por exemplo, hoje em dia, quando a vida quotidiana exige actividade stressante para algumas pessoas, ver os jovens morrerem de ataques cardíacos. Cigarros e vida demasiado activa encurtam a vida. O ritmo turbulento da vida moderna é contrário à natureza humana. Os nossos antepassados levaram um ritmo de vida mais descontraído. Além disso, «caminharam com Deus». A lição a aprender com a longevidade dos antepassados que carregaram a imagem de Deus é que é preciso caminhar com Deus se se quiser viver uma vida longa. É por isso que os escritores sagrados relatam que Deus, após o aumento do mal, decidiu encurtar «a vida do homem na terra para 120 anos» (Génesis 6:3-5).

Leia Génesis 6, depois continue a ler o curso.

2.5 Aumento do Mal e Punição pela Inundação (Génesis 6)

De acordo com Génesis 6:2, o mal aumentou na terra porque «**os filhos de Deus** acharam belas as **filhas dos homens** quando lhes agradaram, e levaram tantas quantas quiseram como esposas». Quem são estes «filhos de Deus» e «filhas de homens»? Para os escribas e rabinos que escreveram este texto, só os judeus são «filhos de Deus» (em hebraico «abençoado Elohim»), da **raça divina**. Esta mentalidade foi adquirida com o tempo; deve-se ao facto de que há 4000 anos atrás, os judeus eram os únicos a acreditar no único Deus quando o resto da humanidade era pagão, politeísta e idólatra. Os judeus acreditavam que seriam para sempre os únicos «filhos de Deus», tal como os cananeus eram «filhos de Baal», os gregos «filhos de Zeus» e os egípcios «filhos de Ra». Jesus subjugou os judeus quando ensinou que todos os que acreditam nele, de cada raça e nação, se tornarão filhos de Deus (João 1,12).

A culpa dos judeus é acreditar que eles são os únicos dignos de Deus. Queriam monopolizá-Lo, apropriar-se d'Ele. Deus era apenas o seu Deus e não devia pertencer a nenhuma outra pessoa. Portanto, quando os Apóstolos de Jesus quiseram ensinar os gentios, os judeus impediram-nos de o fazer (1 Tessalonicenses 2,16). Então Paulo rebelou-se contra eles, dizendo: «É Deus o Deus apenas dos judeus, e não dos gentios? Certamente também dos gentios»! (Romanos 3:29).

Segundo os escribas e rabinos, os judeus, sendo filhos de Deus e da raça divina, não devem casar com não-judeus; humilham-se tomando «filhas de homens» como esposas. Os filhos de tal casamento não são considerados judeus, pois apenas os nascidos de uma mãe judia são judeus. Os «filhos de Deus» deviam casar apenas com «filhas de Deus». Nem sequer deviam associar-se com não-judeus por medo de serem atraídos por eles para a adoração de ídolos (Números 25:1-2).

Os casamentos mistos foram severamente condenados (Deuteronómio 7,3-4 / 1 Reis 11,1-2 / Esdras 10,44 / Neemias 10,31). Contudo, há muitos exemplos de casamentos mistos mencionados na Bíblia, mesmo entre reis (Rei Salomão (1 Reis 11,1-2) / Rei Ahab (1 Reis 16,31)). O livro de Rute conta a história de Rute, uma moabita não judia que casou com um judeu. Quando ele morreu, ela casou com outro judeu «Boaz», e está com ele entre os antepassados do Messias (Mateus 1:5). Isto confunde a mentalidade estreita e fanática dos escribas que inventaram histórias para justificar o seu racismo em nome de Deus.

Génesis 6:2 não deve ser entendido literalmente, mas sim no seu sentido espiritual: «os filhos de Deus» são aqueles que procuram Deus, crentes e pessoas de boa fé de todo o mundo. Jesus ensinou-nos que «todos os pacificadores serão chamados filhos de Deus» (Mateus 5,9). Isto aplica-se a todas as pessoas, e não apenas aos judeus. Estes «filhos de Deus» (homens ou mulheres) não devem ser seduzidos pelo corpo e pela beleza física, mas pelo espírito da pessoa a casar. Devem certificar-se de que o cônjuge é uma escolha divina e será uma ajuda para ascender a Deus, não um obstáculo para a elevação da alma. O objectivo do casamento deve ser o de se aproximar de Deus, não o de servir interesses materiais.

A expressão «filho do homem» ou «filho do homem» foi entendida pejorativamente e aplicada aos não judeus. Jesus, para se opor a este espírito chauvinista, aplicou este título (João 3,14) com o de «o único Filho de Deus» (João 3,18). Ele é aquele «Filho do Homem» anunciado pelos profetas (Daniel 7,13), a cabeça da linhagem **humana** da mulher que deve esmagar a cabeça da serpente infernal, mas ele é também o único Filho de Deus e «dá poder a todos os que acreditam nele para se tornarem filhos de Deus» (João 1,12). Com este versículo, o Evangelho esclarece-nos sobre o significado **espiritual** de Génesis 6,2, considerando todos os verdadeiros seguidores de Jesus como os «filhos de Deus». Neste sentido, Paulo diz: «Se pertenceis a Cristo, sois descendência de Abraão...» (Galatianos 3:29). A descendência carnal não tem valor para Deus.

Vendo que o homem deseja ser carnal e não espiritual, Deus remove desta criatura irreflectida o seu Espírito humilhado. Como resultado, a vida humana é reduzida para 120 anos. Isto significa que não podemos viver muito tempo sem Deus. Não devemos compreender estes 120 anos numericamente, já que há algumas pessoas santas que não vivem tanto, e outras que vivem mais, sem se preocuparem com Deus... Estes últimos não sentirão o sabor das alegrias da Vida Eterna. Este é o ensinamento de Génesis 6:3: ter uma vida longa significa participar na **vida** eterna.

Quanto aos «nefilins» (homens gigantes) de quem o Génesis 6:4 fala, «aqueles heróis de outrora», representam o homem antes da difusão do mal na terra: era a sua dignidade que era grande. Os homens que vieram depois de Deus ter retirado o seu Espírito da Humanidade, aparecem como anões em comparação com os seus antepassados.

A grandeza destes antepassados «gigantes» deveu-se ao espírito de Deus que os inspirou, dando-lhes **grandeza de alma**. Foi o Espírito de Deus neles que os fez «aqueles heróis dos velhos tempos, aqueles homens famosos» que eram Seth, Enosh, Enoque e Matusalém, etc., etc., etc.

Este texto do Génesis, como tantos outros, não deve portanto ser entendido literalmente, não devemos acreditar numa grandeza física destes gigantes (os «nefilins»). Também não devemos compará-los aos anões ou à raça dos pigmeus que também são capazes de se tornarem filhos de Deus e gigantes espirituais. Na verdade, Jesus veio precisamente para devolver aos seus discípulos de cada raça o Espírito de Deus que tinha deixado uma humanidade indigna (Génesis 6,3). Leia João 14:16-17. Este dom do Espírito divino é dado aos verdadeiros crentes, independentemente do tamanho do seu corpo.

2.6 O Dilúvio (Génesis 6:5 a Génesis 7:24)

A arqueologia descobriu enterrado sob o Oceano Atlântico um continente que foi chamado «Atlantis». Sob as águas do Pacífico é enterrado outro continente, o de «Mû». Estes continentes ruíram nestes 2 oceanos após um cataclismo geral que ocorreu há 25.000 anos. Foram descobertos vestígios de uma civilização altamente evoluída em ambos os continentes. Esta civilização foi exterminada. Os sobreviventes transmitiram a informação às gerações seguintes e a humanidade manteve a memória da mesma.

A arqueologia também nos diz mais sobre este cataclismo: em relatos babilónicos **pré-bíblicos**, fala-se de uma inundação que destruiu a humanidade. Estes relatos foram escritos 2000 anos a.C., ou seja, 1000 anos **antes da** escrita do Génesis. Quando os escritores da Bíblia escreveram a história da inundação, estavam simplesmente a relatar uma história que já era **conhecida** há séculos e escrita por **outros povos**.

Os babilónios tinham-no escrito em letras «cuneiformes», ou seja, em forma de pregos. O alfabeto babilónico consiste em pequenas varetas em forma de pregos, colocadas juntas de forma diferente para cada letra do alfabeto.

Há uma diferença essencial entre as histórias babilónicas e bíblicas: a história babilónica diz que «Os deuses decidem destruir a humanidade por causa dos seus defeitos. Ea (ou 'Enki', um dos deuses da Babilónia) avisa Uta-Napishtim e obriga-o a construir um barco, etc.». Os escritores bíblicos retomaram a história e monotecizaram-na, dizendo: «YAHVEH Deus decide destruir a humanidade por causa da maldade do homem». O nome de Uta-Napishtim foi alterado para «Noah» para lhe dar um som hebraico.

Aqui está um texto do livro «Flood and Noah's Ark» de André Parrot (Edição: «Cahiers d'archéologie biblique»; 15 de Fevereiro de 1955, página 32). Explica como os escritores bíblicos do Génesis foram inspirados por histórias existentes noutros lugares, mas monoteístas, purificando-as do seu conteúdo mitológico e politeísta, e dando nomes hebraicos aos protagonistas:

> **INUNDAÇÃO E ARCA DE NOÉ**
>
> Assim, o dilúvio marcou uma ruptura extremamente limpa na história, sem qualquer disputa. A memória do dilúvio estava viva na Mesopotâmia, bem como na Palestina, onde Jesus se referiu a ela no seu ensino dos últimos dias (Mateus 24:37-39 / Lucas 17:26-27).
>
> Em resumo, temos à nossa disposição na literatura bíblica e babilónica um conjunto de textos relacionados com um cataclismo devastador do qual, graças a uma «arca», uma família conseguiu escapar: a de Noé para a Bíblia, a de Uta-Napishtim, Atrahasis, Ziusudra, Xisuthros, para os babilónios. O parentesco de todas estas histórias é inegável, é óbvio para os menos informados. Poder-se-ia fazer uma sinopse deles, com variantes sem dúvida, mas também com um acordo impressionante quanto ao essencial. Indicamos algumas semelhanças notáveis:

GENESIS	TRADIÇÃO DAS CUNHAS
Yahweh decide destruir a humanidade por causa da maldade do homem.	Os deuses decidem destruir a humanidade por causa das falhas do homem.
Yahweh avisa Noé e obriga-o a construir um barco.	Ea (Enki) avisa Uta-Napishtim (Ziusudra) e obriga-o a construir um barco.
Este barco será cheio de animais, de modo a que a raça seja preservada em toda a terra.	Este barco será enchido com animais e sementes de toda a vida.
A inundação está a chegar. Javé dizimou todos os seres que se encontravam na superfície da terra.	A inundação está a chegar. Toda a humanidade regressou à lama.
Noé apercebe-se que as águas recuaram ao soltar aves (corvo, pombo).	Uta-Napishtim realiza a queda de água libertando as aves (pomba, andorinha, corvo).
Noé constrói um altar e oferece um sacrifício a Yahweh.	Uta-Napishtim oferece um sacrifício aos deuses.
Yahweh sentiu o cheiro calmante.	Os deuses cheiravam o cheiro bom.
Yahweh deixou de amaldiçoar os homens (versão J).	Enlil é reconciliado com Uta-Napishtim
Yahweh abençoa Noé e os seus filhos (versão P).	Enlil abençoa Uta-Napishtim e a sua esposa.

Fragmento de uma pastilha da Epopeia de Gilgamesh

O texto da tradição cuneiforme (*babilónica*) é um excerto da famosa epopeia de «Gilgamesh», o lendário rei que deu o seu nome à história que tem prevalecido no Médio Oriente desde o século 27 a.C. O tema geral da história é a busca da imortalidade, cujo segredo é conquistar uma planta no fundo da água que dá juventude (*pense na árvore da vida no Génesis*). Várias nações traduziram esta história para as suas línguas, existe uma versão suméria e, mais recentemente, as versões assíria e babilónica. A versão assíria é a mais completa e tem 326 linhas, das quais cerca de 200 são dedicadas à inundação.

Depois de expor um breve paralelismo entre o relato do Génesis e a versão babilónica, André Parrot conclui dizendo:

> «Qual é a história que está subjacente a todas as outras? A resposta deve ser: a mais antiga, e a mais antiga é obviamente a conta **babilónica** (*não a conta Génesis*). Isto assusta alguns exegetas que propõem uma solução média que, aos seus olhos, salvaguardaria melhor a doutrina da inspiração: haveria uma tradição primitiva (*não recuperada*) da qual teríamos duas versões, a sumero-babilónica, por um lado, e a israelita, por outro. Confessamos muito francamente que esta teoria apenas nos satisfaz muito mal e preferimos considerar que,**com** o relato bíblico do dilúvio, temos a **versão** israelita **de** uma tradição mesopotâmica cujos originais em pastilhas de barro estão nas nossas mãos e que os contadores de histórias bíblicas repensaram **à** luz do monoteísmo. Esta tradição (*oral*) da cheia foi trazida, juntamente com muitas outras, na sua maioria das tradições dos primeiros onze capítulos do Génesis, pelos **patriarcas** (*Abraão, Isaac e Jacob*) que emigraram dos países dos dois rios (*o Tigre e o Eufrates, onde as versões assíria e babilónica da cheia eram bem conhecidas*) e se estabeleceram na terra de Canaã. Os israelitas nunca detectaram que os seus antepassados tinham na altura adorado 'outros deuses' (Josué 24:2), e por isso partilhavam crenças bastante afastadas da fé Yahwist. É por isso que temos, nos capítulos 6 a 8 do Génesis, o relato da inundação que os mesopotâmios copiaram em cuneiforme, muito antes de os autores Yahwist (*judeus*) pensarem em colocá-lo por escrito. Fidelidade extraordinária à tradição oral que, em Israel, tinha assegurado a preservação desta tradição comovente durante um milénio».

As conclusões de A. As conclusões de Parrot não afectam a «doutrina da inspiração» como aqueles que estão apegados à interpretação literal do medo bíblico. A intenção dos escritores bíblicos era espalhar o monoteísmo através das histórias politeístas daquela época no Médio Oriente. O seu objectivo era santificar a história humana, despojando-a de todas as referências aos deuses da mitologia, para revelar apenas o único Deus: o Deus de Abraão.

Expliquei longamente estes primeiros capítulos do Génesis para vos dar o espírito com o qual os compreendereis. Daqui em diante, apenas salientarei os pontos mais importantes:

Génesis 9:12-17: fala do arco-íris como um **sinal da** aliança **eterna** entre Deus e os homens. Lembre-se bem deste simbolismo do arco-íris, pois encontrá-lo-á em Apocalipse (10:1) em torno da cabeça do enviado de Cristo nos tempos apocalípticos; pois é ele que deve restaurar a **verdadeira** Aliança **eterna** entre Deus e os homens. Este Convénio tinha sido restaurado por Jesus, mas mais tarde traído pelos cristãos. A missão do enviado apocalíptico é restaurá-lo.

Génesis 9 a 10: estes capítulos apresentam os 3 filhos **simbólicos** de Noé: Shem, Ham e Japheth. Esta genealogia não tem qualquer fundamento histórico; foi estabelecida pelos escribas com um propósito racista favorável aos judeus como o de Set in Genesis 5. Assim:

- Canaã, antepassado dos árabes, é amaldiçoado e relegado à categoria de «último dos escravos», ou seja, o escravo de Sem (antepassado dos judeus) e Jafé (antepassado dos ocidentais). Os escribas são rápidos a amaldiçoar Canaã, não Ham, o seu antepassado culpado; são os descendentes que são especialmente visados: os palestinianos e os árabes em geral (Génesis 10:14). Esta maldição, segundo os escribas e os rabinos, é válida para todos os tempos: nenhum palestiniano, nenhum árabe, para sempre, é poupado dela. Devem ser para sempre «escravos de escravos», destinados a servir Sem e os seus descendentes, bem como Jafé e os seus descendentes, sendo estes últimos apenas «escravos» ao serviço dos descendentes de Sem. Mas Canaã é «o escravo dos escravos».

- Escusado será dizer que Shem foi abençoado! Não é ele o antepassado dos hebreus? .... É o «Deus de **Shem**» que foi abençoado por Noé. Ele não é nem o Deus de Jafé, nem o Deus de Cão. Shem «é o antepassado de todos os filhos de Hebreus» (Génesis 10:21). Devemos compreender este versículo de acordo com a sua nuança hebraica (encontrada na Bíblia hebraica traduzida em francês pelo Rabino de França): «Shem, o pai de toda a **semente de** Heber (*os hebreus*)». Os israelitas consideram-se, erradamente, uma raça. Segundo eles, a bênção do seu antepassado Shem passaria exclusivamente para cada indivíduo da sua «raça», tornando-os sozinhos, os «filhos de Deus», que é apenas o Deus de Shem e os seus descendentes: «o povo escolhido». Os escribas acreditavam que outras nações nunca poderiam aproximar-se de Deus. Ele é **exclusivamente** o Deus de Shem, o Deus dos judeus. Lembre-se da observação de Paulo: «Será Deus o Deus dos judeus apenas? Não é ele também o Deus dos Gentios? Certamente também dos gentios» (Romanos 3:29). Aqui a dimensão **universal** dos ensinamentos de Jesus e do Novo Testamento torna-se clara.

- Quando Japheth é posto ao mar, «que habite nas tendas de Shem, e que Canaã seja seu escravo» (Génesis 9,27), a Bíblia do Rabinato francês diz: «e que Canaã seja **seu** escravo».

Isto é o mesmo que dizer que

- Os judeus (descendentes de Shem) são os mestres absolutos do mundo e dos homens.

- Os indo-europeus-americanos (descendentes de Japheth) são os seus «escravos»; podem «viver nas tendas de Shem», assim coabitar com os judeus, mas sem terem o direito aos bens pessoais: não vivem nas suas próprias tendas, mas «nas tendas de Shem» (uma nuance a não subestimar!...). Isto torna os judeus os proprietários indiscutíveis de todos os bens terrenos.

- Os Canaanitas (árabes) estão incondicionalmente ao serviço das duas categorias ou raças precedentes. É por isso que são os «últimos dos escravos», pois são escravos dos «primeiros» escravos, os descendentes de Jafé, que são, por sua vez, escravos dos «semitas».

Os autores desta fábula genealógica não hesitaram em fazer de Noé o único homem justo da época que merecia escapar ao dilúvio, um bêbado reduzido a perder os sentidos ao ponto de se desnudar ridiculamente: «Tendo bebido vinho, estava intoxicado e desnudou-se dentro da sua tenda».. (Génesis 9:21).

Estes delírios dividiram a humanidade numa hierarquia de três raças, em benefício da «raça» hebraica. É por isso que Paulo nos pede para ter cuidado com as «fábulas judaicas» (Tito 1:14) e «para evitar a investigação tola e a genealogia» (Tito 3:9) de que algumas pessoas gostam. O profeta Jeremias denunciou a «falsa caneta dos escribas» por ter introduzido na Bíblia, em nome de Deus, palavras estranhas a Deus (Jeremias 8,8), Jesus tinha-se revoltado contra os «escribas e fariseus hipócritas» por terem desviado o significado da Revelação divina das suas vantagens terrenas (Mateus 23 e 15,6-7).

Hoje somos convidados a **exorcizar o Antigo Testamento da Bíblia**, esvaziando-o do seu conteúdo racista, introduzido por «a caneta falsa dos escribas». Por outro lado, não há nada a exorcizar no Novo Testamento, que é em si mesmo um exorcismo. Somos chamados a ser especialistas na Palavra de Deus, crentes que **discernem** o que na Bíblia é de Deus e o que vem dos homens. Para não nos desviarmos, temos de ser como os peritos financeiros que reconhecem a verdadeira mœda do falso. Não é difícil quando o Espírito de Deus nos guia. Quem sabe Deus sabe como Ele pensa, o que Ele disse na Bíblia... e o que Ele nunca disse.

Exorcizar a Bíblia é um dever sagrado!

Génesis 11: A «Torre de Babel» simboliza o orgulho do homem que quer construir cada vez mais alto para impressionar e dominar. A «Torre Eiffel», «Arranha-céus» ou «Pirâmides» são, mas num espírito diferente, as actuais réplicas das torres altas, o «Ziggurat», que outrora foram construídas em Babel.

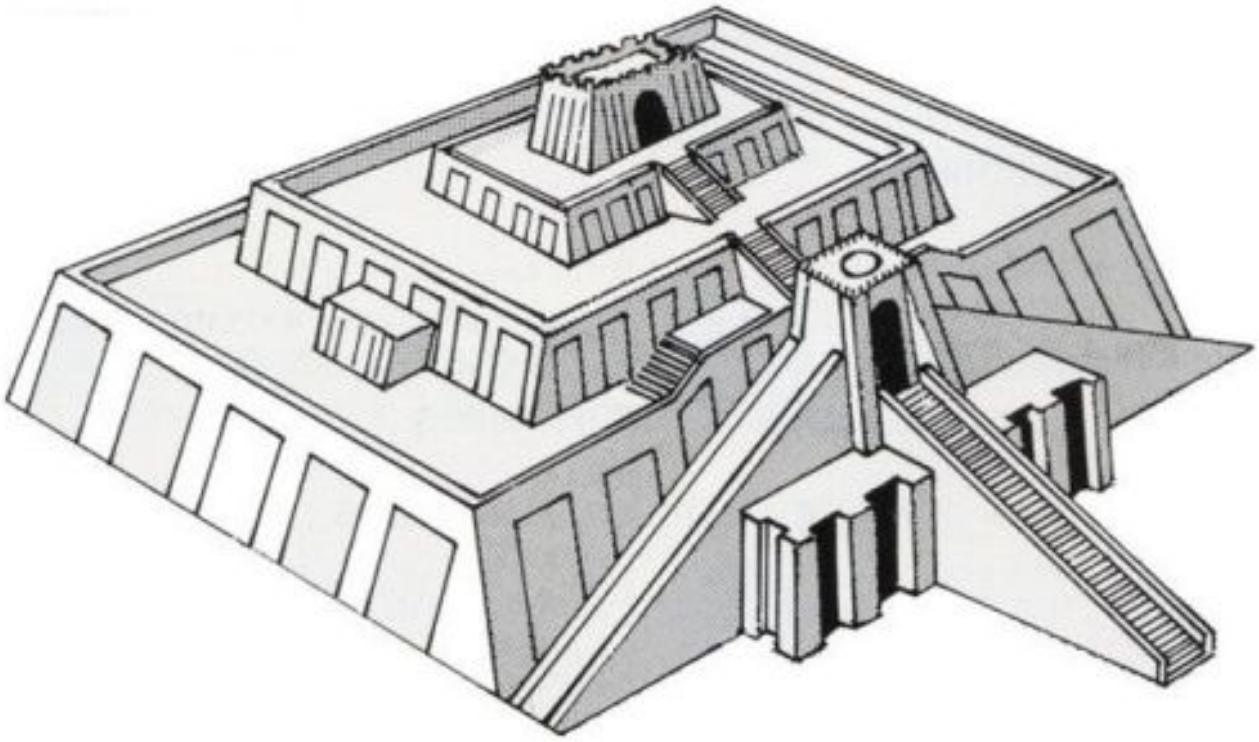
Deus confunde a vaidade dos homens com a vaidade dos homens. Eles que falavam apenas uma língua, ou seja, compreendiam-se mutuamente, agora já não se compreendem, cada um falando a sua própria língua, vendo apenas o seu próprio interesse pessoal. Isto significa que o egoísmo e o orgulho dividiram os homens, cada um querendo possuir tudo e ser superior ao outro, daí os conflitos. É assim que a história da Torre de Babel deve ser entendida. Portanto, não é o facto de construir edifícios altos que é condenável, mas é o espírito de vaidade com que é feito que torna o acto mau. Hoje em dia, mesmo aqueles que falam a mesma língua correm o risco de já não se compreenderem uns aos outros quando um quer dominar o outro.

Os verdadeiros seguidores de Cristo têm o Espírito de Deus que une os filhos de Deus. Eles entendem-se mutuamente, mesmo que cada um fale uma língua diferente. Pois apenas uma língua é a língua do amor, que é compreendida por um olhar, um gesto ou um sorriso. No Pentecostes, quando o Espírito Santo foi dado aos Apóstolos, eles surpreenderam os estranhos que os compreendiam cada um na sua própria língua: «Não são todos estes homens (*os Apóstolos*) que falam, galileus? Como é então que cada um de nós pode ouvi-los na sua língua materna»? (Actos 2:7). É porque o Espírito de Jesus estava lá para restaurar o que o orgulho humano tinha destruído. Pentecostes curou a ferida da Torre de Babel.

O Génesis 11 termina com uma genealogia que visa ligar, a todo o custo, Abraão a Shem. O objectivo desta «genealogia» é apresentar os hebreus como existentes na terra antes de Abraão, a fim de fazer crer que Deus, ao escolher Abraão, escolheu uma raça, a de «Shem», o antepassado de «Heber», um personagem imaginário, supostamente o antepassado dos hebreus, os «filhos de Heber» (Génesis 10:21 e Génesis 11:10-26). Isto faria dos hebreus o «povo escolhido». Explico no início da Lição 3 porque é falso acreditar que Abraão é de uma linhagem «hebraica».

Génesis 11:27-32 apresenta a família de Abraão: Terah, o seu pai, os seus dois irmãos: Nahor e Haran (que morreu deixando o seu filho Lot a Abraão) e Sarai, a sua mulher que era também sua meia-irmã. Viveram em «Ur», a grande cidade da época (no sul do Iraque), e depois emigraram para Haran, no norte da Síria, onde Deus apareceu a Abrão.

Aqui termina o estudo dos primeiros 11 capítulos do Génesis.



Ziggurat da Mesopotâmia

3. Lição 3 - De Abraão a Isaac (Génesis 12 a 24)

3.1 Abraham

Abraão apareceu na terra há vinte séculos a.C., há 4000 anos. Naquela época, Deus não era conhecido. Cada país tinha os seus deuses, um dos quais era superior aos outros, o politeísmo e a mitologia estavam por todo o lado com os deuses a mudar de nome de acordo com o país. A idolatria reinava em toda a parte sob a forma de estátuas de madeira ou pedra de deuses assírios, babilónicos, cananeus, etc. Os ídolos da mitologia grega invadiram 1500 anos depois de Abraão. Os impérios idólatras (assírios, babilónicos, gregos e romanos) opuseram-se ao monoteísmo emergente com uma recusa absoluta. Lutaram ferozmente contra ela e perseguiram os primeiros crentes. Um eco desta resistência ao monoteísmo pode ser encontrado nos regimes ateus modernos.

No tempo de Abraão, não existiam judeus nem hebreus. Ao contrário do que alguns afirmam, Abraão é um sírio de Haran, não um hebreu. Os escribas, para fins racistas, tentaram convencer os seus co-religionistas de um erro histórico, afirmando que os judeus existiam **antes de** Abraão como **povo** hebreu. Este último descenderia de um dos filhos de Shem, Heber, daí o nome hebreu. Alguns apresentam este povo como a **«raça» de** Heber.

Os filhos de Shem, de acordo com os escritores do Génesis, são: Elam, Ashur, Arpakshad, Lud e Aram. Note-se que estes filhos de Shem são nomes de **países**: Elam estava no sul do Irão e a sua capital era Susa, Ashur era Assíria (actualmente Iraque), Lud está provavelmente na Palestina (o aeroporto de Lod em Israel) e Aram é a Síria. Isto significa que todas estas regiões, tendo pertencido aos filhos de Sem, são propriedade dos hebreus por herança e formam o «Grande Israel», o império a que os israelitas aspiram hoje em dia. Estes limites são mostrados na mœda israelita actual.

Os escribas bíblicos, procurando justificar o seu sentido de ser o «povo escolhido», apresentam Abraão como já hebreu na altura da sua vocação, sendo «filho de Heber» descendente de Arpakshad (Génesis 11:10-26), filho de Shem. Este «Heber» terá dado o seu nome aos Hebreus (Génesis 11,14). Toda esta cena genealógica visa apresentar os hebreus como os escolhidos de Deus, todos juntos, na pessoa de Abraão. Assim, o mundo inteiro deve compreender que todos os judeus, de todos os tempos e lugares, formam o **único** «povo escolhido», **a única raça** escolhida e colocada por Deus acima de todas as outras raças.

É por isso que os escribas inserem com delicadeza em Génesis 14:13: «Abram , **o hebreu**». Este qualificador é sub-repticiamente escorregado pela «caneta falsa dos escribas» (Jeremias 8:8) para adquirir privilégios raciais e sócio-políticos. Moisés, para combater esta tendência fanática, lembra aos judeus que o seu pai Abraão, «era um **aramaico** errante (*sírio*)...» (Deuteronómio 26:5), não um hebreu. Basta ler Génesis para estar convencido de que toda a família de Abraão, os seus filhos e as suas esposas são sírios. Em nenhuma parte da Bíblia se fala de um povo hebreu pré-existente, Abraão. A história também não!

Por isso Deus escolheu **um homem** e não um povo, um **sírio** (aramaico) e não um hebreu. Os hebreus ainda não existiam nessa altura.

Deus abençoou Abraão e disse-lhe: «Por ti serão abençoadas todas as nações da terra» (Génesis 12,3). Os rabinos interpretam este versículo da seguinte forma: «Através de vós serão abençoados os judeus de todas as nações da terra» (Génesis 12,3). Esta interpretação restritiva não é a intenção de Deus.

A chamada de Deus veio a Abraão quando ele tinha 75 anos de idade e a sua esposa Sara tinha 65 anos de idade. Esteve então em Haran, a norte da Síria. Deus disse-lhe: «Deixa o teu país, os teus parentes, pela terra que eu te mostrarei. Farei de ti um grande povo...» (Génesis

12:1-2), «uma grande **nação**» é a tradução dos rabinos da escolha divina de Israel, para lhe dar um sabor político, israelita.

Mais tarde, Deus mudou o nome de Abrão para Abraão (Ab=pai), «pois farei de vós o pai de muitos povos» (Génesis 17:5). Aqui aparece o plano **universal** de Deus: engloba todos os homens e não é para benefício exclusivo de um grupo particular. Os judeus fanáticos vêem nesta multidão apenas os judeus espalhados entre as nações para governar o mundo. Estas nações são os descendentes de Jafé, os não-judeus «dos quais (os não-judeus) estavam **dispersos** entre as ilhas das nações, cada um segundo a sua própria língua, segundo o seu clã, e segundo a sua própria nação» (Génesis 10:1-5). As «ilhas das nações» representam as ilhas e países mediterrânicos e o mundo não judaico.

Jesus denunciou o racismo dos escribas e fariseus. Os seus discípulos compreenderam que Deus nunca tinha escolhido um «povo», mas queria **formar** uma comunidade de crentes da qual o Messias deveria nascer. A missão desta comunidade era preparar homens, todos os homens, para este grande plano divino, em vez de manter este plano de salvação universal apenas para si próprio. Os Apóstolos compreenderam que todos aqueles que acreditam em Jesus são filhos de Abraão, sendo esta filiação **espiritual**, não carnal. São Paulo diz: «Se pertenceis a Jesus Cristo, então sois descendência de Abraão» (Gálatas 3,29). Esta descida abençoada é portanto universal, incluindo todas as nações e raças, como foi anunciado a Abraão.

Abraão foi chamado 2000 anos a.C.; assim Cristo está exactamente entre ele e nós, homens do século XXI. Alguns interrogam-se porque é que Deus esperou tanto tempo para se manifestar à Humanidade. Houve tantos milhares de séculos antes de Abraão! A resposta é que o pecado original causou ao homem a perda das suas faculdades espirituais e psicológicas. O homem levou muito tempo a recuperar, ao longo dos longos séculos, um mínimo de capacidade de reflexão. Depois conseguiu atingir um certo grau de maturidade intelectual para compreender que Deus é **Espírito**, que é único, que não deve ser procurado em objectos materiais (sol, etc.) ou em ídolos. Ainda hoje, muitos são ainda incapazes de compreender as realidades espirituais e a existência do único Deus. Nas chamadas sociedades civilizadas ainda reina o fetichismo e a superstição. Ainda existem tribos politeístas em África, Ásia, América e Austrália. Perceberá como é difícil revelar Deus aos homens deste século: eles devem ter um mínimo de interesse espiritual e alcançar uma certa maturidade moral para aceitar Deus... ou para O recusar por interesses pessoais, mesmo depois de O terem conhecido.

Assim, André Gide, depois de se arrepender dos seus distúrbios homossexuais e de declarar o seu amor a Deus, dirige-se a Ele, dizendo

> «Perdoa-me, Senhor! Sim, eu sei que estou a mentir. A verdade é que, esta carne que odeio, eu amo-a ainda mais do que Tu» («André Gide par lui-même», Écrivains de toujours, Éditions du seuil, Claude Martin, 1963)

Há legiões de pessoas que pensam dessa forma.

Abraão foi convidado por Deus a deixar o seu país, a Síria, os seus parentes e a casa do seu pai. Ele teve de ser retirado do seu ambiente idólatra e politeísta para o isolar da contaminação espiritual e dos ataques adversos. Deus enviou-o para um lugar onde ninguém o conhecia para salvaguardar o seu plano e garantir o seu bom desenvolvimento. Abraão teve de se desligar da sociedade que o conhecia, de parentes e amigos que representavam um perigo para a sua nova fé. Este é o caso de cada pessoa que começa a descobrir Deus e a vida espiritual; isso desperta a animosidade dos materialistas. Jesus não disse: «Os inimigos serão os seus parentes»? (Mateus 10:36). Qualquer pessoa que ouve o chamado de Deus e quer deixar-se atrair pela vida da alma deve saber descondicionar-se, como desprender a sua mentalidade, como libertá-la dos laços que podem dificultar o seu impulso interior. Isto é explicado na «Preliminar» e na «Sensibilização». Devemos ter a coragem de romper com qualquer pessoa que nos impeça de evoluir, mesmo os

membros da família. O Salmo (45:11) diz à alma crente: «Ouve, minha filha, vê e ouve, **esquece** o teu povo e a casa do teu pai (*sê incondicionada!*): então o Rei (*Deus*) achar-te-á bela. Ele é o vosso Senhor: curvem-se perante ele!». E Cristo disse: «Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que eu, não é digno de mim (Mateus 10:37).

Aqui estão agora os pontos mais importantes desta lição:

3.2 Deus promete aos descendentes de Abraão e uma terra (Génesis 12:6-7)

Depois de pedir a Abraão que deixasse o seu país, a Síria, Deus disse-lhe que o protegeria e o recompensaria:»Não temas, Abrão! Eu sou o vosso escudo, a vossa recompensa será muito grande«. Esta declaração não satisfaz o Chamado:»Meu Senhor Javé, o que me dareis? Vou-me embora sem filhos«.. E Deus, para o consolar, promete-lhe descendentes tão numerosos como as estrelas (Génesis 15:1-6).

Sítios Mesopotâmicos e do Próximo Oriente da Antiguidade Relacionados com a História dos Patriarcas

A esta promessa Deus acrescentou a promessa de lhe dar a ele e aos seus descendentes uma terra de boas-vindas como compensação pela terra que tinha deixado:»Aos vossos descendentes darei esta terra«(Génesis 12:7). Os escribas deslocam-se abruptamente da prole reclamada por Abraão para uma terra não reclamada e não especificada. Só foi designado mais tarde: a terra de Canaã, na Palestina.

Este dom geográfico aos descendentes de Abraão está na origem da noção de»Terra Prometida«que os hebreus, ao longo dos séculos e erroneamente, atribuíram exclusivamente

a si próprios. Para corrigir esta má interpretação, é necessário compreender o que são, segundo Deus, esta terra e os verdadeiros descendentes de Abraão.

A terra que Deus promete não é um lugar geográfico, é o símbolo de uma realidade superior e eterna. É a felicidade celestial que Adão gozava antes da sua expulsão do Paraíso. Esta»Terra Prometida«simboliza o próprio Deus, o único que pode satisfazer plenamente a alma sedenta de vida e felicidade; o Criador é a única Pátria estável e segura. Para todo o sempre.

São Paulo confirma este facto **espiritual** da Terra Prometida dizendo:»Pela fé, Abraão obedeceu ao apelo para ir para uma terra que iria receber como sua herança.... Veio para ficar na Terra Prometida como numa terra **estrangeira**. ...porque ele estava à espera da Cidade com as suas fundações, das quais Deus é o Arquitecto«.. (Hebreus 11:8-10). Esta cidade **não terrestre** é o próprio Deus,»pois«, explica novamente Paulo,»não temos cidade permanente **aqui** na terra, mas procuramos a cidade do **futuro**«(Hebreus 13:14).

Quanto aos descendentes de Abraão, eles são os discípulos de Jesus. Paul salienta este facto, dizendo»Se pertencem a Cristo, então são descendentes de Abraão, herdeiros (*da terra celeste*) de acordo com a promessa«(Gálatas 3:29).

Deus convidou Abraão a estabelecer-se em Canaã para ali viver em paz com os habitantes da terra. Era intenção de Deus que esta primeira comunidade monoteísta espalhasse a luz do único Deus à sua volta com fraternidade e sabedoria. O propósito de Deus não era»expulsar os habitantes da terra...«como confessam sem vergonha os escribas sem vergonha no Livro dos Números (Números 33:55). São tais versos que Jeremias denuncia como mentiras (Jeremias 8,8). O propósito de Deus ao chamar Abraão nunca foi político ou nacionalista, mas sim espiritual e universal.

Quando os judeus entraram na Palestina no século XIII a.C., depois de terem saído do Egipto com Moisés, instalaram-se lá e quiseram criar um reino israelita. Esta politização do judaísmo foi condenada por Deus e pelos profetas.

A missão de Abraão não era estabelecer uma **nação**»como todas as nações«, mas **formar uma comunidade** monoteísta composta por todas as nações. Esta missão era revelar o único Deus e preparar a humanidade para acolher o Messias. Os judeus desviaram-se do plano universal de Deus ao transformarem o judaísmo em sionismo político.

Quando os escribas escreveram a Bíblia no século X a.C., o reino de Israel já tinha sido fundado. A escrita da Bíblia foi portanto feita num espírito já politizado e sionalizado. A Revelação Divina passou pelo prisma sionista, e os escribas tentaram inserir nos textos um tom e insinuações favoráveis à sua política. Os profetas não deixaram de denunciar esta prática»falsa«(Jeremias 7:22 / 8:8).

A fim de criar um Estado israelita, foram cometidos crimes indescritíveis no passado e continuam a ser cometidos hoje. Os profetas Miquéias e Isaías, oito séculos a.C., já tinham denunciado»os governantes da casa de Israel que abominam a justiça e constrœm Sião (*Sionismo*) com sangue e Jerusalém (*capital de Israel*) com crime«(Miquéias 3:9-10).»Ai daqueles que juntam casa a casa e se juntam campo a campo, de modo a ocuparem todo o lugar e permanecerem os únicos habitantes da terra«(Isaías 5:8).

Assim, de acordo com os próprios profetas, o nacionalismo judeu só pode ser construído sobre a injustiça.

No século XII a.C., Gideon compreendeu isto. A pedido dos israelitas para o proclamarem rei de Israel, ele recusou categoricamente:»Não serei eu quem reinará sobre vós, nem o meu filho, pois é Javé que deve ser o vosso rei«(Juízes 8,22-23). O profeta Samuel também se recusou a ceder ao pedido dos líderes israelitas que lhe pediram:»Estabelece para nós um rei para nos governar, como as outras nações«(Juízes 8:22-23). Isto desagradou a Samuel...» O profeta

tentou dissuadi-los, «mas o povo recusou-se a ouvir Samuel e respondeu:»Não, teremos um rei e também nós seremos como todas as nações«(1 Samuel 8,4-21). O povo percebeu então que ao fundar um reino tinha pecado gravemente e confessou a Samuel:» **Completamos** todos os nossos pecados pedindo um rei para nós«(1 Samuel 12,19).

Jesus, por sua vez, rejeitou um reino tão terreno. É por isso que, vendo que os nacionalistas judeus, deslumbrados com os seus milagres,»iam vir e levá-lo embora (***forçadamente***) para o fazer rei (*politicamente*), depois fugiu para as montanhas sozinho«(João 6:15). Quando Pilatos lhe perguntou:»Então tu és um rei?«ele respondeu:»Tu o dizes, eu sou um rei...«(João 6,15). O meu reino não é deste mundo» (João 18,36-37).

Portanto, qualquer cristão que reconheça o direito dos judeus a considerar a Palestina como a sua terra prometida, mostra que não compreendeu nada da mensagem de Jesus. Um cristão que apoia o estabelecimento de um Estado israelita deixa de ser uma testemunha de Jesus.

Finalmente, os limites precisos desta terra «prometida» variam na Bíblia de acordo com as ambições e apetites dos vários escribas ao longo dos séculos: em Génesis 15:18 vão do Nilo ao Eufrates, em Números 34:1-12 a fronteira oriental pára no Jordão e no Mar Morto, longe do Eufrates...., em Josué 1,4 é novamente até ao Eufrates, mas no Ocidente a fronteira estreita-se para o Sinai e não se atreve a estender-se até ao Nilo. Se Deus tivesse sido o inspirador das fronteiras israelitas, elas não teriam sido tão fantasiosas. Deus não se contradiz a si mesmo.

3.3 Melquisedeque (Génesis 14:17-20)

É muito importante conhecer Melquisedeque porque ele simboliza o Messias como Paulo explica em Hebreus 7:1-3: «Este Melquisedeque, rei de Salem.... que está sem pai e sem mãe (*conhecido*), sem genealogia, cujos dias não têm início e cuja vida não tem fim, é comparado ao Filho de Deus (*Jesus*)»...«

Agora leia os capítulos 12 a 50 do Génesis de uma só vez. Leia agora de uma só vez os capítulos 12 a 50 do Génesis. Encontrará pontos obscuros, estranhos à nossa mentalidade e aos costumes do século XXI. Não pare por aí, mas continue a sua leitura até ao fim. Quando regressar a este curso bíblico, terá todas as explicações necessárias. Ao continuar a ler, repare como Deus **formou** uma sociedade monoteísta através de Abraão, no meio das nações pagãs daquela época. Note-se o seu papel **espiritual**, e não político. Deus formou esta comunidade a partir de um homem sírio e não **escolheu** de todo um povo hebreu, uma vez que na altura não havia povo hebreu.

O capítulo 14 conta a história da guerra de Abraão para salvar Ló, o seu sobrinho. Expliquei-vos por que razão o versículo 13 menciona Abram»o hebreu«, uma palavra escorregada pelos escribas para dar a impressão de que os hebreus existiam desde o início do mundo. Lembre-se sempre que o Raio da Revelação Divina passou pelo prisma distorcedor da política sionista racista. Para recuperar este Raio na sua pureza e clareza, é **necessário**, como já vos disse, **exorcizar a Bíblia** do seu conteúdo político sionista, tal como o ouro é purificado da lama pelo fogo, e o trigo é libertado do joio.

Após a vitória de Abraão, Melchisedec veio para o felicitar e abençoar. Quem é Melchisedec? Ele não é conhecido da história. O Gênesis apenas revela os seus aspectos **simbólicos**, apresenta, como explica Paulo, que»compara-o ao Filho de Deus«, Jesus (Hebreus 7:1-3). O Génesis revela que ele é simultaneamente **rei e sacerdote**. Ele é rei de»Salem«(Jerusalém), sendo ao mesmo tempo sacerdote de»El-Eliôn«, palavra aramaica que significa»Deus Altíssimo«ou»Deus Supremo«, mais alto e maior em poder do que todos os outros deuses da mitologia do Médio Oriente. Note-se que foi este Deus Supremo que»criou o céu e a terra«(Génesis 14:19). O Deus que Melquisedec adorou é assim, sem o seu conhecimento, o único Deus Criador que conhecemos, Aquele que se revelou a Abraão, depois a Moisés, e que se encarnou no seu Messias, Jesus de Nazaré.

Melchisedec simboliza assim Cristo que, como ele, **é ao mesmo tempo Sacerdote e Rei**. Jesus é um sacerdote porque se ofereceu a si mesmo como sacrifício a Deus - não por outro sacerdote - no altar da Cruz em Jerusalém, a cidade de Melquisedec. Jesus é também o Rei espiritual, o soberano dos corações, o seu reinado não é político e inclui pessoas de todas as raças e línguas. Jesus reina sobre os crentes da Jerusalém **celeste** (Apocalipse 21,2), simbolizada pela Jerusalém terrestre, a»Salém«de Melquisedec. Assim, é de Jerusalém que Melquisedeque e Jesus reinam e oferecem os seus sacrifícios. Ao apresentar Melquisedec, rei e sacerdote de Salém, Deus apontou outro rei e sacerdote que viria da mesma cidade 2000 anos mais tarde: Jesus, que também oferece o Pão e o Vinho Eucarístico ao seu povo todos os dias.

Jesus é um sacerdote, mas o seu sacerdócio não é como o dos pagãos, limitado ao abate de animais a Deus. O sacerdócio de Cristo é semelhante ao de Melquisedec que»trouxe pão e vinho«porque»era um sacerdote do Deus Altíssimo«, Gênesis 14:18 explica imediatamente. O verdadeiro significado do pão e do vinho foi clarificado por Jesus na sua última refeição pascal com os seus Apóstolos: o pão é o seu Corpo rasgado e o vinho é o seu sangue derramado na cruz (Mateus 26,26-29). O pão e o vinho de Jesus fazem, portanto, o seu sacrifício presente. É o sacrifício da nova ordem sacerdotal instituída por Ele para a salvação de todos os crentes. Ele reduz a nada os sacrifícios animais prescritos pela Torá, mas incapaz de amaciar o Coração de Deus:»O sangue de touros e cabras é impotente para tirar os pecados«, diz Paulo (Hebreus 10:4). Isto tornar-se-á claro mais tarde.

Melquisedec, como sacerdote rei, abençoou Abraão, o titular da Aliança Divina:»Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo (*El Elion*) que criou o céu e a terra«(Génesis 14:19). Note-se no versículo 14:22 que Abraão, por sua vez, jura perante o rei de Sodoma por»Javé, o Deus Altíssimo que criou o céu e a terra«. Ele revela assim que existe apenas um Deus Criador, que o seu nome não é»El-Eliôn«, o»deus«da mitologia, abstracto e desconhecido, mas»YHVH«, (palavra que significa»Aquele que é«), o Deus do Apocalipse, que se manifestou pessoalmente aos homens, através dele, Abraão.

Melchisedec aparece subitamente, como uma cena fora de contexto, interrompendo a história do encontro do rei de Sodoma com Abraão, que recomeçou imediatamente a seguir. Isto também é simbólico: o espiritual irrompe na nossa vida temporal, interrompendo o curso da história secular para se revelar ao homem, para captar a sua atenção. Depois a história do rei de Sodoma retoma o seu curso: ele continua a sua conversa com Abraão. Isto significa que o homem deve retomar o curso da vida normal após ter encontrado o espiritual, mas deve esforçar-se por **nunca** esquecer este mundo espiritual que se revelou a ele.

O surpreendente nesta história é que Abraão, o detentor do Pacto Divino, dá a Melquisedeque»o dízimo de todas as coisas«(Génesis 14:20). Foi também este último que abençoou Abraão:»Considerai quão grande é aquele a quem Abraão deu o dízimo... e quem abençoou o detentor das promessas. Agora é o inferior (*Abraão*) que é abençoado pelo superior«, diz S. Paulo (Hebreus 7:4-7). A razão da grandeza de Melchisedec é que ele prefigurava o sacerdócio do Messias. O rei David explicou esta prefiguração num salmo (hino inspirado) 800 anos mais tarde. Dirigiu-se ao Messias vindouro com estas palavras:»És sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec«(Salmo 110,4).

Melquisedec, portanto, prefigura Cristo, pois o seu sacerdócio representa o sacerdócio que é aceitável para Deus, uma adoração»em espírito e em verdade«, como Jesus explica (João 4,23), não um sacerdócio humano com o seu tráfico de dinheiro e adoração ritual (vestes sacerdotais, incenso, ornamentos, gestos precisos, etc.). Deus não se deixa dobrar por tal sacerdócio teatral: Ele interveio na história humana para nos revelar que o sacerdócio de Melquisedec, pagão como ele era, era mais válido aos seus olhos do que os cultos pseudo-religiosos. Foi por isso que revelou que o sacerdócio do seu Messias não estaria de acordo com a ordem de Aarão, o hebreu - embora ele fosse de Abraão, como verão mais tarde - mas de acordo com uma ordem estranha

a esta descendência carnal. Isto é realizado por Jesus que instituiu, pela sua crucificação, um sacerdócio estrangeiro aos judeus. Jesus é um sacerdote, mesmo **o Sumo Sacerdote** de um novo sacerdócio, embora não seja da tribo de Levi, como explica Paulo na sua carta aos Hebreus, capítulos 5-7. Para os judeus, só os levitas que são descendentes de Aarão podem ser sacerdotes e sacrificar animais (Números 18). Através de Jesus, Deus derrubou toda esta concepção humana do sacerdócio, cancelando sacrifícios de animais através da cruz.

Com o Apocalipse (verá isto mais tarde), Deus derrubou a concepção **ritualista** do sacerdócio cristão, instituindo um novo sacerdócio. Este novo sacerdócio é formado por todos aqueles que acreditam na única interpretação do livro do Apocalipse revelado pelo próprio Jesus a 13 de Maio de 1970. (Ver o texto »A Chave do Apocalipse«)

Assim, embora o aparecimento de Melquisedec seja breve e ele seja mencionado apenas uma vez mais no Antigo Testamento (Salmos 110:4), a referência a esta figura enigmática contém um ensinamento muito precioso. Permite aos crentes **corajosos** libertarem-se dos cultos tradicionais imbuídos de superstição e fanatismo. Assim alcançam os mais altos graus de união espiritual com Deus através de um sacerdócio do coração, de acordo com a»ordem de Melquisedeque«, não de acordo com qualquer ordem de culto teatral judaico, cristão, muçulmano, budista ou humanista. Jesus tinha dito:»Os **verdadeiros** adoradores adorarão a Deus em espírito e em verdade, pois é a tais adoradores que Deus quer. Deus é espírito, e os que adoram devem adorar em espírito e em verdade«(João 4,23-24).

Este é o ensinamento de Melchisedec.

Seria bom, nesta fase, ler os capítulos 5-10 da carta aos Hebreus. São Paulo comenta maravilhosamente sobre o papel de Melquisedec e explica a importância do novo sacerdócio de Jesus para a salvação da humanidade. É a salvação prometida a Adão e Eva.

3.4 O Pacto das Metades (Génesis 15:7-17)

Deus prometeu a Abraão, cuja esposa era estéril e velha, descendentes e uma terra de boas-vindas. O filho, há muito esperado, não chegou. Abraão, que tinha mais de 80 anos, queixou-se a Deus que um estranho da sua casa seria seu herdeiro:»Meu Senhor Javé, não me deste descendentes, parto sem filhos e Eliezer de Damasco será meu herdeiro«. Mas Deus disse-lhe:»Este não será o teu herdeiro, mas alguém nascido do teu sangue«. Abraão pediu então para ser tranquilizado sobre a terra onde iria viver depois de deixar Haran:»Como é que eu deveria saber que a possuirei? «. Ele precisava de um sinal tangível para acreditar, especialmente naquela época, no milagre. Ele tinha compreendido a dificuldade da sua missão e do pacto com Deus e queria que a»assinatura«de Deus fosse colocada no fundo do»contrato«entre eles. Então Deus disse-lhe:»Vai buscar-me uma novilha de três anos, um bode de três anos, um carneiro de três anos, etc.«. Abraão»trouxe todos estes animais, dividiu-os no meio (*depois de os ter abatido*) e colocou cada metade oposta à outra«(Génesis 15:1-11).

Para compreender este texto, é necessário saber que os homens no tempo de Abraão eram supersticiosos. Portanto, era habitual que um contrato fosse feito da seguinte forma: um animal (ou vários animais, dependendo da importância do contrato) era sacrificado para este fim, depois cortado em duas metades entre as quais as partes contratantes passavam. Esta passagem entre as duas metades significou que o pacto foi concluído e que a parte que quebrou os termos do contrato sofreria o destino desse animal (ou animais) e seria dilacerado no meio pelos deuses. Este costume foi praticado mesmo pelos judeus muito depois de Abraão, e é mencionado pelo profeta Jeremias no século VI a.C., 1500 anos depois de Abraão, que denunciou a infidelidade dos hebreus nos seguintes termos:»Aqueles homens que quebraram o pacto que era meu, que não observaram os termos do acordo feito por eles na minha presença, eu os farei como o bezerro que eles cortaram ao meio para passar entre as suas peças. Os príncipes de Judá e Jerusalém,

os eunucos, os sacerdotes e todo o povo da terra, que passaram entre as metades do bezerro, eu os entregarei nas mãos dos seus inimigos«(Jeremias 34,18-20).

Para indicar que cumprirá a sua promessa a Abraão, Deus, sob a forma de»um forno fumegante e uma marca de fogo«, passou entre as peças cortadas. Génesis explica que»naquele dia Javé fez um pacto com Abrão«(Génesis 15:17-18). Deus tinha assim»assinado«o contrato com o seu escolhido. Esta visão foi o sinal tangível solicitado por Abraão.

Acreditava-se na altura que se as aves carnívoras conseguissem devorar a carne dos animais sacrificados, seria um mau presságio para o pacto. É por isso que a Bíblia diz:»Os Raptores caíram sobre os cadáveres, **mas Abrão afastou-os**«(Génesis 15:11). Outro sinal de que este pacto será bem sucedido. Abraão terá assim a sua»terra«e os seus descendentes de Sara, a sua velha e estéril esposa. Apesar da impossibilidade humana de cumprir os termos do pacto»Abrão acreditava em Iavé que o contava como justiça (por causa da sua fé)«(Génesis 15:6). A fé de Abraão é uma luz para todos os crentes. Animou os Apóstolos e São Paulo refere-se frequentemente a ele e apresenta-o como um exemplo:»Abraão acreditou em Deus, e foi-lhe imputado como justiça«(Génesis 15,6). Compreendam, portanto, que aqueles que reivindicam a fé (em Jesus) são os filhos de Abraão» (Gálatas 3,6-7).

Esta visão leva-nos a duas conclusões muito importantes que devem ser tidas em conta a fim de compreender o espírito da Bíblia:

1) Deus é um professor: Ele usa a linguagem do homem e respeita a sua mentalidade. Ele baixa-se ao nível do homem, fala com ele em linguagem humana para se fazer compreender, e depois Ele eleva-o gradualmente à mentalidade divina que é o Espírito Santo. Assim, ao passar pelas metades, ele dá a Abraão um sinal que ele pode compreender.

2) Para compreender um profeta, é necessário colocá-lo no seu contexto histórico e social. Isto é válido, não só para os dois Pactos (o Antigo através da Torá, e o Novo através do Evangelho), mas também, hoje, para o Pacto Apocalíptico, o Pacto do Fim dos Tempos, que é o último Pacto, a última oportunidade dada aos homens para se emendarem a si próprios. O mensageiro apocalíptico deve ser visto com novos olhos e, para ser compreendido, deve ser colocado no contexto histórico e social do seu tempo: os séculos vinte e vinte e um.

3.5 Ishmael (Génesis 16)

Abraão e Sara, ignorando a omnipotência de Deus, não compreenderam como Deus lhes daria um filho, dada a sua velhice e a esterilidade de Sara. O milagre ainda não era conhecido.

Nessa altura, uma lei do rei Hamurabi estipulava que, em caso de esterilidade, uma esposa legítima poderia ter filhos considerados legítimos, permitindo ao seu marido dormir com o seu criado. A criança nascida desta relação extraconjugal foi no entanto considerada como sendo a do casal, desde que, ao nascer, fosse recebida nos braços da esposa legítima para significar o seu pleno consentimento (hoje em dia existem «mães de aluguer»).

Sara, cuja fé parece ser menos sólida do que a do seu marido, vendo que um filho não veio dela, exortou Abraão a ir a Agar, a sua serva egípcia, porque sabia que ela era estéril: «Vai, pois, à minha serva. Talvez eu consiga crianças através dela. E Abram ouviu a voz de Sarai» (Génesis 16:2). Este acto será repetido mais tarde com Jacob, neto de Abraão, que se junta às duas servas das suas esposas, Raquel (Génesis 30:1-6) e Leah (Génesis 30:9-13).

Da união entre Abraão e Hagar nasceu Ismael. Abraão tinha então 86 anos de idade (Génesis 16:16). Repara-se que Deus não tinha pressa em cumprir a sua promessa de dar um filho a Abraão através de Sara; é a sua maneira de fazer o homem crescer até ao tamanho divino através da paciência.

Assim, Sarah tomou a iniciativa de ter um filho à sua própria maneira. Mas Deus tinha o seu próprio plano que não vai mudar. O nascimento de Ismael não o impediu de aparecer

de novo a Abraão para revelar o seu plano milagroso: «A tua mulher Sarai... chamar-lhe-ás Sara». Abençoá-la-ei e **até** te darei um filho **dela**«. Isto parecia demasiado maravilhoso para o velho:»Nascerá um filho de um homem de cem anos, e dará Sarah, que tem noventa anos de idade, à luz? Abraão respondeu: «Oh, que Ismael viva perante vós», e «caiu no chão perante Deus e riu-se» com um anúncio tão incrível. Mas Deus insistiu: «A tua mulher Sara dar-te-á um filho, Isaac. E eu farei um pacto com ele» (Génesis 17:15-19). Este foi o anúncio do primeiro milagre na história da humanidade. O Pacto significava que da linhagem de Isaac viria o Messias.

3.6 Isaac (Génesis 17 e 18)

Abraão teve de esperar muito tempo por este filho anunciado na altura do pacto «das metades». De facto, Isaac nasceu apenas quinze anos após esta visão.

No anúncio do seu nascimento, tanto o seu pai como a sua mãe «riram» (Génesis 17:17; 18:12). Esta oportunidade de rir é a origem do nome Isaac (Yitzhac), que significa «rir» em hebraico, como «Yidhac» em árabe: «Deus deu-me algo para rir, e todos os que o aprenderem sorrirão para mim» (Génesis 17:17; 18:12). Quem teria dito a Abraão que Sara iria amamentar crianças! Porque dei um filho à sua velhice«, a esposa do velho, que tinha 90 anos de idade quando Isaac nasceu e o seu marido 100 anos, comenta com alegria (Génesis 21:6-7). Só Deus poderia anunciar a Abraão uma tal surpresa e cumpri-la. Para o casal de velhos, havia algo de que se podia rir. Teríamos feito o mesmo. Muitos rir-se-iam à frente de uma grávida nãoagenária.

Isaac é importante porque ele é o cumprimento material do sinal que Abraão pediu a Deus: este filho é o cumprimento do pacto»das metades«. Este sinal, inexplicável pela ciência de todos os tempos, é uma temível testemunha para os homens de todos os séculos. Não diz respeito, portanto, apenas a Abraão: coloca-nos a todos em questão, pois o Pacto que Isaac devia perpetuar era através do Messias; devia vir da linhagem deste filho de Abraão, não de qualquer outro, pois Deus diz:»Ouvi-vos também a favor de Ismael: eu o abençoo...«. **Mas o meu pacto farei com Isaac**» (Génesis 17:21).

Este milagre fortaleceu a fé de Abraão; deve também fortalecer a nossa. Isto era o que Deus queria.

O plano de salvação anunciado a Adão e Eva é assim cumprido por Abraão. Deve aparecer como uma iniciativa e intervenção divina, uma prova irrefutável da existência e omnipotência de Deus, e de um plano divino que os homens devem respeitar e seguir. Só os homens de boa fé verão e compreenderão.

Terás notado a paciência de Deus: foi apenas 13 anos após o nascimento de Ismael que o Criador deixou claro o Seu plano a Abraão. Abraão não pensou que teria mais filhos, nem a sua esposa. Estavam satisfeitos com Ishmael. Mas Deus tinha o **seu** plano, e para o levar a cabo, teve de virar as perspectivas humanas de pernas para o ar. Essa é a sua Sabedoria. A criatura tem de aprender constantemente a adaptar-se à vontade do Criador; descobrirá a profunda sabedoria de Deus, dobrando-se à sua vontade sem resistência e nunca se arrependerá de deixar que Deus o faça.

Com Isaac, Deus demonstrou a sua omnipotência e preparou a humanidade para outro milagre, ainda mais maravilhoso, o do nascimento do Messias 2000 anos depois de Abraão: Jesus nasceu da Virgem Maria por acção divina directa, sem sequer a intervenção de um homem: «O Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma virgem...». Maria... e disse-lhe: 'Tu conceberás e terás um filho... Ele será chamado Filho do Altíssimo. O Espírito Santo virá sobre vós... Portanto a criança será santa e será chamada Filho de Deus«.. (Lc 1,26-38).

Isaac vem portanto preparar os homens para acolherem o Messias. Já não se justifica que não se acredite no nascimento **milagroso** de Jesus.

3.7 Circuncisão (Génesis 17:9-14)

A circuncisão é um costume pré-bíblico; existia antes de Abraão, frequentemente praticado pelos gentios por diferentes razões. Numa guerra, os vencedores submeteram os derrotados à»humilhação«da circuncisão. Este facto está registado na própria Bíblia: o rei Saul exige de David»cem prepúcios de palestinianos para se vingarem dos inimigos do rei«(1 Samuel 18,25). Esta prática, portanto, não significa necessariamente um pacto com Deus, embora os escribas do Antigo Pacto o apresentem como um»sinal do Pacto«com Deus (Génesis 17:11).

Desde os tempos antigos, a circuncisão era praticada em todo o mundo. Ainda hoje, algumas tribos na Austrália, África e América consideram-no um sinal de virilidade: um homem recusa-se a dar a sua filha em casamento a um homem incircunciso. Alguns até realizam esta operação em raparigas (remoção do clítoris).

Abraão, vendo que os gentios eram circuncidados para os seus deuses, pensou que era ainda mais necessário que ele se submetesse a esta operação para o único Deus verdadeiro. Mas com o tempo os profetas compreenderam o valor simbólico deste acto e Moisés já exigia que o **coração** fosse circuncidado (Deuteronómio 10,16). Jeremias também insiste na purificação da alma através da circuncisão do **coração** (Jeremias 4:4). Este grande profeta não cessa de convidar os crentes à introspecção e à»limpeza«da consciência, denunciando a ilusão e a superficialidade da circuncisão do prepúcio, e sublinhando que ela é utilizada mesmo entre os gentios:»Eis que os dias estão a chegar, o tio de Javé, em que visitarei toda a circuncisão que é circuncidada apenas na carne: Egipto, Judá, Edom...«(Deuteronómio 10,16). Todos estes povos, e portanto toda a casa de Israel, são incircuncisos de **coração**» (Jeremias 9,24-25). Note-se que Judah (os judeus) é colocado ao mesmo nível que os gentios daquela época (Egipto, Edom) apesar da circuncisão, e que este costume estava a ser utilizado fora das fronteiras da Palestina.

A circuncisão deve ser comparada a cultos modernos inspirados pelo paganismo: vestes sacerdotais, incenso, genuflexão, etc. Todas estas formas de culto não são senão ilusões, uma religiosidade superficial incapaz de agradar a Deus e de ajudar à evolução espiritual. Eles são obstáculos materiais à verdadeira elevação da alma. Podemos dizer o mesmo do baptismo por água, é apenas um símbolo. O único culto válido é o do conhecimento e do amor, o culto a Deus em «espírito e verdade» como já foi mencionado (João 4,23-24).

Com o Evangelho, passamos definitivamente do conceito físico da circuncisão ao conceito espiritual que torna este costume obsoleto: «A circuncisão não é nada, nada é incircuncisão, mas o que conta é a observância dos mandamentos de Deus», diz Paulo (1 Coríntios 7:19). E ainda: «Em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão contam, mas apenas a fé trabalhando por amor» (Gálatas 5,6), «Nele (*Jesus*) fostes circuncidados com uma circuncisão não feita por mãos, pelo despojamento completo do vosso corpo carnal. Esta é a circuncisão de Cristo», acrescenta Paulo (Colossenses 2:11).

«Vã é a sua adoração», diz Jesus dos fariseus e escribas apesar da sua circuncisão (Mateus 15,9). Isaías, como a maioria dos profetas, também tinha denunciado estes cultos: «O Senhor disse: 'Este povo vem até mim apenas em palavras, glorificam-me apenas com os seus lábios, enquanto o seu coração permanece longe de mim e a sua religião para comigo é apenas mandamentos humanos, lições aprendidas'» (Isaías 29,13). Surpreende-nos que ainda hoje «discípulos» de Jesus insistam na adoração em cultos e ritos denunciados por Jesus e pelos profetas: «Hipócritas, Isaías profetizou maravilhosamente contra vós quando disse: 'Este povo honra-me com os lábios, mas os seus corações estão longe de mim'» (Isaías 29,13). Mas o seu coração está longe de mim«, repete Jesus:»Eles adoram-me até ao fim: as doutrinas que ensinam são apenas preceitos humanos«(Mateus 15,7-9).

3.8 Revelação da Santíssima Trindade (Génesis 18)

O capítulo 18 repete o anúncio de Deus a Abraão sobre o nascimento de Isaac, mas desta vez na presença de Sara. No primeiro relato, foi Abraão que»riu«(Génesis 17:17), mas no segundo, foi Sara que,»ouvindo à porta da tenda atrás de Abraão«... foi ela que»deixou de ter as coisas que as mulheres têm«, foi ela que»riu **dentro de si mesma**, dizendo para si mesma: 'Agora que estou cansada, conhecerei o prazer! E o meu marido que é um homem velho«! (Génesis 18:11-12).

Ambas as histórias são reconhecíveis pela menção repetida de que Isaac nascerá»no próximo ano na mesma época«(Génesis 17:21; 18:14). Há aqui duas tradições orais, a segunda das quais respeita a dignidade do Patriarca: não foi ele quem riu e duvidou, mas Sara, cuja fé é mais fraca que a do seu marido, que é considerada irrepreensível. O primeiro relato baseia-se na tradição **eloquista**:»Deus (Elohim) disse a Abraão...«(Génesis 17:9-22), e o segundo da tradição **Yahwist**:»E o Senhor apareceu-lhe no Carvalho de Mamre...«(Génesis 18:1-14).

Deus, que vê os corações, agarrou o riso interior de Sarah, perguntou-lhe porque é que ela se tinha rido, não para a sobrecarregar, mas para a fazer realizar o seu Todo-Poderoso Poder. Sentindo-se descoberta, teve medo e negou-o, dizendo:»Não me ri. Mas Deus, bom e compreensivo, respondeu paternamente: «Sim, respondestes», e Ele não considerou falsa a atitude intimidadora da sua «pequena» criatura (Génesis 18:15).

O ponto mais importante desta segunda história é a revelação da Santíssima Trindade. De facto, Deus apareceu a Abraão sob a forma de **Três Pessoas**: «Quando olhou para cima, viu **três** homens ao seu lado» (Génesis 18:15) (Génesis 18:2).

O próprio diálogo entre Deus e Abraão é revelador: o Patriarca dirige-se a estas três Pessoas por vezes no singular e por vezes no plural. Ele não parece compreender se deve falar com um ou com três: «Meu Senhor, por favor, se encontrei favor aos **vossos** olhos...» (Génesis 18:2). Deixe trazer água e lavará os pés... E **eles** disseram: «Fazei como tendes dito» (Génesis 18:2-5). É a Deus-Trindade que entra no mundo dos homens e se revela, 2000 anos antes de Cristo, sem ser agarrado pela ainda opaca inteligência humana.

Reler cuidadosamente o capítulo 18 e reflectir sobre ele. O que pensa destas três pessoas que apareceram a Abraão? Porque é que o diálogo varia entre o singular e o plural? Dê as **suas** explicações.

Meditar sobre a forma como esta história é contada: tudo é dito de forma simples, fresca e sem falsa modéstia, especialmente por Sarah. Abraham apressa-se a acolher o seu convidado com entusiasmo espontâneo e oferece-lhe o melhor que tem no seu rebanho (ao contrário da ganância de Caim). E Sarah, ressequida pela idade, que «tinha deixado de ter o que as mulheres têm», pergunta-se com o seu riso escondido: «Agora que estou desgastada, conhecerei o prazer»... com um marido que agora está «velho»! ....

Estas características revelam a fisionomia de Abraão: um homem simples, erguido e completo, com um coração generoso, espontâneo e suficientemente flexível para se deixar moldar por Deus. Isto explica porque é que Deus o escolheu. Não esquecer que a escolha divina recaiu sobre este homem, um sírio, e não sobre um «povo» hebreu de coração endurecido e rebelde a Deus, como revelam os profetas (Isaías 1:2-4; Jeremias 7:25-28, etc.).

3.9 Sodoma e Gomorra (Génesis 19)

Depois de anunciar o nascimento de Isaac, Deus revelou a Abraão a sua determinação de atingir Sodoma e Gomorra por causa das suas perversidades. Estas duas cidades, localizadas a sul do Mar Morto, eram famosas pela sua deboche, especialmente pela homossexualidade, daí o termo «sodomia». Deus decidiu castigá-los, como tinha feito antes, no tempo de Noé, com uma

civilização dissoluta. Isto deveria servir de lição para as gerações futuras e ser um exemplo do castigo que cairá sobre o mundo ímpio no fim dos tempos (Lucas 17:26-30).

Lot e a sua esposa foram convidados a deixar Sodoma com as suas duas filhas porque não se tinham deixado contaminar pelos sodomitas. O vício dos sodomitas era claramente a homossexualidade (Génesis 19,4-11). A família de Lot é aconselhada a não olhar para trás ao partir (Génesis 19:17), ou seja, a deixar o passado sem arrependimento, sem deixar o seu coração por causa de posses, casas, etc., mas a olhar para o futuro, confiando em Deus. A esposa de Lot ignorou esta recomendação divina e foi transformada num «pilar de sal» (Génesis 19,26).

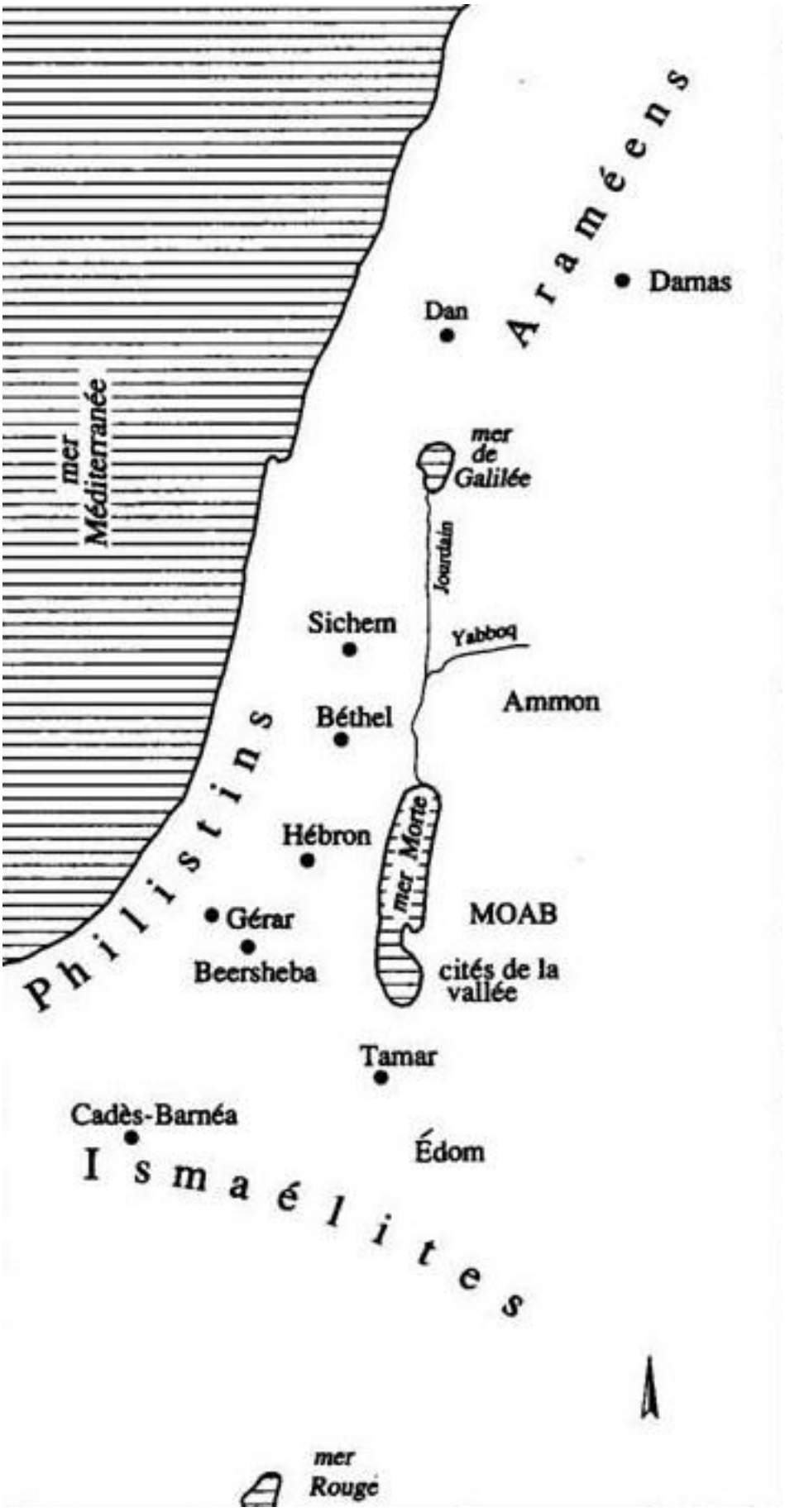
Temos de compreender o significado **simbólico** desta história: nunca hesitemos em desistir de uma vida sem Deus. Quem desejar levantar-se deve libertar-se da atracção mundana para se apressar em direcção à vida espiritual sem olhar para trás, sem nostalgia dos prazeres do passado: «Quem põe a mão no arado (*vida espiritual*) e olha para trás é impróprio para o Reino de Deus», disse Jesus (Lucas 9,62).

3.10 Nascimento de Isaac e expulsão de Hagar e Ishmael (Génesis 21)

Após o nascimento de Isaac, «Sara viu o filho nascido a Abraão do Agar egípcio a brincar com o seu filho Isaac, e disse a Abraão: 'Lança fora esta serva e o **seu** filho, para que o filho desta serva não herde Isaac com o meu filho'» (Génesis 21,9-10). Sarah nega assim Ismael como filho e rejeita-o, exila-o com a sua mãe... depois de ter sido a instigadora da união do seu marido com Hagar.

A atitude de Sara «desagradou muito a Abraão em relação ao seu filho», mas Deus disse-lhe: «Não te entristeças pelo pequeno e pela tua serva, tudo o que Sara te pedir, concede-o; porque através de Isaac haverá uma semente para perpetuar o teu nome» (Génesis 21,9-12).

Deus permite este ciúme feminino; Ele consente que Hagar e Ismael não os desacreditem e aprovem Sarah, como os rabinos a interpretam, mas que cumpram o seu plano messiânico através de Isaac. Tinha de haver paz na família, sem conflitos. É por isso que Deus pede a Abraão que não se entristeça com este afastamento. Deus confirma a sua bênção já dada a Ismael (Génesis 17:20), recordando-lhe que ele «fará deles um grande povo, pois são vossos descendentes» (Génesis 21:13).



Lugares e povos de Canaã mencionados na história dos Patriarcas

Esta bênção divina contradiz o comportamento dos judeus fanáticos para com Ismael e os

árabes, sob o pretexto de que o seu antepassado, Ismael, foi «expulso» por Abraão. Não é com este espírito racista que o afastamento de Ismael dos descendentes de Abraão é apresentado no Génesis. Após a expulsão de Hagar e do seu filho, um anjo apareceu-lhes para apoiar e consolar a mãe perturbada: «Não tenhas medo, Hagar, pois Deus ouviu o grito do pequeno. Vou fazer deles um grande povo. Deus abriu os olhos de Hagar e ela viu um grande poço. Ela foi encher o saco e deu uma bebida à criança. E Deus estava com ele...» (Génesis 21,14-21).

Deus nunca abandonou Ismael, mas o seu plano messiânico devia ser cumprido através de Isaac.

3.11 O Sacrifício de Isaac (Génesis 22)

Os Pagãos daquela época tinham o hábito de oferecer os seus filhos como sacrifícios aos ídolos. Isto foi praticado mesmo por alguns reis judeus depois de Abraão e condenado pelos profetas (Jeremias 7:31). Abraão, sob o peso de uma crise de consciência, quis oferecer o seu filho a Deus, tal como os gentios ofereceram os seus filhos aos seus deuses, acreditando que esta era a forma de honrar a Deus. Mas Deus interveio a tempo para o impedir de o fazer e para deixar claro que ele não é como os «deuses» pagãos que exigem sacrifícios humanos: um anjo disse-lhe: «Não estendas a mão contra a criança; sei agora que temes a Deus...» (Jeremias 7,31). Não me negou o seu filho, o seu único filho. Abraão olhou para cima e viu um carneiro... O Patriarca «ofereceu a besta como oferta queimada no lugar do seu filho» (Génesis 22,9-13).

Mais tarde, Deus explicou através dos profetas que os únicos sacrifícios que lhe agradavam eram o arrependimento, a justiça e o amor. O profeta Miquéias gritou: «Com que virei perante o Senhor...? Terei de oferecer o meu primogénito pelo preço do meu confisco, o fruto do meu ventre pelos meus próprios pecados...? Homem, foste feito para saber o que é bom, o que Javé te pede: nada mais que fazer justiça, amar ternamente e andar humildemente com o teu Deus» (Miqueias 6:6-8).

Com a vinda de Jesus, uma nova luz foi-nos dada. Não só Deus não exige dos homens os seus filhos em sacrifício, mas é Ele, Deus, que oferece o seu Filho único aos homens em sacrifício para a sua salvação: «Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna», disse Jesus (João 3,16); e novamente: «Não há maior amor do que este, que um homem dê a sua vida pelos seus amigos. Sois meus amigos se fizerdes o que vos mando» (João 15,13-14). Através da sua intervenção na história humana, Deus mudou sábia e pedagogicamente a mentalidade do homem em relação ao sacrifício, e com a vinda de Jesus o alvoroço foi total. Os deuses ditadores da mitologia deram lugar ao único Criador que provou ser bom, compassivo e misericordioso.

3.12 O Casamento de Isaac (Génesis 24)

Abraão queria uma mulher «do seu próprio país, dos seus parentes» para o seu filho Isaac (Génesis 24:1-4). Assim, enviou o seu servo para a Síria, em «Aram naharayim», ou seja, «Síria dos rios» (a norte dos rios Tigre e Eufrates), onde se situa a cidade de Haran de onde ele tinha saído (Génesis 24:10-15). Foi a partir daí que a criada trouxe Rebekah como esposa para Isaac. Ela não é outra senão a neta de Milcah, a esposa de Nahor, irmão de Abraão (Génesis 11:27-29). Ela é, portanto, a sua prima paterna. A partir daí Rebeca também vai querer uma esposa para o seu filho Jacob (Génesis 27:46; 28:5). Isto mostra a origem **síria** da família de Abraão.

Reflexão

Deus acalmou Abraão ao abençoar Ismael. Também lhe disse que Ismael iria «gerar 12 príncipes» (Génesis 17:20) cujos nomes são mencionados em Génesis 25:12-16. Este número é simbólico e deve ser comparado com as 12 tribos de Israel (ver os 12 filhos de Jacob em Génesis 35:22-26). Os 12 «nobres» descendentes de Ismael são preciosos aos olhos de Deus, e por isso

dignos de estima. Como todos os homens de boa fé, eles têm direito à mesma herança espiritual que os descendentes de boa fé de Isaac.

Diz-se que um escritor a favor de Hagar e Ismael escreveu: «Sarah, depois de ter tido Isaac, deixou Ismael, que sentiu o golpe. No final, ela afastou-o, esquecendo-se de que o tinha desejado e adoptou-o. Mas ela acabou, por ciúmes, por recusar-lhe mesmo o direito legítimo de herdar como Isaac, o seu irmão. A atitude de Sara»desagradou muito a Abraão«(Génesis 21:9-11). Os fanáticos adoptaram mais tarde a mentalidade chauvinista de Sara em vez de seguirem a bondade e justiça de Abraão.

4. Lição 4 - A história de Isaac e Jacob (Génesis 25 a 50)

Estes capítulos devem ser lidos antes de continuar esta lição, caso contrário pouco será aprendido. Há cinco pontos importantes a assinalar:

4.1 Os dois filhos de Isaac: Esaú e Jacob (Génesis 25,19-)

Rebecca (Rivca), tal como Sara, a sua sogra, era síria. Génesis 25:20 insiste na revelação desta origem»aramaica«da mulher de Isaac:»Isaac tinha 40 anos quando se casou com Rebeca, filha de Bethuel, **o aramaico** de Paddan-aram, e irmã de Laban, o **aramaico**«(Génesis 25:20).

Rebeca, como Sara, era estéril:»E Isaque orou ao Senhor pela sua mulher, porque ela era estéril; e o Senhor ouviu-o, e Rebeca concebeu a sua mulher«(Génesis 25:21). Transportava gémeos, Esau e Jacob. O primeiro a nascer foi considerado como sendo o mais velho, e era costume o mais velho ser privilegiado e herdar a dignidade paterna. Segundo a tradição **humana**, Esaú, o mais velho, herdaria a missão espiritual de Abraão e Isaac, uma vez que o Messias viria da sua linhagem, não da do seu irmão gémeo Jacob.

Mas Deus não se permite estar ligado pelos costumes e considerações humanas, quer familiares ou tribais, como é o caso aqui. São demasiadas vezes racistas e ditados por preconceitos injustos. Assim, estabelece o seu Pacto com Jacob, não com Esaú, que é o mais velho. Este»pacto«significava que o Messias tinha de vir da linhagem de Jacob.

De facto, quando Rebekah foi»perguntar a Deus«, Ele respondeu-lhe:»Há duas nações no teu ventre.... O mais velho servirá os mais novos«(Génesis 25:23). Isto é uma viragem total da mentalidade da época e das tradições antigas. A razão - estritamente humana - para a passagem do direito de nascimento para Jacob é que Rebekah»preferiu Jacob«porque ele era»um homem calmo e habitou em tendas«com a sua mãe (Génesis 25:27-28). (Génesis 25:27-28) A sua mãe conspirou para lhe tirar o direito de nascimento e dá-lo ao seu favorito. Por truque, conseguiu que o seu marido abençoasse Jacob em vez de Esaú, a quem ele preferiu ao seu irmão»porque o jogo (*cozinhado por Esaú*) estava ao seu gosto«(Génesis 25:28). Acreditava-se na altura que a bênção dada era eficaz e irrevogável, não podendo passar para outra, merecida ou não (Génesis 27,1-45). É de notar que»esta consulta com Deus«foi praticada por videntes que afirmavam ter este poder de»clarividência«. Ainda hoje, muitos ainda afirmam deter tal poder. A Bíblia revela que os israelitas praticavam habitualmente este costume (ver Êxodo 33,7 / 1 Samuel 14,41 etc.).

A atitude de Rebekah e Jacob nesta matéria não é um exemplo de moralidade elevada. Os profetas que vieram mais tarde condenaram o engano de Jacob: Jeremias apresenta-o como um exemplo de engano:»Que cada homem tenha cuidado com o seu amigo, tenha cuidado com um irmão, pois cada irmão é como Jacob.... Um engana o outro...«(Jeremias 9:3-4).»Yahweh está em julgamento com Israel; tratará com Jacob de acordo com a sua conduta, e render-lhe-á de acordo com as suas obras. Do ventre da sua mãe ele suplantou o seu irmão...«, diz Oséias (Oséias 12,3-4).

Mas os escribas, querendo justificar Jacob e a sua mãe, apresentaram a história do prato de lentilhas em detrimento de Esaú. Esaú voltou com fome e»exausto«de trabalhar no campo e disse ao seu irmão que tinha preparado uma boa sopa de lentilha:»Deixa-me **engolir** (*ele tinha tanta fome...*) este vermelho (*prato*) (*cor das lentilhas*)«. Estou exausto»! Mas Jacob, faminto pelo seu direito de nascença, aproveitou a oportunidade para o roubar ao seu irmão: «Vende-me primeiro o teu direito de nascença», respondeu ele. Esaú, provavelmente não levando a sério as luxúrias do seu irmão, aceitou: «Então Esaú fez o direito de nascimento», comentaram cinicamente os escribas (Génesis 25:29-34).

Esta história, no entanto, tem o mérito de nos abalar: se estivermos atentos a ela, convida-nos à revolta perante a injustiça. Isaac, de facto, toma nota disso, diz ao seu filho Esaú: «... servireis o vosso irmão. Mas quando te **libertares**, **sacudirás** o seu jugo do teu pescoço» (Génesis 27:40). Temos de nos libertar do jugo das tradições religiosas infrutíferas.

Outra lição a aprender com esta história: devemos preferir o espiritual ao material, e não «vender o nosso direito de nascença», que é o **nosso** direito à vida eterna, por um bem temporal. É este ensinamento que Jesus nos dá ao recusar, a pedido do diabo, transformar pedras em pão, apesar da sua fome, porque «o homem não vive só de pão, mas de cada palavra que procede da boca de Deus» (Mateus 4,4; ver também Deuteronómio 8,3). É preciso ter fome e sede de orientação divina. Se houver que escolher entre um interesse material e outro espiritual, é este último que deve ser escolhido e o primeiro que deve ser sacrificado, sem voltar atrás, como a esposa de Lot.

Deus prometeu a Adão e Eva uma descida que iria esmagar a cabeça do demónio. Este Salvador é o Messias. O plano messiânico de Deus começou com Abraão, passou para Isaac, e continuou em Jacob.

Depois de começar com Abraão e passar para Isaac, os descendentes prometidos por Deus a Adão e Eva para esmagar a cabeça do demónio, o seu tentador, passam para Jacob que se torna o terceiro Patriarca. A história das lentilhas explica porque é que esta descida não passou por Esaú, o filho mais velho. Mas esta explicação humana não revela a verdadeira intenção de Deus.

4.2 As duas esposas de Jacob (Génesis 28 e Génesis 29)

Esaú casou com mulheres hititas, não dramáticas: isto desagradou aos seus pais (Génesis 26:34-35) e foi mais uma razão para estar zangado com ele. Rebekah, que temia por Jacob tais casamentos, interveio com o seu marido para comandar Jacob: «Não deve tomar uma esposa de entre as filhas de Canaã. Levantem-se! Vai a Paddan-aram (*em Aram, isto é, na Síria*) a Bethuel, o pai da tua mãe, e escolhe uma esposa de lá» (Génesis 28:1-2). Note-se que Isaac invoca sobre Jacob e os seus descendentes «a bênção de Abraão». Na intenção divina, esta bênção significa que o **Messias vem desta linhagem**, não da linhagem de Esaú. Os escribas dão uma interpretação geográfica desta bênção, nomeadamente, que a Palestina pertence aos descendentes de Jacob (*os israelitas*), não aos de Esaú (*os árabes*). Isto reflecte-se no seguinte versículo: «...para que **possuais a terra** em que estais de permanência, que Deus deu a Abraão...» (Génesis 28:3-4).

A caminho da Síria, Jacob teve um sonho: Deus apareceu-lhe no topo de uma escada da terra ao céu para lhe dizer que a sua aliança com Abraão continuaria através dele (Génesis 28:12-16). Jesus evocou este sonho da escada, adaptando-o à sua pessoa e revelando assim que a partir de agora ele próprio é o detentor do Pacto divino, o sucessor e herdeiro das verdadeiras promessas feitas por Deus a Abraão, Isaac e Jacob (João 1,51). Ele é aquela escada que conduz da terra ao Céu e permite aos homens que acreditam Nele subirem até à Altura.

Note-se que a crença num só Deus não se desenvolveu sem dificuldade. Foram necessárias experiências e opções pessoais. De facto, Jacob não estava satisfeito com as palavras do seu pai. Ele hesita em acreditar em Deus e a sua fé é condicional:«**Se** Deus está comigo... **se**Ele me der pão... **se** eu voltar em segurança ao meu pai, **então** Yahweh (*sozinho*) será o meu Deus...» (Génesis 28:20-22).

A história dos casamentos de Jacob começa no capítulo 29:15. A corrida frenética entre Leah e Rachel (Rahil) para dar à luz parece-nos engraçada. As histórias devem ser lidas à luz da mentalidade da época: a estima do marido era proporcional ao número de filhos, pois a prole era considerada um sinal da bênção de Deus.

Esta procriação desenfreada entre as duas esposas, na qual as criadas Zilpa (de Leah) e Bilha (de Rachel) estavam envolvidas, deu a Jacob 12 rapazes e uma rapariga. Estes 12 filhos de Jacob são os antepassados fundadores das 12 tribos de Israel, a primeira comunidade monoteísta chamada a revelar amavelmente ao mundo o único Criador. Os profetas denunciaram a infidelidade e má gestão deste primeiro grupo de crentes.

Tendo-se tornado rico, Jacob queria ser independente do seu sogro Labban. Assim, fugiu para a sua terra natal, Canaan. Note-se que, na pressa da viagem, Raquel insistiu em levar consigo os ídolos dos deuses que ela ainda adorava, apesar do seu casamento com Jacó (Génesis 31:34). Note-se, portanto, que a crença no único Deus cresceu gradualmente e ao longo do tempo nos corações dos antepassados. Isto não é surpreendente. Ainda hoje, 4000 anos após Abraão, ainda há judeus, cristãos e muçulmanos que não acreditam em Deus... ou que acreditam mal em Deus, de uma forma fanática, com uma mentalidade fundamentalista, fetichista e não renovada.

4.3 A «luta» de Jacob contra Deus (Génesis 32:24-33)

Jacob voltou para Canaã e teve outra aparição divina: «Um homem lutou com ele até ao amanhecer. Este»homem«é Deus na forma humana, como os três»homens«que apareceram a Abraão (Génesis 18).

A»luta«entre Deus e Jacob é simbólica: Deus quer moldar Jacob, para moldá-lo ao seu Espírito Santo, mas o homem recusa-se a deixar-se fazer pelo seu Criador. Visto que Jacob lhe resistia, Deus deu-lhe o nome»Israel«, que significa»luta **contra** Deus«(Génesis 32,29).

Analisando este facto, concluímos que Jacob queria inconscientemente igualar-se a Deus, colocar-se perante ele como um rival. Foi por isso que o seu comportamento foi condenado pelos profetas. De facto, Oséias diz:»O SENHOR tratará Jacó segundo os seus caminhos... na sua força lutou contra Deus e prevaleceu«, conclui Oséias ironicamente (Oséias 12:3-4). Foi pela violência e interesse próprio, não pelo amor e justiça, que Jacob quis roubar a bênção de Deus, tal como tinha agido para roubar ao seu pai a bênção destinada a Esaú.

Depois deste incidente, Deus deu outro nome a Jacó:»Já não te chamarás Jacó, mas Israel (*Isra=lutter, e EL=Deus*), pois foste forte contra Deus e contra os homens (*ele «lutou» contra o seu irmão Esaú, um homem, e roubou-lhe o seu direito de nascença*) e tu prevaleceste«, Deus declara-lhe ironicamente (Génesis 32,29). Esta resistência aplica-se aos escribas e fariseus que sempre resistiram a Deus e aos seus profetas. Estes últimos, perante Jesus e os apóstolos, não deixaram de denunciar a atitude dos líderes religiosos que resistiram a Deus (ver Isaías 1,2-3 / Miquéias 1,5 / Jeremias 2,20 / Mateus 23 / 1 Tessalonicenses 2,14-16). O»triunfo«de Jacob na sua luta contra Deus deve ser visto como a mesma ironia divina que foi dirigida a Adão após a sua queda (Génesis 3,22).

Os escribas bíblicos afirmam que Deus»ali abençoa«Jacob (Génesis 32:30). Esta»bênção«contradiz as palavras dos profetas acima citadas: é uma sobrecarga acrescentada pela»caneta falsa«dos escribas (Jeremias 8:8) para justificar a sua própria resistência a Deus, apresentando-a como aceitável, mesmo»abençoada«por Deus. É por isso que Deus diz à comunidade israelita através de Isaías:»O teu primeiro pai (*Jacob-Israel*) pecou, os teus intérpretes (*os escribas e outros líderes religiosos que interpretaram os textos bíblicos*) rebelaram-se contra mim. Os vossos príncipes profanaram o meu santuário. Depois entreguei Jacó à maldição e Israel à censura«(Isaías 43,27-28). De onde vem esta chamada bênção de Jacob? Vem dos intérpretes e escribas, que também se rebelaram contra Deus, como Jacob. Jacob, devido à sua resistência contra Deus, foi chamado Israel. Este nome passou para os seus descendentes, herdeiros da mesma resistência.

Ainda hoje, esta luta contra Deus é simbolizada pelo Estado de Israel. Os sionistas continuam, politizando o judaísmo, a luta de Jacob contra Deus e os homens: contra Deus pela sua recusa em aceitar a missão unicamente espiritual e universal do judaísmo e a sua rejeição de Jesus,

e contra os homens pela ocupação injusta e violenta de uma terra que não lhes pertence, ao mesmo tempo que afirmam ser o»povo escolhido«.

Muitos crentes **maus** de todos os lados merecem ser chamados»Israel«porque, enquanto dizem a Deus:»Seja feita a Tua vontade«, persistem em impor a sua própria vontade contra Deus e os homens, ignorando tanto Deus como os homens.

4.4 Os 12 filhos de Jacó: As 12 tribos de Israel (Génesis 35,22-26)

E Jacob teve doze filhos e uma filha das suas duas esposas e das suas duas servas.

Leah teve seis filhos e uma filha:

- *Reuben* (o primogénito): dormiu com Bilhah (a serva de Rachel: Génesis 35:22) e por isso não recebeu a bênção do seu pai (Génesis 49:3-4).
- *Simeão e Levi*: cometeram um crime racista e traiçœiro (Génesis 34,25-31) que lhes trouxe a **maldição do seu pai** (Génesis 49,5-7). Moisés e Arão, seu irmão, descendem da tribo amaldiçoada de Levi, escolhida por Moisés para ser a única tribo sacerdotal, ou seja, a tribo que dá sacerdotes para sacrificar animais (Números 3,45).
- *Judá*: da sua tribo vem o Messias (não da tribo do filho mais velho, Rúben). É por isso que Jacob elogia Judá (Génesis 49:8-12).
- *Isachar e Zebulun.*
- *Dinah*, finalmente é a única filha de Jacob.

Raquel teve dois filhos:

- *José*: tinha ciúmes dos seus meios-irmãos e foi vendido por eles. Tornou-se todo-poderoso no Egipto, onde finalmente acolheu toda a sua família.
- *Benjamin*: o filho mais novo de Jacob, o»benjamin«.

Bilhah (a criada de Rachel) teve dois filhos:

- *Dan*
- *Neftali.*

Zilpah (a criada de Leah) teve dois filhos:

- *Gad*
- *Asher.*

Génesis capítulo 49 relata as profecias de Jacob a respeito de cada um dos seus filhos. O mais importante é o de Judá porque é a partir daí que o Messias sairá. Esta é chamada»O Leão de Judá«porque esta profecia chama Judá de»leão jovem«(Génesis 49:9). O Livro do Apocalipse atribui este título messiânico a Jesus (Apocalipse 5:5).

A tribo de Judá desempenhou o papel messiânico na história judaica. Deu aos reis que governaram na Judeia, David e a sua dinastia, de onde veio o Messias. Génesis 38 indica a descida do Messias através de Judá e Tamar por uma união extra-matrimonial. Mateus 1,3 indica esta genealogia. Foi Judah, que se revoltou contra os seus irmãos após a venda de José. Tinha deixado a sua família e casado com uma mulher cananéia, não com um judeu. Ele tinha intervindo com os seus irmãos para salvar a vida de José (Génesis 37:26). Esta atitude nobre valeu-lhe os louvores do seu pai (Génesis 49:9) e o mérito de ser o antepassado do Messias.

Segundo a profecia de Jacó sobre Judá (Génesis 49,9-12), o Messias devia abolir a realeza em Israel, não consolidá-la como pensavam os judeus e os próprios Apóstolos (Actos 1,6). Pois diz:»O cetro **não se afastará de** Judá, nem a vara do governante entre os seus pés, até à **vinda** dele (*o Messias*) a quem pertence, a quem os povos obedecerão«(Génesis 49,10). O ceptro, símbolo da realeza, permanecerá, portanto, até à vinda do Messias. Ele deve tomar posse da coroa para proclamar o reino universal **e espiritual**, segundo Deus, e não político-militar, segundo os homens.

A razão para a destruição do reino israelita - veremos isto mais tarde - é que foi estabelecido pelos judeus contra a vontade de Deus. Mas se o Messias vem para destruir o reino temporal de um Estado israelita, é para construir o seu Reino espiritual e universal de acordo com as palavras proféticas de Jacob ao seu filho Judá:»O ceptro não se afastará de Judá ... até à vinda d'**Ele** (*o Messias*) a quem ele (*o ceptro, portanto o reino*) **pertence**, a quem os **povos** devem obedecer«(Génesis 49,10). (Génesis 49,10). A realeza cessará portanto em Israel, mas após a vinda do Messias que se proclamará o Rei **espiritual** de todas as nações. De facto, depois de Jesus, o reino político cessou em Israel quando Tito invadiu Jerusalém e destruiu o Templo. A partir de então, o Reino espiritual e universal do Messias, Jesus, o»Leão da tribo de Judá«, foi definitivamente estabelecido. Para ele é o»Ceptro«para sempre.

A tribo de Judá (chamada»Yehuda«em hebraico) deu o seu nome aos judeus (chamados»yehudim«em hebraico, e»Yahud«em árabe). A tradução inglesa das duas palavras (»Yehuda«tornando-se»Judah«e»Yehudim«tornando-se»judeus«) não revela, como o hebreu e o árabe, esta relação entre a tribo de Judah e os judeus (Yehuda e yehudim). As palavras»judeu«e»judaísmo«derivam do nome desta tribo que, devido à sua qualidade messiânica, teve grande importância em toda a comunidade. Os judeus reivindicavam o nome»**Yehudim**«como o povo de Cristo da tribo de»**Yehuda**«, tal como tinham adoptado o nome Israel para significar que eram os descendentes de Jacob, que se chamava»Israel«.

Os seguidores de Jesus autodenominam-se»**cristãos**«porque acreditam que Ele é o»**Cristo**«Assim, o Messias, está no centro de ambas as comunidades e do seu ponto de referência. Nele se definem e encontram a sua identidade. Ele é o Tudo para todos, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Assim, judaísmo e cristianismo referem-se ao Messias: o judaísmo à espera da sua vinda e o cristianismo proclamando esta vinda na pessoa de Jesus. Um»cristão«é portanto um»cristão«que reconhece em Jesus o Cristo anunciado. Já não devemos esperar outro como fazem os judeus.

A missão da comunidade judaica era difundir o conhecimento de Deus e a **futura vinda do** Messias. A comunidade cristã, por outro lado, dá testemunho do **cumprimento** das profecias messiânicas por parte de Jesus, apresentando-o como o único Messias esperado e que nenhum outro era de esperar (Mateus 11,2-3).

Estes 12 filhos de Jacob não tinham uma missão política. A sua missão era unicamente espiritual e consistia em tornar Deus conhecido e anunciar a vinda do Messias na sua comunidade e em todo o mundo. Por conseguinte, estas 12 tribos não são apenas os antepassados **espirituais** dos judeus, mas de todos aqueles que acreditam que Jesus é verdadeiramente o único Cristo de Deus.

A palavra»Messias«deriva do hebraico»Meshiah«, que significa»**Ungido**«, Aquele que recebe a unção de Deus. A palavra»Cristo«deriva do grego»Christos«, que também significa»Ungido«, o escolhido de Deus. Foi através da unção que os reis foram entronizados. Agora o Messias é rei de ambos os mundos e a sua unção vem directamente de Deus.

4.5 As 12 tribos no Egipto (Génesis 37 a 50)

Com a história de José, vimos como os»filhos de Israel«acabaram no Egipto por volta de 1700 a.C. Eles permaneceram lá durante quatro séculos, crescendo em número. O relato do»pacto das metades«entre Deus e Abraão tinha»profetizado«este acontecimento (Génesis 15:13-15). Não se deve ignorar que a escrita do relato teve lugar por volta do ano 1000 AC. A estadia no Egipto e a partida desse país **já** tinham, portanto, tido lugar. Os escribas acrescentaram esta»profecia«mais tarde.

Esta estada no Egipto causou uma forte impressão na comunidade israelita, que se tinha esquecido de Deus e se tinha tornado atraída para a prática da idolatria egípcia. Isto expôs o plano messiânico de Deus ao perigo.

A fim de prosseguir este plano e levá-lo a bom termo, Deus instruiu Moisés a trazer os israelitas para fora do Egipto quatro séculos após a sua entrada. O livro do Êxodo, que veremos na nossa quinta lição, conta a história deste êxodo. Com Jacob, 70 israelitas fugiram para o Egipto (Génesis 46:27); com Moisés 600.000 saíram 400 anos depois (Êxodo 12:37).

Devemos recordar os dois sonhos de José quando ele tinha 17 anos: o dos feixes dos seus irmãos que se curvaram diante dos seus e o do sol, da lua e das onze estrelas que fizeram o mesmo antes dele (Génesis 37:2-11). Recordemos também os dois sonhos do Faraó: o das vacas e o das espigas de milho (Génesis 41,1-7). Deus fala frequentemente aos homens em sonhos e revela-se a eles desta forma.

O Criador anuncia a mesma mensagem de duas formas diferentes: primeiro a José e depois ao faraó. Portanto, Deus fala em sonhos. Mas também temos de ter cuidado: há fontes satânicas nos nossos sonhos. É portanto necessário saber discernir a fonte e **interpretar** o significado das mensagens assim recebidas, e certificar-se de que elas são de Deus. Devemos rezar para os compreender bem e agir sabiamente em conformidade. Deus tem usado frequentemente este processo na Bíblia, especialmente no livro do Apocalipse, onde a mesma mensagem é anunciada em repetidas visões, mas sob diferentes formas, tais como os sonhos de José e do Faraó. O profeta Jœl informa-nos que Deus se manifesta aos Seus eleitos em sonhos e visões:»Derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne«. Os vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos anciãos sonharão sonhos, os vossos jovens terão visões...» (Jœl 3:1).

Génesis termina com os israelitas no Egipto, tendo Jacob sido enterrado em Canaã (Palestina) na actual cidade de Hebron (em árabe «El Khalil»), onde Abraão e Isaac estão enterrados (Génesis 50,12-13). Este lugar é, hoje, uma mesquita que os judeus gostariam de recuperar.

Antes de morrer, José avisa os seus irmãos que «Deus irá visitá-los» para «trazê-los desta terra para a terra prometida a Abraão, Isaac e Jacob». Recomenda-lhes que levem os seus ossos com eles (Génesis 50,24-25). Foi isto que Moisés fez quando saiu do Egipto com os israelitas (Êxodo 13,19).

A expressão «Deus irá visitar-vos» é para ser lembrada. É frequentemente utilizado na Bíblia. Deus «visita» um enviado, um profeta, para comunicar uma mensagem, ou por acontecimentos

felizes ou infelizes para recompensar ou punir. Esta expressão significa que Deus é a causa destes acontecimentos: «E de repente, inesperadamente, sereis visitados por Javé; com trovões, rachaduras, grande queda...», Isaías profetiza contra Jerusalém, o ímpio (Isaías 29,6 / ver também Jeremias 29,10 / Amós 3,2 / Lucas 7,16 e Lucas 19,44). Deus visita-o e solicita-o através do estudo bíblico.

4.6 Questionário sumário

1. Fez o seu «descondicionamento» e «sensibilização»?
2. Porque está a estudar a Bíblia e não outro livro sagrado?
3. Tem a certeza de que o texto bíblico que está a estudar é autêntico? Porque tem a certeza?
4. Encontra alegria em estudar a Bíblia? O que é que sente?
5. Explicar histórias de criação e tradições orais.
6. O que significa «Deus criou o homem à sua imagem»? Está nessa imagem?
7. Como imagina o estado do homem no Céu antes da queda? E após a queda?
8. Como se compreende o pecado de Adão e Eva?
9. Explicar Génesis 3:15. O que é que isto tem a ver com Abraão?
10. Deus aceitou a oferta de Abel, não a de Caim. O que é que isso tem a ver com isto?
11. Quem foi o sucessor de Abel?
12. O que entendeu sobre a inundação e os descendentes de Noé?
13. O que sabe sobre a epopeia de Gilgamesh?
14. Como é que entende Gênesis 6:1-4? Génesis 10? Génesis 15? Génesis 18:1-15? Génesis 32:23-33? Génesis 49,8-12?
15. Qual era o plano divino em Abraão?
16. Qual dos dois conceitos é correcto: «pessoas **escolhidas**» ou «comunidade **formada**»? Porque é que isto acontece?
17. Sarah mandou embora Hagar e Ishmael. Comentário.
18. A circuncisão e o baptismo na água são requisitos divinos para a salvação da alma?
19. O que entendeu sobre Melchisedec?
20. O que entendeu sobre Sodoma e Gomorra?
21. A mulher de Lot tornou-se um pilar de sal. Comentário.
22. As 12 tribos de Israel. Explicar.
23. Comentário sobre os sonhos de José e do Faraó.
24. Quem é «O Leão da tribo de Judá»? Porque se chama «Leão da tribo de Judá»?
25. Estabelecer a linhagem messiânica de Abraão a Judá.

26. Porque é que os judeus querem recuperar a Mesquita de Hebron e a Mesquita de Omar em Jerusalém?

    (A Mesquita de Hebron é construída no local onde estão enterrados Abraão, Isaac e Jacob. A Mesquita de Omar em Jerusalém está construída no presumível local onde Abraão estava prestes a oferecer Isaac como sacrifício. Salomão tinha construído ali o Primeiro Templo, que foi destruído em 586 a.C. por Nabucodonosor e novamente em 70 d.C. por Titus. No século VII, o Khalifa, Omar Ibn-Le-Khattab construiu uma mesquita no mesmo local).

5. Lição 5 - O Livro do Êxodo

Antes de ler as minhas explicações, seria preferível que lesse todo o livro do Êxodo a fim de se familiarizar com o seu conteúdo. Em seguida, voltar aos pontos seguintes:

5.1 A longa estadia dos israelitas no Egipto

CONCORDANCES PRINCIPALES ENTRE LA BIBLE ET L'HISTOIRE

Enseignements de l'Ancien Testament		*Faits historiques*	*Indications chronologiques*
Entrée en Égypte de Jacob et Joseph (Mention anachronique de la « Terre de Ramesses »)	▲	MERUSERRE YAKOUB HER dans la liste des derniers rois hyksos (Avaris)	vers le milieu du XVII^e siècle av. J.-C.
Naissance de Moïse contemporaine de la construction de Pi-Ramesses		Début de la construction de Pi-Ramesses sous Sethi I^er	environs du début du XIII^e siècle av. J.-C.
Moïse en pays de Madiân (mort du roi d'Égypte)	430 ans	Mort de Ramsès II après un peu plus de 67 ans de règne. Avènement de Mineptah	vers 1235-1224 av. J.-C. [1]
80 ans			
Les descendants de Jacob-Israël asservis en Égypte		Stèle d'Israël de l'an V de Mineptah	
Moïse parle à Pharaon			
EXODE	▼	Mort de Mineptah Fin de la XIX^e dynastie	dernier quart du XIII^e siècle av. J.-C.

Le XVII^e siècle avant J.-C. est le siècle de *Jacob* et de *Joseph*. La donnée scripturaire de quatre cent trente ans entre leur entrée en Égypte et l'Exode concorde avec l'intervalle approximatif connu entre la souveraineté hyksos et les derniers temps de la XIX^e dynastie.

Le XIII^e siècle avant J.-C. est le siècle de *Moïse* : la donnée scripturaire de quatre-vingts ans qui s'incluent dans ce siècle concorde parfaitement avec l'histoire.

1. Les durées de certains règnes sont bien connues, mais leur situation dans le temps reste relativement imprécise.

Do livro «Moisés e Faraó» Dr. M. Bucaille

Esta longa estadia dos judeus no Egipto de quatro séculos fê-los esquecer o monoteísmo e adoraram as divindades egípcias. No deserto, no seu regresso à Palestina, vemo-los novamente

a adorar o bezerro «Apis», um dos deuses egípcios da época (Exodus 32). Isto mostra até que ponto se tinham afastado do plano de Deus em Abraão. Esse plano consistia em enviar o Messias para o mundo através dos descendentes de Abraão.

Deus, portanto, teve de isolar esta comunidade contaminada pela idolatria, trazendo-a para fora do Egipto, tal como tinha isolado Abraão 700 anos antes, trazendo-o de Haran para Canaã, mais a sul, para salvaguardar a sua fé ainda embrionária do paganismo circundante (Génesis 12:1-5). Deve saber que a palavra «israelita» se refere à religião judaica, à comunidade espiritual, mas «israelita», por outro lado, refere-se ao nacionalismo judeu, ao estado hebraico, e significa uma identidade política nunca querida por Deus.

A comunidade israelita, de origem síria, representa a matriz social que deu à luz o Messias, Jesus de Nazaré, que veio treze séculos mais tarde. Esta é a única razão para a sua criação e a sua importância.

5.2 A vocação de Moisés

Tirar os judeus do Egipto não era uma tarefa pequena: primeiro que tudo, os próprios judeus tinham de ser convencidos da sua necessidade moral. Moisés foi escolhido por Deus para este fim e, desde o seu nascimento, foi orientado para realizar esta vocação, tendo frequentado o palácio do faraó.

Moisés é da tribo de Levi (Êxodo 2:1). O seu nome em hebraico significa «salvo das águas» («Moisés»: água e «ela»: salva). A filha do faraó «tratou-o como um filho» (Êxodo 2:10) e assim ele cresceu no palácio, imbuído do culto da religião faraónica. É por esta razão que judeus e muçulmanos têm a filha do faraó em grande estima.

Quando Deus aparece a Moisés na sarça ardente (Êxodo 3:1-15), Moisés não reconhece o Deus dos seus antepassados e não sabe como apresentá-lo aos israelitas que também O tinham esquecido. Moisés precisava desta nova manifestação divina para continuar o plano estabelecido com Abraão.

Acreditando que Deus tinha um nome como os deuses da mitologia, Moisés pediu-lhe o seu próprio nome. Deus respondeu que o seu Nome era «Eu sou Aquele que é», o Ser por excelência, ao contrário dos deuses da mitologia que «não são» divindades porque não existem. Deus pediu a Moisés que o desse a conhecer aos judeus que o tinham esquecido sob o nome de «Yahweh». Este nome significa «Eu sou». Em hebraico este nome é escrito em 4 letras (YHVH) e por esta razão é conhecido como «Tetragrammaton» (as 4 letras). É frequentemente escrito acima de certos edifícios religiosos judeus (sinagogas). «Este é o Nome que Eu levarei para sempre, pelo qual as gerações futuras Me invocarão» diz o Criador (Êxodo 3:15). Não devemos parar na ressonância literal deste Nome, como alguns judeus fazem, mas no seu profundo significado, EU SOU, infelizmente negligenciado pelos crentes.

O Tetragrama

Jesus ensinou-nos a dirigirmo-nos a Deus como filhos ao seu Pai e a perguntar-lhe: «Pai, santificado seja o teu nome» (Mateus 6,9), ou seja, purificado. Ele não falou do nome Yahweh, uma palavra articulada, mas do Ser de Deus, que Ele realmente é. A intenção de Cristo não é, portanto, «santificar» Deus que já é perfeito, mas purificar o conhecimento que temos d'Ele, a ideia que o homem tem d'Ele. Deus não é como apresentado pela maioria dos religiosos de todas

as convicções que têm uma falsa concepção Dele e dão uma falsa imagem da Sua Pessoa. Muitos recusam-se a acreditar n'Ele por causa disto e muitos ateus rejeitam esta falsa imagem em vez de Deus. E se viessem a conhecer Deus como Ele realmente é, estes ateus fariam melhores crentes do que os clérigos que profanaram o nome do Criador, fazendo o mal em nome de Deus. Os profetas têm denunciado esta profanação e aqueles que, pelas suas injustiças, prejudicam o Nome de Deus e desfiguram a Sua imagem:

> «Não profanareis mais o meu santo nome com as vossas ofertas e os vossos ídolos...» (Ezequiel 20:39).
>
> «...profanaram o meu santo nome, dizendo deles: 'Este é o povo do Senhor.... Mas tenho em conta o meu santo Nome, que a casa de Israel profanou. Santificarei o meu grande Nome que foi profanado entre as nações, que vós profanastes entre elas» (Ezequiel 36:20-23; Romanos 2:24)
>
> «...vendem os justos por dinheiro... esmagam as cabeças dos pequenos e viram o caminho dos humildes... filho e pai vão para a mesma rapariga para profanar o meu santo nome» (Amós 2:6-7)
>
> «Não fazeis senão profanar o meu nome» (Malachi 1:12).

Deus santificou o seu Santo Nome pela imagem real que nos deu de Si mesmo na Pessoa do seu Messias que diz: «A vida eterna é que eles te conhecem, o único Deus verdadeiro, e a Jesus, aquele enviado por Ti» (João 17,3). Jesus santificou o nome de Deus, tornando-O conhecido como Ele é: Amor, Bondade e Simplicidade. Deus é um Pai terno para aqueles que vêm a Ele através de Jesus que declarou perante os Seus Apóstolos que Ele «lhes revelou o Nome de Deus e que Ele lhes revelaria novamente no futuro» (João 17,26) na medida em que as suas almas serão purificadas. Que o Santo Nome de Deus seja santificado em todos nós. Ámen.

Ainda hoje este Santo Nome é profanado em todo o lado e os cristãos, por sua vez, desfiguraram os nomes de Deus e do Seu Messias.

Note-se que Moisés casou com um Midianita, não com um judeu. É por isso que os judeus não consideram os seus dois filhos como judeus (Êxodo 2:16-22 e 18:6). Na realidade, os rabinos só reconhecem como judeus aqueles cuja mãe é judia. É por isso que o livro de Números relata que «Miriam, juntamente com Arão, falou contra Moisés por causa da mulher Cushite (*Midianita*) que ele tinha tomado. Pois ele tinha casado com uma mulher Cushite» (Números 12:1). Note-se também que o sogro de Moisés é chamado «Reuel» (Êxodo 2,18) e noutros lugares «Jethro» (Êxodo 3,1 / 4,18). Isto deve-se a várias tradições orais.

Moisés estava em Midian, tendo fugido do Egipto depois de ter morto um egípcio para defender um judeu (Exodus 2,11-15). Então ele sabia que ele próprio era judeu, a filha do Faraó tinha-o informado disso. Ela tinha descoberto a sua identidade judaica por causa da circuncisão (Êxodo 2:6).

Note-se que Moisés, intimidado pela sua missão, e tendo uma palavra difícil, pediu a Deus para acrescentar o seu irmão Aarão, o melhor orador (Êxodo 4:10-17). Muitos profetas hesitaram em assumir a difícil missão que Deus lhes confiou (Jeremias 1,6-7).

No caminho de regresso ao Egipto, Moisés levou a sua mulher e filho com ele num burro. Durante uma escala, Moisés teve uma crise de consciência por causa da incircuncisão do seu filho. O escritor, acreditando na importância da circuncisão, interpreta esta crise como um encontro com Deus que quer matar Moisés por causa do seu filho incircunciso. Cippora, a mulher de Moisés, que não era judia, desconhecia esta prática, que era estranha à terra de Midian, e não compreendia os problemas do seu marido. Por insistência dele, ela própria circuncidou o seu filho com uma pedra afiada e, com um gesto irritado, «tocou o sexo de Moisés com o prepúcio cortado do seu filho e disse: 'Verdadeiramente tu és um marido de sangue para mim! (Êxodo

4:24-26). Esta crise injustificável pode ser comparada com a que Abraão teve quando quis oferecer Isaac como sacrifício a Deus.

Se o Nome de Deus fosse santificado neles, nem Abraão teria pensado em oferecer o seu filho, nem Moisés teria pensado em circuncidar o seu próprio filho. É importante compreender Deus para não ser sobrecarregado por actos, ritos e cultos que Ele não deseja.

O caso da circuncisão pode ter sido a causa da separação entre os dois cônjuges porque depois deste incidente Moisés estava sozinho no Egipto, sem a sua esposa e dois filhos. Encontrou-os mais tarde, depois de ter deixado o Egipto, quando o seu sogro foi ao seu encontro e dos seus dois filhos:»Jetro, sogro de Moisés, tomou Ciporah, a mulher de Moisés, depois de ela ter sido despedida...«(Êxodo 18:1-6). (Êxodo 18:1-6). Note-se que Moisés»saiu ao encontro do seu sogro, curvou-se diante dele e beijou-o...«(Êxodo 18:1-6). (Êxodo 18:7)». (Êxodo 18:7)«(Êxodo 18:7). Não há qualquer menção no relato de que Moisés se apressou a beijar a sua esposa e dois filhos que estavam presentes. Esta negligência é pretendida pelos narradores judeus para depreciar a esposa e os dois filhos que são considerados não-judeus.

Note-se que Jetro reconhece que Deus»é maior que todos os deuses... e oferece-lhe um sacrifício«(Êxodo 18:11-12). Mas ele não tinha compreendido que ele é o único Deus. Depois deste sacrifício,»Aarão e todos os anciãos de Israel vieram, na companhia do sogro de Moisés, para participar na refeição tomada na presença de Deus«(Êxodo 18:12). Basta, portanto, acreditar em Deus para estar na sua presença, na sua companhia amorosa. Os judeus deveriam sempre ter agido como Moisés agiu com Jetro: fazer conhecer Deus e as suas maravilhas àqueles que não o conheciam num espírito de fraternidade e amizade.

5.3 As 10 pragas do Egipto

Estas feridas não devem ser vistas como realidades históricas. Através destas fabulações, podemos conceber o poder de Deus que triunfa sobre o mal. Note-se que os feiticeiros egípcios conseguiram imitar algumas das maravilhas realizadas por Moisés, mas foi sempre Moisés que acabou por prevalecer. Deus tem a vantagem sobre o diabo. É, de facto, a serpente de Moisés que engole a serpente dos feiticeiros: apesar disso, o coração do Faraó permaneceu incrédulo e frio, comentam os escribas (Êxodo 7,12-13). Os magos conseguiram reproduzir, com os seus feitiços, o milagre dos sapos, mas não conseguiram deter a peste causada por eles próprios, e o Faraó teve de recorrer a Moisés, que conseguiu pôr-lhe fim através da oração (Êxodo 8:1-11). Com a praga dos mosquitos, Moisés encheu a terra com estes insectos e»toda a pœira do solo transformou-se em mosquitos«(uma forma vívida de descrever a intensidade desta praga). Os feiticeiros egípcios foram incapazes de competir com o enviado de Deus e reconheceram que»o Dedo de Deus está lá«perante o poder que os venceu (Êxodo 8:12-15). Finalmente, quando Deus atingiu os egípcios com uma epidemia de úlceras, os próprios feiticeiros foram afligidos e não puderam comparecer perante o Faraó (Êxodo 9:8-12). Apesar deste faraó permanecer imperturbável e recusou-se a deixar sair os judeus, contrariamente à sua promessa. O texto diz:»O Senhor endureceu o coração do Faraó«(Êxodo 9:12): esta é uma forma errada de explicar a teimosia do Faraó porque Deus não endurece o coração de ninguém, mas nessa altura, os crentes pensavam que Deus era o instigador de todas as nossas decisões. Isto não é verdade! Deus respeita a nossa liberdade e é por isso que Ele nos julga. Caso contrário, ele seria injusto.

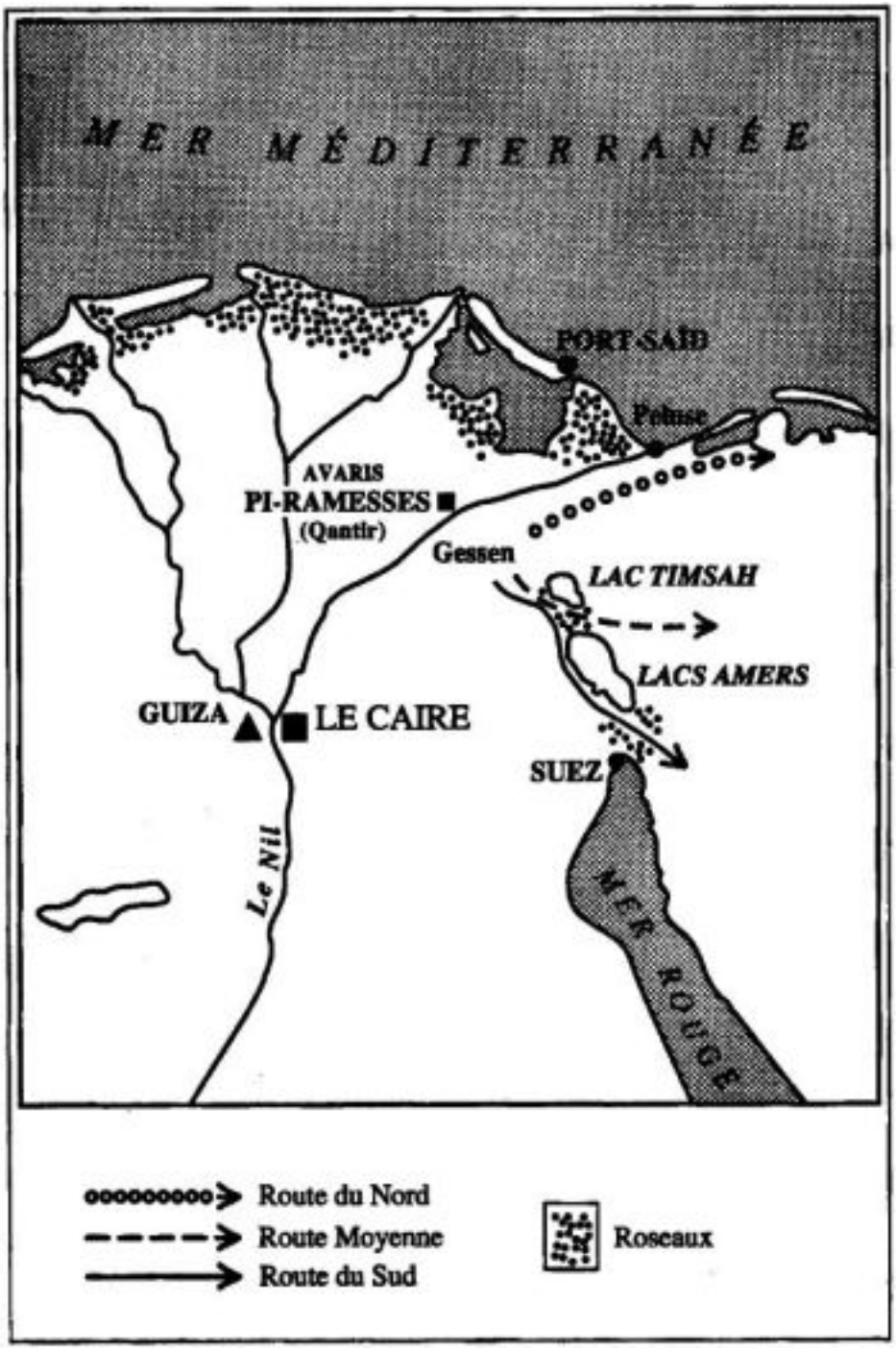
Retira desta história imaginada que os demónios têm o poder de fazer maravilhas nesta terra para enganar os homens. Mas os verdadeiros crentes são capazes de frustrar feitiços satânicos. O diabo é»o macaco de Deus«, mas as suas artimanhas acabam sempre por ser reveladas quando sabemos como discernir a verdadeira luz de Deus e como esperar com fé e força inabaláveis para ver o fim do poder do mal.

5.4 Páscoa

Na Páscoa hebraica pronuncia-se»Pesach«, e em árabe»Fesseh«. É um feriado anual judeu celebrado na Primavera. Por vezes coincide com a Páscoa cristã (escrita com um s para a distinguir).

A Páscoa judaica, que significa»passagem«,»dar o passo«, comemora a saída dos judeus do Egipto após a»passagem«do anjo da morte que atingiu os primogénitos egípcios, seguida da»passagem«da comunidade judaica pelo Mar Vermelho, fugindo do exército do Faraó.

A Torá pede aos judeus que celebrem uma refeição anual para comemorar esta festa da passagem da terra da escravatura para a»terra prometida«. Esta refeição consiste de um cordeiro com ervas amargas. É a ceia da Páscoa, a que os judeus chamam»seder«:»...comê-la-ão à pressa; é uma Páscoa (*Páscoa*) em honra de Yahweh«. Recordá-lo-eis...» (Êxodo 12:11-14). Os judeus comemoram esta Páscoa todos os anos por uma família sedentária. Partilham o cordeiro e o vinho da Páscoa com fórmulas de bênção.



Moisés e Faraó

Jesus foi reconhecido como o novo Cordeiro Pascal por João Baptista: «Eis o Cordeiro de Deus», disse ele (João 1,36). Devemos, portanto, esquecer o Cordeiro da Páscoa do Egipto para outro «Cordeiro» e uma nova Páscoa. Jesus é o Messias enviado por Deus para nos fazer sair da morte espiritual e nos fazer «passar» para a Vida Eterna. Ele é a Páscoa para todos os homens que acreditam n'Ele e permanecem fiéis a Ele. É por isso que, na véspera de ser entregue à cruz, e enquanto comia o homem sedentário com os seus discípulos, Ele ofereceu-se a Si próprio, não ao cordeiro, como alimento eficaz para o perdão dos pecados e para a vida eterna: «Come, isto é o meu corpo (*a minha carne ou a minha carne, não a carne do cordeiro tradicional*).... Bebe, este é o meu sangue que é derramado para o perdão dos pecados» (Mateus 26,26-28): «Este é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo», diz João Baptista (João 1,29). Jesus também tinha dito: «Eu sou o pão vivo que desceu do céu: quem comer este pão viverá para

sempre. O pão que darei é a minha carne pela vida do mundo...» (João 6:51-58). A pessoa sedentária cristã, ou a «Ceia do Senhor» (1 Coríntios 11:20), leva-nos deste mundo perecível para o Outro, começando aqui na terra... O nosso veículo é o Cristo vivo na Eucaristia. É para nos ajudar a sublimar a nossa vida que Jesus nos pede para repetir este acto, dizendo: «Fazei isto em memória de mim» (Lc 22,19).

Repare que os judeus, quando saíram do Egipto, «despojaram» os egípcios das suas jóias (Êxodo 12:35)... Estas jóias roubadas foram utilizadas para a edificação do Bezerro de Ouro adorado por eles (Exodus 32,1-6). Esta despossessão do bem dos outros é frequentemente recorrente na Bíblia (Números 33,50-56).

5.5 O Sacerdócio Judaico

Antes de Moisés, a noção de sacerdócio era desconhecida na comunidade judaica. Deus nunca tinha falado disso a Abraão. Durante séculos depois dele, a primeira comunidade monoteísta não teve padres, os fiéis oferecendo os seus próprios sacrifícios. O sacerdócio foi estabelecido após a estada dos israelitas no Egipto e foi inspirado e copiado da mitologia egípcia. Não se deve esquecer que Moisés cresceu no palácio faraónico, imbuído do culto egípcio cujos sacerdotes tinha conhecido de perto. Ele queria instituir um sacerdócio judeu semelhante ao egípcio. Esta última consistia em oferecer animais como sacrifícios a deuses e ídolos. Apenas os padres foram autorizados a fazer isto após uma formação rigorosa. Moisés inspirou-se nisto, mas em vez de apresentar os sacrifícios aos ídolos, fez da obrigação de os oferecer a Deus.

Inicialmente, não havia nenhuma instituição sacerdotal, nem sequer um sacrifício, uma vez que Abraão se dirigia simplesmente a Deus, sem recorrer a qualquer culto especial (Génesis 18:22-33).

Quando o sacerdócio judeu foi instituído, «cada primogénito entre os filhos de Israel» devia ser consagrado sacerdote (Êxodo 13:2). Mais tarde, Moisés consagrou os Levitas sozinhos ao culto de adoração «no lugar de todos os primogénitos dos filhos de Israel». Os primogénitos das outras tribos foram «resgatados» pelos seus pais; o dinheiro deste «resgate foi dado a Arão e aos seus filhos por ordem do Senhor, como o Senhor (*?!*) tinha ordenado a Moisés (*!*)» (Números 3:44-51). Não devemos esquecer que Moisés e Arão são da tribo de Levi, uma tribo privilegiada por eles, não por Deus. Todo este dinheiro foi-lhes dado... sob o pretexto de uma ordem divina. Penso que Deus não tem nada a ver com este culto e sacerdócio baseado na mitologia egípcia. Pois Deus tinha anunciado a vinda do único sacerdócio que aprova, nomeadamente o do Messias, Jesus, e de acordo com a ordem de Melquisedeque, não Levi (Salmos 110 (109),4). Sobre este assunto, ver o que Paulo diz na sua carta aos Hebreus 5:1 a 7:19.

O sacerdócio segundo Jesus tem o seu pleno desenvolvimento na era apocalíptica. Com a revelação da mensagem do livro do Apocalipse, Jesus instituiu um novo sacerdócio para todos aqueles que acreditam no seu conteúdo: «Vós sois dignos de tomar o livro e de abrir os seus selos... pois com o vosso sangue redimistes a Deus todos os homens de todas as raças, e fizestes deles um reino de sacerdotes para o nosso Deus, reinando sobre a terra» (Apocalipse 5,9-10). É portanto através da abertura do livro do Apocalipse que Jesus torna os seus novos sacerdotes livres das concepções sacerdotais do passado.

5.6 A Canção de Moisés (Exodus 15)

Após a travessia do Mar Vermelho, os judeus «cantaram uma canção» de alegria e gratidão em honra de Iavé porque «atirou cavalo e cavaleiro» do exército egípcio ao mar (Êxodo 15:1-21). Esta é a canção de Moisés bem conhecida na comunidade judaica. É cantada enquanto se dança por ocasião das vitórias israelitas, como Myriam, irmã de Moisés, fez em tempos (Êxodo 15:20-21).

O capítulo 15 do Apocalipse menciona o «cântico de Moisés», bem como o «cântico do Cordeiro». Esta última canção será lançada pelos discípulos de Jesus, os dos últimos tempos, após o seu triunfo sobre a Besta, o inimigo de Cristo, o Anticristo. Esta vitória corresponde à passagem do Mar Vermelho, sendo uma gloriosa travessia das dificuldades causadas pelos inimigos de Jesus. Começarão então o seu cântico de triunfo, o cântico do Cordeiro. É por isso que João vê «como um mar de cristal (*um»mar«espiritual e já não o Mar Vermelho*) misturado com o fogo (*o fogo da provação*), e aqueles que triunfaram sobre a Besta que está ao pé daquele mar de cristal... cantam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro» (Apocalipse 15:2-3).

5.7 Maná (Exodus 16)

Os israelitas passavam fome no deserto. Deus miraculosamente deu-lhes o maná para comer, aconselhando-os a serem auto-suficientes diariamente e a não guardarem nenhum para o dia seguinte. Este é um ensinamento: é preciso confiar em Deus por completo, satisfazendo-se com o pão quotidiano sem se preocupar com o amanhã, como Jesus ensinou (Mateus 6,11 / Mateus 6,25-34).

O episódio do maná foi retomado por Jesus no Evangelho onde ele se apresenta como o maná celestial, o verdadeiro pão do céu que alimenta a alma: «Não foi Moisés que vos deu o pão do céu...» (Mateus 6,25-34). Eu sou o pão vivo que desceu do céu«.. (João 6:32-51).

Um novo maná é reservado para os tempos apocalípticos (Apocalipse 2:17). É um maná»escondido«, um maná místico que os discípulos apocalípticos do fim dos tempos serão alimentados com: a Eucaristia na família (Apocalipse 3,20 / Apocalipse 12,6 / Apocalipse 12,14).

5.8 A Lei de Moisés (Êxodo 20-31)

A Lei de Moisés (Torah) está dividida em duas partes:

1. os 10 Mandamentos (ou o Decálogo)
2. a lei das obras ou a prática do culto (circuncisão, comida pura e impura, etc.).

5.8.1 O Decálogo

A maioria destes mandamentos já existia e está na lei do rei Hamurabi (Não matarás, roubarás, etc.). O que é novo são os 3 primeiros mandamentos relativos ao único Deus:»Não terás outros deuses além de mim... etc.«O Decálogo será sempre válido e Jesus resumiu-o na palavra»amor«, porque aquele que ama não mata, não rouba nem insulta. Medita bem as palavras de Cristo em Mateus 22,36-40 e de Paulo em Romanos 13,8-10:»Os preceitos da lei resumem-se nesta fórmula: 'Amarás o teu próximo como a ti mesmo'. O amor não faz mal ao próximo«. Do mesmo modo, Santo Agostinho disse:»Ama e faz o que quiseres«, sabendo que a pessoa que ama verdadeiramente não comete crimes. Uma mãe amorosa não é aconselhada a não prejudicar os seus filhos. Isso é evidente.

5.8.2 A lei das»obras«

A lei das obras prescreve práticas ou obras de culto, tais como a circuncisão, o sábado, comida pura e impura, sacrifícios, etc. A lei das obras prescreve a prática do Espírito Santo. É uma lei que não só está ultrapassada, como nunca foi inspirada pelo Criador, como revelou o profeta Jeremias: **»Não disse nada aos vossos pais** quando os tirei da terra do Egipto **sobre holocausto e sacrifício**, nem lhes **ordenei**«, diz Deus (Jeremias 7,22).

Todas estas práticas foram inventadas pelos padres e escribas pelas suas vantagens materiais. Escribas e padres acrescentaram, ao longo dos séculos, mais de 600 práticas a serem respeitadas sob pena de pecado. Para além da circuncisão, etc., acender a luz no sábado, pentear o cabelo

a partir de sexta-feira após o pôr-do-sol, caminhar mais de um quilómetro no sábado, tocar uma mulher com os seus períodos ou um objecto que ela tocou...etc., tudo isto é considerado impuro e requer uma purificação que o padre deve realizar por dinheiro...naturalmente. Foi novamente Jeremias que denunciou»a falsa caneta dos escribas«(Jeremias 8,8).

Isaías também tinha declarado que o culto praticado pelos judeus era vaidoso porque é de inspiração humana, não divina:»Este povo vem a Mim apenas em palavras... enquanto os seus corações estão longe de Mim; a sua religião para Mim é apenas **mandamentos humanos**, lições aprendidas«(Isaías 29,13). Jesus, apoiando-se nas palavras deste grande profeta, condena a tradição praticada pelos fariseus e escribas e chama-lhes hipócritas:»Hipócritas! Isaías profetizou maravilhosamente contra vós quando disse: «Este povo honra-me com os seus lábios, mas os seus corações estão longe de mim. Eles veneram-me em vão; as doutrinas que ensinam são apenas preceitos humanos» (Mateus 15,7-9). Estes preceitos vãos não são outros senão os da Torah, a lei do Mosaico. Este culto inútil e pesado é uma falsificação da Palavra de Deus. Isaías explica isto dizendo: «Viram na palavra de Deus apenas lei sobre lei, preceito sobre preceito, ordem sobre ordem, regra sobre regra, uma bagatela aqui, uma bagatela ali, de modo que tropeçam quando caminham» (Isaías 28,13). Jesus denunciou os escribas e os fariseus porque eles «atam fardos pesados (*os preceitos da Torá*) e os impõem aos ombros das pessoas, mas eles próprios recusam levantar um dedo» (Mateus 23,4).

O profeta Oséias não hesitou em revelar o que Deus lhe tinha dito sobre a sua recusa de sacrifícios de animais e a inutilidade do culto mosaico: «...Pois é o amor que me agrada, e não os sacrifícios, o conhecimento de Deus em vez de holocaustos (Oséias 6:4-6). O profeta Miquéias também declarou:»Com que virei eu perante o Senhor? Apresentar-me-ei com holocaustos, com bezerros de um ano? ... 'Fostes feitos para saber, homem, o que é bom, o que o Senhor exige de vós: **nada mais que** fazer justiça, amar a bondade e andar humildemente com o vosso Deus' (Oséias 6,4-6) (Miqueias 6:6-8)

São Paulo também denunciou esta lei de ritos e adoração e declarou que era uma «maldição» da qual Jesus nos salvou (Gálatas 3,13): ele disse que era inútil para a salvação e que somos salvos não fazendo as obras desta lei, mas pela fé em Jesus (Romanos 3,28). Todos os esforços de Jesus e dos Apóstolos visam a libertação dos crentes da prática desta lei de superstição.

5.9 A Arca do Pacto e o Candelabro (Êxodo 25)

No deserto, Moisés mandou construir uma tenda como santuário para a oração. A Arca do Pacto e o candelabro de sete ramos são particularmente dignos de nota. A primeira era uma caixa portátil contendo as duas pedras dos Dez Mandamentos, a segunda era um candelabro de sete ramos, símbolo da luz divina. O número sete deve ser lembrado porque simboliza a plenitude, portanto a plena clareza através da luz divina.

Arche d'Alliance

Candelabro de 7 marcas

A Arca do Convénio desempenhou um grande papel na história judaica. Perdeu-se após a destruição do Templo, juntamente com o candelabro. A Arca está actualmente a ser activamente

investigada por arqueólogos judeus. No entanto Jeremias previu que nos tempos messiânicos «a Arca da Aliança não será falada, pensada ou vista de novo» (Jeremias 3,16). O desaparecimento desta Arca é um sinal de que o tempo messiânico está bem realizado com Jesus. Foi, de facto, depois dele, no ano 70, que os romanos destruíram o templo e a Arca desapareceu.

5.10 O Bezerro de Ouro (Exodus 32)

Os judeus, impacientes no deserto por onde passaram com sofrimento e privação, rejeitaram o único Deus por quem tinham renunciado ao conforto no Egipto. Desencorajados e revoltados, fizeram-se um deus-ídolo visível, um bezerro de ouro que evoca o deus Apis (venerado no Egipto sob a forma de um bezerro). Em vez de os manter afastados, Aaron, o sacerdote, consentiu. Daí a ira de Moisés que, na sua fúria, quebrou as duas tabelas dos Dez Mandamentos.

Na nossa jornada espiritual, também nós temos de passar por altos e baixos. Cuidado com a fadiga e o cansaço no nosso deserto espiritual, como outros fazem ao ponto de fazer uma falsa imagem de Deus, uma imagem que lhes convém e pode satisfazer inclinações materialistas que nos distanciam de Deus. A paciência amadurece e purifica-nos.

5.11 Questionário

1. O que entendeu sobre o nome de Deus Yahweh?

2. Qual é a diferença entre os milagres de Moisés e os dos magos egípcios?

3. O que é a Páscoa?

4. O que é estável na lei de Moisés?

5. A Arca do Convénio e o Candelabro.

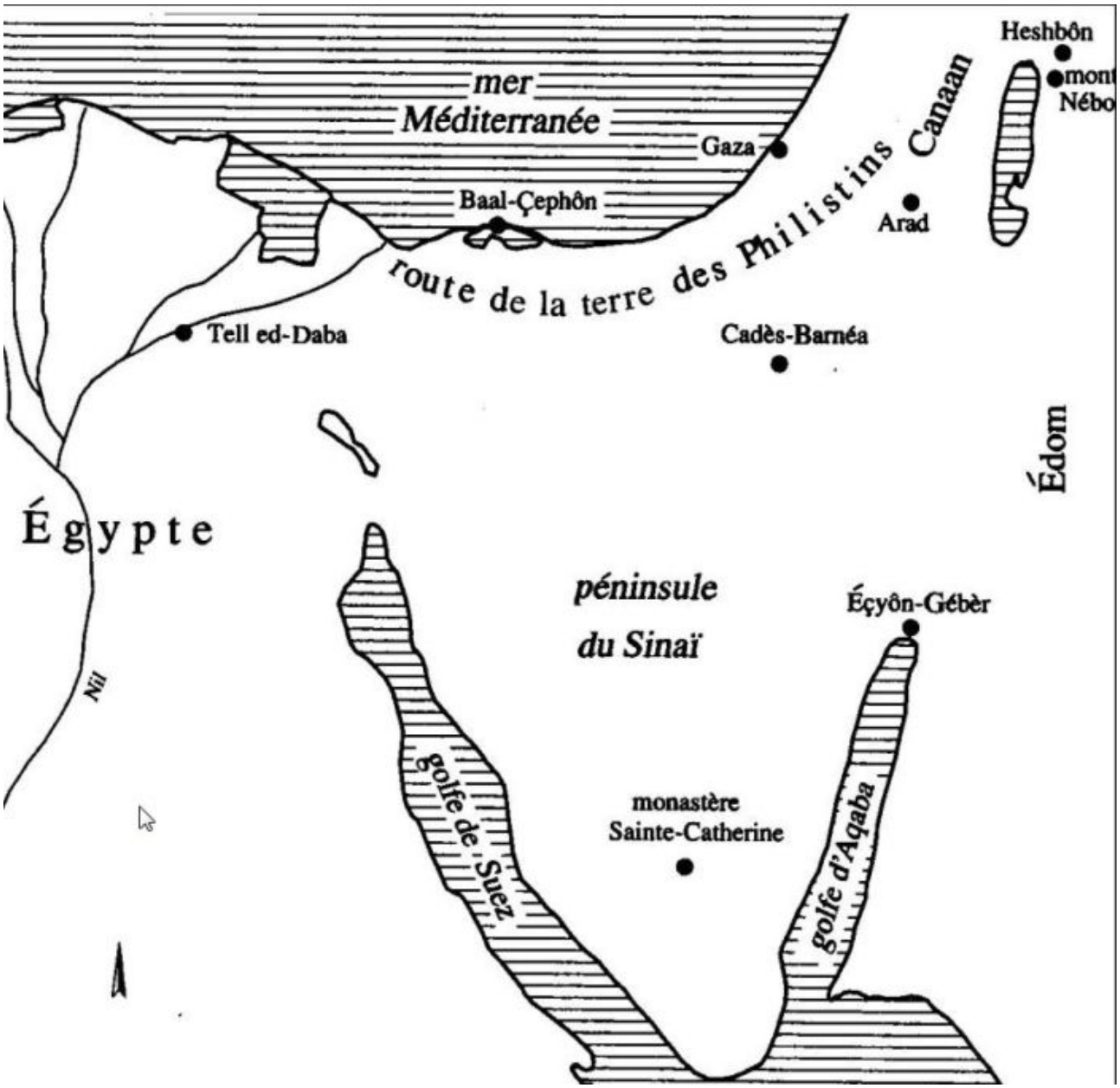
6. O que pensa sobre os sacrifícios de animais?

7. O que pensa das vestes sacerdotais prescritas por «Deus» (Exodus 28)?

8. O que pensa dos ritos de consagração dos sacerdotes (Exodus 29)?

Reflexão

O Êxodo diz que os judeus no Egipto na época de Moisés se tinham tornado «tão numerosos e poderosos no extremo que encheram a terra» (Êxodo 1:7). Foi a José, o seu antepassado, que eles resistiram a este poder, tendo ele próprio sido muito alto e «poderoso no máximo». Tinha nomeado os seus irmãos e outros judeus para altos cargos no Estado logo após a sua entrada no Egipto. Com o passar do tempo, tornaram-se numerosos e poderosos e quiseram governar todo o país, daí a reacção do Faraó.



A Península do Sinai e os principais lugares mencionados no Êxodo

6. Lição 6 - Leviticus - Números - Deuteronómio

Com esta lição vamos terminar os últimos três livros da Torá, ou Pentateuco, também chamado pelos judeus de «Lei». O livro do Êxodo contava a história da saída dos israelitas do Egipto. Estes três últimos livros da Lei terminaram pouco antes de entrarem na Palestina com a morte de Moisés.

6.1 Leviticus

Este livro é indigestível e desactualizado. Contudo, é necessário conhecê-lo para adquirir uma boa formação bíblica, mas sem parar nos ritos estranhos prescritos na mesma. Tudo isto está hoje muito desactualizado. Ler este livro sem demoras, depois retomar a leitura do curso.

O Levítico foi escrito pelos escribas e sacerdotes levitas, daí o seu nome. Interrompe o relato dos acontecimentos do Êxodo apresentando um conjunto de ritos prescritos pelos padres e no seu interesse. Para dar peso a estes ritos, os sacerdotes atribuem-nos a Deus. É Ele que terá pedido a Moisés e Arão que aplicassem o ritual de sacrifícios (Levítico 1-7), a investidura cerimonial dos sacerdotes e os benefícios materiais devidos (Levítico 8-10), as regras relativas ao puro e ao impuro, etc. (Levítico 8-10).

Para compreender a substância do Levítico, é necessário ter em mente que são os padres que escrevem para salvaguardar os seus interesses materiais e a sua hegemonia espiritual e psicológica sobre a comunidade. Esta atitude pode ser vista hoje em dia em todo o clero que monopoliza, em nome de Deus, a «economia» espiritual.

Os capítulos 1-7 mostram a variedade de produtos oferecidos «a Deus», ou seja, ao padre. É possível distinguir entre eles:

Os sacrifícios de animais que são oferecidos como **holocausto** (a vítima é completamente consumida pelo fogo, nada vai para o padre) ou **pelo pecado** (os padres tomam partes da vítima para si), ou como **louvor** ou **comunhão** para cumprir um voto (a carne da vítima é naturalmente dada ao padre sacerdote e a gordura é queimada para Deus...).

A oblação consiste em oferecer a Deus um punhado dos produtos do solo, mas o resto «pertence a Arão e aos seus filhos, uma parte **santíssima** das ofertas de Iavé» (Levítico 2:1-3). Entre as oferendas distinguiam-se as coisas sagradas e as coisas santíssimas. Estes últimos purificam todos aqueles que lhes tocam (Êxodo 29:37).

Já assinalei que o profeta Jeremias denunciou estas práticas fraudulentas como sendo prescritas não por Deus mas pelos escribas (Jeremias 7:22). Outros profetas também assinalaram a sua inutilidade (Oséias 6,6 / Amós 5,21-24). O Salmo 51:18-19 diz: «Ó Deus, não teríeis prazer em sacrificar.... O sacrifício a Deus é um espírito partido (*através do arrependimento*), um coração partido, Deus não tem desprezo». E Jesus também nos lembra que Deus «deseja misericórdia, não sacrifício (*animal*)» (Mateus 12,7).

Os capítulos 8-10 falam sobre os ritos de investidura dos sacerdotes. Estes cerimoniais, antigos e ridículos, são inspirados pelo paganismo (especialmente o egípcio) e estão imbuídos de gestos supersticiosos. Não há nada de divino neles. A veste de um padre é interior e, na era apocalíptica, somos todos chamados a ser padres através da fé e da compaixão... sem ritos teatrais de investidura (Apocalipse 1:6 / 5:9-10).

Os Capítulos 11-27 apresentam em pormenor várias recomendações para o culto. Entre outros, o que aos olhos dos escribas e dos sacerdotes levitas é puro ou impuro, advertindo contra a violação do sábado (Levítico 19:2 / 19:30 / 26:2). Isto já tinha sido prescrito em Êxodo 20:8-11 / 35:1-3. Os crentes estavam sobrecarregados com muitos preceitos erroneamente atribuídos a Deus. Todas estas leis não são nem santificadoras nem benéficas. Pelo contrário, como primeiro revelado pelos profetas e depois por Jesus e os seus apóstolos, eles são um obstáculo perigoso

ao desenvolvimento espiritual. Fazem tropeçar aqueles que os praticam, «preceitos tomados um pouco aqui e um pouco ali, de modo que, ao caminharem, caem para trás e quebram» sob o peso das leis, como Isaías o expressa (Isaías 28,13). Jesus também advertiu contra os escribas e o clero que «amarram fardos pesados e os colocam sobre os ombros das pessoas...» (Mateus 23:4). (Mateus 23,4). nada do que é comido contamina o homem tinha ensinado a Jesus; e isto chocou os judeus (Mateus 15,10-12).

A advertência contra a violação do sábado é solenemente repetida nos livros da Lei. Em caso de violação, o castigo é a lapidação até à morte (Êxodo 35:1-3). O livro de Números relata o caso de um homem que se atreveu a colher madeira num sábado. Ele foi simplesmente apedrejado até à morte (Números 15:32-36). O evangelho revela que os judeus ficaram furiosos com os Apóstolos que colhiam espigas de trigo no sábado (Mateus 12:1-8). Jesus foi novamente perseguido porque curou no sábado (João 5,16-18). Para os fanáticos isto significava trabalho e, portanto, a pena de morte. Ficaram ainda mais zangados com Ele quando O ouviram dizer que Ele era «Senhor do Sábado» (Mateus 12:8) e que «o Sábado foi feito para o homem, não o homem para o Sábado» (Marcos 2:27).

Moisés não podia dar a imagem correcta de Deus. Pelos assassinatos que decretou em nome de Yahweh, desfigurou a verdadeira Face do Criador. Mais tarde, escribas e padres mancharam ainda mais a Face divina. Eles não compreenderam o seu Espírito.

Conhecer Deus é **compreender** Deus. Só Jesus nos revelou o verdadeiro Rosto do Pai. Só através Dele podemos penetrar o Espírito divino, que se opõe totalmente ao espírito da Lei (Torah).

Deus é o Pai de todas as raças. Ele abre os seus braços a todos os homens de coração puro, e não apenas aos israelitas. É por isso que João escreve: «A Lei foi dada através de Moisés; a graça e a verdade vieram até nós através de Jesus, o Messias». Ninguém jamais viu Deus, o único Filho, que está no seio do Pai; Ele o fez conhecido«(João 1,17-18). Moisés, portanto, não viu nem compreendeu Deus. Caso contrário, não teria prescrito assassinatos em Seu Nome. A Lei que ele prescreveu não foi inspirada por Deus.

Será que Moisés em Nome Santo prescreveu toda esta Lei, ou foram os escribas e sacerdotes? Moisés teve certamente uma parte nela, tendo o resto sido acrescentado pelos escribas e sacerdotes dos Levitas. E as duas partes são enormes, terrivelmente sérias. E graves são as consequências ao longo dos séculos. Até aos dias de hoje...

O livro de Actos relata as lutas amargas travadas pelos Apóstolos para demonstrar a vaidade da Lei. Paulo, nas suas cartas aos Romanos e Gálatas, explica que a salvação é obtida através da fé em Jesus, sendo a Lei apenas uma letra morta ineficaz para a vida eterna (Leia Romanos 3,28-30 / Gálatas 3,10-24 / Efésios 2,14-16 / Hebreus 10,10).

O livro de Levítico contém alguns ensinamentos de valor actual que fazem parte do ouro enterrado nos livros do Antigo Testamento.

6.1.1 Espiritualismo

Esta prática prejudicial é uma tentativa humana de contactar o Além por vários meios materiais. Foi condenado:»Não praticar adivinhações ou encantamentos«(Leviticus 19:26).... Quem se dirigir a fantasmas e adivinhadores, voltar-me-ei contra ele (Levítico 20:6)... O homem ou mulher necromântico ou adivinho será morto» (Levítico 20,27). Isto mostra que o espiritualismo foi praticado durante muito tempo, como testemunha ainda mais na Bíblia a história do rei Saul com o necromante que invocou Samuel para ele (1 Samuel 28).

O espiritismo ainda hoje está difundido em todo o mundo, enganando muitas pessoas. A condenação bíblica explícita desta prática permanecerá sempre válida, porque os bons espíritos (anjos, santos) são invocados, mas são os maus espíritos que se apresentam, espíritos ou almas

ligadas à terra. Deus não intervém, pois os seguidores que a ela se dedicam não têm, na maioria das vezes, a sede da Verdade espiritual nem o desejo profundo de procurar a Verdade divina a fim de se submeterem a ela. Procuram respostas de natureza temporal, emocional ou económica. Ou fazem perguntas por curiosidade sobre a intimidade dos outros. É por isso que Deus não está interessado neles e permite que os espíritos maus intervenham nestas sessões, espíritos que, segundo São Pedro, «rondam o mundo à procura de quem devorar» (1 Pedro 5:8).

Por outro lado, acontece que o próprio Deus toma a iniciativa de contactar as pessoas da Sua escolha que Ele vê sedentas de Luz e Verdade. Ele manifesta-se àqueles corações que desejam sinceramente conhecê-lo, dispostos a renunciar a tudo para O seguir. Nestes casos o resultado é sempre salutar, pois a intervenção vem de Deus, não do homem, e por razões de interesse que são sempre espirituais, não materiais. Este contacto celestial tem lugar através do próprio Deus ou através de um dos Seus enviados (anjos ou santos).

Deus ou os seus enviados manifestam-se em sonhos, visões (Jœl 3:1-2), ou mesmo num estado de total despertar: as aparições de Cristo Ressuscitado aos seus Apóstolos (Lucas 24) e da Virgem Maria em Lourdes, La Salette e Fátima.

A Bíblia é rica em intervenções, sonhos, visões e aparições divinas. A mensagem celestial pode ser comunicada num estilo simbólico ou claro.

Em sonhos (durante o sono): os sonhos de José (Génesis 37,5-), do copeiro e do padeiro (Génesis 40,5-), do Faraó (Génesis 41,1-), de Nabucodonosor (Daniel 2,1-), de Daniel (Daniel 7,1-), de José, marido de Maria (Mateus 1,20/ 2,13-22), da mulher de Pilatos (Mateus 27,19).

Em visões (durante o sono ou num estado de semi-consciência): Abraão (Génesis 15,1), Samuel (1 Samuel 3), o centurião e Pedro (Actos 10), João para o Apocalipse, as visões de Isaías (Isaías 6), etc.

Nas aparições (em estado de despertar): Abraão (Génesis 18), Zacarias (Lucas 1,11), a Virgem Maria (Lucas 1,26), os Apóstolos (Lucas 24 / João 20 / João 21 / Actos 1,3-9), Paulo (Actos 9), etc.

Além disso, as aparições da Virgem Maria em La Salette, Lourdes e Fátima, etc., são sinais bíblicos do fim dos tempos anunciados por Jesus: «Haverá grandes sinais no céu» (Luk 21,11), «um grande sinal apareceu no céu: uma mulher...» (Apocalipse 12:1-).

Uma meditação inspirada no livro de Job: para endireitar o homem «Deus fala com ele de uma maneira, e depois de outra, e ele não é atendido...» (Apocalipse 12:1). Por sonhos, por visões nocturnas... para o desviar das suas obras, para pôr um fim ao seu orgulho, para preservar a sua alma do poço... etc.«(Job 33:14-18). Estas são as razões pelas quais Deus contacta o homem.

Por outro lado, Jesus tinha prometido manifestar-se àqueles que O amam:»...quem Me ama será amado por Meu Pai, e Eu amá-lo-ei e **manifestar-me-ei** a Ele... Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra, e Meu Pai o amará, e nós viremos a Ele e faremos a nossa casa com Ele«(João 14,21-23).

Se então Deus quer manifestar-se a nós, porque não nos colocamos nas disposições que Ele exige? Porque é que algumas pessoas invocam os espíritos quando o Espírito Santo nos pede para O invocarmos? Porquê ir ter com criados incertos quando o Mestre nos chama?

Se a invocação de espíritos for condenada, a invocação do Espírito Santo, por outro lado, é recomendada. É necessário contactar Deus por razões sobrenaturais. Este laço divino-humano é uma necessidade inscrita na natureza humana, uma sede que alguns sufocaram, substituindo-a pelo espiritualismo, que é apenas um perigoso»ersatz«da realidade, uma»falsa mœda«que as

almas sábias reconhecem e não podem trocar pelo tesouro celestial que é a manifestação de Deus e do seu Messias, Jesus, em nós.

Podemos, através do recolhimento e da oração, contactar os nossos mortos piedosos. Podemos recorrer a eles a fim de obter o seu apoio na batalha espiritual diária. As almas dos santos e os espíritos dos anjos ardem com o desejo de nos contactar para apoio espiritual. Santa Teresa de Lisieux disse:»Vou passar o meu céu a fazer o bem na terra«. Portanto, devemos estar receptivos aos pedidos celestiais. Isto é o oposto de espiritualismo. Acreditemos no poder de intercessão das almas celestiais e na sua cumplicidade.

6.1.2 Homossexualidade

É explicitamente condenado. Isto mostra que este desvio sexual é antigo, como se pode ver na história de Sodoma e Gomorra (Génesis 18:20 - 19:25).

»Não te deitarás com um homem como com uma mulher«. É uma abominação» (Leviticus 18:22).

«Se um homem se deita com um homem como com uma mulher, é uma abominação... etc.» (Leviticus 20:13).

Na sua carta aos Romanos, Paulo repete esta condenação, aplicando-a novamente às relações sexuais entre mulheres: «... Deus entregou-os, portanto, a paixões degradantes, porque as suas esposas trocaram relações naturais por relações não naturais. Igualmente homens... etc.» (Romanos 1:24-32).

No século XX, surgiram movimentos de apoio à homossexualidade, exigindo, em nome da liberdade (?), que esta prática, que a natureza repele e rejeita como sendo contrária ao seu impulso vital e evolutivo para a sublimação, seja aceite como natural e normal. Com Paulo recordamos que estas «paixões degradantes são relações **não naturais**» (Romanos 1,26). Não podemos considerar natural o que não é natural, porque com Isaías proclamamos: «Ai daqueles que chamam ao mal bem e ao bem mal, que transformam as trevas em luz e a luz em trevas» (Isaías 5,20).

Em nome do Criador, em nome da liberdade real e responsável, em nome da natureza e da sua grandeza, culpamos aqueles que defendem um alegado direito natural e até moral à homossexualidade. Alguns dos chamados «religiosos» cristãos chegaram ao ponto de «casar» homossexuais, esquecendo que a Bíblia denuncia e condena estas práticas e «aqueles que aprovam os que as cometem» (Romanos 1,32).

6.1.3 Incesto

Este desvio sexual, em todas as suas formas, é conhecido desde a antiguidade. O «complexo de Édipo» não é um fenómeno dos tempos modernos, como o Levítico testemunha: «Não descobrirás a nudez da tua mãe». Ela é tua mãe, não descobrirás a sua nudez«(Levítico 18,7).

O incesto paterno não é explicitamente mencionado. Mas esta decadência moral, tão frequentemente no trabalho em famílias com a destruição psicológica que implica, é indirecta e implicitamente denunciada, uma vez que lhe é ordenado:»Nenhum de vós se aproximará do seu parente para descobrir a sua nudez«(Levítico 18,6). Se for necessário distanciar-se dos»parentes próximos«, tanto mais da própria filha, tanto mais que se explica que»não descobrirás a nudez da filha do teu filho, nem da filha da tua filha«(Levítico 18:10).

O incesto fraterno, outra prática desonesta que rœ secretamente milhões de vítimas, é condenado:»Não descobrirás a nudez da tua irmã, quer ela seja filha do teu pai ou da tua mãe (*meia-irmã*)«(Levítico 18:9). Tais desvios foram todos condenados pelo Levítico devido à sua prática dentro da comunidade israelita, como testemunham a história de Amnon e da sua meia-irmã Tamar (2 Samuel 13) e a de Rúben com a concubina do seu pai Jacob (Génesis 35:22).

Incesto fraterno estendido à mulher do irmão:»Não descobrirás a nudez da mulher do teu irmão«(Levítico 18:16). Foi na força deste princípio altamente moral que João Baptista condenou o Rei Herodes (Mateus 14:3-4).

6.1.4 Sacrifícios humanos

Este culto pagão foi amplamente praticado no seio da comunidade israelita monoteísta:»Os filhos de Judá fizeram o que me desagradou«, diz o SENHOR.... Construíram o lugar alto de Tophet no vale do filho de Yinnom, para queimarem os seus filhos e filhas (*em Baal*), que eu não ordenei, o que nunca pensei», declara Deus através de Jeremias (Jeremias 7,30-31 / 19,5 / 32,34).

Os sacrifícios humanos são explicitamente mencionados em 1 Reis 16:34: «Hiel de Betel reconstruiu Jericó à custa (*i.e. sacrificando*) o seu primogénito Abiram e o seu último Segub». O próprio Rei Ahaz «fez o seu filho passar pelo fogo» para afastar a maldição (2 Reis 16:3).

Foi num tal clima de paganismo que os sacerdotes levitas prescreveram em Levítico: «Não entregarás nenhum dos teus filhos para ser levado (*através do fogo*) a Molech...» (Levítico 18:21), «Quem, quer seja um filho de Israel ou um estrangeiro a viver em Israel (*os palestinianos eram considerados estrangeiros*), entrega os seus filhos a Molech morrerá» (Levítico 20:1-5).

Constatamos com pesar que os israelitas se deixaram contaminar pelos costumes pagãos em vez de iluminar os outros pela fé no Deus único.

6.1.5 Impedimentos para o Sacerdócio Judaico

Os defeitos físicos foram e continuam a ser um impedimento ao sacerdócio levita: «Nenhum dos seus descendentes, em qualquer geração, se aproximará para oferecer a comida do seu Deus se tiver uma enfermidade ... quer seja cego ou coxo, um homem desfigurado ou deformado, um corcunda ... etc.». Aquele que tem uma enfermidade não se aproximará do altar; tem uma enfermidade e não profanará os meus vasos«.. (Leviticus 21:16-24).

A Lei do Mosaico confunde a enfermidade corporal com a impureza moral. Os deficientes não contaminam os objectos de culto. O homem contaminado é o pecador. Mas se o pecador se arrepender, ele é purificado pela graça divina. A graça é mais poderosa que a impureza e, segundo as palavras de Paulo:»Onde o pecado abunda, a graça abunda«(Romanos 5:20).

Os impedimentos físicos ao sacerdócio levita têm sido adoptados pelas igrejas cristãs. Recusam-se a ordenar sacerdotes fisicamente incapacitados e sãos. Além disso, negam aos padres o direito de se casarem. Ao fazê-lo, consideram que a união matrimonial é uma profanação. O matrimónio é um sacramento que purifica a alma.

O impedimento ao casamento dos sacerdotes cai sob uma condenação divina revelada por São Paulo em 1 Timóteo 4:1-3. O sexo feminino ainda é, em si mesmo, um impedimento ao sacerdócio levita. Os homens da Igreja estão ligados a estes preceitos humanos, mas não hesitam, infelizmente, em ordenar como padres psicologicamente deformados, moralmente aleijados e famintos de amor, sem coração ou compaixão pelos homens. As palavras de Jesus dirigidas aos fariseus no passado são hoje aplicáveis ao clero cristão de todos os tipos cujo culto é tão fútil como o dos seus predecessores levitas (ver Mateus 15,1-20).

O sacerdócio apocalíptico, felizmente, escapa a todas estas considerações judaico-cristãs. Cristo, **vivendo entre nós** (Emanuel), escolheu-nos ele próprio como os primeiros frutos do seu novo povo sacerdotal. Todos aqueles que»lhe abrem a porta para jantar com ele«.. (Apocalipse 3:20) fazem parte deste povo sacerdotal. Os aleijados corporais podem fazer parte dele, se quiserem, formando assim o Templo Apocalíptico vivo, invisível aos homens. Este Templo divino é desprovido de enfermidades e defeitos espirituais, porque»nada de impuro entrará nele, nem os que cometem abominações e males, mas apenas os que estão escritos no livro

da vida do Cordeiro«(Apocalipse 21,27). Aqueles que reconheceram e lutaram contra a besta apocalíptica estão aí inscritos (Apocalipse 13,18 / 13,8 / 20,12).

Na parábola da festa de casamento, Jesus diz aos Seus servos:»A festa de casamento está pronta, mas os convidados não eram dignos. Vá portanto ao **início dos caminhos** e chame tudo o que puder encontrar para a festa de casamento«(Mateus 22,7-10). No final dos tempos, os servos de Jesus (quem somos) aperceberam-se - com amargura e tristeza - quão indignos são os chamados padres eclesiásticos. Pioneiros do pacto apocalíptico, fomos apanhados no **início das estradas**. Estávamos no cruzamento dos caminhos que levam à vida sobrenatural, em busca de uma saída. A mão de Deus agarrou-nos lá, para um novo nascimento. Pioneiros de uma nova viagem, começámos a construção do»Novo Céu e Nova Terra«visto por Pedro (2 Pedro 3:13) e João (Ap 21:1). Connosco, Jesus leva»os pobres, os coxos, os aleijados e os cegos«, segundo o mundo (Lucas 14,21) a confundir aqueles que rejeitam estes»aleijados«do seu sacerdócio humano ineficaz para a salvação da alma. E como sinal do nosso novo começo para a construção da nova sociedade divina na terra, as mulheres, juntamente com os»aleijados«, fazem parte do Sacerdócio de Jesus, conscientes de que»no Reino de Deus não há homem nem mulher«(Gálatas 3,28).

De acordo com a Lei Mosaica, Jesus, não sendo da tribo de Levi, não é considerado sacerdote (Hebreus 8:4). Por outro lado, segundo o Espírito divino, ele é»o Sumo Sacerdote«da Nova Aliança (Hebreus 4,14 a 5,10/ 9,11 etc.). Do mesmo modo, vós, apóstolos e sacerdotes do Pacto Apocalíptico, não sois reconhecidos como sacerdotes de Deus pela sinagoga nem pela Igreja. Mas segundo o Espírito divino, vós sois de facto o»reino dos sacerdotes«fundado por Jesus»pelo seu Deus e Pai«, que é também o nosso Pai (Apocalipse 1,5-6).

O sacerdócio apocalíptico conhece apenas um impedimento: a profanação da alma pela má fé (Ap 21,27). Mas a enfermidade corporal não é um impedimento.

Bem-aventurados e santos são aqueles que participam na primeira ressurreição! Eles serão»sacerdotes de Deus e de Cristo«(Apocalipse 20:6). A conclusão lógica da nossa fé é que somos um destes sacerdotes. A nossa fé na mensagem apocalíptica é o testemunho e a garantia da nossa participação na primeira ressurreição e, consequentemente, no sacerdócio de Deus e do Seu Cristo, Jesus. Um testemunho e uma garantia também podem ser encontrados nas palavras de Paulo:»Deus **ressuscitou-vos** com Jesus, vós que **morrestes** pelos vossos pecados«. Com ele foste **ressuscitado** (*primeira ressurreição*) através da **tua fé**...» (Colossenses 2:12-13). Os mortos que éramos, ouvimos a voz do Filho de Deus e voltamos à vida (João 5,25). Ouvimos esta voz divina uma vez no Evangelho para nos revelar o rosto de Cristo, e uma segunda vez no Apocalipse para nos revelar o rosto do Anticristo. E nós acreditámos em ambas as vozes! E esta fé transformou-nos, no local, dos mortos em sacerdotes vivos, como Lázaro levantando-se do seu túmulo à voz do Filho do Homem (João 11). Um relâmpago divino que dá vida nos atingiu para nos ressuscitar e, no tempo de um relâmpago, voltamos à vida: «como um relâmpago ... assim voltará o Filho do Homem» (Mateus 24,27), aquele relâmpago «que procede do **oriente** para brilhar até ao ocidente, enviado pelo anjo do oriente» (Apocalipse 7,2).

Somos sacerdotes para nos prepararmos para o regresso de Jesus, anunciando-o... primeiro a nós mesmos e acolhendo este grande «regresso» em nós, para que Ele nos lance do cruzamento, das partidas dos caminhos onde nos encontramos, para onde Ele pretende que «tiremos as castanhas do fogo», salvando o que ainda pode ser salvo desta miserável humanidade.

«Seja como as pessoas que estão à espera do seu Mestre quando ele regressar do seu banquete de casamento, para se abrirem a ele **assim que** ele chegar e bater à porta. Abençoados sejam esses servos... Em verdade vos digo que ele se cingirá e os fará sentar à **mesa** e, passando de um para outro, os servirá» (Lucas 12:36-37). Confirmo estas palavras de Cristo, dizendo: «Bem-aventurados aqueles que lhe abriram a porta com prontidão, amor e simplicidade, sem o peso dos ritos nestes tempos apocalípticos do século XX. Ele colocou-nos a todos **à Sua mesa**, para

que possamos jantar com Ele e Ele connosco» (Apocalipse 3:20). O livro do Apocalipse confirma assim o que o Evangelho já tinha anunciado. Tudo gira em torno do sacerdócio apocalíptico, cujo nível espiritual não pode ser comparado ao sacerdócio levítico e eclesiástico... ambos longe do coração dos verdadeiros crentes, que suspiram intimamente, sem culto teatral, com o Esposo.

Somos sacerdotes, mas o nosso sacerdócio está escondido do mundo porque «a nossa vida está agora escondida com Cristo em Deus» (Colossenses 3:3), e com Cristo em nós. Pois «a estrela da manhã» **já** ressuscitou, radiante, nos nossos corações aquecidos pelo seu brilho divino que, como «relâmpago», deu vida às nossas almas feridas (2 Pedro 1:19 / Apocalipse 2:28 / 22:16).

6.1.6 Justiça

O Leviticus não negligenciou os princípios da justiça social. No entanto, é uma justiça relativa e visa favorecer os judeus em detrimento de outros, colocando-os acima de outras nações. A justiça divina, por outro lado, coloca todos os homens, todas as nações, todas as raças no mesmo nível.

É verdade que se diz: «Não explorareis o vosso próximo...». O salário do trabalhador não permanecerá convosco até à manhã do dia seguinte«(Levítico 19,13). Quem é o próximo? Esta é a questão.

O judeu, segundo Levítico, deve ter uma consideração especial pelo seu semelhante judeu como ele, sendo os outros habitantes do país (os palestinianos) considerados»estrangeiros«ou cidadãos de segunda classe, como ainda hoje é o caso em Israel:»Não irás difamar **os** teus, nem difamarás o sangue do teu próximo (*judeu*). Não terás ódio no teu coração pelo teu irmão (*judeu*)...«. Não se vingará e não guardará rancor contra os filhos do **seu povo**. Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (Levítico 19:16-18). Este «vizinho» é o judeu; os não judeus (palestinianos e goyims) são considerados estrangeiros.

No entanto, existe apenas um verso a favor do estrangeiro: «Se um estrangeiro residir consigo no seu país, não o molestará. O estrangeiro que reside contigo será para ti como um compatriota e tu o amarás como a ti mesmo».. (Leviticus 19:33-34). É de salientar que o estrangeiro em questão não é outro senão o habitante original do país, expropriado pelos colonos judeus.

Os profetas judeus revoltaram-se contra o chauvinismo dos seus co-religionistas. Denunciaram as injustificadas provocações contra o estrangeiro, proclamando que a verdadeira justiça era «não maltratar o **estrangeiro**, o órfão e a viúva...» (Jeremias 22,3). Ezequiel também diz: «A terra multiplicou a violência..., maltratou estranhos sem qualquer direito» (Ezequiel 22:29). Isto ainda se aplica ao Israel moderno, que priva os palestinianos dos seus direitos básicos.

Jesus também se levantou contra as injustiças israelitas: «Ouvistes que foi dito: 'Amarás o teu próximo (*judeu*) e odiarás o teu inimigo (*todos os não-judeus; este preceito é mencionado na tradição Talmúdica, não na Bíblia*). Mas digo-vos: Amai os vossos inimigos, rezai pelos vossos perseguidores (*hoje chamados»terroristas«: amai-os, pois são eles que têm razão, não **vós**...*) se reservar as **suas** saudações para os seus irmãos (*judeus*), que coisas extraordinárias faz? Os pagãos não fazem o mesmo?» (Mateus 5:43-47). Cristo dirigiu as suas palavras a todas as multidões fanáticas, mas não aos seus discípulos: «**Digo-vos a vós que me escutais**, digo-vos isto: Ame os seus inimigos... (Lc 6,27). Agora aqueles que O ouviam eram nacionalistas ansiosos por O proclamar como o rei político de Israel (ver João 6,15). Eles não compreenderam o seu»pacifismo«para com os estrangeiros, os não-judeus que vivem na Palestina.

A justiça ensinada por Jesus pode ser encontrada no Seu Sermão da Montanha (Mateus 5-7). Convida-nos a superar a concepção discriminatória dos escribas:»Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e fariseus, certamente não entrareis no Reino dos Céus«(Mateus 5,20). Jesus liga infalivelmente justiça e amor ao próximo (Lucas 10,27); ele dá como exemplo de próximo, não um levita, não um sacerdote, não um judeu, mas um samaritano, considerado inimigo pelos judeus (Lucas 10,29-37). Ele sabia que»os judeus odiavam os samaritanos e não

tinham relações com eles«(João 4,9). Com esta parábola confunde o chauvinismo e tenta corrigir o que, em nome da Lei Mosaica, os escribas e fariseus fizeram torto:»Não pensem que vim para abolir a Lei e os Profetas: não vim para abolir, mas para cumprir«(Mateus 5:17). Não vim para abolir, mas para cumprir» (Mateus 5,17). Este cumprimento é alcançado estando aberto a todo o homem de boa vontade, mesmo que seja um estranho ao «meu» povo, e à rejeição de todo o homem de má fé, mesmo que seja um estranho ao «meu» povo.

6.1.7 Para ser o vosso Deus

Após quatro séculos no Egipto, os israelitas esqueceram Aquele que se tinha revelado a Abraão. Rodeados por ídolos e cultos faraónicos, entregavam-se à idolatria. O plano messiânico de Deus estava assim em perigo. Então Deus tirou os hebreus do Egipto para os trazer de volta a Ele: «Eu sou Yahweh, que vos tirei da terra do Egipto para **serdes o vosso Deus**» (Levítico 22:33 / 25:38).

Os Hebreus interpretaram egoisticamente a expressão «**o vosso Deus**» como uma posse exclusiva de Deus. Eles acreditavam que eram privilegiados, adorados e escolhidos por Ele. Invejosos desta posse, eles queriam Deus só para si. Ele não deve ser o mesmo que o Deus dos outros povos. A intenção de Deus era afastar os judeus dos ídolos a fim de continuar o Seu plano messiânico.

Eles tinham recebido o conhecimento do único Deus. A sua missão era torná-lo conhecido por outros povos, revelando-lhes o plano divino de enviar o Messias. Mas quando saíram do Egipto, pensaram que eram os únicos a ser chamados. O Messias veio corrigir este desvio ensinando que muitos virão a Deus dos quatro cantos da terra, mas que os judeus, por causa do seu fanatismo, serão rejeitados por Aquele que os tirou do Egipto: «Muitos virão do Oriente e do Ocidente para se sentarem na festa com Abraão ... no reino dos céus, enquanto os súbditos do reino (*de Israel*) serão expulsos» (Mateus 8,11). Cristo revelou este facto chocante aos Seus discípulos, pedindo-lhes que o proclamassem por sua vez. É por isso que Pedro, após a ressurreição de Cristo, proclamou perante os judeus: «.... Deus, que conhece os corações ... deu o Espírito Santo aos gentios como a nós. E não fez distinção entre nós e eles...» (Actos 15:7-9). «(Actos 15,7-9)»Será Deus o Deus apenas dos judeus, e não dos gentios? Certamente também dos gentios...«, escreve Paulo (Romanos 3,29).

Deus tirou os judeus do Egipto não para a glória de Israel, mas para que pudesse enviar o Messias que O daria a conhecer a todo o mundo. O profeta Ezequiel gritou:»Assim diz o Senhor Javé: 'Não o faço por vós, ó casa de Israel, mas por causa do meu santo nome, que profanastes'«(Ezequiel 36,22). Da mesma forma que Deus proclamou através de Isaías:»Ouvi isto, ó casa de Jacó, vós que tendes o nome de Israel ... que invocais o Deus de Israel sem boa fé nem justiça .... Eu sabia o traidor que és, e que desde o ventre da tua mãe foste chamado de rebelde. Por amor do **meu nome** adiei a minha raiva, por amor **da minha honra** contive-a, não vos quebrei... É por **minha causa e só por minha causa** que agi, pois o meu nome será profanado? **Não cederei a minha glória** a outro«(Isaías 48,1-11).

Se os judeus tivessem permanecido no Egipto, teriam continuado a praticar os cultos egípcios e o esquecimento de Deus teria sido total. O plano universal de Deus, iniciado com Abraão, não poderia ter sido cumprido para chegar até nós. O Messias só podia ser enviado através de uma comunidade que conhecesse Deus e o seu plano messiânico. Sem esta comunidade, as profecias sobre o Messias nunca poderiam ter sido reveladas porque não haveria profetas a quem Deus pudesse confiá-las. Tinha de haver uma base, por mais imperfeita que fosse, para acolher o Messias. Era no seu plano que Deus estava a observar, trazendo a comunidade judaica para fora do Egipto. O seu plano é realizado no Messias, não num povo ou estado israelita.

O Messias já chegou, há 2000 anos atrás. Falou e ainda hoje fala para todo o mundo. Ele disse»com voz alta: se alguém (*judeu ou outro*) tiver sede, deixe-o vir ter comigo e beber....

Ele falou do Espírito que aqueles que acreditam nele devem receber«(João 7:37-39). Todos aqueles que procuram, que se encontram na»encruzilhada«espiritual, descobrem-na e recebem este Espírito divino. Quando a recebem, voltam à vida e tornam-se filhos de Deus (João 1,12). Esta é a primeira ressurreição (João 5,25 / Apocalipse 20,6), o regresso da alma à Vida. É uma experiência maravilhosa que só aqueles que a provam sabem. Devemos a nossa fé em Deus e Cristo aos judeus que saíram do Egipto no século XIII a.C. Deus trouxe-os para serem o Deus de todos os crentes, para serem o **nosso** Deus e Pai.

Temos de estar bem conscientes da ligação íntima entre a»Saída«do Egipto e nós. O Êxodo com Moisés não é uma simples passagem de um país para outro, mas o símbolo da transferência de um **estado de espírito** para outro, uma saída da ignorância para o conhecimento de Deus. Este conhecimento trouxe as nossas almas de volta à vida através da redescoberta da vida eterna:»A vida eterna é que eles te conhecem, o único Deus verdadeiro«.. (João 17:3).

Para instituir a Eucaristia, Jesus escolheu a festa da Páscoa judaica, que celebra a»saída«do Egipto (Mateus 26,17). Este Pão de Vida Eterna rasga as nossas almas da morte:»Quem come a minha carne e bebe o meu sangue **já** tem vida eterna (*nele*)...«(Jo 17,3). Ele habita em mim e eu nele... Ele viverá para sempre», diz Jesus (João 6:51-58).

Sem a saída do Egipto, o plano de Deus teria falhado: não teríamos tido nem o Messias, nem a Bíblia, nem o Evangelho, nem o Apocalipse. Teríamos ignorado a primeira ressurreição, que é o Paraíso encontrado na terra. Esta é a verdadeira Terra Prometida e não a Palestina geográfica, como pensam aqueles que têm um coração ligado à matéria e à terra.

Com Abraão, foi o primeiro passo para a primeira ressurreição. O passo seguinte foi a saída do Egipto. Depois veio o apelo de Jesus, convidando crentes de todo o mundo a participar. Com o Apocalipse, esta promessa torna-se uma realidade vivida, um sacerdócio real. Devemos o nosso sacerdócio apocalíptico à iniciativa de Deus de extrair os judeus do Egipto, salvando-nos assim da ignorância espiritual e da morte da alma. Como podemos agradecer-lhe por isto? Através de Jesus!

Sem isto a sair do Egipto, o que seríamos nós? Adoradores ou sacerdotes dos deuses Ra, Baal, Júpiter, Zeus, Diana ou Astarte...!

Reflexão

Pensa que somos salvos pela fé em Jesus ou pela prática da Lei Mosaica (circuncisão, sábado, limpo e imundo, etc.)?

Pensa que sacrificar animais e oferecê-los como holocaustos pode reconciliar o pecador com Deus?

De acordo com as respostas a estas perguntas, ou se é discípulo ou inimigo de Jesus.

6.2 O Livro dos Números

Este livro começa com um censo dos israelitas a fim de definir o seu «número», daí o seu nome. Não nos devemos debruçar sobre estes números. No início, apenas os Levites não são contados (Números 1,48) para serem registados ao serviço da «Morada do Testemunho». Esta Residência é a Tenda da Reunião onde foram oferecidos sacrifícios como **testemunho** do único Deus. Arão e os seus filhos, e nenhum outro, «cumprirão o ofício sacerdotal». Mas todo o leigo que se aproximar será morto«(Números 3:10), é dito a Javé para salvaguardar o direito dos sacerdotes?

É necessário ler este livro rapidamente e depois regressar ao Curso Bíblico, onde os pontos mais importantes a recordar são anotados e explicados.

A história da marcha dos judeus no deserto aqui relatada foi escrita cerca de três séculos mais tarde. Como já foi explicado, os escribas-sacerdotes acrescentaram-lhe algo para realçar o

papel inescapável do culto e do sacerdócio de Aarão e dos seus descendentes. A comunidade passou quarenta anos no deserto, tempo suficiente para organizar a adoração em torno da Casa do Testemunho, que serviu de Templo. Dentro estava a Arca do Convénio que continha as duas pedras dos Dez Mandamentos. Significava a Presença de Deus, daí a sua importância (Números 10:33-35). Abriu o caminho para o povo como em algumas procissões religiosas modernas precedidas por símbolos religiosos.

Os Levitas tinham um papel de serviço no culto, mas o sacerdócio era reservado a Aarão e aos seus filhos. Isto é frequentemente repetido com insistência na Torá e nos Números. Os números 3:1-4 designam Arão e os seus filhos como os **únicos sacerdotes** em toda a tribo levita, se não em toda a comunidade. O resto da tribo de Levi tem apenas uma pequena parte no serviço de Aarão e dos seus filhos:»Ponham a tribo de Levi à disposição de Aarão, o sacerdote: eles o servirão, etc.«(Números 3:1-4). (Números 3,6-). Em troca,»os filhos de Levi herdarão cada dízimo recebido em Israel«(Números 18:21). Esta é uma soma muito redonda. No entanto, o dízimo deste dízimo devia ir para Yahweh (Números 18,26), ou seja, acabar nos bolsos de Aarão, o sacerdote, uma vez que, os escribas especificam, o que é oferecido a Deus vai para o sacerdote:»Darás o que tomaste por Yahweh a Aarão, o sacerdote«, ainda exigindo que seja»do **melhor de tudo** que tomares esta porção sagrada...«(Números 18,28-29). (Números 18:28-29). os primeiros frutos da colheita são a melhor parte.

Os escribas escreveram estes textos séculos depois de Aarão; eles próprios eram sacerdotes, descendentes de Aarão. A fim de proteger os seus privilégios, apressaram-se a incluir versos em seu favor, atribuindo-os a Deus:»O Senhor falou a Moisés e disse: 'Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: 'Quando tiverdes entrado na terra onde vos trago, **deveis** fazer uma taxa para o Senhor, ou seja, para os sacerdotes. Quando se come o pão desta terra... Dareis ao Senhor (*isto é, aos sacerdotes*) uma cotização a partir das **primícias** da vossa massa. **Isto é para os vossos descendentes**«(Números 15,17-21). Ao fazer isso, os escribas-sacerdotes perpetuam os seus»direitos divinos«sobre os descendentes da comunidade.

Não acreditemos que Deus está a pedir para estabelecer um sacerdócio que explore o melhor do bem dos outros; isto ainda é visto como»a falsa caneta dos escribas«(Jeremias 8:8). Os chamados clérigos cristãos caíram no mesmo abismo económico. Em Apocalipse, Deus convida o Seu povo a tomar»livremente«as inundações de graça que Ele derrama sobre aqueles que acreditam (Apocalipse 21,6 / 22,17).»Recebestes de graça, dai de graça«, recomenda Jesus novamente (Mateus 10,8 / Lucas 9,2).

6.2.1 O assassinato de dois dos filhos de Aaron

O livro de Números regista laconicamente a morte, no Sinai, de Nadab e Abihu, os filhos de Aarão, o mais velho e o mais novo. A morte destes dois irmãos é atribuída ao Senhor. Na realidade, é uma sentença de morte:»Nadab e Abihu morreram antes de Yahweh no deserto do Sinai quando apresentaram um incêndio irregular«(Números 3:4). O Levítico é mais explícito:»E os filhos de Arão, Nadab e Abihu, cada um levou o seu incensário... e apresentou um incêndio irregular perante o SENHOR.... E uma chama irrompeu de diante do Senhor e os devorou, e pereceram diante do Senhor«(Levítico 10:1-2).

Estes dois homens, levitas e sacerdotes, morreram no próprio dia da sua investidura sacerdotal (Números 8,13). O fogo que os devorou não foi outro senão o braço da espada de Moisés e a sua banda. Qual foi o seu crime? Eles queriam oferecer a Javé, no seu incensário de incenso a fumar incenso, um fogo que se dizia ser irregular porque não era o prescrito por Moisés. Queriam queimar incenso no lugar de Aaron? Eles provocaram a ira assassina do seu tio Moisés, que ordenou a sua morte por»ordem do Senhor«, de acordo com o seu costume. Ele também ficou zangado com os seus dois outros irmãos que tinham sobrevivido para comer:»Porque não comeste a vítima no lugar santo? Uma vez que o sangue não era levado para o santuário, devias

comer lá a carne **como eu ordenei**«. Moisés só se acalmou depois da intervenção explicativa e medrosa de Arão (Levítico 10:16-20).

A morte dos seus dois filhos deixou Aarão aterrorizado diante de Moisés. Pois antes das explicações dadas pelo seu irmão»Aaron permaneceu mudo«, paralisado pelo medo face a esta violência inesperada. O choque causado pela execução surpresa dos seus dois filhos sacerdotes, no próprio dia da cerimónia alegre, congelou Aaron e os seus outros dois filhos. Moisés, ao ver o seu irmão e os seus dois sobrinhos agarrados pela angústia, acalmou-os:»Não rasgueis as vossas roupas. Não morrerás (*como os outros dois*)...«. Não saia da entrada da tenda de reunião para não morrer» (Levítico 10:1-7). Fora da tenda, houve uma revolta popular liderada por Moisés contra todos aqueles que não cumpriam os requisitos rigorosos do culto, como ele exigia. Aaron e os seus dois filhos sobreviventes estavam em perigo de serem linchados.

Se uma chama tivesse devorado Nadab e Abihu, teria reduzido as suas túnicas sacerdotais a cinzas. Contudo, «foi nas suas próprias túnicas que foram levadas para serem enterradas» (Levítico 10:5). Na realidade, a chama assassina só pode ser a raiva inflamada e armada de Moisés. Acreditando que Yahweh o tinha encarregado de organizar um culto, ele não prevaricou, impôs um «regular» pela força da espada. Não esqueçamos que Moisés era um homem violento, capaz de morrer. Não teria ele já matado um egípcio antes de fugir do Egipto (Êxodo 2:11-15)? Não ordenou ele pessoalmente aos líderes de Israel: «Que cada homem mate os dos seus homens que se comprometeram com Baal de Peor ... e vinte e quatro mil homens foram mortos num dia ... para apaziguar o Senhor» (Números 25:1-9). Actualmente, os políticos são condenados em nome dos direitos humanos, por menos crimes! Por outro lado, a expressão «uma chama apagou-se para devorar...» é iluminada em Números 21:28: «Um fogo saiu de Heshbon, uma chama da cidade de Sihon, e devorou Moab». Este «fogo» não é outro senão a batalha em que Sihon, o rei dos moabitas, perece (Números 21:21-30).

No entanto, os escribas apresentam Moisés como «um homem muito humilde, o homem mais humilde que a terra já conheceu» (Números 12:3). Esta humildade é toda relativa à violência dos seus admiradores. Se este é o registo criminal do «mais humilde dos homens», qual seria o registo dos mais violentos? E qual seria o grau de doçura e humildade de Jesus de Nazaré? Ele tinha razão quando disse de João Baptista: «Entre os filhos das mulheres não surgiu maior do que João Baptista, e no entanto o menor no reino dos céus é maior do que ele (Mateus 11:11). A violência de Moisés coloca-o muito atrás de João.

6.2.2 Rebelião de Miryam e Arão contra Moisés

»Miryam e Arão falaram contra Moisés por causa da mulher cuchita que tinha levado... E eles disseram: «Falará então o Senhor somente a Moisés? Ele não falou connosco também?»! (Números 12:1-3) A irritação de Miriam e Aaron contra o seu irmão não pode ser explicada apenas pelo facto de ele ter casado com um não-judeu. Há uma afirmação da sua parte de que também eles são interlocutores de Deus. E esta reivindicação é legítima. Deve entender-se que Moisés arrogou a si próprio o direito exclusivo de falar com Deus e de o ouvir. Deste ponto de vista, tudo o que Moisés pede deve ser feito e como ele pede. Caso contrário, é a matança que é decretada por Deus. Assim, em nome de Yahweh, instala-se um regime de terror. Por isso, Arão, assustado, não sabe como ficar à margem de Moisés para si e para os seus dois filhos vivos e pedir misericórdia (Números 12:4-15).

6.2.3 Revolta da Coreia

A irascibilidade de Moisés ainda pode ser vista na revolta do clã de Kore, um Levita, no entanto. Os privilégios materiais excessivos concedidos por Moisés (não por Deus) ao seu irmão Aarão e aos seus sobrinhos fizeram muitos descontentes que não viram uma vontade divina, mas um lucro humano. Os próprios Levitas sentiram-se frustrados porque tiveram de dar a Aaron e aos seus filhos «a melhor parte» dos dízimos que tomaram. Mas foram também as outras tribos

que sentiram negativamente o efeito desta exploração abusiva, feita sob o disfarce de Deus. Daí a revolta de Kore, o levita de alta patente que tinha levado dois príncipes da casa de Reuben, Eliab e Abiram, e muitos outros. Revoltados pelo apetite devorador dos sacerdotes, «levantaram-se contra Moisés com 250 dos filhos de Israel, **príncipes da** comunidade». (*estes representam, portanto, toda a comunidade*). Reuniram-se contra Moisés e Aarão e disseram-lhes: «Vocês são demais! É toda a comunidade, todos os seus membros são consagrados, e o Senhor está no meio deles. Por que te elevas acima da congregação do Senhor»? (Números 16:1-3). Eles tinham razão!

Confrontado com esta revolta, Moisés escolheu falar separadamente com Korah primeiro, depois com Datan e Abiram. Recusaram-se a comparecer perante Moisés com desprezo, o que provocou a «cólera violenta» de Moisés (Números 16:12-15). Moisés disse a Coré para se contentar com os privilégios dos Levitas, acusando-o de «procurar além disso um ofício sacerdotal» (Números 16:8-10).

Os escribas afirmam que a terra se abriu milagrosamente para engolir os rebeldes e que um «fogo brotou e consumiu os 250 homens portadores de incenso» que os acompanhavam (Números 16:28-35). Este «fogo» é o mesmo que já tinha matado os dois filhos de Aarão: foram mortos por Moisés e pelos seus homens.

Porque é que os escribas relatam tais histórias? Porque, escrevendo três séculos depois, e sendo eles próprios sacerdotes, descendentes de Aarão, guardaram ciosamente as suas prerrogativas. Eles relatam estes acontecimentos para «lembrar aos filhos de Israel que nenhum **leigo que não seja da linhagem de Arão** se deve aproximar para queimar incenso perante Iavé, para que não sofra o destino de Coré e da sua banda, acrescentando impudentemente que isto foi»segundo o que Iavé tinha dito através do ministério de Moisés«(Números 17:5).

Não acredito na realidade histórica desta história. Não acredito que a terra tenha sido aberta para engolir Korah e»a sua banda«, da qual sou membro por espírito. Pois eu acredito, como a Coreia,»que os sacerdotes foram além da medida, que toda a comunidade de Deus está consagrada«e que o nosso Pai Celestial está no nosso meio, que estamos a viver o Emanuel e a praticar o sacerdócio apocalíptico querido por Deus e pelo seu Messias, Jesus.

A verdade é que Moisés e o seu bando armado mataram a Coreia e o seu povo. A»terra que foi aberta«para os engolir e a»chama«que devorou os dois filhos de Aarão não são senão as espadas sangrentas da máfia de Moisés. Isto emerge da reacção da comunidade contra Moisés e Arão após o massacre:»No dia seguinte, toda a comunidade dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão, dizendo: '**Destruíste** o povo do Senhor...'«(Números 17:6)

É preciso ser-se mentalmente retardado para acreditar indiscriminadamente em tudo o que os escribas-sacerdotes dizem nos livros históricos do Antigo Testamento. Os profetas acusam esta fraqueza mental dizendo em nome de Deus:»Israel nada sabe, o meu povo não tem discernimento... etc.«(Isaías 1:3). E Jeremias:»Certamente o meu povo está sem razão, não me conhecem; são crianças tolas, sem discernimento, inteligentes apenas para fazer o mal, incapazes de fazer o bem«(Jeremias 4,22).

Estas graves falhas por parte dos»sacerdotes«judeus distorceram a face de Deus, tornando-a irreconhecível para os homens. O conhecimento do verdadeiro carácter divino teria sido impossível sem Jesus. Se os judeus, como os profetas revelam, eram incapazes de conhecer Deus, Jesus, por outro lado, estava bem ciente de que O conhecia verdadeiramente:»Santo Padre, o mundo não te conheceu, mas eu conheci-te«, disse ele, acrescentando:»Eu revelei-lhes o teu Nome e revelar-lhes-ei«(João 17,25-26). Foi Jesus que revelou a verdadeira Face de Deus, o seu verdadeiro»Nome«.

Se este ponto essencial da vida espiritual tiver sido compreendido correctamente, a primeira preocupação seria rezar, como Jesus prescreveu, para que em nós»o nome de Deus seja santificado«, ou seja, para que conheçamos Deus e o tornemos conhecido como Ele realmente é, e não como algumas pessoas o apresentam. Porque a vida eterna é conhecer Deus:»A vida eterna é que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, o Cristo, a quem enviaste«(João 17,3). É por isso que a primeira das orações ensinadas por Jesus é a seguinte:»Pai.... Santificado seja o Vosso Nome«. A nossa missão é santificar este santo, este maravilhoso Nome do nosso Pai Criador.

6.2.4 Alguns outros destaques

Presente do Espírito (Números 11)

Vendo a confusão dos israelitas no deserto, Moisés foi desencorajado. Ele achou a sua missão demasiado pesada. Disse a Deus:»Por que não encontrei graça aos teus olhos que me impuseste o fardo de todo este povo«? (Números 11:10-11). O Senhor pede-lhe que escolha 70 dos anciãos de Israel e os escribas a quem ele dará o seu Espírito, para o ajudar na sua tarefa. Depois de os ter reunido,»o Espírito descansou sobre eles, e eles profetizaram, mas não recomeçaram«(Números 11,24-25). Porque é que não recomeçaram? Provavelmente porque Moisés decidiu mais tarde profetizar sozinho, ou seja, governar sozinho em nome de Deus. Profetizar significa falar em nome de Deus, ser o seu porta-voz, revelar a opinião de Deus sobre os acontecimentos. Isto não pode ser feito sem a ajuda directa de Deus. Esta é a razão pela qual Deus dá o seu Espírito aos homens que ele escolhe para uma missão.

Note-se que dois homens, Eldad e Medad, profetizaram independentemente dos 70 reunidos em torno de Moisés. Josué, servo de Moisés, tentou detê-los, mas Moisés reteve-o, dizendo:»Ah, que todo o povo do Senhor seja profeta, o Senhor dando-lhes o seu espírito«(Números 11:26-29). Isto não impediu Moisés de se zangar com Aarão e Coré por dizer que Deus estava a falar-lhes. A atitude de Josué é semelhante à de João no Evangelho:»João disse a Jesus: 'Mestre, vimos alguém expulsar demónios em teu nome, alguém que não nos segue, e tentamos detê-lo porque ele não nos segue.... Mas Jesus disse-lhe: «Não o proíbas; quem não é contra nós é por nós» (Marcos 9,38-40). Estes casos do dom do Espírito fora de um quadro tradicional ilustram as palavras de Jesus a Nicodemos: «O vento sopra onde quer; ouvimos a sua voz, mas não sabemos de onde vem nem para onde vai. Assim é com qualquer nascido do Espírito» (João 3,8).

O Espírito de Deus falou muitas vezes a Moisés. Isto é inegável! Mas também é verdade que Moisés tomou muitas vezes decisões pessoais acreditando que elas eram inspiradas por Deus. Também, a fim de discernir, nos livros do Antigo Testamento, entre o que é inspirado por Deus e o que vem de Moisés, devemos recorrer às luzes que Jesus nos dá no Evangelho.

Joshua

A primeira menção de Josué é encontrada em Êxodo 17:9: «Moisés disse a Josué: 'Escolhe homens e sai amanhã de manhã para lutar contra Amalek'. Ele foi o único a subir com Moisés à montanha no Sinai (Êxodo 24:13). Serviu-o fielmente, estando ligado ao culto e à Tenda (Êxodo 33:11). O livro de Números menciona-o pela primeira vez quando quis evitar que os dois homens, Eldad e Medad, profetizassem (Números 11,26-29). Este facto revela o seu grande ciúme por Moisés. Ele foi um dos doze homens enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã: ele é aquele»Oséias, filho de Num, da tribo de Efraim«(Números 13:8), cujo nome Moisés mudou para Josué (Números 13:16). Moisés nomeou-o como seu sucessor (Números 27:15-23). O livro de Josué, o primeiro livro após o Pentateuco, tem o seu nome e relata como introduziu os israelitas em Canaã.

Missão de reconhecimento em Canaã

Moisés enviou doze batedores a Canaã, um de cada tribo, para explorar a terra e sondar o povo em preparação para invadir o país. Joshua era um deles. Partiram do Qadesh, um nome a recordar. Quando os batedores regressaram da sua expedição após quarenta dias, relataram que a terra de Canaã era civilizada e fortificada:»O leite e o mel brotaram dela, e estes são os seus produtos«(Números 13:27). (Números 13:27). Tinham trazido consigo amostras de uvas, romãs e figos. Os cachos eram tão grandes que tiveram de ser»levados por dois num poste...«(Números 13:23). Havia uma grande desvantagem:»Mas as pessoas que lá vivem são poderosas, as cidades são fortificadas e muito grandes...«(Números 13:23) (Números 13:28). Isto assustou os dez batedores que os aconselharam a renunciar à invasão:»Não podemos ir contra este povo; eles são mais fortes do que nós... todas as pessoas que vimos são homens altos... estávamos a agir como gafanhotos, e nós também«(Números 13:31-33). Apenas Joshua e Calebe eram da opinião contrária.

O povo reuniu-se à opinião da maioria dos enviados (Números 14:1-4) e, apesar do encorajamento de Josué e Calebe, estavam prestes a apedrejar Moisés e o seu clã:»Toda a comunidade estava a falar em apedrejá-los«(Números 14:10). Pelo contrário, foi Moisés que acabou por condenar à morte»aqueles homens que foram enviados para reconhecer a terra e que no seu regresso tinham incitado toda a comunidade de Israel a murmurar contra ele, decretando a terra«. Estes homens que malignizaram a terra foram atingidos com a morte perante o Senhor.... Apenas Josué e Calebe permaneceram vivos» (Números 14:36-38).

Portanto, a Palestina nunca foi deserta, como alguns afirmam. Durante milhares de anos foi civilizado e plantado com todo o tipo de árvores de fruto. Fingir transformar o «deserto palestiniano» num «jardim israelita» é uma mentira que apela apenas aos ignorantes.

Face ao poder dos cananeus, apenas Joshua e Calebe queriam entrar no país. Mais tarde, os israelitas decidiram entrar na mesma; era demasiado tarde, uma vez que Deus já não estava com eles: «Os amalequitas e os cananeus cortaram-nos em pedaços» (Números 14:45). A moral desta história é que nunca se deve hesitar em agir quando é tempo de Deus, e abster-se sempre de fazer algo, por melhor que pareça, quando se faz sem Deus. É por isso que Moisés aconselhou a renunciar ao projecto (Números 14:41-42). Segundo os escribas, eles foram derrotados porque «nem a Arca nem Moisés estavam com eles» (Números 14:44).

Uma vez que não entraram pelo Qadesh pela rota mais directa, os israelitas tiveram de contornar o território de Edom. O rei de Edom, temendo que tantos passassem, recusou-se a deixá-los passar (Números 20:14-21). Assim, desistiram do atalho e desceram para sul, depois para norte até Moab, uma viagem enorme, tão difícil e perigosa que levaria 38 anos a atravessá-la. Muitos não entrarão na Palestina, mesmo Moisés e Arão não o verão (Números 14:29-38).

Várias Prescrições Culturais

O relato da estadia no Qadesh é interrompido por uma série de prescrições de culto descritas nos capítulos 15-19. Vou destacar o mais importante destes:

O Sábado

Todo o trabalho é proibido no Sabbath. Um homem estava a apanhar madeira no sábado e isto foi considerado uma violação da lei «divina» do sábado. O homem foi morto «segundo o mandamento que o Senhor deu a Moisés» (Números 15:36). Uma atitude tão rígida não corresponde ao Espírito de Deus. Compare isto com a atitude de Jesus para com os fariseus que criticaram os Apóstolos por colherem espigas de trigo num sábado (Mateus 12,1-8).

Os tufos

Moisés afirma que Deus exige que «de geração em geração se façam tufos nos lados das peças de vestuário com fios púrpura. (Números 15:37). Estas **ridículas** modas»religiosas«têm sido

seguidas pelos cristãos, especialmente na Igreja Católica (cardeais e bispos). Jesus condenou estes costumes de vestuário (Mateus 23,5) e insistiu na fé e simplicidade, não na roupa.

A vaca vermelha

De acordo com uma disposição da Lei prescrita por Javé, as cinzas de uma vaca ruiva, misturadas com água pelos sacerdotes, são capazes de purificar (Números 19:1-10). As cinzas»devem permanecer para o uso ritual da comunidade dos filhos de Israel para fazer a **água lustral**; é um sacrifício pelo pecado (Números 19:9) Outro ritual pagão que é passado, com as suas superstições, no culto judaico. A purificação moral com água é uma prática conhecida nas religiões antigas. O seu correspondente é «água benta» para cristãos, abluções para muçulmanos, o rio Ganges para hindus, etc. (Números 19,9).

É evidente que esta «purificação» é ilusória, sendo material e manchada por feitiçaria e superstição pagã. Pense na importância religiosa dada à vaca «branca» na Índia (a cor da vaca difere, mas não o espírito do culto). A diferença é que os escribas atribuem este culto a... Yahweh! A verdadeira razão é que se adequava aos padres porque pagavam muito para serem purificados desta forma por uma vaca «vermelha» que nem sempre era fácil de encontrar. Há algum tempo atrás, alguns israelitas anunciaram alegremente que os tempos messiânicos estavam aqui porque tinha sido encontrada uma vaca vermelha em Espanha que, finalmente, correspondia às exigências da Torah...!

A fim de experimentar a purificação **espiritual** através do arrependimento, era necessária uma nova etapa evolutiva. Foi Jesus que, ao preço do seu sacrifício, nos ensinou a purificarmo-nos sacrificando as nossas más inclinações e pedindo perdão, não por um culto exterior ilusório. É Deus quem perdoa e purifica a alma arrependida.

A água extraída da rocha

A comunidade, sem comida nem água, tinha-se revoltado mais uma vez contra Moisés. Lamentaram ter saído do Egipto para um lugar deserto (Números 20:1-5). Então Deus disse a Moisés

«Tomai o Ramo (*o Ramo de Aarão, que supostamente floresceu à custa do Ramo de Coré na revolta deste contra Moisés: Números 17:21-26*), e **reuni a congregação**, vós e o vosso irmão Aarão. Depois, diante dos seus olhos, digam a esta pedra que ela dá a sua água. Moisés e Arão convocaram a congregação perante a rocha. Moisés levantou a mão e bateu duas vezes na rocha com o ramo; e a água jorrou abundantemente, e a comunidade e o seu gado puderam beber» (Números 20:6-11). O lugar desta **reunião** é disputado, como veremos mais adiante: foi em torno de uma rocha ou de um poço?

Depois deste milagre, Deus zangou-se com Moisés e Arão: «Visto que não acreditastes em mim capaz de me santificar aos olhos dos filhos de Israel, (*de manifestar o meu omnipotente poder*), não introduzireis esta congregação na terra que lhes dou» (Números 20,11-12). Pois foi Josué quem os trouxe para a Palestina (Números 27:12-22). Qual foi a culpa de Moisés e Arão? Porque é que Deus ficou zangado com eles? Uma tal reacção de Deus após um tal milagre é inconcebível. Moisés bateu duas vezes na rocha. Ele deveria tê-lo atingido **apenas** uma vez, com segurança, e não uma segunda vez depois de hesitar. Aquele, a quem Deus falava, não deveria ter agido com convicção e força, sabendo que Deus é «capaz de se santificar a si mesmo» perante todos?

A resposta está no local onde a reunião deveria ser realizada para beber água: será que foi realmente em torno de uma rocha, como os escribas afirmam em Números 20:1-13, para fazer as pessoas acreditarem no milagre? Este lugar é contradito pelos Números 21,16-18 que revelam que o ajuntamento foi em torno de um poço: «... dali foram para Cerveja (*o nome de um lugar que significa bem*)... foi **sobre este poço** que o Senhor disse a Moisés:»Reúne o povo e eu lhe darei água. Depois Israel cantou esta canção: «Canta sobre o poço, o poço que os príncipes

cavaram» (Números 21:16-18). Em hebraico, como em árabe, a palavra «cerveja» significa bem. Este lugar toma, portanto, o seu nome do poço que lá se encontra.

Assim, para beber, «o ajuntamento» não foi em torno de uma pedra, mas simplesmente em torno de um poço. Além disso, ao beber a água do poço, Moisés não respeitou o seu compromisso de «não beber a água dos poços» das regiões por onde a comunidade iria passar (Números 20,17 / 21,22).

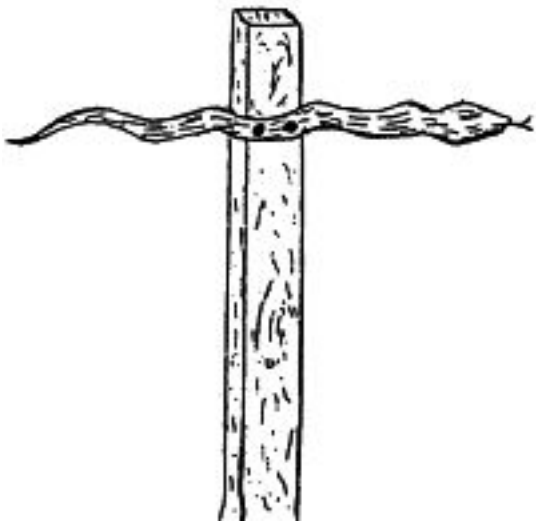
A causa da ira de Deus contra Moisés e Aarão seria a sua extrema violência e a instituição de um culto intransigente, baseado no paganismo, nunca prescrito por Deus. E isto, em Seu nome!

Morte de Aaron (Números 20,14-21)

Vimos que os Edomitas impediram os israelitas de atravessar o seu território. Os israelitas tiveram de tomar o longo e árduo caminho para sul. Aaron morreu a caminho de «Hor». Eleazar, seu filho, sucedeu-lhe como sumo sacerdote.

A Serpente de Bronze (Números 21:4-9)

Feita a pedido de Deus, esta cobra de bronze foi pendurada **horizontalmente** num poste **vertical**, formando uma cruz. Aqueles que foram mordidos por cobras no deserto, mas que olharam para esta cobra de bronze com fé, foram fisicamente curados, perdoados por se terem rebelado contra Deus.



Le serpent d'airain

Esta cruz prefigurou outra cruz mais importante cujo poder curativo é espiritual, não corpóreo, eterno e não temporal. A cruz formada pela serpente de bronze no pólo vertical anunciava a crucificação de Cristo e a cura daqueles que acreditariam nele. Jesus retomou esta história, atribuindo à sua crucificação os valores que dão vida, mas desta vez ao nível da alma. A serpente de bronze na cruz simbolizou a sua paixão: «Assim como Moisés levantou a serpente (*de bronze*) no deserto, também o Filho do Homem (*Cristo*) deve ser levantado (*na cruz*) para que todo aquele que nele crê tenha a vida **eterna**», disse Jesus (João 3,14).

Esta serpente de bronze foi venerada pelos judeus durante muito tempo, de tal forma que eles o adoraram. É por isso que, 600 anos depois, o rei Ezequias o destruiu (2 Reis 18:4).

O rito de «Urim e Tummim» (Números 27,21: ver também Exodus 28,30)

O Urim e o Tummim eram dois tipos de pedra ou dados que o sumo sacerdote levava para consultar Deus sobre um assunto; o sacerdote atirou o Urim e o Tummim e, de acordo com a posição da sua queda ou as inscrições que levavam, o sumo sacerdote interpretou «sim» ou

«não» como a resposta divina à pergunta feita. Este é um mau sistema de consulta a Deus e tem tido frequentemente resultados desastrosos.

A comida de Yahweh para sacerdotes

O capítulo 28 repete algumas das disposições da Lei do Mosaico. Relativamente aos sacrifícios, «Deus» diz ao povo: «Tereis o cuidado de me trazer a minha oferta, a **minha comida** sob a forma de holocaustos, na hora marcada».. (Números 28:1-2). (Números 28:1-2). Toda esta comida «oferecida a Javé» acabou na mesa dos sacerdotes e levitas que escreveram estes textos (ler 1 Samuel 2:12-17). Assim, foi conveniente para os padres, os escribas e os levitas terem o maior número de sacrifícios oferecidos a ... O Senhor... e que eles próprios consumam... em nome do Senhor!

6.2.5 Balaão e as suas profecias sobre o Messias (Números 22-24)

O tema mais importante em Números são as profecias de Balaão, um adivinho não judeu, sobre o Messias.

Para entrar na Palestina, os israelitas tiveram de passar pela terra de Moab (agora Jordânia). Balak, o rei moabita, quis detê-los à força. Ele invocou Balaam, um feiticeiro da região. Pediu-lhe que lançasse um feitiço maligno sobre os israelitas, que os amaldiçoasse para os poder derrotar sem dificuldade: «Os anciãos de Moabe e os anciãos de Midian foram (*a Balaão*), levando consigo o dinheiro para pagar o augúrio (*o enfeitiçamento contra os judeus*)» (Números 22,7).

Deus impediu Balaão de os amaldiçoar: «Não há presságio contra Jacó e não há feitiço contra Israel» (Números 23,23). Porque não? Porque diz Balaam, o mágico «um homem **poderoso** cresce na sua semente, ele governa sobre muitos povos... (Números 24,7)... Vejo-o, mas não agora, vejo-o, mas não de perto: uma **estrela** de Jacob torna-se um governante, um ceptro ergue-se de Israel...» (Números 24:17).

Assim, a única razão pela qual este povo é protegido por Deus é que o Messias tem de sair deles. É ele este «Herói» que vem dos seus descendentes e esta «Estrela» que Balaam vê para mais tarde «não de perto». De facto, só 13 séculos depois é que Jesus veio. Ele é a «Estrela da Manhã» como o livro do Apocalipse o chama (Apocalipse 20,28 / 22,16). É evidente aqui que a única vocação dos israelitas é a vinda do Messias. Hoje, após a vinda deste Messias na pessoa de Jesus de Nazaré, qualquer israelita que o negue já não pode reclamar qualquer bênção divina, tal como qualquer homem que vira as costas a este Herói das Estrelas.

Balaão é uma figura a ser lembrada porque, incapaz de amaldiçoar os judeus, levou-os à deboche com as prostitutas de Moab para trazer a ira divina sobre eles (Números 25:1-3). Note-se que tanto os moabitas como os midianitas são acusados pelos judeus (Números 25:6-16). Mas é Balaão que é considerado o grande culpado nesta questão de Shittim e é por isso que os israelitas mais tarde o mataram (Números 31:8). O Apocalipse menciona novamente Balaão e compara o ímpio do fim dos tempos a este «Balaão que mostrou a Balaão o laço para pôr os israelitas a fazer-se de prostituta» e merece a ira divina (Apocalipse 2,14). Estes ímpios são os súbditos da Besta que corrompem os seguidores de Cristo para os afastar de Deus como Balaão fez (ler o livro «Os Protocolos dos Anciãos de Sião»).

6.2.6 Fronteiras de Israel

O Livro dos Números termina com os israelitas às portas da Palestina, a leste do rio Jordão, no Monte Nebo, que enfrenta a cidade palestiniana de Jericó (Ariha). Moisés morreu ali (Deuteronómio 34:1-5).

Segundo os escribas, as fronteiras dadas aos judeus, ainda por Deus, vão do Sinai à cidade de Hamat, no norte da Síria (34,8) e terminam no leste com o Jordão e o Mar Morto (Sal) (34,12).

Estas fronteiras são fantasiosas e dependem, não de Deus, mas das ambições variáveis dos escribas israelitas que, de acordo com os seus apetites mais ou menos vorazes, colocam as fronteiras por vezes do Sinai ao Jordão, como é o caso aqui, e por vezes do Nilo ao Eufrates, como é indicado em Joshua 1:3-4. Se tivesse sido Deus a dar fronteiras aos israelitas, estas não teriam variado de um escriba para outro, teriam sido estáveis, bem definidas e, sobretudo, historicamente permanentes.

Os israelitas modernos não estão muito satisfeitos com a terra que «Deus» lhes deu, descrita por Moisés como a terra onde «flui leite e mel» (Êxodo 3,8 / Números 13,27). Já em tempos passados, no deserto, os judeus lamentavam «os bons peixes, pepinos, melões, cebolas e alho» que comiam «para nada» no Egipto (Números 11,5-6). Em 1977, o falecido primeiro-ministro israelita Golda Meir disse: «Israel nunca perdoará Moisés pela sua improvidência: ele tirou os judeus do Egipto e bateu na rocha para saciar a sua sede, mas fê-los caminhar durante 40 anos no deserto para os colonizar na única região sem petróleo.

6.3 O livro do Deuteronómio

6.3.1 Significado da palavra: Deuteronómio

Esta palavra vem do grego:»deftero«que significa»segunda«ou»uma segunda vez«, e»noma«que significa»lei«. Deuteronómio significa, portanto,»Segunda Lei«ou»uma segunda vez a Lei«. Este livro é assim chamado porque é uma recapitulação dos quatro livros da Lei (Pentateuco) que o precedem. É uma colecção, resumo ou síntese da Torah.

6.3.2 Quando e por quem foi escrito?

Deuteronómio foi escrito oito séculos a.C., cerca de 200 anos após os quatro livros que o precederam, e pelo menos 400 anos após a entrada dos israelitas na Palestina. Foi escrito por um grupo de escribas e sacerdotes para reunir num único volume o essencial dos ensinamentos de Moisés. Acrescentaram-lhe o que teriam querido que ele lhes prescrevesse. Para dar mais peso aos preceitos nele contidos, os autores fazem o próprio Moisés falar. Sucessivos discursos formam o seu testamento moral. Para além das leis e decretos, o Deuteronómio contém relatos dos principais acontecimentos que tiveram lugar no deserto.

O livro foi escrito após a instituição do Reino de Israel. O seu objectivo é evitar falhas futuras já cometidas no passado:»Quando entrares nesta terra que o Senhor teu Deus te dá, e tomares posse dela, e disseres a ti mesmo: 'Farei um rei como todas as nações à minha volta', então poderás ir à terra do Senhor teu Deus, e tomar posse dela.... Que ele (*aquele rei*) não multiplique o número das suas esposas (*como David e Salomão já tinham feito*), ... que ele não multiplique demasiado a sua prata e ouro. Quando ascender ao trono, escreverá num pergaminho, para seu uso, uma cópia desta Lei (*Deuteronómio*) sob o ditado dos sacerdotes levitas... Ele deve lê-lo todos os dias da sua vida...«(Deuteronómio 17:14-20). Note-se a importância dos sacerdotes na escrita bíblica. Este texto deve ser comparado com o de 1 Samuel 8:5-19 onde os judeus, quando ainda não existia um reino no século XI a.C., pediram a Samuel um rei:»Estabelece para nós um rei para nos governar como as outras nações«. Noutros lugares, em 1 Reis 10:14-18 e 1 Reis 11:1-8, encontramos menção ao ouro de Salomão, aos cavalos e a muitas mulheres. O Deuteronómio visa evitar a recorrência de tais abusos no futuro. Num volume tudo é reiterado para recordar a todos, especialmente aos reis, os seus deveres para com Deus:»Sabei, pois, e considerai no vosso coração, que o Senhor é Deus em cima no céu, como Ele e mais ninguém aqui na terra. Guardai as suas leis e os seus mandamentos que eu vos ordeno«.. (Deuteronómio 4:39-40).

O Deuteronómio foi durante muito tempo negligenciado depois de ter sido escrito. Foi encontrado enterrado no Templo, ele próprio abandonado, sob o rei Josias, em 622 a.C. É»o Livro da Lei encontrado no Templo de Yahweh«(2 Reis 22:8) e»o livro de Moisés«ao qual Neemias 13:1-3 se refere.

A fim de dar mais peso às suas palavras, os escribas levitas tentaram dar a impressão de que o próprio Moisés as tinha escrito e as tinha confiado aos levitas:»Quando terminou de escrever as palavras desta Lei num livro até ao **fim**, Moisés ordenou aos levitas: «Tomai o livro desta Lei ... etc.» (Deuteronómio 31:24-26).

O texto do Deuteronómio mostra que não foi Moisés que o escreveu até ao fim. Ele não pode ser o autor do último capítulo que trata da sua morte e sepultamento (Deuteronómio 34). Ele não teria escrito: «Estas são as palavras que Moisés disse...» (Deuteronómio 1,1), mas: «Estas são as palavras que eu disse...», nem «Moisés então escolheu três cidades» (Deuteronómio 4,41), mas «eu então escolhi três cidades...». Tudo indica que os sacerdotes e escribas trabalharam na escrita do Deuteronómio sob o regime monárquico em Israel, antes da invasão babilónica em 586 AC. Na sua introdução ao Deuteronómio, André Chouraqui, autor da Bíblia francesa que leva o seu nome, reconhece que «há pistas que nos impedem de ver neste livro a obra do grande Legislador (*Moisés*)».

Nesta fase, é necessário ler o Deuteronómio na sua totalidade e depois voltar à explicação dos pontos importantes no resto do Curso Bíblico.

6.3.3 Despossessão

O dever de desapossar as nações encontra-se frequentemente no Deuteronómio. Os israelitas foram levados por Moisés, em nome de Deus, a expulsar os ocupantes de Canaã e a confiscar os seus bens:

«Ele (*Javé*) **despossuiu** perante vós nações maiores e mais poderosas do que vós, e vos trouxe para as suas terras e vos deu a sua herança» (Deuteronómio 4:38).

«Ouve, ó Israel! Hoje estás prestes a passar por cima da Jordânia para **desapossar** nações mais fortes do que tu» (Deuteronómio 9:1).

«Quando o Senhor teu Deus te trouxe à terra que jurou aos teus pais, Abraão, Isaac e Jacob, para te dar, às grandes e prósperas cidades que não construíste, às casas cheias de todo o tipo de bens, casas que não encheste, poços que não cavaste, vinhas e olivais que não plantaste, quando comeres e estiveres cheio, tem cuidado para não te esqueceres do Senhor» (Deuteronómio 6:10-12).

Um fica impressionado com o número de vezes que se repete a ordem de desapossar e destruir as outras nações... em nome de Deus! Num só versículo, este dever de despossessão é repetido duas vezes: «Quando o Senhor teu Deus tiver feito um varrimento limpo das nações às quais vais para as **despossuir** diante de ti, e as tiveres **despossuído** e habitares na **sua** terra...» (Deuteronómio 6,10-12) (Deuteronómio 12:29).

(Deuteronómio 12:29). Mas despojá-los não foi suficiente: «Quando vos aproximardes de uma cidade para a atacar, oferecereis-lhe paz (*!!!*). Se o aceitar e lhe abrir os seus portões, todas as pessoas que nele se encontram lhe ficarão a dever o trabalho (!!*!*). Mas, se recusar e abrir as hostilidades, sitiá-lo-á. E o Senhor vosso Deus os entregará nas vossas mãos, e colocareis cada um deles ao fio da espada. Mas as mulheres, as crianças, e o gado, tomá-los-ão como presas. Comereis os despojos dos vossos inimigos. Quanto às cidades destes povos que o Senhor vosso Deus vos dá por herança, não deixareis nenhum deles vivo» (Deuteronómio 20,10-16). Posse, vandalismo e crimes em nome de Deus. A lista de textos seria longa a relatar. Isto é o que profanou o Santo Nome de Deus.

No entanto, os Dez Mandamentos contêm três preceitos claros: «Não matarás. Não roubarás. Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem a sua mulher, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento: nada que seja dele» (Êxodo 20:13-17). Para fugir a estes mandamentos, escribas e padres interpretam subtilmente o significado da palavra «vizinho». Para o judeu, o vizinho é o judeu. Estes mandamentos são válidos apenas em relação a ele. Os goyim são os

inimigos que são até recomendados para serem roubados ou mesmo mortos. Isto não impediu Moisés de decretar a morte dos seus próprios sobrinhos e de um grande número de judeus. Os próprios samaritanos eram considerados inimigos. Os fariseus, para insultar Jesus, chamaram-lhe samaritano (João 8,48). «Os judeus não têm qualquer relação com os samaritanos», diz João (João 8,48). Jesus corrigiu a interpretação destes mandamentos apontando para um samaritano, um inimigo tradicional dos judeus, como exemplo de amor ao próximo (Lucas 10,29-37). Foi ainda mais longe, louvando o centurião romano, um gentio, e culpando os judeus: «Quando Jesus ouviu as palavras do centurião, maravilhou-se e disse: 'Em verdade vos digo que não encontrei tal fé em Israel em mais ninguém'. Digo-vos, digo-vos que não há ninguém que tenha tanta fé em Israel Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente para se sentarem na festa com Abraão, Isaac e Jacob no Reino dos Céus, enquanto os súbditos do Reino (*de Israel, os judeus sionistas*) serão lançados na escuridão: haverá pranto e ranger de dentes» (Mateus 8,10-13). É por isso que Jesus convida os judeus a amar os **seus inimigos** e a deixar de reservar a sua salvação para os **seus irmãos**: «Amai os vossos inimigos ... Se saúda os seus irmãos, que coisas extraordinárias faz»? (Mateus 5:42-48).

Esta insistência na despossessão e nos homicídios lança, sem dúvida, luz sobre a origem de tais mandamentos: «O teu pai é o diabo e são os desejos do teu pai que desejas cumprir». Desde o início foi **homicídio**«, disse Jesus aos seus negadores (João 8,44). Foram estas ordens dadas por Moisés que atraíram a ira divina contra ele. Tendo tirado os israelitas do Egipto, queria possuir as nações do Sinai para o Líbano e mais além. Confessou perante a comunidade que tinha»pedido misericórdia a Javé: Meu Senhor Javé, ... não poderia eu passar por ali e ver esta terra feliz para além da Jordânia, esta montanha feliz e o Líbano? Mas por causa de vós«, ele repreendeu o povo,»o Senhor estava zangado comigo, e não me ouviu, e disse-me: 'Basta Não me digas mais nada«! (Deuteronómio 3:23). A raiva aguda de Deus não se deve ao povo, como pensa Moisés. Destina-se a limitar o apetite do povo pela posse (Deuteronómio 4:21).

Na avaliação do comportamento de Moisés, devemos ter em conta certas circunstâncias atenuantes: a mentalidade e os costumes da época, a dificuldade da missão, a dureza do povo...?

6.3.4 Sobrecargas

Moisés confessou que Deus nada acrescentou às palavras dos Dez Mandamentos:»Estas são as palavras que o Senhor vos disse quando estais todos reunidos na montanha... Não lhes acrescentou nada e escreveu-as em duas tábuas de pedra que me deu«(Deuteronómio 5:22). Moisés também prescreveu:»Nada acrescentareis ao que eu vos ordeno, nem nada lhe tirareis«(Deuteronómio 4,2). Agora, os rituais e os cultos sobrecarregaram-se em grande número para o bem-estar material dos sacerdotes. De onde é que eles vêm? Da»caneta falsa«dos escribas (Jeremias 8:8). Hoje somos capazes de detectar estas impurezas e de exorcizar a Torá através dos ensinamentos de Jesus.

6.3.5 A»pequena sobra«

Em Deuteronómio 4,25-31, Moisés profetiza a traição espiritual dos israelitas:»restarão poucos de vós«(Deuteronómio 4,27). Em todos os momentos, é apenas um»poucos«, um»pequeno remanescente«que permanece fiel a Deus e ao seu Messias, que passa o teste da fé. Na verdade, apenas uma pequena minoria da comunidade israelita reconheceu em Jesus o anunciado Messias, e uma pequena minoria reconhece hoje o Anticristo:»Alguém perguntou a Jesus: 'Mestre, serão os poucos que serão salvos? Ele respondeu: «Muitos procurarão entrar e não terão êxito» (Lucas 13,23-24). Jesus também diz: «Eles entregam-te ao sofrimento e depois muitos sucumbirão, e a traição... o amor arrefecerá em muitos. Mas quem se tiver mantido firme até ao fim, esse será salvo» (Mateus 24,9-13). Ele também perguntou: «Quando o Filho do Homem vier, irá ele encontrar fé na terra? (Lucas 18:8). Só o encontrará no coração de um pequeno remanescente que incendiará o mundo.

6.3.6 A»nação«de Israel

Deuteronómio 4:34 apresenta Israel como uma **nação** escolhida por Deus:»Haverá um Deus que veio buscar uma **nação** a outra... todas as coisas que o Senhor teu Deus fez **por ti** no Egipto diante dos teus olhos? Há dois erros nesta afirmação: é errado afirmar que Deus escolhe uma nação; a escolha divina foi feita a um homem, Abraão. Também é errado dizer aos judeus: «... todas as coisas que o Senhor fez **por vós**». Vimos que Deus tinha agido para cumprir o seu plano messiânico em favor de **todos os homens**, e não exclusivamente para a glória da comunidade judaica.

6.3.7 Circuncisão do coração

Encontramos no Deuteronómio uma evolução na compreensão da circuncisão de acordo com o espírito, não de acordo com a letra. Pela primeira vez, a circuncisão do **coração** é mencionada em Deuteronómio 10:16: «Circuncidem o vosso coração e não endureçam o vosso pescoço». Alguns séculos mais tarde, o profeta Jeremias volta a esta circuncisão espiritual: «Circuncidai-vos pelo Senhor, tirai o prepúcio do vosso coração» (Jeremias 4:4).

Apesar disso, alguns ainda insistem na circuncisão física do prepúcio. Esta prática foi a causa de grande dissensão entre os primeiros Apóstolos de Jesus: «Algumas das pessoas que desceram da Judéia ensinaram aos irmãos: a menos que sejais circuncidados segundo o costume de Moisés, não podereis ser salvos» (Actos 15,1). A verdadeira circuncisão é a do coração, como nos lembra Paulo: «O verdadeiro judeu é circuncidado interiormente, e a circuncisão está no coração, segundo o espírito e não segundo a letra» (Romanos 2:29).

6.3.8 Escolha entre a bênção e a maldição

Aos israelitas são oferecidas bênçãos se forem fiéis, e maldições se forem infiéis: «Eu vos ofereço hoje uma bênção e uma maldição...» (Deuteronómio 11:26-30). No Monte Garizim em Samaria foi a bênção colocada, e no Monte Ebal oposto foi a maldição (Deuteronómio 11:29). O Monte Garizim, sendo o lugar das bênçãos, foi escolhido pelos samaritanos como santuário e lugar de culto. Continua a sê-lo até aos dias de hoje. Os judeus, por seu lado, adoravam no Templo de Jerusalém (ler o diálogo entre Jesus e a mulher samaritana em João 4,20-24).

6.3.9 Moisés anuncia o Messias

O assunto mais importante deste Livro é a proclamação de Moisés do Messias-Prophet: «O Senhor teu Deus levantará para ti do meio de ti, do meio dos teus irmãos, um profeta como eu, a quem tu ouvirás...». Moisés acrescentou: «O Senhor disse-me: 'Eu levantarei para vós, dentre os vossos irmãos, um **profeta** como vós, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele dir-lhes-á tudo o que eu lhe ordenar. Se alguém não escutar as minhas palavras que este **profeta** falará em meu nome, então eu mesmo o chamarei à responsabilidade» (Deuteronómio 18,15-19).

Devemos recordar aquela importante profecia messiânica a que Jesus se refere: «Moisés escreveu de mim» (João 5,46). Do mesmo modo, é a este versículo que os Apóstolos se referem: «Aquele de quem se fala na Lei de Moisés e nos profetas, nós o encontramos! É Jesus...» (João 1:45). Quando os fariseus perguntaram a João Baptista se ele era «o Profeta», referiam-se à profecia de Moisés (João 1:21).

É importante lembrar que o profeta anunciado é «como» Moisés, tão grande como ele era. Quando Jesus veio, provou ser ainda maior que Moisés, como revela Paulo: «Ele (*Jesus*) foi julgado digno de **maior** glória que Moisés, na medida em que a dignidade do construtor de uma casa é maior que a da casa» (Hebreus 3,3).

O Messias anunciado por Moisés vem pela salvação de todos os que acreditam nele, tanto judeus como não judeus, e pela condenação de todos os que o rejeitam (Deuteronómio 18:19). Jesus proclamou: «Quem acredita em mim não está condenado. Aquele que não acredita já está condenado, porque não acreditou» (João 3,18).

«Hoje ofereço-vos a vida e o bem, a morte e o mal», diz Deus em Deuteronómio 30:15. A vida está do lado do Messias, Jesus. A morte está do lado do Estado sionista oposto ao Espírito de Deus e ao seu Messias. «Não se pode servir a dois senhores ao mesmo tempo» (Mateus 6:24).

6.3.10 Abraão, o Sírio

Os escribas apresentam Abraão como hebreu: «Um sobrevivente veio dizer a Abrão **o hebreu**».. (Génesis 14:13). (Génesis 14:13). A sua intenção é fazer-nos acreditar que a «raça» hebraica pré-existiu na eleição de Abraão, que era ele próprio um deles. Assim, ao escolher Abraão, todos os hebreus são escolhidos nele. Esta é a lógica deles, não a de Deus, nem a nossa.

É por isso que Moisés pergunta à sua comunidade: «Dirás estas palavras perante o Senhor teu Deus: 'Meu pai era um **aramaico** errante que desceu ao Egipto...'» ...Deuteronómio 26:5. (Deuteronómio 26,5) (Deuteronómio 26,5). Moisés lembra assim aos judeus que o seu pai, Abraão, é de origem não hebraica síria. Na época de Abraão não havia Hebreus. Este esclarecimento de Moisés confunde e denuncia o racismo sionista.

6.3.11 Promessa Divina Condicionada

A fidelidade dos israelitas a Deus é a condição primária e indispensável para possuir a Terra Prometida: «....»Mas só se andar nos seus caminhos... mas só se cumprir todos os seus mandamentos...«(Deuteronómio 26:17-18). Esta condição não foi respeitada:»Este povo erguer-se-á para se prostituir, seguindo outros deuses...«(Deuteronómio 26,17-18). Eles abandonar-me-ão e quebrarão o meu pacto que fiz com eles», declara Yahweh a Moisés (Deuteronómio 31:16).

Moisés adverte em caso de infidelidade: «Porque não obedecestes à voz de Javé vosso Deus ... sereis arrancados da terra onde estais prestes a entrar para tomar posse dela» (Deuteronómio 28,62-68). Jeremias, por sua vez, denunciou a infidelidade de Israel e a quebra do Pacto com Deus: «O meu pacto **eles quebraram**», diz o Senhor (Jeremias 31,32).

Apenas um «pequeno remanescente» permanecerá fiel (Deuteronómio 28,62) para continuar o plano de Deus, acolhendo o Messias, o iniciador do **Novo Pacto** anunciado pelos profetas: «Farei um **novo** pacto com a casa de Israel e a casa de Judá». Não como o pacto que fiz com os pais deles. Não como o pacto que fiz com os seus pais, mas como o meu pacto **que eles próprios quebraram**«(Jeremias 31:31-32). Pelo seu martírio, Jesus instituiu esta eterna Nova Aliança (Mateus 26,28).

A quebra do primeiro Pacto retira aos israelitas do século XX qualquer pretexto para possuírem a Palestina em nome de Deus. A sua infidelidade para com o Criador, pela sua recusa de Jesus, irá mais uma vez arrancá-los da terra. Se estão lá hoje, não é devido à intervenção divina. O livro do Apocalipse revela que eles são atraídos para lá»dos quatro cantos da terra pelo enganador (*o diabo*)«(Apocalipse 20:7-9). O diabo atrai-os para a Terra Prometida, fazendo-os acreditar que são o povo escolhido que regressa dos quatro cantos da terra. Israel tornou-se assim, como Paulo revela,»poder de mentira que aparece no mundo para atrair os amantes da mentira, que Cristo destruirá com o sopro da sua boca, e destruirá com o esplendor da sua vinda«(2 Tessalonicenses 2,8-12).

6.3.12 Morte de Moisés

A morte de Moisés e Aarão fora da Palestina é o castigo anunciado por Deus (Números 20:12). A morte do grande Legislador fora da»Terra Prometida«significa que a prática da Lei Mosaica é incapaz de introduzir no Reino de Deus, uma vez que o seu próprio fundador foi incapaz de entrar na Terra Prometida, o símbolo do Céu.

Reflexão

A Bíblia é uma mina de ouro. Como todas as minas de ouro, contém, misturado com o tesouro que contém, impurezas. Devemos ser capazes de os detectar e separá-los do essencial.

As impurezas são os abomináveis preceitos e cultos atribuídos a Deus. Aqueles que os prescreveram profanaram»o Santo Nome«. Estas acções nojentas são mencionadas abundantemente e apenas no Antigo Testamento. Eles foram denunciados pelos profetas, Jesus e os Apóstolos.

No Antigo Testamento, o ouro é a Revelação do Único Deus, a queda do homem e da sua causa, a determinação divina de salvar a humanidade, o apelo de Abraão, a formação da primeira comunidade monoteísta, o anúncio da vinda do Messias pelos profetas, etc.

No Novo Testamento tudo é ouro. Chegou o momento de purificar o ouro bíblico no cadinho da mensagem apocalíptica onde Cristo diz:»Segue o meu conselho, compra-me ouro purificado no fogo para te enriqueceres...«(Apocalipse 3:18). Para purificar o ouro, devemos reconhecê-lo e separá-lo das impurezas. Requer graça divina e experiência bíblica.

6.4 Questionário

1. Desenhar um mapa da região incluindo o Egipto, o Sinai, o Mar Morto, o rio Jordão, o lago Tiberíades, e depois traçar a rota dos israelitas no deserto do Sinai. Localizar Midian, Qadesh, Edom, Hor, Shittim, Moab, Nebo, Jericho, Mount Garizim.

2. Em Deuteronómio 33:8-11, Moisés abençoa a tribo de Levi. Como compreende esta bênção quando a compara com a maldição que Jacob proclamou em Levi (Génesis 49,5-7)?

3. Porque é que Balaão foi morto pelos israelitas (Números 31,1-12) e de que é ele o símbolo?

4. O que aconteceu ao Qadesh (Números 13)?

5. O que aconteceu ao Shittim (Números 25:1)?

6. Será que Moisés e Aaron não mereciam entrar na Palestina? Qual é a sua culpa?

7. O que são Urim e Tummim?

8. Acha que Deus inspirou literalmente todos os pontos da Lei do Mosaico? Como compreende os versículos de Jeremias 7,22 e 8,8?

9. Abraão era hebreu?

10. Deus queria formar uma nação com Abraão ou queria transmitir uma mensagem universal?

11. Circuncisão do prepúcio ou do coração? Baptismo do corpo pela água ou da alma pelo conhecimento e pela fé? A Circuncisão e o Baptismo são santificadores ou apenas símbolos a serem ultrapassados?

12. O que é a Terra Prometida? A quem foi prometido?

13. O Pacto entre Deus e a comunidade israelita ainda é válido? Porque é que ainda é válido?

7. Lição 7 - Joshua, Juízes, Ruth, Samuel 1 & 2

A compreensão dos 5 livros da Torá, no espírito crítico que temos seguido, constitui uma base segura e realista para abordar o resto dos livros do Antigo Testamento. Leia atentamente os livros de Joshua e dos juízes e depois volte aos esclarecimentos abaixo:

7.1 O livro de Joshua

Este livro conta a história da entrada dos israelitas na Palestina, com Josué à cabeça, por volta de 1200 AC. A partida teve lugar de Shittim (Josué 3:1). As fronteiras do país a ser ocupado são rapidamente definidas: do deserto (Sinai, tendo o Nilo como limite ocidental) ao Eufrates (Josué 1:4), estando o Líbano completamente engolido. A porta do Knesset israelita ostenta esta inscrição:»O vosso domínio, Israel, estende-se desde o Nilo até ao Eufrates«. É por isso que a bandeira israelita tem a estrela de seis pontas (de David) entre duas riscas azuis representando o Nilo e o Eufrates sobre um fundo branco. Ver lição 6 deste curso bíblico no final do livro de Números: As fronteiras de Israel.

A Arca atravessa o rio Jordão à cabeça como sinal da presença de Deus com a comunidade israelita (transformada num exército invasor).

A circuncisão tinha sido negligenciada: por ordem de Joshua, foi retomada»de novo... com facas de pedra«(Joshua 5:2-9).

Tomar de Jericó: não compreender este facto literalmente. Note-se que a cidade foi tomada no sétimo dia, após a sétima volta, sendo o número 7 o da plenitude (6,14-16).»Soprar a corneta do carneiro«(Josué 6:4-5 / 6:16) é um costume ritual ainda hoje praticado pelos judeus no Muro das Lamentações. Josué amaldiçoa Jericó, quem a reconstrói, diz ele, deve oferecer os seus filhos como sacrifícios aos ídolos (Josué 6,26-27). O primeiro livro dos Reis, escrito mais tarde com o livro de Josué, relata que Hiel de Betel reconstruiu esta cidade, oferecendo os seus dois filhos como sacrifícios (1 Reis 16:34). Esta»profecia«está entre todas aquelas que são relatadas posteriormente com a intenção de lhes dar a verdade histórica.

A trombeta (Josué 6:16) adquiriu um significado **profético** e espiritual após a sua utilização no culto litúrgico (como os sinos). Anuncia que Deus falará ou agirá, e que todos os homens devem, portanto, ouvir atentamente:»Todos vós que povoais a terra... a trombeta está tocada, escutai! Pois assim diz o Senhor...«(Isaías 18,3-4). No final dos tempos, Jesus envia os seus discípulos, com uma»trombeta a tocar«, para um último aviso (Mateus 24,31). Esta trombeta é simbólica: anuncia a abertura do livro do Apocalipse (Apocalipse 8,2/10,2) e convida aqueles que têm ouvidos a ouvir o que o Espírito tem para lhes revelar de novo (Apocalipse 3,22).

Um corno de animal usado como trombeta (os chifres de carneiro são mais modestos)

O papel dos sacerdotes, sublinhado pelos sacerdotes-escritores que mais tarde escreveram este texto, torna-se indispensável na tomada da cidade. O colapso das muralhas de Jericó é uma fabulação sem base histórica e é uma das muitas»fábulas judaicas«contra as quais Paulo advertiu (Tito 1:13-14). Deve também notar-se que a recomendação feita à comunidade de que ninguém que entre na cidade deve ser»tão cobiçoso a ponto de roubar toda a prata e ouro, todos os objectos de bronze e ferro consagrados a Javé, entrarão no seu tesouro«, ou seja, no bolso piedoso dos sacerdotes (Josué 6,17-19). Os escribas deleitam-se em escrever que os combatentes»põem um anátema (*lei do extermínio total*) sobre todos os que estavam na cidade, homens e mulheres, jovens e velhos, mesmo sobre bois, ovelhas e burros, e colocam-nos à espada«(Josué 6:21). Isto evoca os massacres de Deir Yassin, Kfar Kassem, etc., na Palestina, devido ao estabelecimento do Estado de Israel (1948), bem como de Sabra-Chatila, Qana, etc., no Líbano, seguindo o plano expansionista sionista.

A paragem do sol em Gibeon (Josué 10:12) é ainda uma fabulação a ser entendida pœticamente, não realmente, uma vez que a lua também foi»parada«por Joshua.

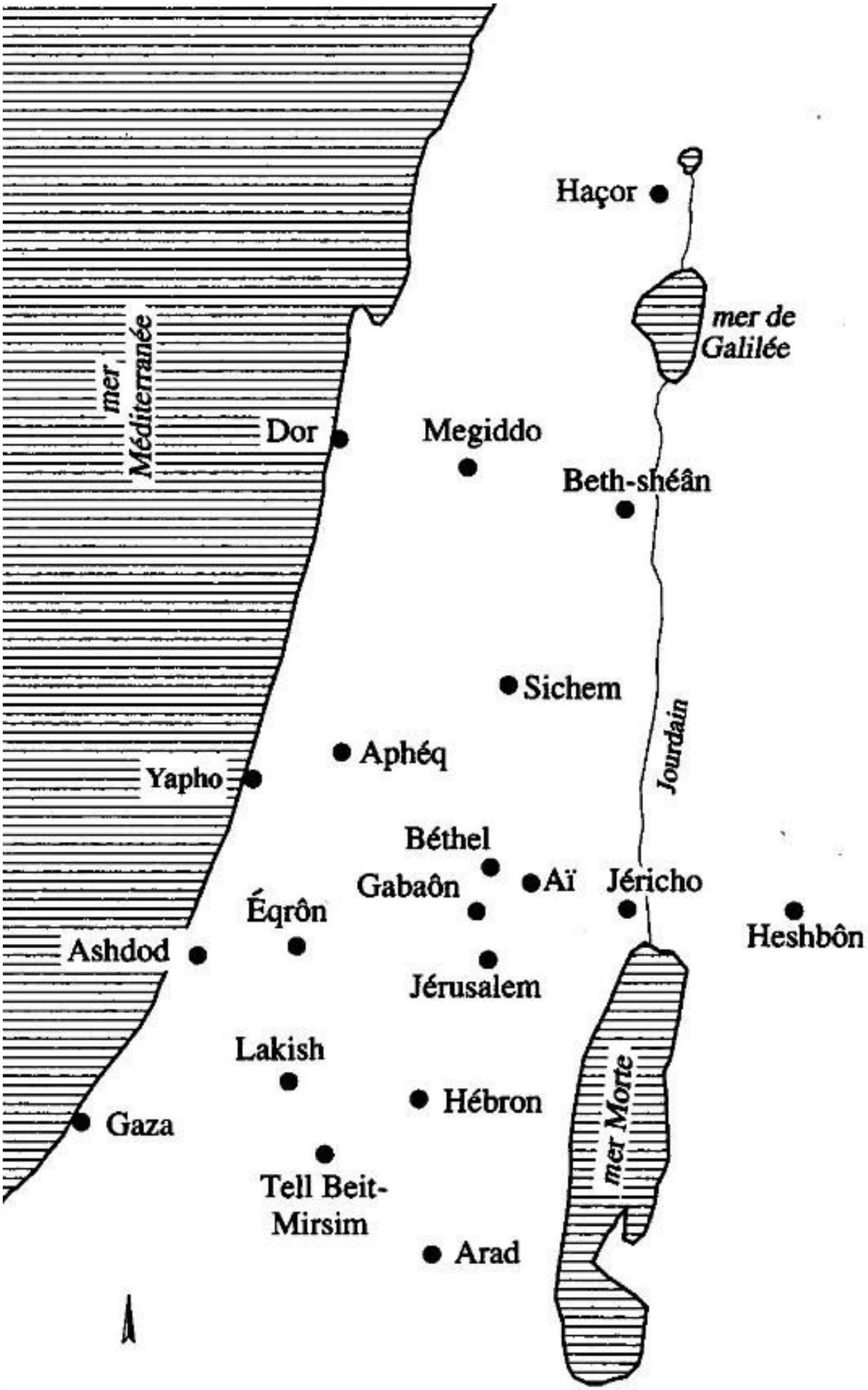
Distribuição da terra conquistada: foi designada uma região para cada tribo, excepto para a tribo de Levi, porque»Javé, Deus de Israel, era a sua herança«(Josué 13:14). Esta parte não geográfica dos Levitas demonstra que a»Terra Prometida«é uma **realidade espiritual**, não geográfica, como Jesus e os seus Apóstolos explicaram mais tarde (Lucas 17:21 / Hebreus 13:14). Foi pelo destino que a divisão do país foi feita entre tribos (Joshua 14,2).

O Santuário de Shiloh: O primeiro centro de culto foi erguido em Shiloh, na metade norte do país (Joshua 18,1). Tornou-se um lugar de peregrinação (1 Samuel 1:3). A Arca estava lá antes de ser transferida mais tarde para o Templo de Jerusalém.

Joshua morreu (Joshua 24:29) sem designar um sucessor. Isto representava uma dificuldade na liderança da comunidade. Uma série de»Juízes«decidiram o destino militar e político dos israelitas. São mencionados no livro dos Juízes que segue o livro de Joshua.

Os ossos de José, que morreram no Egipto, foram transferidos e enterrados em Shechem (Nablus, onde se encontra o poço de Jacob). O seu túmulo ainda hoje se encontra lá (Josué 24:32).

Nota: Os israelitas escolheram entrar na Palestina pela espada e pelo sangue. No entanto, conseguiram estabelecer-se pacificamente, sendo bons vizinhos para as pessoas que já lá se encontravam. Ao fazê-lo, teriam difundido o conhecimento de Deus, dia após dia, através de gestos amigáveis, como Deus quis.


Haçor
mer de Galilée
mer Méditerranée
Dor
Megiddo
Beth-shéân
Sichem
Jourdain
Aphéq
Yapho
Béthel
Gabaôn
Aï
Jéricho
Éqrôn
Heshbôn
Ashdod
Jérusalem
Lakish
mer Morte
Hébron
Gaza
Tell Beit-Mirsim
Arad

7.2 O Livro dos Juízes

Depois de Josué, os judeus caíram na idolatria,»abandonaram o Senhor para servir Baal e Ashtaroth«. Mas mesmo os seus juízes não os ouviram. Prostituíram-se para outros deuses» (Juízes 2:13-17). É de notar que aqueles que «saquearam» os israelitas estavam apenas a recuperar os seus bens originais que lhes tinham roubado.

Assim, a história israelita é um tecido de traição a Deus e de agressão contra os homens. Estamos surpreendidos com as palavras dos escribas a Balaão que se recusaram a amaldiçoar os judeus: «Não vi mal em Jacó» (Números 23:21), pois este mal foi denunciado por Moisés na adoração do bezerro de ouro e por tantas outras infidelidades. O único bem que veio desta comunidade foi o Messias, Jesus. Tudo o que aconteceu aos filhos de Jacob foi interpretado pelos escribas e padres judeus a seu favor. Por exemplo: Deus permite que nações não judaicas existam «**apenas** para o bem das gerações dos filhos de Israel, para lhes ensinar a arte da guerra...» (Juízes 3:1-2). (Juízes 3:1-2). Esta é uma estranha mentalidade guerreira que vê em Deus um guerreiro que extermina todos os não-judeus. Tais versos devem ser lidos com uma mente crítica e objectiva para discernir o que é de Deus e o que resulta da mentalidade racista dos escribas. A manutenção de não judeus entre os judeus deveria ter sido entendida de forma diferente: Deus, o Pai de todos os povos, coloca os israelitas entre as nações (não as nações entre os judeus) para que eles possam habitar entre eles **pacificamente**, não agressivamente, revelando-lhes sabiamente a existência de Deus. Em vez disso, deixaram-se atrair para a idolatria depois de terem conhecido o Único Criador (Juízes 3:4-6).

Depois de Joshua, uma dúzia de juízes seguiram-se durante um período de cem anos. O juiz («Suffet» em hebraico) não deve ser entendido no sentido de alguém que faz justiça em tribunal entre indivíduos. É ele que guia e aconselha a comunidade após ter, na maioria das vezes, consultado Deus (Juízes 4:4-6). Ele julga o que é bom fazer. O juiz é um profeta; ele ajuda o povo a governar-se a si próprio, a decidir quando uma decisão deve ser tomada, a conduzi-lo à batalha: *Ehud* julga enquanto luta contra os Moab e mata o seu rei, Eglon; *Deborah* julga enquanto luta contra os Cananeus e mata Sisera, o seu líder; *Gideon* julga enquanto faz guerra contra os Midian. Deborah era a única mulher entre os juízes, uma espécie de Joana D'Arc. Os juízes são, portanto, pessoas de confiança que defendem os israelitas. O mais conhecido - se não o mais importante - é Sansão.

7.2.1 Gédéon

Um facto a salientar: pela primeira vez, com Gideon, os israelitas tentam estabelecer um reino, tornar-se uma nação, e a partir dos israelitas - uma comunidade com uma missão espiritual - tornar-se israelitas, uma entidade política. Assim, pediram a Gideon para ser o seu rei e para iniciar uma dinastia real, com o seu filho a suceder-lhe. Mas ele recusou, entendendo que o único Rei é Deus, e que a missão dos israelitas não é política: «Não sou eu quem reinará sobre vós, nem o meu filho, pois é Yahweh que deve ser o vosso Soberano». Exigiu, contudo, «que cada um de vós me desse um anel dos vossos despojos» (Juízes 8:22-24). O seu filho Abimelech cobiçou o trono depois dele e tentou estabelecer um reino que durou apenas 3 anos. Ele tinha posto todos os seus irmãos, 70 em número, à morte para reinar, mas ele próprio foi derrubado pelos notáveis Shechem que o tinham ajudado a massacrar os seus irmãos (Juízes 9). Cem anos mais tarde, uma segunda tentativa terá lugar com Samuel e levará ao estabelecimento de um reino israelita com Saul como seu primeiro rei (1 Samuel 8). Este foi o pecado original dos hebreus, como veremos no primeiro livro de Samuel.

7.2.2 Jephté

O Juiz Jefté, filho de uma prostituta (Juízes 11:1), lutou contra os amonitas e fez um voto ao Senhor: «Se entregardes nas minhas mãos os amonitas, qualquer que sair das portas da minha casa para se encontrar comigo primeiro, eu o ofereceerei como holocausto ao Senhor» (Juízes

11:31). Foi a sua própria filha que teve de sacrificar (Juízes 11:34-40). Estes sacrifícios humanos eram um costume pagão proscrito por Deus, mas no entanto praticado pelos israelitas que foram condenados por Deus (Jeremias 7:30-31). Moisés tinha prescrito o sacrifício de animais, não porque Deus os quisesse, mas para evitar que os judeus os oferecessem a ídolos e para evitar sacrifícios humanos. Mas foi inútil: os israelitas cometeram ambas as abominações.

7.2.3 Sansão

A história de Sansão está cheia de exageros que não devem ser tomados à letra. As suas lutas contra o leão (Juízes 14:6) e depois contra os palestinianos com «mandíbula de burro» são fabulações óbvias (Juízes 15:9-17) que visam dar a este homem forte uma imagem do hebreu invencível, uma espécie de «Hércules» da época. Uma mente madura não acredita nisto.

7.2.4 O crime dos dinamarqueses

Recordar a história sangrenta dos Danitas (Capítulos 17 e 18). Este crime foi cometido após consulta a Deus! Os Danitas perguntaram ao padre: «Consultem Deus... para sabermos se a viagem que estamos prestes a empreender será bem sucedida». O sacerdote respondeu: «A viagem que estás a empreender está sob os olhos do Senhor» (Juízes 18,5-6). Note-se que o «deus» invocado pelo sacerdote levita não era mais do que uma estátua. Consultado pelos teraphim (Urim e Tummim) este «deus» abençoou a expedição criminosa dos Danitas! Foi a obra de Miquéias que, louco de raiva contra os danitas que o tinham roubado, gritou-lhes: «Tiraram-me **o meu Deus que eu fiz para mim**...! (Juízes 18:24). Este deus feito por Mika, permitiu aos Danitas abater»um povo indefeso... calmo e confiante«(Juízes 18:10 / Juízes 18:27-28). Foi através de tais práticas de bruxaria que Deus foi consultado pelos sacerdotes e eles profanaram o Santo Nome do Criador.

Quantas pessoas fazem um deus à sua própria imagem em vez de serem transformadas na imagem do único Deus verdadeiro, a imagem que tantas pessoas perdem por sua própria culpa.

Outro crime repugnante foi cometido pelos benjamenitas em Gibeah (capítulos 19-20). Teve consequências prejudiciais em toda a comunidade e desenvolveu-se de uma forma incompreensível (Juízes 19,1-21 / Juízes 19,25). O profeta Oséias não esquecerá este crime impensável (Oséias 9,9 / Oséias 10,9).

Observações

Para justificar o estabelecimento de um reino israelita, os escribas explicaram os distúrbios sociais na sua comunidade pelo facto de»naqueles dias não haver rei em Israel«(Juízes 18,1 / 19,1). Eles terminam o livro dos Juízes insistindo neste facto:»Naqueles dias não havia rei em Israel e todos faziam o que ele queria«(Juízes 21:25). Mas o estabelecimento do reino não resolveu os problemas; a situação social não melhorou, e o reino acabou por ser dividido em dois: um no Norte e um no Sul. Os reis eram muitas vezes incapazes de governar, e os profetas não deixaram de os condenar e denunciar o próprio facto de terem estabelecido o reino em Israel (Oséias 8:4).

Estas histórias bíblicas macabras do Antigo Testamento convidam-nos a meditar:»Deus escreve directamente sobre linhas curvas«, disse um filósofo contemporâneo. Apesar da incapacidade dos israelitas, ele conseguiu completar o seu plano messiânico. O Messias viria dos judeus (João 4,22),»como uma raiz numa terra seca«(Isaías 53,2). Esta terra estéril é o meio israelita do qual Jesus emergiu e é Ele, diz São Paulo, o Messias, que remove o véu de mosaico que impedia os crentes de perceberem a Luz Divina:»Pois até hoje, de facto, quando lemos o Antigo Testamento, esse mesmo véu ainda permanece. Não é levantado, pois é Cristo que o faz desaparecer. Sim, até hoje, quando Moisés é lido, um véu é colocado sobre os seus corações. É quando se converte ao Senhor Jesus que o véu cai«(2 Coríntios 3,14).

7.3 O livro de Ruth

Leia este edificante livro histórico com interesse, notando que Rute é uma moabita, não uma israelita. O significado desta história, que teve lugar no tempo dos juízes, é que Rute - uma pessoa não judia - é uma das antepassadas do Messias, uma vez que é a bisavó do rei David, de quem o Messias é descendente. De facto, ela deu à luz»Obed, o pai de Jessé, o pai de David«(Rute 4,17 / ver Mateus 1,3-5 e Lucas 3,31-32).

Este facto contradiz o princípio judeu:»Só os filhos de um judeu são judeus«. David e o próprio Messias têm um antepassado não judeu: Rute.

Teria sido apreciado se os livros históricos da Bíblia tivessem sido todos escritos com o mesmo espírito que os de Rute, sem violência ou racismo. Nœmi, a sogra judia, é admirável pelo seu amor e ternura por Rute, uma não judia. Foi ela, Nœmi, que empurrou Ruth para os braços conjugais de Booz. A relação harmoniosa entre sogra e nora é exemplar. É o mesmo comportamento que Deus exigiu de todos os israelitas. Nœmi merece ser o antepassado do Messias; é este espírito aberto e amoroso que Jesus veio para dar ao mundo. Este é o Espírito Santo, totalmente oposto ao espírito chauvinista encontrado em muitos lugares na Torá.

7.4 O primeiro livro de Samuel

Os dois livros de Samuel e os dois livros dos Reis formam um conjunto histórico de cerca de 550 anos, que vai de 1100 a.C. a 580 a.C. Estes quatro livros contam a história do estabelecimento do reino, a sua divisão em dois e a queda dos dois reinos, uma queda que levou à deportação dos israelitas para a Babilónia.

N.B.: Algumas Bíblias chamam aos dois livros de Samuel»Primeiro e Segundo Livros dos Reis«e aos dos Reis»Terceiro e Quarto Livros dos Reis«, sem mencionar Samuel como título. Isto deve-se ao facto de estes quatro livros falarem sobre os reis israelitas.

Leia o primeiro livro de Samuel antes de prosseguir com os esclarecimentos abaixo.

7.4.1 O Santuário de Silo

Em Silo estava a Arca. Os palestinianos destruíram-na e levaram a Arca (1 Samuel 4:11). Os escribas afirmam que tinham medo disso (1 Samuel 4,7). Mas David também teve medo disso mais tarde (2 Samuel 6,9-10). Estes factos revelam a antiga concepção supersticiosa de tudo o que tem a ver com a divindade. Deus era temível e tudo o que lhe dizia respeito era intocável e a temer.

7.4.2 O Canto de Hannah (1 Samuel 2:1-10)

Anne está muito feliz e improvisa um pœma para Deus que a liberta da»vergonha«da esterilidade. Ela conseguiu levantar a cabeça à frente da Peninna, a outra mulher do marido, que, devido à sua abundante fertilidade, desprezava Anne. Ela encontrou a sua vingança ao dar à luz Samuel, um filho de qualidade moral e grande destino:»O meu coração alegra-se com o Senhor.... O arco do poderoso está partido. A mulher estéril dá à luz 7 vezes (*Samuel, grande aos olhos de Deus, vale 7 filhos*) mas a mãe de muitos filhos (*Peninna*) murcha«(1 Samuel 2,4-5). A Virgem Maria, grávida do Messias, foi inspirada por esta canção:»A minha alma, exalta o Senhor...«(1 Samuel 2,4-5) (Lucas 1:44-55). Na Canção de Hannah encontramos um erro histórico:»Ele dá força ao **seu Rei**...«(1 Samuel 2,10). (1 Samuel 2,10). Ainda não havia um rei em Israel. Isto mostra que os escribas se atrasaram em acrescentar nuances realistas e nacionalistas ao hino.

7.4.3 Estabelecimento do reino

O ponto mais importante do primeiro livro de Samuel, é a instituição da realeza com Saul como o primeiro rei (1030-1010 a.C.).»Isto desagradou a Samuel«, diz o texto, e também desagradou a Deus, que se considerou»rejeitado«pelos israelitas para que Ele»não reinasse mais sobre eles«(1 Samuel 8,6-7). Um dos factores que alimentou o desejo de criar um reino foi a imoralidade dos filhos de Samuel (1 Samuel 8:5) depois da dos filhos de Elias, o sacerdote (1 Samuel 2:12-25).

Esta transformação da comunidade israelita numa nação de Israel foi denunciada pelos profetas:»Fizeram reis, mas sem o meu conhecimento; constituíram governantes, mas sem o meu conhecimento«, disse Deus ao profeta Oséias (Oséias 8,4), e depois declarou com raiva ao povo:»Dei-vos um rei na **minha ira** e na minha ira **tirei-o de** vós«(Oséias 13,11). De facto, a monarquia cessou em Israel após as invasões assírio-babilónicas e depois romanas, como veremos mais adiante.

Depois de exigir um rei, Samuel pediu ao povo que»reconhecesse claramente quão grave é o mal que fizeste aos olhos do Senhor, pedindo um rei para ti«. Os israelitas reconheceram a sua culpa e disseram a Samuel:»Fizemos todos os nossos pecados perfeitos pedindo um rei para nós«(1 Samuel 12,17-19)... mas sem renunciar ao seu rei.

Foi para fins de guerra e violência, não de paz, que os israelitas exigiram um rei:»Teremos um rei como todas as nações... ele sairá à nossa frente e **travará as nossas batalhas**«(1 Samuel 8,19-20). Gideon compreendeu que o único Rei era Deus (Juízes 8:23). Jesus também se recusou a estabelecer um reino israelita (João 6,15) e declarou que o seu Reino não era deste mundo político (João 18,36).»O SENHOR vosso Deus, ele é o vosso Rei«, insistiu Samuel (1 Samuel 12,12).

7.4.4 Ruptura entre Samuel e Saul

Saul tomou a iniciativa de oferecer o sacrifício no lugar de Samuel a Gilgal. Ao fazê-lo, arrogou para si um direito religioso que não lhe pertencia, e substituiu Samuel, que por sua vez o demitiu imediatamente.»A sua realeza não se manterá de pé. Javé procurou um homem atrás do seu próprio coração (*David*) e Ele nomeou-o chefe do seu povo«(1 Samuel 13,8-15).

7.4.5 David e Golias (1 Samuel 17-18)

Diz-se que o jovem David matou um colosso palestiniano, Golias de Gat (1 Samuel 17:1-51). Isto ter-lhe-ia valido uma forte amizade (a de Jónatas filho de Saul) e uma animosidade feroz (a de Saul):»A alma de Jónatas apegou-se à alma de David e Jónatas começou a amá-lo como a si mesmo«(1 Samuel 18,1). Por outro lado, Saul estava cheio de ciúmes:»Deram miríades a David e milhares a mim! Tudo o que ele precisava agora era de realeza, disse ele. E a partir desse dia Saul olhou para David com um olhar de inveja. No dia seguinte, tentou matá-lo duas vezes, mas David escapou (1 Samuel 18,6-11).

Qual é a autenticidade histórica desta história? Foi realmente David quem matou Golias? No entanto lemos em 2 Samuel 21,19 que foi um certo Elhanan que o matou: «E de novo rebentou a guerra com os filisteus (*palestinianos*) em Gob, e Elhananan, filho de Yair de Belém, matou Golias de Gate...» (2 Samuel 21,19) Assim, a prœza de David seria mera epopeia destinada a fazer com que o rei de Israel parecesse um herói. Pois é o mesmo Golias de Gate, «a madeira da sua lança era como uma trave de tecelão» (1 Samuel 17,7 / 2 Samuel 21,19).

O amor de Jonathan por David durou até à morte, tal como o ódio de Saul por David, que ao longo da sua vida procurou matar David. Muitos dos salmos de David eram hinos de confiança em Deus e gratidão por tê-lo salvo da mão de Saul (Salmos 18 / 52 / 54 / 57 / 59 / 63).

7.4.6 O Refúgio de David de Akish

Os escribas relatam de forma duas vezes diferente a fuga de David de Saul e o seu refúgio com Akish, o rei palestiniano de Gate, região de Golias. No primeiro relato (1 Samuel 21,11-15), o rei cumprimenta David: «Mas os servos de Aquis disseram-lhe: 'Eu sou o rei de Golias': Não é este David o rei da terra? Não foi ele que foi cantado nos bailes? Saul já matou os seus milhares e David as suas miríades? Quando David ouviu isto, teve muito medo de Achish, e fez-se passar pelo homem tolo para simular a insanidade. E David partiu de lá e refugiou-se na caverna de Adullam». A ele juntaram-se «todas as pessoas em perigo, todos aqueles que tinham credores.... E ele tornou-se o seu líder...» David refugiou-se então com o rei dos Moab, a quem confiou o seu pai e a sua mãe (1 Samuel 21:11-22:4).

Segundo a segunda história (1 Samuel 27:1-29,11), David procurou refúgio com Achish, que o acolheu e lhe deu a cidade de Cilag, onde permaneceu durante um ano e quatro meses. Os escribas concluíram: «Portanto, o Cilkag **tem pertencido aos** reis de Judá até agora» (1 Samuel 27,6). Assim, bastava que um judeu vivesse num lugar para Israel o tomar de vez: «Cada lugar que as plantas dos teus pés pisam, eu te dou, como disse a Moisés», relatam os escribas... de Deus! (Josué 1:3).

O acolhimento dos dois reis a David mostra que os israelitas poderiam ter vivido em paz na Palestina!

7.4.7 Espiritualismo (1 Samuel 28:3-25)

E Saul chamou à mente Samuel, que se levantou, mas para o repreender, e para lhe contar da sua morte, e da morte dos seus filhos. O espiritismo, evocação de espíritos, é possível, mas foi condenado por Deus (Levítico 19,31/Deuteronómio 18,10-11). Os espíritos malignos aparecem com mais frequência para enganar aqueles que o praticam. Apesar disso, a necromancia (ou espiritismo) foi praticada pelos israelitas, incluindo reis (2 Reis 21,6). Infelizmente, ainda hoje é utilizado em todo o mundo.

O primeiro livro de Samuel, depois de apresentar Saul, termina com a sua morte.

7.5 O Segundo Livro de Samuel

Este livro apresenta o reinado de David e termina pouco antes da sua morte. Leia-o na sua totalidade e depois volte aos pontos abaixo indicados.

7.5.1 Rei David

Após a morte de Saul, David foi escolhido pela «casa de Judá para ser o **seu** rei» (2 Samuel 2,7). A casa de Judá, formada pelos membros da tribo com o mesmo nome, ocupou a parte sul da Palestina, desde Jerusalém no norte até Hebron (El Khalil) no sul, onde se encontram os túmulos dos Patriarcas. Mas as tribos do norte, chamadas «Israel», rejeitaram David e escolheram um dos seus, Ishbaal, filho de Saul, como rei sobre Israel (2 Samuel 2,8-10). O nome Ishbaal significa «Homem de Baal» (Ish = homem em hebraico). Este nome, dado por Saul ao seu filho, revela o seu apego à idolatria.

Esta tensão entre «Judá» e «Israel» irá durar até à queda dos dois reinos. O ódio entre os dois reis levou David a reinar de Hebron no sul, longe dos seus inimigos (2 Samuel 2,11). «A guerra entre a casa de Saul e a casa de David continuou, mas David ficou mais forte enquanto a casa de Saul ficou mais fraca» (2 Samuel 3:1). Temos um exemplo de batalhas «muito duras» entre os dois reinos em 2 Samuel 2:8-32.

Por uma mulher, Abner, o líder militar de Israel, rompeu com Ishbaal, o seu rei. Impôs David como rei sobre todo o povo do norte ao sul do território (2 Samuel 3:6-21). Após o assassinato de Abner e Ishbaal, «todas as tribos de Israel vieram a David em Hebron e disseram: 'Tu serás o governante, e ungiram David rei sobre Israel'» (2 Samuel 5,1-3), depois de terem sido reconhecidos como rei de Judá.

Um verso estranho revela que «os filhos de David eram sacerdotes» (2 Samuel 8,18). Agora o sacerdócio, de acordo com a lei mosaica, estava reservado aos levitas que eram descendentes de Aarão (Números 17,5 / 18,7). David, da tribo de Judá, não tinha direito a ele. Os filhos de David, fazendo-se sacerdotes, mereceram a morte: «...todo o leigo que se aproximar será morto» (Números 3:10). Saul enfureceu Samuel por ousar oferecer um sacrifício (1 Samuel 13,7-15). A Coreia e o seu povo foram exterminados por reivindicar o sacerdócio para todos os levitas (Números 17:5). Assim, os filhos de David usurparam um ofício que pertencia aos levitas, suscitando provavelmente a sua ira, tanto mais que dois sacerdotes levitas, Zadok e Abiathar, já presidiam ao sacerdócio (2 Samuel 8:17). Este facto, indo além da concepção jurídica restrita do sacerdócio mosaico, prepara para o sacerdócio universal estabelecido por Jesus (ver Mateus 12:1-8 / 1 Coríntios 3:16-17 / Apocalipse 1:6 / 5:9-10 / 20:6).

7.5.2 David ocupa Jerusalém

No ano 1000 a.C., David tomou Jerusalém e chamou-lhe «Cidade de David» (2 Samuel 5:6-9). Jerusalém tornou-se a capital e a residência do rei depois de Hebron. «Davi tinha trinta anos quando chegou (*a idade de Jesus quando começou a sua missão Lucas 3,23*) e reinou durante quarenta anos, sete em Hebron e trinta e três em Jerusalém» (2 Samuel 5,4-5). Mandou construir ali um palácio de madeira de cedro (2 Samuel 5,11). A cidade tornou-se assim a capital do reino.

7.5.3 L'Arche

A Arca foi levada para Jerusalém, que, após ser a capital, se tornaria o centro religioso e o local de peregrinação. Depois de construir ele próprio um palácio, David quis construir um templo para albergar a Arca. Isto deu ao profeta Nathan a oportunidade de proclamar a importante profecia messiânica de 2 Samuel 7:1-17. Deve ser relida antes de continuar o curso.

7.5.4 A Profecia Messiânica de Nathan (2 Samuel 7:1-17)

Esta profecia é o ponto mais importante do livro. David tinha contado ao profeta Nathan a sua intenção de construir um templo para albergar a Arca. Nathan aprovou espontaneamente, «mas naquela mesma noite a palavra do Senhor veio a Nathan, dizendo: 'Vai e diz ao meu servo David, queres construir-me uma casa? Nunca vivi numa casa... Quando os vossos dias se cumprirem... Manterei a linhagem do vosso ventre depois de vós, e estabelecerei o seu reino. Ele construirá uma casa em meu nome, e eu estabelecerei o seu trono real para sempre. Eu serei um pai para ele e ele será um filho para mim». Assim, Deus recusa e rejeita a ideia do Templo que David pretendia construir e anuncia que um dos seus descendentes irá construir o Templo de acordo com Deus.

Explicação da profecia:

O Templo

Deus não quer que David lhe construa uma casa de pedra e betão: «Nunca vivi numa casa», diz Deus (2 Samuel 7,6). É antes «Yahweh que fará dele uma casa» (2 Samuel 7,11). Porque, para Deus, o Templo, a sua morada, não é um edifício material: Deus habita nos **corações dos** verdadeiros crentes, «Se alguém me ama», disse Jesus, «meu Pai o amará e nós viremos a ele e faremos *dele* o nosso **lar**» (João 14,23). Paulo também disse: «Não sabeis que **sois** o templo de Deus? (1 Coríntios 3,16), e Pedro:»Como pedras vivas, vós próprios estais prontos para construir um edifício espiritual...«(1 Coríntios 3,16), e Pedro:»Como pedras vivas, estais prontos para construir um edifício **espiritual**...«(1 Pedro 2:5). É por isso que João, em Apocalipse, não vê um Templo (Igreja, Mesquita ou Pagode...) na»Jerusalém Celestial«que representa os crentes do fim dos tempos,»pois«, explica ele,»o Senhor, o *Deus-Mestre* de todas as coisas, é o Seu Templo, e o Cordeiro (*o Messias, Jesus*)«(Apocalipse 21,22). Aqueles que constrœm edificações materiais a Deus não compreenderam nada da profecia de Natã nem dos ensinamentos de Jesus e dos seus Apóstolos.

O Messias

Um descendente de David agora conhecido como o»Filho de David«irá construir este Templo que Deus pretendia. Este descendente é o Messias e este Templo é espiritual, não material. Os judeus interpretaram mal esta profecia pensando que Salomão, filho de David e sucessor no trono, iria construir um Templo material em Jerusalém. A intervenção divina dá-nos assim luz, não só sobre o verdadeiro significado do templo, mas também sobre o Messias que veio mil anos após a proclamação desta bela profecia de Natã.

O Messias é»a linhagem«, a descendência, nascida»do ventre«de David (2 Samuel 7,12). É desta profecia que o Messias era conhecido como»Filho de David«,»Filho de Jesse«(Jesse é o pai de David). Ele é também»Filho de Deus«uma vez que Deus diz:»Eu serei **um Pai** para ele e ele será **um Filho** para mim«. Os judeus acreditavam que era Salomão, filho e sucessor de David (ver 1 Crónicas 22:1-19 e especialmente os versículos 8-10). Por isso Salomão quis, a todo o custo, construir um templo de madeira de cedro e ouro no qual colocou a Arca do Convénio. Mas a profecia visava mais longe do que o filho imediato de David. Apontava para Jesus, que veio 1.000 anos mais tarde. Falou da **destruição** do templo material construído por Salomão e seus sucessores, apresentando o seu»**Corpo**«, ou seja, a sua Pessoa, como o Templo definitivo dos crentes (João 2,19-22 / Apocalipse 21,22).

A profecia de Nathan visava portanto mais no tempo e mais alto no espírito do que a visão humana: não era nem Salomão nem um edifício material. Isto só foi compreendido após o cumprimento da profecia de Natan, dez séculos mais tarde, quando o Anjo Gabriel apareceu à doce Virgem de Nazaré e disse:»conceberás e terás um filho.... E ele será grande, e será chamado **Filho do Alt**íssimo. O Senhor dar-lhe-á o trono de David seu pai«(Lc 1,26-37). Leia atentamente este texto e compare-o com a profecia de Nathan.

Porque é Jesus»o Filho do Altíssimo«,»o Filho Único de Deus«, como diz João (João 3,16)?

A resposta encontra-se no diálogo entre Maria e o anjo Gabriel (Lc 1,35):

Maria:»Como deve ser feito? Eu não conheço nenhum homem«.

Gabriel:»O Espírito Santo virá sobre vós... Por esta **razão**, a Criança será chamada o **Filho de Deus**«.

Jesus deu-nos uma nova luz sobre a sua filiação. Ele é muito mais do que»filho de David«, a sua genealogia não pode referir-se a um homem, por muito grande que seja, pois vem de muito mais alto, directamente de Deus apenas, de quem Ele é a encarnação. Discutindo com os fariseus, Jesus fez-lhes esta pergunta:»Qual é a vossa opinião sobre o Messias? De quem é ele o filho?«Eles responderam:»David's«. Jesus respondeu:»Como então David, falando sob inspiração, o chama **Senhor** neste texto: «O Senhor (*Deus*) disse ao meu Senhor (*o Messias*): Sentado à minha mão direita... (Salmos 110:1). Se David lhe chama Senhor, como é então seu filho»? Ninguém lhe pôde responder (Mateus 22:44-45). A natureza divina de Jesus ofusca a sua descendência humana. Ninguém poderia imaginar esta origem. Volta à Eternidade, não ao tempo. O profeta Miquéias, oito séculos antes de Jesus, falando sob inspiração, revelou a sua origem divina, dizendo: «As suas origens remontam aos dias de antigamente, aos dias da **eternidade**» (Miquéias 5:1).

Jesus, portanto, é o Filho de Deus, pois nenhum homem pode pretender, em justiça e verdade, ser seu pai físico. Foi através da intervenção directa de Deus que Jesus foi concebido no ventre de Maria. É por isso que só Deus é seu Pai, «é o poder do Altíssimo que tomou Maria sob a sua sombra, pois nada é impossível para Deus» (Lucas 1:35-37).

Como a maioria das profecias messiânicas, a profecia de Nathan só foi compreendida após o seu cumprimento. Portanto, mantenhamos o princípio de que uma profecia só pode ser compreendida quando tem lugar a tempo. Aqueles que não compreendem as profecias são

aqueles que se recusam a interpretá-las de acordo com Deus, querendo que elas sejam cumpridas de acordo com elas. Além disso, a culpa dos judeus é ter recusado Jesus por Ele não se ter encaixado nas suas aspirações nacionalistas e militares. O Senhor disse-lhes: «Os vossos pensamentos não são os meus pensamentos, e os meus caminhos não são os vossos caminhos» (Isaías 55,8-9).

A partir desta maravilhosa profecia de Nathan, lembremo-nos de que ninguém deve construir uma casa material para Deus. É Deus que constrói um Lar Eterno para todos os crentes (2 Samuel 7:11), um Templo espiritual para reunir os seus escolhidos na Felicidade Perpétua. Jesus já construiu este Templo Eterno: Ele próprio... com o Seu próprio Templo.

7.5.5 O pecado grave de David

Os capítulos 11-12 relatam o duplo crime de David: adultério com Betsabá, juntamente com o premeditado e hediondo assassinato do seu marido Uriah, o hitita. David é levado de volta por Nathan e arrepende-se. O Salmo 51 (50) foi composto por ele para pedir perdão a Deus: «Tem misericórdia de mim, ó Deus, na tua grande bondade e na tua grande ternura, apaga o meu pecado...»

7.5.6 Amnon e Tamar

Amnon é o filho mais velho de David. Apaixonou-se pela sua sobrinha Tamar, filha de Absalom, o terceiro filho de David (2 Samuel 3:2-3). Com astúcia, violou-a e humilhou-a, expulsando-a. E Absalom o seu irmão matou-o, e fugiu de David (2 Samuel 13 e 14).

7.5.7 Absalom usurpa o reino de David

Os Capítulos 15-19.5 relatam as intrigas de Absalom para destronar o seu pai. Apreendeu temporariamente o trono e abusou das concubinas de David.

7.5.8 Altas tensões entre Israel e Judá

As fortes tensões entre o Norte (Israel) e o Sul (Judá) surgiram por ocasião do regresso de David ao trono. As duas regiões lutaram por causa do rei (2 Samuel 19:41-20:2). A revolta de Sabá, uma benjamenita (do norte), preparou a divisão entre as duas partes do reino que ocorreria cerca de quarenta anos mais tarde (cerca de 931 AC). O grito de insubordinação de Sabá a David será então retomado pelas revoltas de Israel contra Judá: «Que parte temos nós sobre David...». Às vossas tendas, ó Israel! E agora providenciai pela vossa casa David«(1 Reis 12:16).

O estabelecimento dos israelitas no reino não resolveu nada, apenas piorou a sua situação entre eles e agravou a sua relação com os povos vizinhos. Os reis cometeram erros graves, até mesmo abusos. Os avisos de Samuel contra eles foram justificados pelo seu comportamento, que, como revelam os livros dos Reis, foi de mal a pior. As palavras de Samuel à congregação em 1 Samuel 8,10-18 tornaram-se realidade:»...nesse dia gritareis pelo rei que escolhestes para vós, mas o Senhor não vos responderá«.

7.5.9 A Enumeração (2 Samuel 24:1-9)

O recenseamento do povo de David é considerado ímpio, pois significava depositar a sua confiança em si próprio e não em Deus, que foi capaz de aumentar a população, cuidando do seu bem-estar. A mentalidade da época era que cada iniciativa era da responsabilidade de Deus. Foi, portanto, Ele que agitou David contra os israelitas e o exortou a numerá-los. Mas o primeiro livro das Crónicas, escrito cinco séculos depois, rectifica a situação especificando:»**Satanás** levantou-se contra Israel, e incitou David a numerar os filhos de Israel«(1 Crónicas 21:1). Foi Deus ou Satanás que inspirou David? Ou foi apenas um simples desejo de David que esperava ver o número de combatentes de Judá maior do que o de Israel, o seu adversário? Por este número decepcionou o rei:»O coração de David bateu-lhe porque ele numerou o povo«(2 Samuel 24,10). Porque é que isto aconteceu? Porque o número de guerreiros de Israel excedeu o número

de guerreiros de Judá ao serviço de David: 800.000 contra 500.000 segundo 2 Samuel 24:29, mas apenas 1.100.000 contra 470.000 segundo 1 Crónicas 21:5, que acrescenta:»O mandamento do rei foi tão repugnante para Joabe que ele não numerou Levi e Benjamim«(1 Crónicas 21:6). Isto foi suficiente para fazer o coração do rei tremer perante o óbvio excesso de inimigos... para não falar das tribos guerreiras de Levi e Benjamin... não contadas!

Em qual dos dois recenseamentos devemos acreditar? Onde está a verdade histórica? Serão estes dois textos diferentes inspirados por Deus? Este é outro exemplo que requer um espírito crítico e discernimento. Este texto, escrito após a desilusão de David, interpreta o censo como uma maldição.

Este episódio permite-nos compreender melhor porque é que todas as decisões que Moisés e outros tomaram foram consideradas, muitas vezes erradamente, como vindas de Deus. Levou tempo, e especialmente a Luz de Jesus Cristo, a discernir o que, nas Escrituras, foi verdadeiramente inspirado por Deus. É fácil compreender porque é que Jesus disse àqueles que o rejeitaram:»O teu pai é o diabo, e são os desejos do teu pai que tu queres realizar«(João 8,44). É porque a recusa de reconhecer Jesus como o Messias nunca é inspirada por Deus, mas pelo diabo (meditar 1 Coríntios 12,3).

8. Lição 8 - Os Livros dos Reis - Crónicas - Esdras - Neemias - Tobias - Judite - Ester - Macabeus

8.1 O Primeiro Livro dos Reis

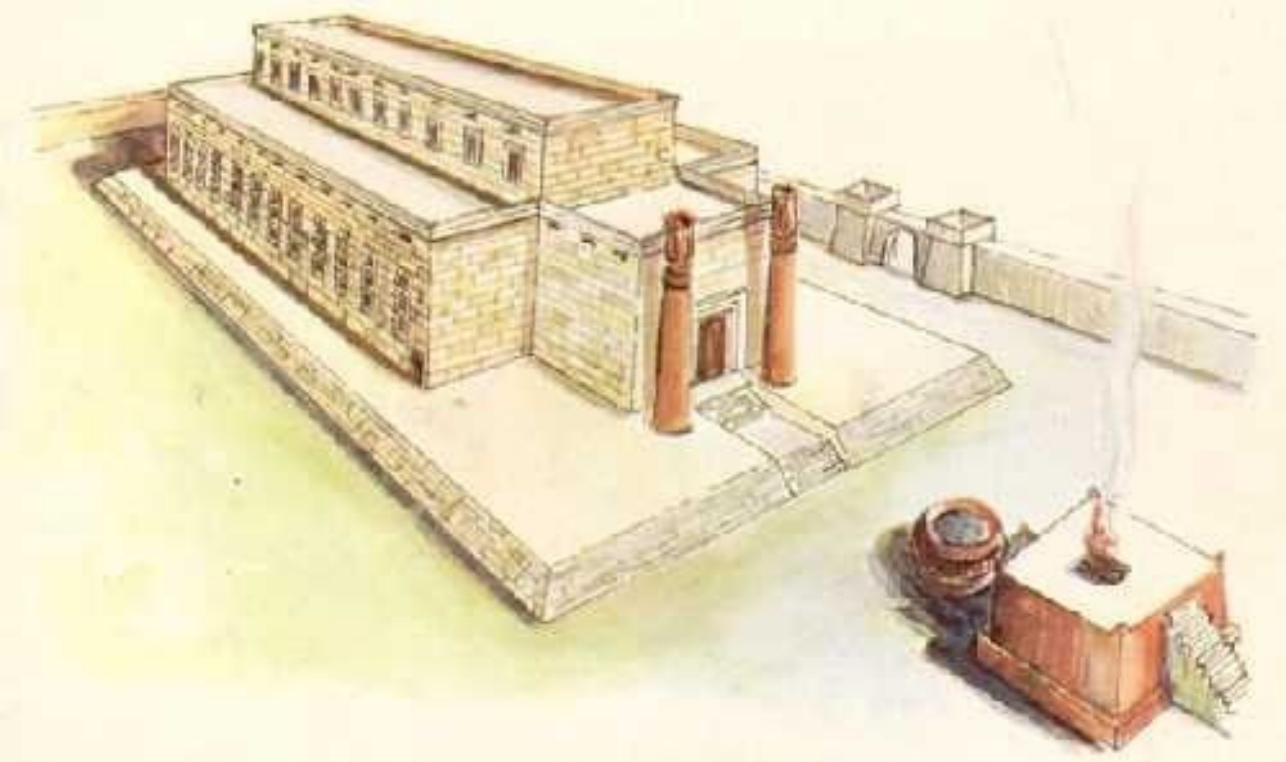
Leia todo este livro e depois leia os pontos que estou a referir:

Rei Salomão: David escolhe Salomão como seu sucessor antes de morrer, acabando assim com as intrigas sobre a sucessão ao trono. Adonijah, o filho mais velho, tornou-se rei (1 Reis 2:15-22).

Altar

Joab refugiou-se no Templo e apreendeu os chifres do altar, mas foi morto por ordem de Salomão por estar do lado de Adonias (1 Reis 2:28-34). Os cantos do altar do sacrifício eram em forma de chifre para deixar fluir o sangue dos animais abatidos em sacrifício (Êxodo 27:2). Aqueles que se refugiaram no Templo e apreenderam os chifres do altar não puderam ser abatidos no local (atitude de Adonias 1 Reis 1,50-53). Este costume foi praticado durante muito tempo entre os cristãos, especialmente na Europa, onde os criminosos por vezes encontravam refúgio nas igrejas sem o risco de serem apanhados pela polícia enquanto lá se encontravam.

Construção do Templo: 480 anos depois de deixar o Egipto (cerca de 960 a.C.) Salomão construiu o Templo a partir de madeira de cedro e ouro e transferiu a Arca para ele (1 Reis 6-8). Este Templo de Salomão é conhecido como o»Primeiro Templo«de Jerusalém. Foi destruída cerca de 400 anos mais tarde (em 586 a.C.) por Nabucodonosor. O»Segundo Templo«foi reconstruído em 515 AC.



O Templo de Salomão

As duas colunas do Templo: Na entrada do Templo, Salomão fez duas colunas:»Yakin«(»conhecimento absoluto«, como o árabe»yaqin«que significa saber com certeza) e»Boaz«(»força«; talvez semelhante ao árabe»foulaz«que significa»aço«) (1 Reis 7:21). Menciono este facto porque é importante no»misticismo«de algumas seitas esotéricas como a Maçonaria e o Rosacruz que têm um culto à»Gnose«, que significa»Conhecimento«, o nome de uma das duas colunas, símbolo do Templo que os judeus querem construir em Jerusalém.

A Rainha de Sabá (Etiópia: 1 Reis 10:1-13): a visita desta rainha é importante porque Jesus referiu-se a ela mais tarde quando falou aos judeus que se recusaram a acreditar nele:»A Rainha do Sul (*uma não judia*) é a rainha da Etiópia, no sul (*sul*) da Palestina. Ela, a não-judeu, erguer-se-á em juízo com esta geração (*judaica*) e condená-la-á, pois veio dos confins da terra para **ouvir** a sabedoria de Salomão, e há mais aqui (*entre vós*) do que Salomão (*e vós recusais escutá-lo*)«(Mateus 12,42).

666 talentos de ouro: (1 Reis 10:14):»O peso do ouro que chegou a Salomão foi de 666 talentos de ouro. Este número representa portanto o império salomoniano em todo o seu poder e esplendor. Os judeus modernos sonham em estabelecer um tal reino; Salomão é o seu exemplo e o ideal do Messias sionista que esperam para expandir as suas fronteiras do Nilo até ao Eufrates. Este perigo sionista é uma ameaça para toda a humanidade. É por isso que foi profetizado no Apocalipse de João sob o símbolo da «Besta» cujo número **666**, que é «um número de **homem**», se refere ao peso do ouro que entrava anualmente nos cofres do rei Salomão (Apocalipse 13:18).

A infidelidade de Salomão: Salomão amou Deus... mas também «muitas mulheres estranhas», 1.000 no total... que «voltaram o seu coração para outros deuses» (Apocalipse 13:18). E o Senhor indignou-se com Salomão, e disse-lhe: «Certamente vos tirarei o reino... Deixarei uma tribo (*Judah*) pelo seu filho».. (1 Reis 11:1-13). (1 Reis 11,1-13). Esta é a cisão que está a chegar entre Israel e Judá.

Jeroboão, um nortista ao serviço de Salomão, revolta-se (por causa dos impostos exigidos por Salomão aos nortistas: 1 Reis 12,4). O profeta Ahijah anuncia a Jeroboão que será rei mais de 10 tribos, mas que Deus, como Ele próprio anunciou a Salomão, deixará uma tribo à dinastia

de David, «para que o meu servo David», diz Deus, «possa ter sempre uma lâmpada diante de mim em Jerusalém» (1 Reis 11,29-36). Esta «Lâmpada» deveria servir para a vinda do Messias da linhagem de David. É por isso que o reino da Judeia será governado por uma dinastia estável até à invasão babilónica, enquanto que o reino do norte será marcado por revoltas, um rei destronando o outro por assassinato, sem uma dinastia permanente.

A cisão: (1 Reis 12) A separação entre as duas partes é um sinal do fracasso da tentativa de estabelecer um reino israelita. Ocorreu por volta de 930 a.C., apenas 100 anos após o seu início com Saul.

Rehoboam, filho de Salomão, foi coroado rei em Siquém, no norte do país. Então as tribos do norte disseram-lhe: «O teu pai tornou o nosso jugo duro, agora torna a dura servidão do teu pai mais leve» (1 Reis 12:1-4). Rehoboam respondeu insensatamente: «Voltarei a acrescentar ao teu jugo...» (1 Reis 12:14). (1 Reis 12:14). Isto não foi «uma intervenção do Senhor» como explicam os escribas, mas sim uma «não-intervenção», um abandono, uma vez que Deus tinha abandonado Roboão à sua loucura, uma vez que ele não desejava um reino (1 Reis 12:15). A reacção dos israelitas foi imediata, uma cisão: «Que parte temos nós em David... etc.» (1 Reis 12:15) (1 Reis 12:16). «E Israel foi separado de Judá **até hoje**» (1 Reis 12,19). Assim, este texto foi escrito por escribas **após** a divisão.

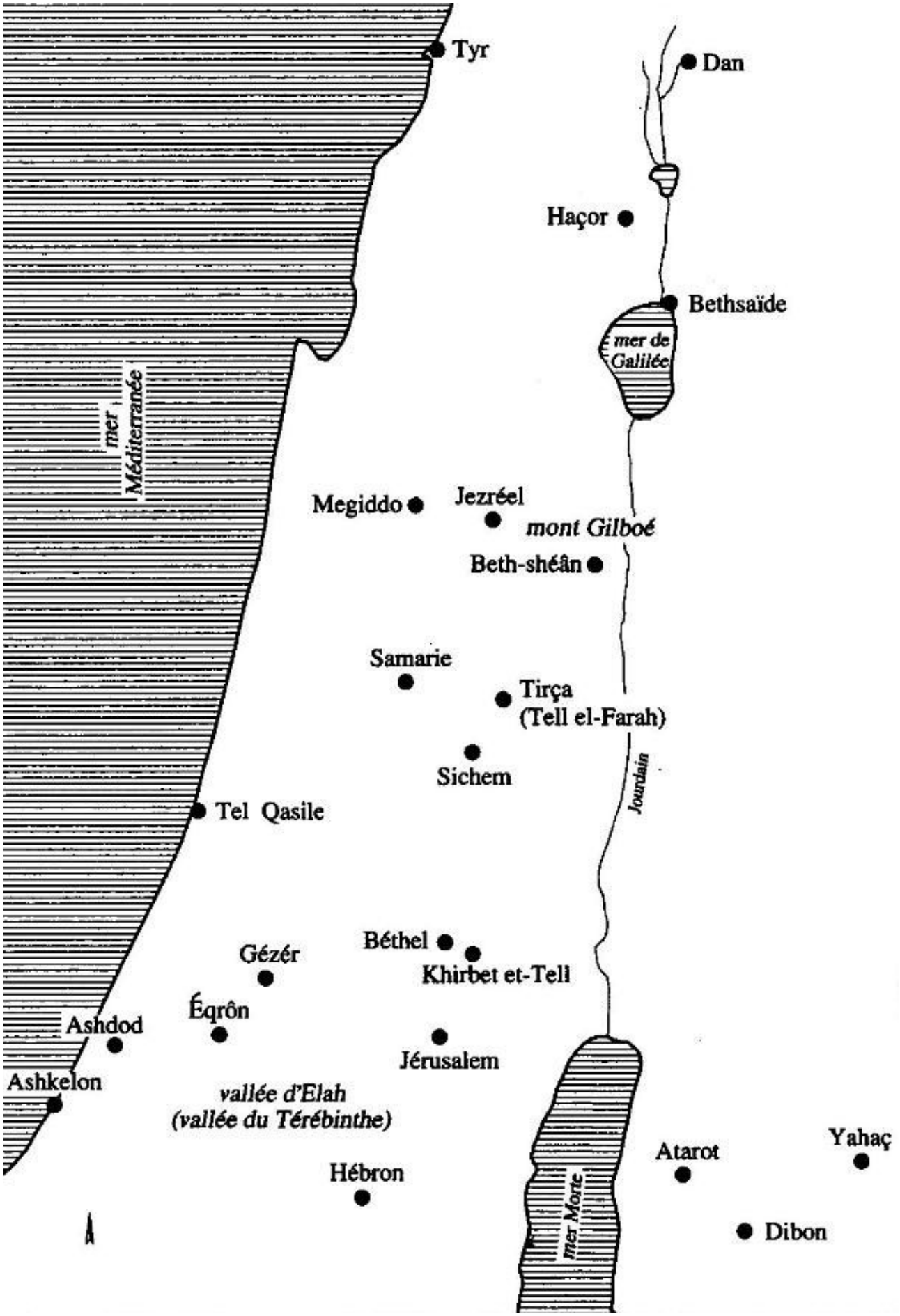
As tribos do norte tomaram o nome de Israel porque, sendo as mais numerosas, representavam o Patriarca Jacob, pai das 12 tribos, apelidado por Deus de «Israel» (Génesis 32:29). Judah manteve o seu nome porque o Messias emanava dela. Os fundadores do actual Estado de Israel, criado em 1948, hesitaram entre os nomes de Israel e Judá. Finalmente optaram por «Israel», que é biblicamente mais conhecido.

O cisma tinha um aspecto político e religioso:

A cisão política levou os israelitas a escolherem Jeroboão como rei do norte, e os judeus mantiveram Rehoboão como rei do sul. O cisma religioso foi a consequência da clivagem política: «Jeroboão disse: 'Se este povo continuar a subir ao Templo do Senhor em Jerusalém para oferecer sacrifícios (*no sul*), o seu coração voltará a Roboão, rei de Judá, e eles matar-me-ão...'. Fez dois bezerros de ouro e disse ao povo:»Foste a Jerusalém durante demasiado tempo. Eis Israel, o vosso Deus que vos tirou da terra do Egipto«... Nomeou sacerdotes de entre o povo comum, que não eram filhos de Levi, e ele próprio subiu ao altar para oferecer o sacrifício aos bezerros de ouro».. (1 Reis 12:26-33). Assim Jeroboão tornou-se um exemplo de impiedade. Ele reinou de 931-910 AC.

O resultado do pedido de um rei a Samuel (1 Samuel 8) foi que existiam dois reinos e dois santuários. Um após o outro serão destruídos, reinos e santuários: os do Norte em 721 a.C., 210 anos após Jeroboão, e os do Sul em 586 a.C., 140 anos após Jeroboão. O reino do sul, o mais longo, durou apenas cerca de 450 anos.

Os reis do Norte e do Sul eram mais infiéis um ao outro, fazendo «o que é desagradável ao Senhor», segundo a expressão bíblica (1 Reis 16:30).



Principais locais do período monárquico

8.1.1 O Profeta Elijah

O pior dos reis de Israel no norte foi Ahab. Ele escolheu uma mulher sidónia, Jezebel, como sua esposa e adorou o seu deus, um ídolo (1 Reis 16:29-33). O profeta Elias parece de repente profetizar contra ele. O próprio Elijah é do norte, de Tishbe. Note-se que Elias profetiza uma seca como castigo: «Nem orvalho nem chuva» (1 Reis 17:1). Durou três anos e seis meses: um ano, dois anos e meio ano (1 Reis 18,1 / ver também James 5,17). Este período é muitas vezes representado pela expressão «uma vez, duas vezes e meia». Tornou-se simbólico e, para punir os ímpios do fim dos tempos, as duas testemunhas do Apocalipse poderão fazer o mesmo, mas de outra forma, como Elias e «fechar *simbolicamente* o céu para que não caia chuva durante o tempo da sua missão» (Apocalipse 11,6). O espírito de Elias manifesta-se assim no fim dos tempos... mas poucos compreendem.

Note-se que Deus manifestou-se a Elias gentilmente, pelo «som de uma brisa suave, nem num furacão nem num terramoto» (1 Reis 19:9-12).

Elijah teve de fugir para Sarepta, Líbano (agora Sarafand) para uma mulher não judia (1 Reis 17:7-24). Jesus apresenta este facto como um exemplo a ser seguido: não é preciso ser judeu para agradar a Deus e proteger os seus profetas. «A estas palavras todos (*os judeus*) da sinagoga estavam cheios de ira» contra Jesus (Lc 4,25-30). Elijah escolheu Elisha como seu sucessor (1 Reis 19,19-21).

A vinha de Naboth (1 Reis 21,1-29)

Lembre-se desta história que demonstra a crueldade de Ahab e Jezebel e dá expressão concreta aos avisos de Samuel contra os reis no passado (1 Samuel 8,10-20). O infortúnio anunciado por Deus sobre a casa de Ahab será mais tarde realizado pelo massacre de toda a família (2 Reis 9,6-10).

O profeta Miquéias

A história deste profeta é digna de nota. Nele discernimos os falsos profetas do verdadeiro profeta: 400 «profetas» - todos falsos - concordam em anunciar o triunfo aos dois reis judeus. Apenas um, Miquéias, os contradiz a todos. O verdadeiro profeta está sempre sozinho contra todos. Admire a atitude **irónica** de Miqueias: «Suba! Vós sereis bem sucedidos...», quando ele sabia que o rei iria falhar (1 Reis 22,15). O rei compreendeu a ironia: «Quantas vezes terei de vos implorar que me digais a verdade? Então Miqueias disse francamente:»Vi todo o Israel espalhado como um rebanho sem pastor...«(1 Reis 22,17). (1 Reis 22:17) Os homens querem saber a verdade, mas se não lhes convém, recusam-na à sua custa....

No passado, havia escolas judaicas na Palestina para se tornar profeta, tal como havia seminários cristãos para se tornar padre. Mas os verdadeiros profetas não precisam destas escolas e são escolhidos por Deus fora destes institutos humanos, como o foram todos os profetas bíblicos.

Compare a arrogância do falso profeta Zedequias, que ousou atacar Miquéias, com a atitude resignada deste último. Os falsos profetas podem ser reconhecidos pela sua arrogância,»podeis reconhecer a árvore pelo seu fruto«diz Jesus (Lucas 6,43-45). A atitude de Miqueias (1 Reis 22,24-25) é comparável à atitude de Jesus para com o servo do sumo sacerdote que o tinha esbofeteado (João 18,22-23).

Um verdadeiro profeta não precisa de consultar Deus com o Urim e o Tummim como os sacerdotes levitas fizeram. Este costume, felizmente, já não existe oficialmente. Apenas pessoas desequilibradas o praticam. Quando Deus escolhe um profeta, Ele manifesta-se a ele. Para consultar o Senhor, não é necessário atirar uma mœda ao ar (Urim-Tummim) para obter o Seu bom conselho, Deus responde sempre aos verdadeiros crentes que sabem compreender a Sua linguagem no seu coração (ler Mateus 7,7-11 / 1 João 3,21-22). Compare também a atitude dos falsos profetas que, para consultar Deus,»se entregaram ao seu próprio transporte«(tipos de

encantamentos e gestos eufóricos que os fizeram delirar: ver 1 Samuel 10:5), com a sobriedade de Miqueias que não precisavam de toda esta encenação para contactar Deus e revelar que os sírios triunfariam sobre os judeus.

Este Miquéias, do Norte, não é aquele cujo livro está entre os livros proféticos, que era judeu, do Sul, e viveu 150 anos mais tarde.

Em 1 Reis, há dois pontos históricos a recordar:

- A construção (inútil) do primeiro Templo por Salomão,
- O cisma devido à tensão entre os judeus. Isto significa a falência da realeza israelita, tal como predito por Deus e pelos seus profetas.

8.2 O Segundo Livro dos Reis

Este livro é importante de um ponto de vista histórico; narra o acontecimento central na história da»nação«israelita: a deportação para a Assíria e Babilónia. É a realização da ameaça de Moisés avisando os judeus que em caso de infidelidade eles serão»arrancados da terra onde entrarão para tomar posse dela«(Deuteronómio 28:62-63). Os profetas que encontrareis nos livros proféticos (Isaías, Jeremias Ezequiel, etc.) tinham predito este acontecimento como um castigo.

Leia este livro com grande atenção, sem se cansar de recordar os nomes de todos os reis que irá encontrar. Lerá então as minhas explicações.

8.2.1 Remoção de Elijah

Elias é o segundo personagem bíblico que escapa à morte física. O primeiro foi Enoque (Génesis 5:24). Não haverá túmulo de Elias na terra (2 Reis 2:11-18).

Elisha sucede espiritualmente a Elias. Note-se a força e desprezo com que se dirige ao rei do Norte e o seu desejo de consultar Deus ao som da doce música da lira (2 Reis 3:14-15): sem Urim-Tummim ou delírio. A música eleva a alma quando é harmoniosa. O plano satânico aplicado pelos agentes da»Besta do Apocalipse«em tempos recentes visa afastar os crentes de Deus através de uma música excitada e cacofónica, cujo ritmo agitado destrói literalmente a alma humana. David também elogiou a Deus pelo som da música; todos os seus salmos são hinos cantados.

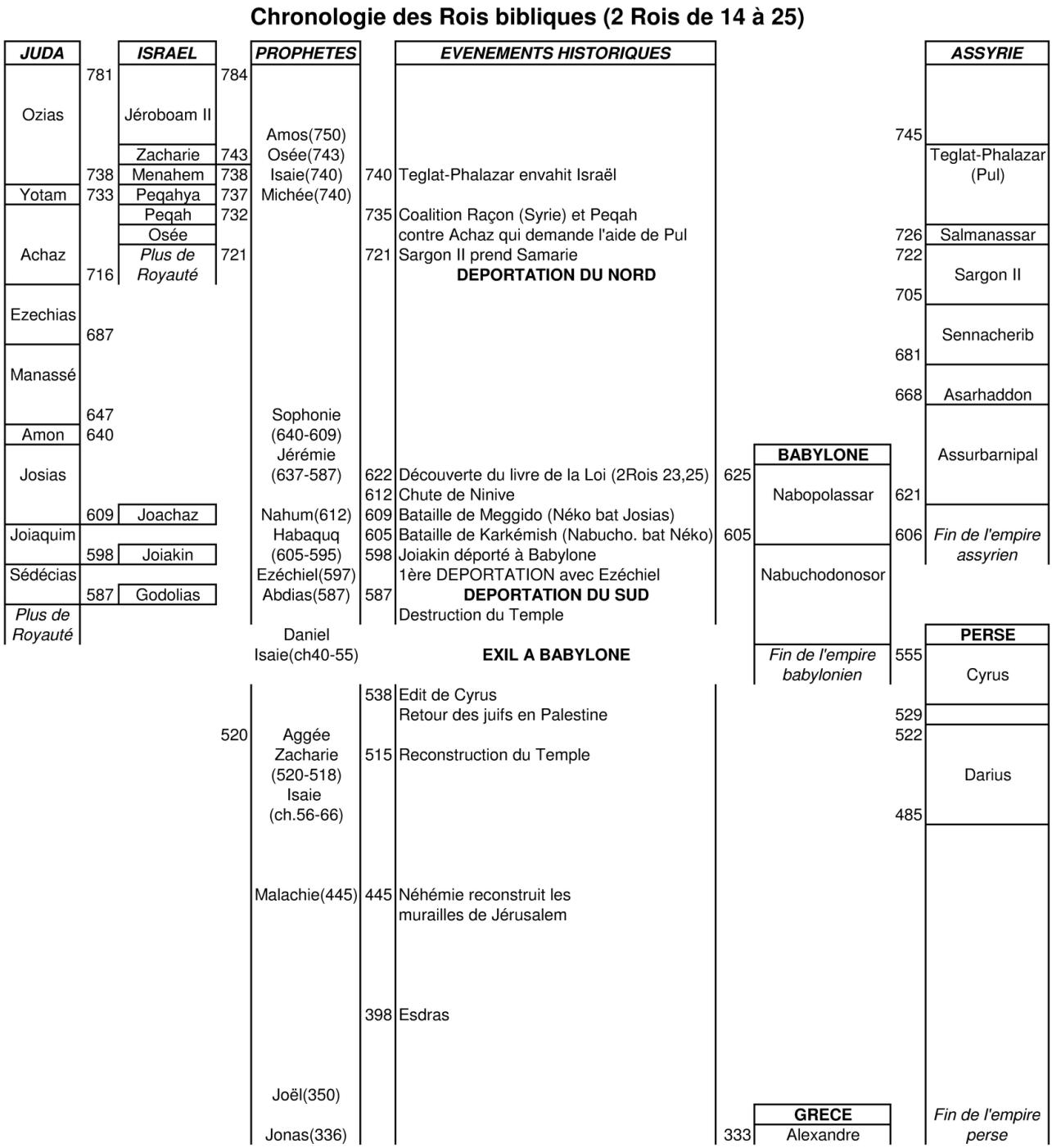
Elisha realizou milagres como Elias: produção miraculosa de petróleo (2 Reis 4:1-7), ressurreição de uma criança morta (2 Reis 4:33-37): note-se o número 7, símbolo da perfeição. A cura do oficial sírio (2 Reis 5,14) é relatada por Jesus para confundir os judeus racistas (Lucas 4,27). Note-se também o número 7 (2 Reis 5:10). Esta lavagem no rio Jordão simboliza o baptismo.

Aponto-vos um facto de bilocação: Elisha de longe ainda está presente: viu o seu criado, Gehazi, aldrabar dinheiro de Naaman (2 Reis 5,20- 27).

Um último ponto importante a conhecer sobre Elias, a fim de compreender o que Jesus diz sobre ele. Deus tinha dito através do profeta Malaquias:»Vou enviar o profeta Elias antes que chegue o meu grande e terrível Dia. Ele devolverá o coração dos pais aos seus filhos e o coração dos filhos aos seus pais«(Malaquias 3:23-24). A partir daí, os judeus esperavam ver Elias vir pessoalmente **antes do** aparecimento do Messias. No entanto, os Apóstolos viram Elias aparecer com Moisés **depois da** vinda de Jesus e ficaram espantados. Jesus explicou-lhes que era João Baptista (Mateus 17,1-13). De facto, quando Gabriel anunciou a Zacarias o nascimento de João, disse-lhe:»Ele (*João*) irá perante ele no **espírito e poder de Elias** para levar os corações dos pais aos seus filhos ... preparando um povo disposto para o Senhor«(Lucas 1:17). Não é o próprio Elias, portanto, uma vez que este enviado precederá o Messias com o»espírito«de Elias, o

mesmo espírito que anteriormente tinha»descansado sobre Eliseu«(2 Reis 2,15). Elias apareceu durante a Transfiguração de Jesus (Mateus 17) para nos revelar que a profecia de Malaquias tinha sido cumprida com João Baptista (ver Mateus 11,10). Comparar a força de Elias contra Acabe e Jezabel com a de João Baptista contra Herodes e Herodíades (Mateus 14:3-4). É o mesmo espírito que fala com força e profetiza com coragem contra a grande e poderosa injustiça deste mundo. Este espírito de testemunho contra os ímpios, reaparece no Apocalipse de João no final dos tempos prescritos aos gentios (Ap 10,11).

Com Elijah e Elisha estamos por volta de 850 AC. Passaremos ao capítulo 17 saltando 120 anos para ver as duas deportações: primeiro o Norte (Israel) e depois o Sul (Judá).



Cronologia dos Reis Bíblicos (2 Reis 14 a 25)

8.2.2 Deportação do Norte (2 Reis 17-19)

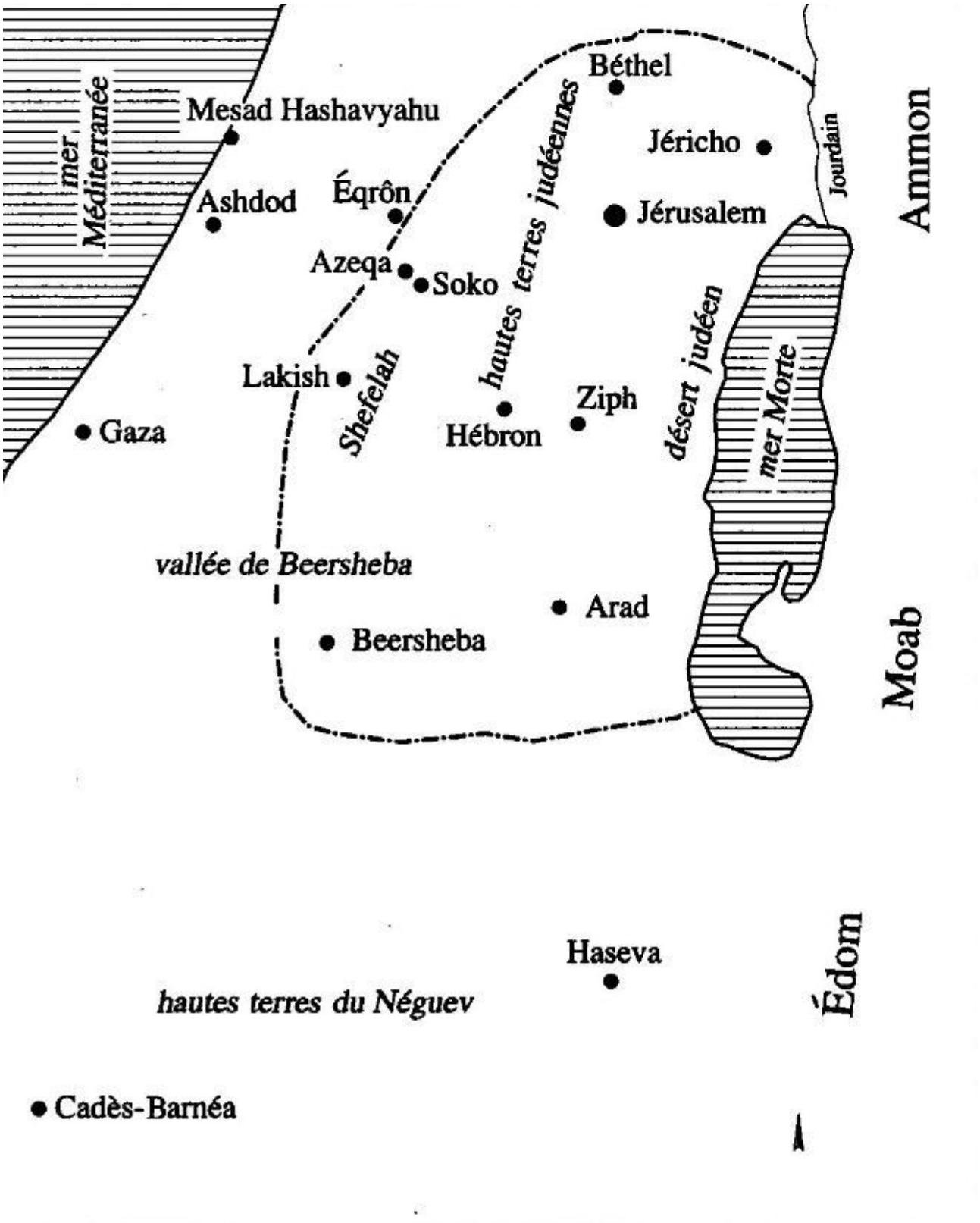
Em 721 a.C. (data a recordar), Sargão II»o rei da Assíria invadiu todo o país (*Israel*) e veio sitiar Samaria... levou Samaria e deportou os israelitas para a Assíria.... (2 Reis 17:5-6)... Isto aconteceu porque os israelitas tinham pecado contra Yahweh. Eles fizeram ídolos fundidos para si próprios, os dois bezerros de ouro. E *queimaram* os seus filhos e as suas filhas no fogo«.. (2 Reis 17,7-17).

Não só os israelitas foram deportados, mas em seu lugar Sargon»trouxe pessoas da Babilónia...e colocou-as nas cidades de Samaria«(2 Reis 17:24). Esta presença de estrangeiros será uma causa de crescente dissensão entre os judeus da Judéia e os samaritanos, que os judeus, secularmente, desprezam e não consideram como judeus:»Como! És judeu e pedes-me, uma samaritana, para beber a mim«, esta samaritana respondeu a Jesus oito séculos após a sua deportação. O Evangelho explica que»os judeus não têm qualquer relação com os samaritanos«(João 4,7-9).

O profeta Isaías (Judeu) é um contemporâneo desta deportação. Sennacherib, o filho e sucessor de Sargon,»atacou as cidades fortificadas de **Judá** e apoderou-se delas«(2 Reis 18:13). A própria Jerusalém foi ameaçada (2 Reis 18:17) e Ezequias, o rei da Judeia, recorreu ao Egipto (2 Reis 18:21-24). Face às persistentes ameaças, Ezequias recorreu ao conselho do profeta Isaías que o tranquilizou (2 Reis 19,1-7) com a sua profecia contra Senaqueribe, o escarnecedor (2 Reis 19,20-31). Declarou que»não entrará em Jerusalém«(2 Reis 19:32-34). No entanto, será a Babilónia que - 150 anos mais tarde - invadirá a Judeia, profetizou Isaías a Ezequias (2 Reis 20:12-19). Esta é a primeira menção do império babilónico que sucederá ao assírio depois de o ter destruído na batalha de Karkemish (mencionado em 2 Crónicas 35:20).

Este profeta Isaías é aquele cujo livro está entre os livros proféticos. No seu livro encontramos as palavras de maldição que pronunciou contra os judeus, mas que os escribas de 2 Reis não quiseram relatar, estando satisfeitos com o que pode lisonjear os judeus. Isaías tinha anunciado a deportação do Sul por causa dos muitos crimes dos judeus:»Ah nação pecadora, povo carregado de iniquidade, raça perversa, filhos pervertidos...«(Isaías 2,1). A vossa terra está desolada, as vossas cidades queimadas, a vossa terra diante dos vossos olhos, estranhos a estão destruindo» (Isaías 1,4-7). Esta é a invasão babilónica já anunciada por Isaías a Ezequias (2 Reis 20:12-19).

Todos os profetas mencionados na parte dos livros proféticos da Bíblia existem desde este período até cerca de 350 anos mais tarde, através da invasão do Sul (Judeia) pelos babilónios, cujo contemporâneo será o profeta Jeremias que a profetizou.



Principais sítios de Judá sob a monarquia tardia. A linha quebrada indica os limites do feudo do reino no final do século VII a.C., na época do rei Josias.

8.2.3 Deportação do Sul (2 Reis 24,10-25,21)

O rei Josias fez reformas religiosas para evitar castigos. Ele reparou o Templo e removeu as estátuas de Baal (2 Reis 22:3-7). Ele notou que no meio do Templo havia a «estaca sagrada (*falo*)» e as prostitutas sagradas (2 Reis 23,4-7). A idolatria e o sacrifício de crianças também

foram praticados (2 Reis 23:8-14). As reformas de Josias estenderam-se ao Templo de Samaria, o antigo reino do norte (2 Reis 23:15).

Apesar de todas as reformas de Josias, ele foi derrotado e morto pelo exército do Faraó Neko em Megiddo (609 a.C.). Os profetas Zephaniah, Nahum e Habaquq são contemporâneos deste período. A fim de compreender os seus livros, deve colocá-los no seu tempo e compreender as circunstâncias sobre as quais profetizaram.

A batalha de Megido (2 Reis 23:29-30), tão brevemente relatada pelos escribas (obviamente envergonhados com a derrota deste piedoso rei), deve ser recordada e compreendida. Tinha estalado uma guerra entre a fraca Assíria e a poderosa Babilónia que a estava a atacar. O Egipto queria ajudar os assírios. Josias tentou impedir o Faraó de ir em auxílio dos assírios. Queria derrotá-los porque ocupavam o norte do país (Samaria) e constituíam um perigo para os judeus. Ele não pensava que os babilónios fossem temidos. Ele estava enganado. Josias e os israelitas acreditavam que poderiam derrotar o exército do Faraó, estando Deus com eles por causa das reformas religiosas. Mas não o fizeram. A derrota de Megiddo desmoralizou a Judeia e Jeremias compôs uma lamentação sobre ela. Esta batalha é melhor descrita em 2 Chronicles 35:25. Enfraquecida, a Judeia tornou-se uma presa fácil para o rei babilónico Nabucodonosor.

Em 586 a.C., os babilónios entraram em Jerusalém e destruíram o Templo (o 1º Templo construído por Salomão). Os judeus mais importantes foram deportados por sua vez (2 Reis 25,11-12)... com as duas colunas do Templo (2 Reis 25,16), 135 anos após a deportação dos israelitas, como previsto por Isaías (2 Reis 20,16-18 / Isaías 5,13 / Isaías 39,1-8).

Jeremias profetizou que este exílio duraria 70 anos: esta famosa profecia deve ser recordada (2 Crónicas 36,21 / Jeremias 25,11). Note-se que a deportação teve lugar em duas fases: uma primeira deportação em 598 AC. (2 Reis 24:10-16), seguido de um segundo onze anos mais tarde (2 Reis 25:1-21). O Templo foi destruído durante a segunda deportação (587-586 AC).

8.3 Os livros de Crónicas

Estes dois livros foram escritos após o regresso dos judeus do exílio da Babilónia, que durou 70 anos. No seu regresso à Palestina, os escribas escreveram um resumo de toda a história que precedeu este regresso de Adão ao édito de Ciro, o rei da Pérsia, que derrubou o império babilónico. Cyrus permitiu que os exilados regressassem à sua pátria. Estes exilados incluíam não só os judeus, mas também os outros povos da região derrotados por Nabucodonosor. Cada grupo poderia regressar à sua pátria e reconstruir o seu templo. Este resumo histórico está contido nos dois livros das «Crónicas», uma palavra que significa «sucessão histórica de acontecimentos».

Encontrará assim em 1 & 2 Chronicles a essência do que foi dito. Leia-os sem se demorar até ao capítulo 33 do segundo livro. Os últimos 3 capítulos (2 Crónicas 34 / 35 / 36) merecem ser lidos com atenção. Lembre-se do seguinte:

8.3.1 A profetisa Hulda

Anuncia a destruição de Judá, apesar das reformas de Josias. Mas como este rei era piedoso, ele morrerá. Assim, «os seus olhos não verão todos os males que virão sobre este lugar e os seus habitantes» (2 Crónicas 34,22-28 / 2 Reis 22,14-20).

8.3.2 Megiddo e Karkemish

2 Crónicas 35:19-25 fala destas batalhas com mais detalhes do que 2 Reis 23:29-30 que apenas fala de Megido, muito brevemente, sem dizer nada sobre Karkemish, provavelmente porque esta batalha ainda não tinha tido lugar (teve lugar em 605 a.C., 4 anos depois de Megido) ou porque o escritor não tinha compreendido a sua importância para os judeus.

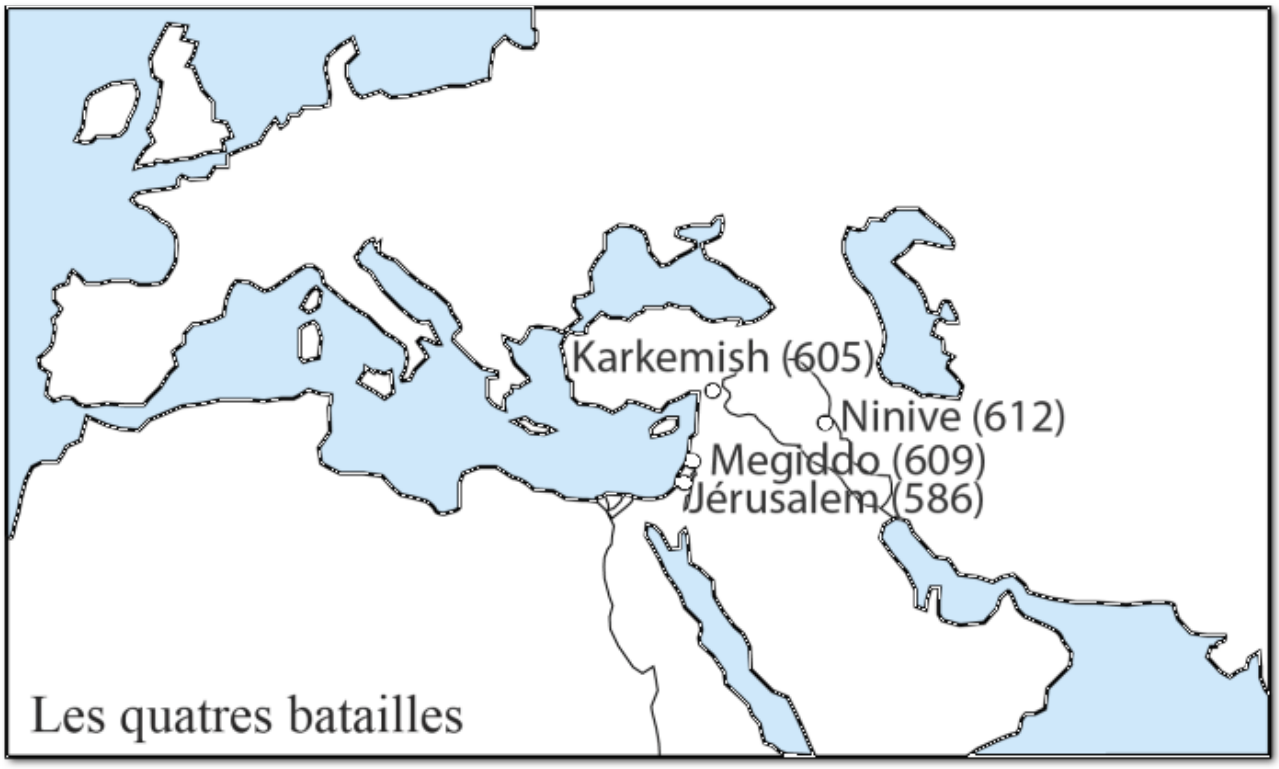
Por outro lado, o escritor (ou escritores) das Crónicas teve tempo para reflectir até ao regresso do exílio e para fazer a ligação entre os acontecimentos que se tinham realizado.

Esta é a razão pela qual a batalha de Karkemish é mencionada em 2 Crónicas. É importante porque pôs fim ao império assírio e consagrou o império babilónico pelo triunfo de Nabucodonosor sobre Neko em 605 a.C. Foi a última oportunidade dos assírios; eles perderam-na apesar da ajuda do exército egípcio do Faraó Neko.

Para melhor compreender, devo falar-vos de outra batalha que precedeu Karkemish, a de Nineveh em 612 AC. Nínive era a capital da Assíria, na margem oriental do Tigre. Foi invadida e destruída pelo rei babilónico Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, em 612 AC. O rei assírio Assubanipal tinha morrido, deixando o seu país enfraquecido. Os assírios recorreram, portanto, ao Egipto para libertar a sua pátria e retomar Nínive. Organizaram-se com Neko em Karkemish, mas foram finalmente derrotados em 605 a.C., 7 anos após a queda de Nineveh.

O profeta Nahum é contemporâneo destes eventos e anunciou a queda de Nínive. O seu livro é dedicado à derrota dos assírios de quem ele não gostava por ter invadido Samaria e ameaçado a Judeia: «De vós (*Nínive*) saiu aquele que fez o mal contra Javé» (Nahum 1:11). Ele anuncia o «ai da cidade sangrenta (*Nínive*) (Nahum 3:1)...». Um destruidor vem contra ti«(*Nebuchadnezzar*) (Nahum 2:3).

Os judeus esperavam muito de bom para si próprios após a queda de Nínive. Foi, pelo contrário, o drama de Megiddo. O profeta Habacuque desejava ver a libertação da Judeia e rejubilou com a queda dos Assírios sob os»golpes«dos Caldeus (Babilónios):»Eis que eu levanto os Caldeus, aquele povo feroz e ardente que viaja por vastas extensões para tomar posse das casas de outros (*os Assírios*)«(Habacuque 1:6). Habakkuk não fazia ideia de que os caldeus também tomariam conta da Judeia e destruiriam o Templo de Jerusalém. O profeta Sofonias também se regozijou com a destruição de Nínive e anunciou que Deus»levantará a mão contra o Norte e reduzirá Assur à ruína, fará de Nínive um lugar solitário...«(Habacuque 1:6; Zephaniah 2:13). Isto foi o que aconteceu em 612 a.C.



As 4 batalhas a recordar

Estas quatro batalhas devem ser lembradas a fim de se compreenderem os profetas mais tarde:

- **612 - Nineveh**: Primeira derrota dos assírios. A Neko decide ajudá-los.
- **609 - Megiddo**: Josias tenta impedir Neko, mas ele é derrotado e morto.
- **605 - Karkemish**: Derrota dos Assírios e Neko. O fim do império assírio.
- **586 - Jerusalém**: Os babilónios invadem Jerusalém e destrœm o Templo.

Os 70 anos de exílio anunciados por Jeremias: Lembre-se desta profecia (2 Crónicas 36:21) que será útil para compreender as profecias de Daniel (Daniel 9:1-2 e 9:24).

O édito de Ciro (2 Crónicas 36:22-23) deve ser recordado. É com este édito que começa o livro de Esdras (Esdras 1:1-4). Este livro, juntamente com o livro de Neemias e as Crónicas, foi escrito após o regresso do exílio para contar a história do regresso dos judeus da Babilónia, a reconstrução do Templo (Esdras) e o muro que rodeia a cidade de Jerusalém (Neemias).

8.4 O livro de Esdras

Este livro relata as etapas e dificuldades da reconstrução do Templo»no seu antigo local, apesar do medo do povo da terra (*palestinianos e samaritanos*)«(Esdras 3:3). Leia-o e depois volte às minhas explicações.

O édito de Ciro, rei da Pérsia (Irão), inaugura o livro (Esdras 1:1-4). Este édito pode ser comparado à promessa de Balfour, o Ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, que em 1917 prometeu uma pátria aos judeus na Palestina, mas não permitiu a reconstrução do Templo pela terceira vez (o Terceiro Templo). O Segundo Templo foi reconstruído por volta de 515 AC, juntamente com Esdras, e foi destruído pelos romanos em 70 DC.

Zerubbabel e Josué (Esdras 2:2) estão entre os sionistas que regressaram do exílio, alguns dos quais preferiram permanecer na Babilónia. Zerubbabel é o filho de Shealtiel, da família real, e herdeiro do trono de David, daí a sua importância. Mateus menciona-o como o antepassado do Messias (Mateus 1:12). Josué é um padre. Ambos encorajaram a reconstrução do Templo. É por isso que estas duas personagens são importantes e têm um valor espiritual **simbólico**, pois são duas testemunhas da reconstrução do Templo.

Os samaritanos queriam ajudar na restauração do Templo, mas, sendo do Norte, eram considerados»inimigos de Judá e Benjamim«, as duas tribos do Sul (Esdras 4:1-3). A sua ajuda foi, portanto, rejeitada.

Os profetas Ageu e Zacarias, cujos escritos podem ser encontrados entre os livros proféticos, são dessa época (Esdras 5:1). Empurraram para a reconstrução do Templo. Já se pode ler o pequeno livro de Haggai. É composto por apenas dois capítulos. Estará assim com vontade de o compreender. Leia também o capítulo 4 de Zacarias, no qual ele relata a sua visão das duas oliveiras, identificando-as com Zerubbabel e Joshua, os construtores do Templo. Mas o Apocalipse de João retoma esta visão para revelar que estas duas oliveiras são as duas testemunhas do Apocalipse cuja missão é construir o Templo **espiritual** no fim dos tempos (Apocalipse 11:3-4). O Templo material, como sabemos, nunca interessou ao Senhor.

O segundo Templo, mais modesto que o primeiro, que era de cedro e ouro, desapontou aqueles que»já eram velhos e tinham visto com os olhos (*o luxo de*) o velho Templo (*de Salomão destruído por Nabucodonosor*) e choraram muito alto«(Esdras 3:12). Mas a nova geração»levantou a sua voz em alegre clamor«à vista deste santuário. Foi concluída em 515 AC.

Este segundo Templo, negligenciado durante séculos e profanado (ver livros dos Macabeus: 1 Macabeus 1:41-47), foi ampliado e embelezado pelo Rei Herodes. Foram necessários 46 anos de trabalho para completar. Este é o Templo que Jesus conhecia e cuja destruição Ele profetizou (João 2,13-21 / Mateus 24,1-2)

Racismo de Esdras: nota a mentalidade sionista revelada em Esdras 9,12; Esdras pede aos judeus que não»se preocupem com a paz dos locais (*os palestinianos*) ou com a sua felicidade«; compara isto com os ensinamentos que Jesus deu aos judeus:»Amai os vossos inimigos (*os não-judeus sempre considerados inimigos pelos judeus*)...«. O que queres que os homens façam por ti, faz o mesmo por eles...» (Lc 6,27-31).

O «Descanso» guardado: (Esdras 9:8). Este tema do «pequeno remanescente» de judeus salvos após a queda do reino de Israel é comum em linguagem bíblica e profética. Deus atinge todo o povo, mas *um* remanescente permanece para continuar a missão espiritual dos israelitas (Isaías 4,3 / 10,20-22 / Romanos 9,27). O objectivo deste remanescente, a sua missão sagrada, é a recepção do Messias na sua vinda. É de facto um pequeno número, um pequeno remanescente que seguiu e apoiou Jesus. O grande número perseguiu-o.

8.5 O Livro de Neemias

Neemias é um membro notável das famílias judaicas que não tinham regressado do exílio. Esteve em Shushan (sul do Irão) e teve as suas entradas no rei, sendo responsável pelos vinhos reais (Neemias 2:1). A história tem lugar em 445 a.C., mais de sessenta anos após o regresso do exílio e o Édito de Ciro. O Segundo Templo já foi construído, mas a lamentável situação dos judeus na Palestina e o estado do Muro de Jerusalém «todos romperam e as suas portas arderam» (*após a passagem de Nabucodonosor*), entristece Neemias que quer ajudar «o remanescente salvo do cativeiro» (Neemias 1,1-4) e reconstruir o Muro (Neemias 2,7-8).

Este livro conta-nos a história do regresso de Neemias à Palestina, com o apoio do rei da Pérsia, a fim de reconstruir o muro de Jerusalém. Leia-o.

8.6 Os livros de Tobit, Judith e Esther

Estes livros contam histórias de exílio. São fáceis de ler. Tobit e Judith não são encontrados na Bíblia hebraica.

8.7 Primeiro e Segundo Livro dos Macabeus

Os livros dos Macabeus contam-nos parte da história dos dois impérios que se seguiram ao império persa, o grego e o romano.

Conheceu a história da comunidade israelita sob os três impérios: assírio (deportação do Norte), babilónico (deportação do Sul) e persa (regresso do exílio). A última notícia foi-nos dada pelo livro de Neemias com a reconstrução das muralhas circundantes de Jerusalém por volta do ano 445-450 AC. Os livros dos Macabeus dão-nos informações sobre os acontecimentos que tiveram lugar na Palestina e na região do Médio Oriente desde o ano 175 a.C. até cerca de 135 a.C., um período de cerca de 40 anos. A Bíblia deixa-nos sem notícias do que aconteceu entre 450 e 175 a.C., um período de 275 anos.

Estes dois livros não se encontram na Bíblia hebraica. Contam-nos os mesmos acontecimentos, sendo 2 Macabeus quase uma repetição de 1 Macabeus, e contam a história da resistência dos judeus ao império grego, sob a liderança da família de Judah Macabeus, daí o nome dos dois livros. O principal rei grego foi Antiochus Epiphanes, cujo nome deve ser recordado.

Leia os dois livros dos Maccabees e depois as minhas explicações.

8.7.1 1 Macabeus

Alexandre o Grande: O livro começa por mencionar Alexandre o Grande, filho de Filipe, que «derrotou Dario, rei dos persas e dos medos e se tornou rei no seu lugar» (1 Macabeus 1:1). A vitória de Alexandre na batalha de Arbeles (Iraque) em 331 AC pôs fim ao império Persa-Medes que durou cerca de 200 anos. Com Alexandre começa o império grego.

Antiochus Epiphanes: dos sucessores de Alexandre saiu «uma raiz do pecado: Antiochus Epiphanes... Ele tornou-se rei no ano 137 do reino grego», o que corresponde ao ano 175 a.C. (1 Maccabees 1:10). Ele queria difundir a cultura grega entre os judeus e «muitos do povo apressaram-se a ir ter com o rei, que lhes permitiu observar os costumes pagãos». Assim, construíram um ginásio... fizeram novos prepúcios... etc.«(1 Maccabees 1.13-15). Um grande número de judeus adoptou o modo de vida grego (1 Maccabees 1:43-52).

»A Abominação da Desolação«: Antiochus Epiphanes profanou o Templo e colocou ali a estátua de Zeus,»a Abominação da Desolação«(1 Macabeus 1:54). Foi o profeta Daniel que falou desta»Abominação«cerca de 400 anos antes, profetizando que»na ala do Templo estará a Abominação da Desolação«(Daniel 9,27). Na época dos Macabeus, os judeus acreditavam que esta Abominação era o ídolo Zeus no Templo. Mas Jesus, falando do fim dos tempos, tomou esta profecia de Daniel para dizer que ela não se cumpriu sob Antioquia Epifanes, mas que deve ser cumprida no fim dos tempos, quando os súbditos do Anticristo ocuparão Jerusalém e enganarão muitos dos discípulos de Jesus (Mateus 24,15). No final da vida de Antioquia Epifanes, os judeus derrubaram esta»Abominação«(1 Macabeus 6:6-7).

O*rei Alexandre Balas*, um gentio, nomeou Jonathan como o sumo sacerdote dos judeus. Ele aceitou! Mas deveria ter-se recusado a ser nomeado por um gentio que ignorou Deus. E foi assim que o culto religioso foi praticado... (1 Macabeus 10,15-21)

Pacto dos Judeus com os Romanos (1 Macabeus 8,1-31 / 12,1-23 / 14,16-24 / 15,15-21). Este é o início do crescente Império Romano. É hábito dos sionistas aliarem-se a uma nação poderosa para se estabelecerem na Palestina como uma nação. No século XX, aliaram-se primeiro com a Inglaterra e depois com os Estados Unidos da América com o mesmo objectivo.

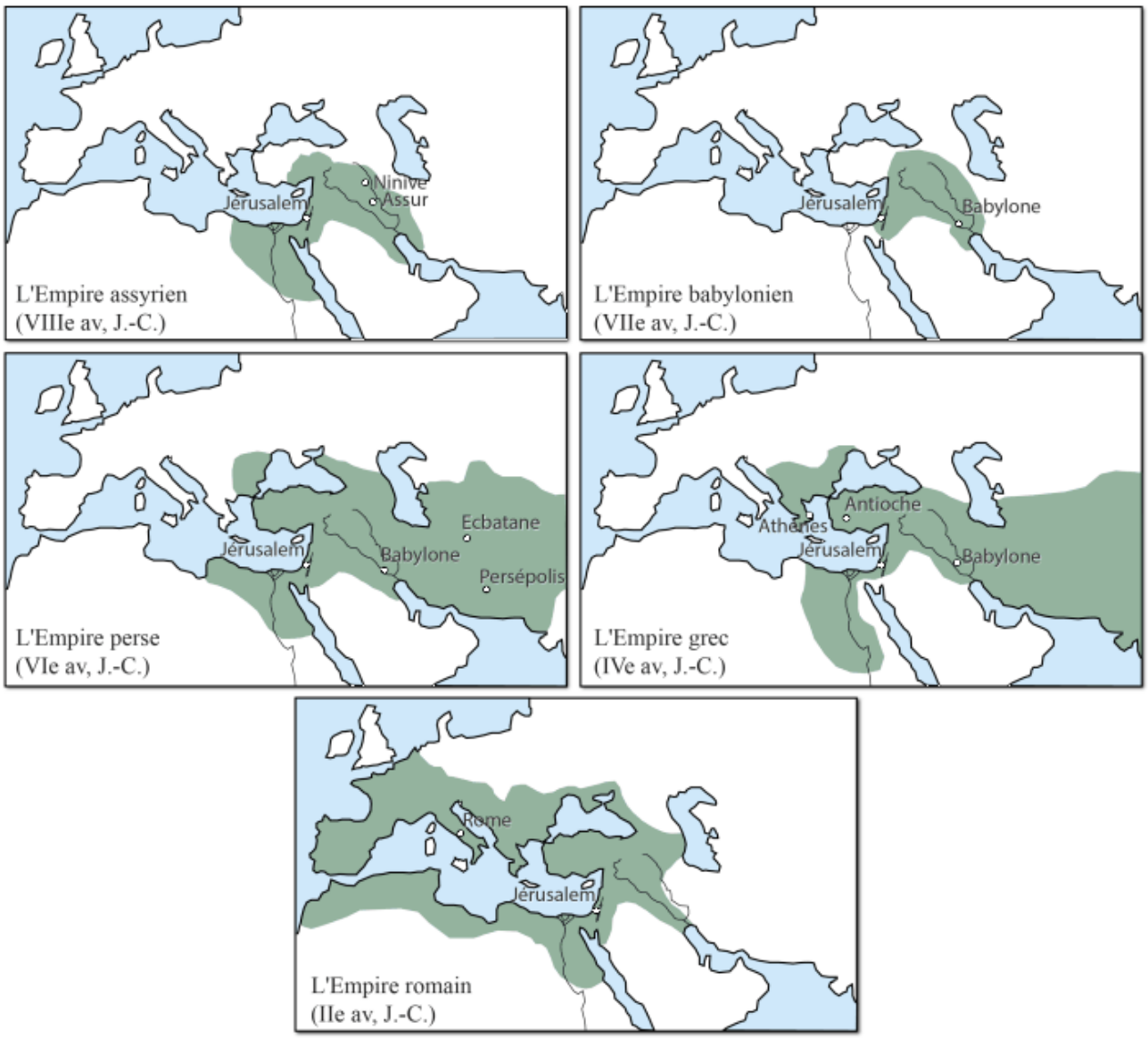
8.7.2 2 Macabeus

Os 2 Macabeus não é uma continuação do primeiro. Fala sobre os mesmos acontecimentos contidos no primeiro, mas detém-se na derrota da Nikanor. Representa cerca de quinze anos de história, apenas o conteúdo dos capítulos 1 a 7 do primeiro livro. Não é feita qualquer menção aos Romanos.

Consideremos os cinco impérios que se seguiram:

1. Assírio,
2. Babilónico,
3. Pérsia - Medicamentos,
4. Grego,
5. Romano.

Ao conhecê-las, compreenderá melhor as profecias, como a de Daniel a dizer a Nabucodonosor, o rei babilónico, que o Messias iria aparecer sob o terceiro império depois do seu (Daniel 2,36-45). Este é o Império Romano sob o qual Jesus realmente nasceu.



Os 5 Impérios

8.8 Recomendação

Recomendamos o livro»THE UNVEILED BIBLE«: as novas revelações da Arqueologia pelos dois arqueólogos israelitas Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. Edição Bayard ISBN: 2-227-139-51-X.

Estes dois arqueólogos demonstram cientificamente a infundação histórica da alegada grandeza dos reinos israelita e judaico e do Templo de Jerusalém.

9. Lição 9 - Os 7 Livros de Sabedoria

9.1 O Livro de Emprego

Leia primeiro as minhas explicações, depois o livro.

No passado, e até hoje para alguns crentes, acreditava-se que a riqueza, a boa saúde e as crianças eram devidas à bênção de Deus e que o oposto se devia à maldição de Deus sobre o pecador. Cada infortúnio foi interpretado como um castigo divino.

Agora, Jó, um homem justo e bom crente, rico, saudável e abençoado com muitos descendentes, está a experimentar uma inundação de infortúnios: de repente perde os seus bens e os seus filhos, mas não se revolta contra Deus:»Nú, saí do ventre da minha mãe, nú voltarei a ele. O Senhor deu, o Senhor tirou: bendito seja o nome do Senhor Em toda esta desgraça, Jó não pecou e não se permitiu qualquer impertinência contra Deus«(Jó 1:20-22).

Estas tristezas não se devem, como se pensava, aos pecados de Jó, mas ao diabo que o queria atingir para o fazer afastar-se de Deus, amaldiçoando-o. Este é o grande ensinamento deste livro: Deus pode permitir que o diabo teste uma pessoa justa e fiel a Deus a fim de confundir os demónios que não perseveraram no amor altruísta de Deus. É como um homem seguro do amor e fidelidade da sua esposa, que permite que uma pessoa intrigante a corteje a fim de o confundir pela fidelidade manifesta da sua esposa.

Na verdade, a história diz que o diabo pede a permissão de Deus para testar Job:»Juro-vos que Ele vos amaldiçoará na cara! -Juro-vos que ele vos amaldiçoará na cara«, disse o Senhor a Satanás,»todos os seus bens estão em vosso poder«. Evitem só pôr-lhe a mão em cima» (Jó 1:11-12). (A palavra «Satanás» significa «inimigo», sendo o diabo o inimigo do homem).

Quando Jó se mostrou admiravelmente fiel depois do julgamento, Deus disse a Satanás: «Jó é reto e reto...Ele é reto e reto...Ele persevera na sua retidão, e em vão me agitaste contra ele para o perder»; e Satanás respondeu:...Toca nos seus ossos e na sua carne, e eu juro-te que ele te amaldiçoará na tua face! E Javé disse a Satanás: «Que assim seja; livra-te **dele**, mas respeita a sua vida» (Jó 2,5-6).

O diabo então atingiu Job «com uma úlcera maligna da cabeça aos pés» (Job 2:7). A sua mulher incitou-o a amaldiçoar Deus, mas Job voltou a pô-la no seu lugar: «Falas como uma louca! Se aceitamos a felicidade como um presente de Deus, como não podemos aceitar também o infortúnio! Em toda esta desgraça Jó não pecou por palavras» (Jó 2,9-10).

Assim, Job triunfou em provas, mesmo na sua carne.

Três dos amigos de Job irão visitá-lo na sua desgraça para falar com ele e convidá-lo a reconhecer que ele pecou para merecer todas estas desgraças. As suas palavras são relatadas pœticamente e cada uma, por sua vez, dirige-se a Job para o convencer a ser um pecador. O seu tom é muitas vezes irónico, mesmo sarcástico e perverso. Isto só poderia aumentar a tristeza de Jó, como se verá quando se lê o texto. Mas também Jó não faltou delicadeza nas suas respostas e soube colocar os seus interlocutores no seu lugar e afirmar a sua inocência: «Como sabeis apoiar os fracos e ajudar o braço sem forças», disse ironicamente a um dos três, «Mas estes discursos, a quem são dirigidos, e qual é o espírito que sai de vós? (*implicando que não é o espírito de Deus*).... Longe de vos *provar* a razão (*confessando o pecado*), até ao meu último suspiro, manterei a minha inocência». Esta foi a atitude constante de Job (Job 26,1-27,5).

A um dos seus três amigos que veio confundir Jó, afirmando conhecer os segredos de Deus e as suas razões para agir contra ele, Deus respondeu: «A minha ira foi acesa contra ti e os teus dois amigos, porque não falaste bem de mim como o meu servo Jó falou» (Jó 42,7). «E o SENHOR restaurou a condição de Jó... e abençoou a nova condição de Jó ainda mais do que a antiga...» (Job 42:10-12).

Leia este livro compreendendo agora que a sua moralidade é que Deus permite que o homem justo seja julgado. Isto visa mudar a mentalidade dos crentes, semelhante à dos três amigos de Job. E acima de tudo, visa preparar os crentes para compreenderem os sofrimentos do Messias que se aproxima, o Justo por excelência, que sofre não por causa dos seus pecados, mas por causa dos pecados dos outros e dos seus muitos crimes.

9.2 O Livro dos Salmos

Não é necessário, nesta fase, ler este livro todo de uma só vez. Falar-vos-ei de alguns salmos e poderão referir-se a eles à medida que os apresentar.

Este livro é uma colecção dos salmos mais importantes. Um salmo é uma oração cantada num instrumento musical, aquilo a que os cristãos chamam um «hino» e que eles dirigem a Deus, a Cristo ou à Santíssima Virgem.

A maioria dos salmos foi composta por David em várias ocasiões. Estes são frequentemente mencionados: «Salmos 3: Salmo de David». Quando fugiu antes do seu filho Absolom«, etc., etc. Alguns salmos são de Salomão (Salmos 72), Asafe (Salmos 73-83), os filhos de Corá (Salmos 84), etc. Os autores de alguns salmos são desconhecidos.

Existem, no total, 150 salmos. A Bíblia grega divide o Salmo 9 em dois salmos, 9 e 10. Isto complica um pouco a numeração do Salmo 11 que se torna 11 (10), sendo o (10) a numeração na Bíblia hebraica. O Salmo 147, por outro lado, combina os dois salmos 146 e 147. Assim, encontrará sempre 150 salmos em todas as Bíblias.

Agora uma palavra sobre os salmos principais: os mais importantes são os salmos Messiânicos, ou seja, aqueles que falam do Messias que se aproxima. São especialmente as que irei apresentar.

9.2.1 Salmo 2

Este salmo apresenta o Messias como o rei santo de Deus e como seu filho:»Os reis da terra conspiram contra o Senhor e o seu Ungido (*o Messias, «ungido» com fragrância divina por Deus, tal como os reis da terra foram ungidos com óleo perfumado na sua consagração*): «Aquele que se senta no céu ri deles, zomba deles, aquele que se senta nos céus, aquele que se senta no meio deles, aquele que zomba deles, aquele que zomba deles, aquele que zomba deles, aquele que zomba deles. Depois, na sua ira, fala com eles:»Ungi o meu Rei na minha montanha sagrada, Sião«. Declararei o decreto de Deus (*é o Messias que fala em antecipação*): Ele disse-me: 'Tu és meu Filho, hoje eu te gerei.... ...e a vós dou as nações por uma herança»

O autor deste salmo messiânico é desconhecido. Proclama o Messias como Rei de todas as nações, com Deus a dar-lhes «por herança». O demónio tentou Jesus, prometendo dar-lhe domínio **político** sobre o mundo (Mateus 4,8-10). Jesus recusou porque o seu Reino «não é deste mundo» (João 18,36). O poder prometido neste salmo ao Messias deve ser entendido espiritualmente, não politicamente como o demónio o apresentou a Jesus.

Os judeus também queriam (e ainda querem) compreender politicamente a realeza do Messias. Foi por isso que resistiram (e ainda resistem) a Jesus; perseguiram-no a ele e aos seus apóstolos. São Pedro aplica este salmo a Jesus e denuncia «Herodes e Pôncio Pilatos com as nações gentílicas e os povos de Israel» por ser essa conspiração fomentada pelos «reis da terra» de quem este salmo fala, «unidos contra o Senhor e o seu Ungido» (Actos 4,25-28).

A realeza do Messias não pode ser política uma vez que Deus diz: «Corœi o **meu** Rei na minha montanha sagrada». Ora, o reino em Israel, como vimos em 1 Samuel 8, não foi querido por Deus: foi mesmo condenado por ele. É de facto o reino espiritual neste salmo, aquele estabelecido por Jesus, o Cristo-Rei escolhido por Deus para ser o Soberano espiritual de todo o mundo, apesar de todos aqueles que lhe resistem.

9.2.2 Salmo 22

O Messias é aí descrito como sofrendo, morrendo, mas ressuscitando após o julgamento. Jesus, na cruz, pronunciou o início deste Salmo Messiânico para o atribuir a si próprio e confundir os judeus que viram na sua crucificação um sinal de maldição de Deus. O salmo começa com o esperado Messias a dizer: «Eli (*Meu Deus*)! Eli (*Meu Deus*)! Lema sabachtani (*Porque me abandonaste*)»? (Mateus 27:46). Algumas pessoas não compreendem as razões mais profundas pelas quais Jesus disse estas palavras; interpretam-nas mal como se Jesus se sentisse abandonado por Deus. Os inimigos de Jesus chegam ao ponto de dizer que Jesus compreendeu na cruz que Deus o amaldiçoava. Os judeus que O crucificaram acreditavam que Ele estava a chamar o profeta Elias em seu socorro (Mateus 27:49). A verdade é que este último clamor de Jesus é profético, estas últimas palavras são uma luz para aqueles que querem ver um cumprimento profético. Pois são as palavras do Salmo 22, para as quais Jesus, mesmo morrendo, nos remete para confirmar a nossa fé nele. David, neste salmo, viu de antemão o Messias moribundo rodeado de inimigos. O salmo começa com as próprias palavras que Jesus pronunciou quando morreu:

«**Meu Deus! meu Deus! meu Deus! meu Deus! Meu Deus, meu Deus! Porque me abandonaste?**... Muitos cães rodeiam-me, um bando de canalhas assaltam-me, **trespassam-me as mãos e os pés** e deitam-me no pó da morte... Eles dividem as minhas roupas entre eles e tiram à sorte para a minha roupa. (Salmos 22,17-19)... Toda a terra se lembrará e voltará ao Senhor (Salmos 22,28)...E a minha alma viverá por Ele (*estas palavras indicam a ressurreição de Jesus*), a minha raça O servirá...Esta é a Sua obra» (Salmos 22,30-31).

Este salmo não pode ser aplicado a David, o seu autor. Não morreu rodeado de inimigos, com mãos e pés perfurados.

Este salmo profético é semelhante ao capítulo 53 de Isaías que ainda prevê o sofrimento, a morte e a ressurreição do Messias.

9.2.3 Salmo 110

Este salmo apresenta o Messias vindouro tanto como **rei** como como **sacerdote**:

«O SENHOR estenderá de Sião o **ceptro do** vosso poder. Yahweh jurou e não se dedicará a ele: é um **sacerdote** para sempre após a ordem de Melquisedec» (Salmos 110,4).

Nem a **realeza do** Messias nem o seu **sacerdócio** foi revelado como os israelitas o imaginavam e praticavam. A realeza messiânica não está de acordo com a dinastia política de David (que, a propósito, foi abolida com Nabucodonosor), e o sacerdócio messiânico não é nada parecido com o de Levi, pois foi profetizado «de acordo com a ordem de **Melquisedec**», e não de acordo com a ordem de Levi. Isto significa uma mudança radical no culto judeu, como Paulo explica nos capítulos 5 a 7 da sua carta aos hebreus. Jesus, pelo seu sacrifício, pôs fim aos sacrifícios judaicos, ao sacerdócio e ao reino.

Com o Apocalipse começa uma nova era onde todos os **verdadeiros** seguidores de Jesus Cristo serão «uma realeza de **sacerdotes**» (Apocalipse 1,6), como Deus queria desde o início (Êxodo 19,6), mas sem serem compreendidos. O coração sacerdotal é aquele capaz de compaixão, de sofrer com os justos perseguidos pelos injustos, que sabe defender os pobres injustamente acusados e testemunhar pela justiça e verdade denunciando a identidade do Anticristo, a Besta do Apocalipse (Ap 13,18), mesmo à custa da sua vida. Este é o sacrifício sacerdotal aprovado por Deus.

O resto dos salmos consiste em cânticos de louvor a Deus, de recurso ao Seu Todo-Poderoso poder contra um inimigo injusto, ou de acção de graças e gratidão por ter sido salvo. Consegue-se conhecer os salmos orando-os com o Espírito Santo que está em Jesus, e não de acordo com uma mentalidade de interesse material ou Sionismo.

9.3 O Livro de Provérbios

Contém provérbios de alta moralidade que devem ser lidos de vez em quando para aprofundar a vida espiritual e excitar-se na busca da sabedoria: «A sabedoria grita nas ruas.... (Provérbios 1:20)... Por quanto tempo,*tolos*, vão adorar a tolice? E os escarnecedores vão gostar de escarnecer? E os tolos vão odiar o conhecimento? (Provérbios 1:22)... Meu filho, se aceitares as minhas palavras...descobrirás o conhecimento de Deus» (Provérbios 2:1-5).

Leia-o rapidamente a primeira vez para o conhecer. Depois voltar sempre de novo para aprofundar e adquirir sabedoria.

9.4 O livro de Eclesiastes

É a colecção das palavras de «Qohelet», que em hebraico significa «o leitor» na assembleia. Ecclesiastes vem do grego «ecclisia» que significa «assembleia». Estas são, portanto, as palavras sábias pronunciadas por um pregador em assembleias religiosas. A essência do seu ensino é que tudo se repete na terra. Quem vive para esta terra encontrará apenas a monotonia. Temos de concluir que temos de procurar a vida eterna. Só ela pode satisfazer o homem: «Vaidade de vaidades, tudo é vaidade! Que utilidade tem o homem para todos os problemas que se dá debaixo do sol»? (Eclesiastes 1:2). Tudo o que fazemos com coisas materiais só interessa para o tempo da nossa vida «debaixo do sol», não vale a pena o problema: «Se só por esta vida pusemos a nossa esperança em Cristo, somos os mais infelizes de todos os homens», diz Paulo (1 Coríntios 15:19).

9.5 O Cântico das Canções

É um diálogo de amor entre o Esposo (Deus) e a sua noiva (os escolhidos).

Um ponto marcante: a noiva vem, não de Israel, mas do Líbano: «Vem do Líbano, minha noiva, vem do Líbano e faz a tua entrada» (Cântico dos Cânticos 4:8). O Líbano é frequentemente visto como o lugar de onde sairão os escolhidos de Deus. Ezequiel anuncia o triunfo do cedro (símbolo do Líbano) no Monte Sião: «Eu», diz Deus, «tirarei do alto do grande cedro, do mais alto dos seus ramos, recolherei um ramo e plantá-lo-ei eu mesmo numa montanha muito alta: na alta montanha de Israel plantarei. E crescem ramos e dão frutos... Eu, o Senhor, disse:»Eu farei«(Ezequiel 17:22-24). É, de facto, do Líbano que Deus abriu o livro do Apocalipse de João para o explicar a todo o mundo e para dar muitos frutos.

O tema do Esposo e do Noivo é retomado pelo Apocalipse. A Noiva chama o Esposo:»Vem... Oh sim, vem, Senhor Jesus«(Apocalipse 22,17-20). Compreenderá tudo isto mais tarde com o estudo do livro do Apocalipse.

9.6 O Livro da Sabedoria

É um livro que nos incentiva a procurar e conhecer Deus, cuja Sabedoria não é como a dos homens:»Se o homem justo é o filho de Deus, Deus o ajudará.... Provemo-lo com ultrajes e tormentos. Condenemo-lo a uma morte infame, uma vez que, ouvindo-o, a ajuda chegará até ele. Por isso raciocinam, mas desviam-se. Eles não conhecem os segredos de Deus«(Sabedoria 2:18-22). Estas palavras foram ditas pelos judeus sobre Cristo na cruz (Mateus 27,41-43). Não é sabedoria, mas insensatez falar assim!

Este livro convida-nos a compreender a Sabedoria de Deus e a não nos modelarmos a nós próprios após a falsa sabedoria dos homens.

9.7 O livro de Ecclesiasticus

Foi escrito por Ben Sira. É o livro da assembleia (Ecclesiastes em grego), não o livro do leitor que lê ou fala na assembleia, como é o caso de Ecclesiastes. É portanto um livro que é lido tal como está nas assembleias, na sinagoga, por exemplo. Não aparece na Bíblia hebraica, mas foi lido nas sinagogas no passado por causa da sua elevada moralidade. Como os outros livros de sabedoria, convida-nos a aproximarmo-nos de Deus, a procurar conhecê-lo, a compreendê-lo, apesar de todas as dificuldades, a ser paciente nas provas, pois este conhecimento vale bem todo o trabalho necessário para o conseguir:

»Toda a sabedoria vem do Senhor«(Eclesiasticus 1:1)... Invoca a Sabedoria? Guardai os mandamentos, e o Senhor vo-los dará (Eclesiástico 1,26)... Meu filho, se afirmas servir ao Senhor, prepara-te para o julgamento (Eclesiasticus 2:1)... O que quer que lhe aconteça, aceite e, nas vicissitudes do seu mau estado, seja paciente, pois o ouro é purificado no fogo, e os eleitos na fornalha da humilhação (Ecclesiasticus 2,4-5)».

Estabeleceu contacto com todos os livros sapienciais. São dignos de serem relidos várias vezes e poderia ler extractos deles todos os dias da sua vida para alimentar a sua alma, elevando-a. Apenas assinalei as linhas principais, mas é o vosso esforço pessoal que vos fará colher os frutos espirituais da Sabedoria madura na medida em que vos aplicareis a ela durante toda a vossa vida, para conhecer Deus e o seu Messias: «A vida eterna é conhecer Deus e o Messias Jesus, a quem ele enviou», disse Jesus (João 17,3).

Por enquanto, contente-se com esta primeira leitura que fez dos livros sapienciais e continue o estudo do curso bíblico com os livros proféticos.

10. Lição 10 - Os 4 grandes livros proféticos

10.1 Introdução

Agora tem algum conhecimento dos antecedentes históricos do povo formado por Deus para acolher o Messias, Jesus. É portanto capaz de compreender os profetas. Sem este conhecimento, ninguém pode compreender as insinuações destes homens enviados por Deus para endireitar os contínuos desvios dos israelitas, desvios aos quais estamos **todos** expostos. Isto torna as palavras dos profetas válidas para o povo de todos os tempos, se formos capazes de as traduzir e adaptá-las ao contexto histórico das diferentes épocas.

O estudo dos livros proféticos dá um aspecto complementar aos livros históricos. Revelam o significado **espiritual** dos acontecimentos, os verdadeiros - muitas vezes ocultos - desígnios de Deus. É necessário saber **ler nas entrelinhas** para compreender os profetas e apreender a subtileza das suas insinuações. Vivendo num ambiente sionista e politizado, tiveram frequentemente dificuldades intransponíveis em manifestar os pensamentos anti-sionistas e espirituais de Deus. Foram mais frequentemente perseguidos e rejeitados, considerados traidores à «pátria» e ao reino, uma pátria e um reino nunca pretendido por Deus. Só foram reconhecidos como profetas depois da sua morte, depois de serem perseguidos durante a sua vida (ler o que Jesus diz em Mateus 23,29-39).

O profeta é um porta-voz de Deus. Manifesta-se ao profeta para lhe pedir que revele a sua opinião, conselhos ou julgamentos sobre os acontecimentos e as atitudes dos homens, especialmente dos líderes responsáveis (reis, padres). São convidados, sob pena de castigo divino, a curvarem-se às exigências e pensamentos divinos. Na maioria das vezes, tratava-se de renunciar à mentalidade sionista (apego dœntio à posse exclusiva de terras palestinianas e ao império israelita). Jeremias, por exemplo, foi perseguido, como poderão ver, por ter dito aos judeus para se submeterem a Nabucodonosor e por ter anunciado a destruição do Templo.

A essência da mensagem profética gira em torno de dois pontos:

1. Deportação como castigo por infidelidade,
2. O futuro envio de um salvador (o Messias) que os judeus imaginavam erradamente como um líder político-militar.

Os livros proféticos são os escritos das palavras e acções dos profetas que existiram pouco antes, durante e pouco depois da deportação. Assim, eles profetizaram o exílio, viveram-no e anunciaram o regresso dos exilados (após 70 anos de exílio) e a reconstrução do Templo (o segundo).

Este facto da deportação feriu profundamente a alma israelita. Os judeus estavam, por assim dizer, em busca de uma solução para o drama vivido, procurando a «libertação de Israel» (de acordo com a expressão profética). Durante séculos, a esperança de libertação girava em torno da pessoa do Messias que esperava com extrema impaciência e sede. Mas este Messias devia libertar a alma do pecado, não os judeus de uma situação política.

Antes de ler um profeta, **é necessário colocá-lo no seu contexto histórico**: existiu ele antes, durante ou depois da invasão assíria do Norte (Israel: 721 a.C.), a queda de Nínive (612 a.C.), as batalhas de Megido e Karkemish, a invasão babilónica do Sul (Judeia), o regresso do exílio, a reconstrução do Templo (515 a.C.)? Estas etapas históricas acompanham os livros proféticos. Lembre-se deles.

Os profetas mencionados nestes livros devem ser distinguidos de outros profetas, tais como Elias e Eliseu, ou do grupo de profetas mencionados em 1 Samuel 10,5-6. Não temos qualquer registo escrito deste último. Só os conhecemos a partir dos livros históricos.

Os profetas que estamos prestes a ver (referidos como profetas «escritores») existiram durante um período de cerca de 300 anos (750 a 450 a.C.). Estão geralmente divididos em dois grupos:

1. Os 4 «Grandes» profetas: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel.

2. Os 12 «pequenos» profetas.

Os primeiros são chamados «Grandes» por os seus livros serem maiores que os «Pequenos» livros dos outros 12 e não por uma dignidade espiritual (comparar os 66 capítulos de Isaías com os 4 capítulos de Jœl e o único capítulo de Obadias).

Com os 4 grandes profetas, incluirei, enquanto estudava Jeremias, o livro «As Lamentações» de Jeremias e o profeta «Baruch», cujo pequeno livro segue o de Jeremias, tendo sido o discípulo e o secretário deste último. O livro de Baruch não se encontra na Bíblia hebraica.

Algumas Bíblias (tais como a Bíblia de Jerusalém) acrescentam introduções úteis aos livros históricos. Eles ajudam-nos a conhecer o tempo em que o profeta viveu e a compreendê-lo melhor. Mais tarde, poderá querer conhecer bem um ou dois profetas. Proponho Jeremias que está muito próximo de nós psicologicamente, e de Jesus espiritualmente.

Começamos os 4 grandes profetas com Isaías. Quanto a todos os livros proféticos, leia-os apenas depois das minhas explicações.

10.2 Isaías

Isaías é um alto funcionário real. Influenciou grandemente os acontecimentos do seu tempo. Nasceu por volta de 765 a.C. Em 740, aos 25 anos, teve uma visão em que Deus lhe confiou a difícil e corajosa missão de anunciar a ruína de Israel, seguida mais tarde pela de Judá, como castigo pelas múltiplas infidelidades dos judeus.

No capítulo 6, Isaías relata a sua visão na qual Deus pergunta: «A quem enviarei? Quem será o nosso mensageiro? E Isaías responde sem hesitação e com coragem:»Aqui estou eu, envia-me«. Era certamente necessário ser forte de carácter para aceitar a difícil e perigosa tarefa de denunciar os reis e as pessoas poderosas na corte real. Jeremias, tal como Moisés, começou por declinar a oferta de Deus (Jeremias 1,6). Não é um fardo leve e agradável repreender os poderosos, mesmo da parte de Deus; nunca é feito sem uma perseguição muitas vezes insuportável. A coragem de Isaías é admirável.

Leia já este sexto capítulo; Deus anuncia aos judeus a deportação:»As suas cidades serão devastadas e desabitadas, as suas casas sem ninguém.... Yahweh está a expulsar o povo; um grande vazio será criado na terra«e haverá apenas um»toco, uma semente santa«; este toco é o»pequeno remanescente«de que falei, e que Deus salva para continuar o seu plano messiânico.

Em mais de uma ocasião Isaías prevê o exílio:»O meu povo será deportado por falta de compreensão«(Isaías 5,13), mas um remanescente permanecerá para continuar a missão:»Aqueles que **permanecerem de** Sião e sobreviverem de Jerusalém serão chamados de santos«(Isaías 4,3). Este tema do **»pequeno remanescente**«foi revelado pela primeira vez pelo profeta Amós que teve uma grande influência espiritual sobre Isaías (Amós 3:11-12 / 5:15). Amós foi pouco antes de Isaías. Ele era velho e já profetizava há quase 40 anos quando Isaías iniciou a sua missão.

Para além da deportação, as profecias mais importantes de Isaías dizem respeito ao Messias. Deixem-me apontar os mais importantes:

10.2.1 »Emmanuel«(Isaías 7:14)

Isaías disse ao rei Acaz que queria um filho:»O próprio Senhor dar-vos-á um sinal: a virgem (*«almah» em hebraico*) está grávida e terá um filho a quem chamará Emmanuel«. Este nome significa:»Deus connosco«. É um»sinal«que Deus dará em seu nome (Isaías 7,14).

Para compreender esta profecia, é necessário conhecer o contexto histórico em que foi proclamada. Voltar ao capítulo 16 de 2 Reis. Trata-se do rei Acaz, a quem Isaías se dirige. Nessa altura, Peca (chamado»filho de Remalias«em Isaías 7,9) era rei de Israel e Raimão era rei da Síria (Arão: Isaías 7,1). O rei da Assíria (Teglat Phalassar, chamado»Pul«: 2 Reis 15,19) ameaçou toda a região. Raçon e Pekah queriam levar Ahaz com eles contra Pul, mas ele recusou. Ele ofereceu o seu único filho, o herdeiro ao trono, como sacrifício aos ídolos (2 Reis 16:3) para afastar a maldição. Assim, não tinha herdeiro e a sucessão dinástica foi ameaçada.

Raçon e Pekah decidiram invadir a Judeia para destronar Acaz e colocar no trono da Judeia um rei (»o filho de Tabeel«ver Isaías 7,6) que se aliaria a eles contra Pul (Isaías 7,1-2). Ahaz tinha medo:»Os corações do rei e do povo começaram a bater...«(Isaías 7:2). Mas Deus enviou Isaías a Acaz para o acalmar, assegurando-lhe que os»dois pedaços de marcas de fogo fumegantes«(Isaías 7:4), Raçon e Peqah, não teriam sucesso no seu empreendimento contra a Judeia porque»a capital de Arão é Damasco, o governante de Damasco é Raçon«; a capital de Efraim (*Norte*) é Samaria, e o governante de Samaria é o filho de Remalias (*Pekah*)» (Isaías 7:8-9), implicando que a capital da Judeia é Jerusalém, e o governante de Jerusalém é Acaz. Deus aproveita novamente a oportunidade para revelar o esmagamento muito próximo de Samaria: «Seis ou *mesmo* mais cinco anos e Efraim deixará de ser um povo» (Isaías 7:8).

Ahaz está esmagado pelos acontecimentos e pela perda do seu único filho que ele próprio tinha sacrificado. Mas as profecias tinham predito que o «Filho de David», o esperado Messias, se sentaria para sempre no trono de David. Isaías também confirmou isto: «Do stock de Jesse (*o pai de David*) vem uma semente (*o Messias*)...». Sobre ele repousa o Espírito de Yahweh...«(Isaías 11:1-2). (Isaías 11,1-2). Portanto, não há nada a temer pelo trono, porque»o próprio Senhor dará um sinal: Eis que o almah está grávida e dará à luz um filho, Emanuel«(Isaías 7,14). A gravidez da jovem rainha foi um sinal divino dado a Ahaz por duas razões:

- Ahaz não sabia que a sua mulher estava grávida

- Ele não sabia que a criança era um rapaz. Este filho não foi dado por Deus para agradar a Ahaz, que era mais ímpio do que outros reis, mas para cumprir os propósitos messiânicos de Deus.

O rei Ezequias sucedeu ao seu pai Ahaz. Era um reformador e fez»o que é agradável ao Senhor«ao remover os ídolos e mesmo a serpente de bronze de Moisés (2 Reis 18:1-4). Mas ele não era aquele»Emanuel«que iria reunir Judá e Israel, devolver os exilados judeus da Assíria para»**pilhar** as crianças do Oriente...«e estabelecer, em suma, o império sionista ilusório **através da pilhagem**... (Isaías 11:10-16).

Só oito séculos depois é que a profecia de Emanuel foi cumprida. Foi então que foi compreendido por aqueles que têm olhos para ver e uma inteligência capaz de compreender os planos de Deus. Mateus revela que foi com Jesus que esta profecia foi cumprida:

»Tudo isto veio para cumprir a palavra profética do Senhor: 'Eis que a Virgem (*Almah*) conceberá e dará à luz um filho, e o seu nome será chamado Emanuel'«(Mateus 1,22-23).

Deus queria que o seu Messias nascesse da Virgem Maria, o»Almah«por excelência de quem Isaías falou. Assim, é apenas com o seu cumprimento que uma profecia, em geral, é entendida. É portanto necessário estar alerta e atento, flexível e disposto a compreender as intenções de Deus, sem insistir nos nossos pontos de vista - como fizeram os judeus quando recusaram Jesus - mas nos de Deus.

Devemos lembrar que o nome»Emmanuel«é simbólico, uma vez que significa»Deus connosco«, como explica Mateus. O Messias não devia, portanto, ser necessariamente chamado assim, como muitos judeus o entenderam, mas sim»Deus connosco«, Deus que vive entre nós corpóreos na terra. Este facto é confirmado por outros nomes simbólicos que Isaías dá ao Messias:»Ele é chamado: Conselheiro Maravilhoso, **Deus Forte, Pai Eterno**, Príncipe da Paz«(Isaías 9:5). Estes nomes revelam a identidade divina do Messias. Pois Deus diz através de Ezequiel:»**Eu mesmo** cuidarei do meu rebanho...«(Ezequiel 34:11).

Isaías inconscientemente sentiu a necessidade da encarnação divina; dirigindo-se a Deus, exclamou:»Oh, se vós rasgardes os céus e descerdes! (Isaías 63,19).

10.2.2 O Messias é Galileu

Isaías vê «uma grande luz a brilhar dos países de Zebulom e Naftali», tribos do norte da Palestina na Galileia, onde Jesus viveu (Isaías 8,23-9,6). Fazendo fronteira com o Líbano, que na altura era pagão, os habitantes daquela região eram desprezados pelos judeus que os consideravam contaminados pelos seus vizinhos pagãos: «Pode alguma coisa de bom vir de Nazaré (na Galileia)», disse Natanael a Filipe (João 1:45-46). E quando os fariseus viram Nicodemos a defender Jesus, disseram-lhe: «Estuda! Vereis que da Galileia não surge nenhum profeta» (João 7,52).

Se os próprios fariseus tivessem estudado bem as profecias, teriam compreendido que, ao contrário do que eles pensavam, o Messias, o mais importante dos profetas, iria surgir precisamente da Galileia. Isaías diz, de facto:

«No passado Ele (*Deus*) humilhou a terra de Zebulom e a terra de Naftali (*Galileia*), mas **no futuro** Ele glorificará o caminho do mar para além do Jordão, o distrito das nações (*dos gentios*). O povo que andava na escuridão viu uma **grande** luz, nos habitantes da terra escura (*Galileia*) uma luz (*o Messias*) brilhou. Porque uma criança nos nasceu, foi-nos dado um filho (*Emmanuel, o Filho do Almah-Virgem*), ele recebeu o império sobre os seus ombros. O seu nome é-lhe dado: 'Conselheiro Maravilhoso, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz'».. (Isaías 8:23-9:5).

Mateus refere-se no seu evangelho a esta profecia de Isaías (Mateus 4,12-16)

Humilhada pelo invasor assírio, a Galileia foi então glorificada por Jesus que viveu e trabalhou em Nazaré (Zebulom) e pregou em Cafarnaum (Nephthali).

10.2.3 O Messias será perseguido e levado à morte pelos judeus.

Isaías tinha previsto que o Messias seria rejeitado pelo seu povo, que seria sujeito a um sofrimento terrível e entregue à morte. Mas ele também previu a sua ressurreição porque **«após** as provações da sua alma, ele verá a luz e será cumprido. Através dos seus sofrimentos, o meu Servo (*o Messias é o»Servo«de Deus*) justificará as multidões, sobrecarregando-se com os seus defeitos» (Isaías 53,11). A luz que este servo fiel verá é a da ressurreição após a morte.

Relato os versos principais do capítulo 53 de Isaías que fala deste bom Servo, explicando-os em itálico entre parênteses:

«Quem acreditaria no que ouvimos (*Isaías 53:1: quem teria acreditado que o Messias há muito esperado será um pobre e rejeitado anti-sionista*) ... Sem beleza ou brilho o temos visto e sem uma aparência agradável (*Isaías 53:2: Ele vem de uma sociedade pobre e modesta, sem roupas pomposas ou glória humana*)... Objecto de desprezo e escumalha da humanidade homem de tristezas e sofrimento conhecido... Ele foi desprezado e desacreditado (*pelos próprios judeus, o seu povo!*). Mas foi o nosso sofrimento que ele suportou... E nós (*judeus*) consideramo-lo castigado, golpeado por Deus e humilhado. Foi trespassado por causa dos nossos pecados (*a crucificação*). Ele foi cortado da terra dos vivos pelos nossos pecados, foi espancado até à morte.

Se ele oferecer a sua vida em expiação verá uma posteridade... Depois das provas da sua alma, ele verá a luz (*Ressurreição*)».

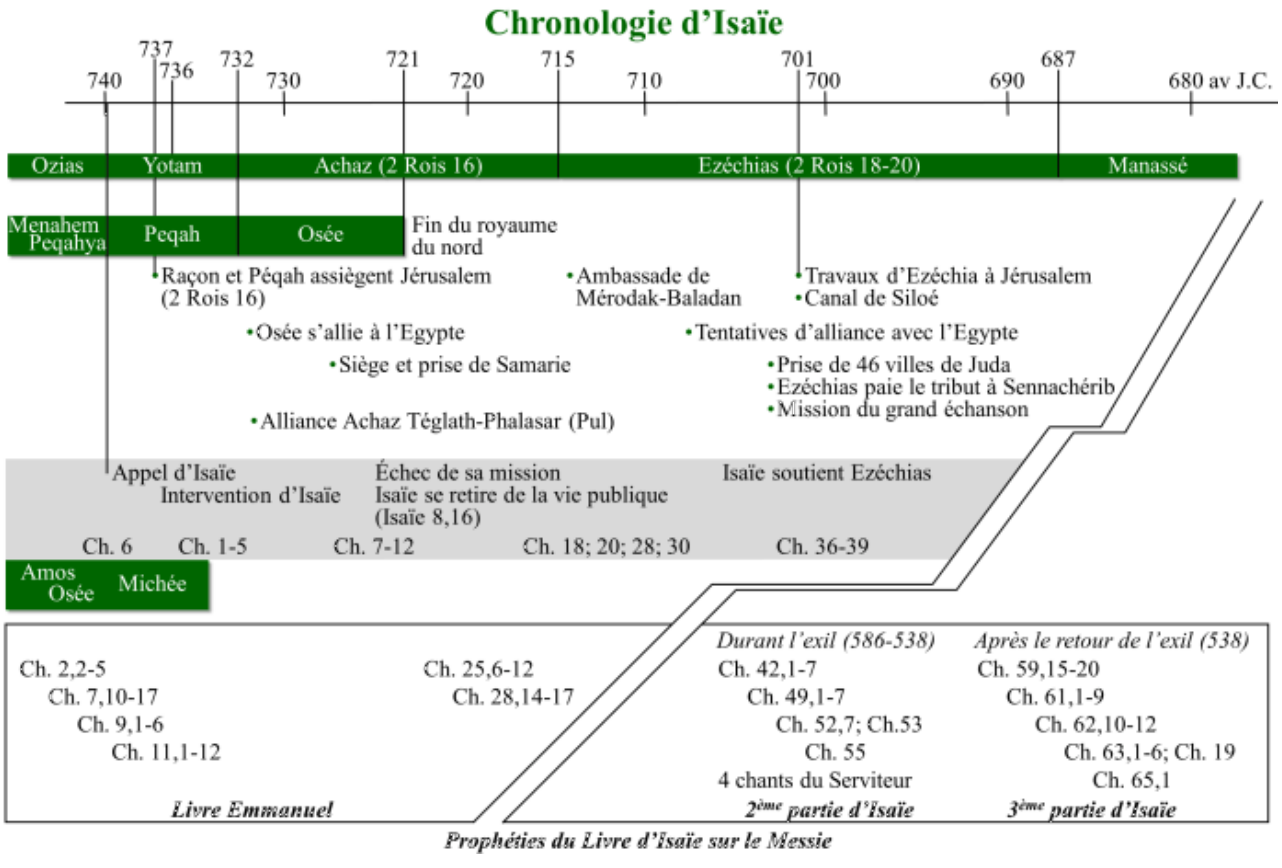
Leia já este capítulo. Ninguém escreveu um capítulo mais belo e verdadeiro, mesmo depois da vinda de Jesus, que cumpriu todas estas profecias. Quando caminhava com os discípulos de Emaús (Lucas 24,25-27) Jesus disse-lhes: «Não era necessário que Cristo suportasse todos estes sofrimentos? Ele explicou-lhes tudo sobre Ele nas Escrituras». O capítulo 53 de Isaías (assim como o Salmo 22) fez parte das suas explicações. Interroga-se como é que alguns judeus ainda não compreendem! A resposta é que estão cegos pela mentalidade sionista: ganância pelo poder e posse.

10.2.4 A «Consolação» de Israel

Os últimos 26 capítulos de Isaías destinam-se a consolar os judeus com o anúncio da salvação. Esta salvação foi mal compreendida sendo interpretada como o regresso à Palestina e a restauração «nacional judaica». Mas Deus falou da salvação **espiritual** trazida por Jesus para **todos os homens**, mas rejeitada por muitos judeus. Estes capítulos são conhecidos como «O Livro do Consolo» porque começam por: «Conforto, conforto o meu povo.... Grita a Ele que o Seu serviço está terminado, que o Seu pecado é expiado (*pelo futuro envio do Messias*)... Uma voz grita: Preparar um caminho para o Senhor no deserto... e assim por diante» (Isaías 40:1-4). Estes versículos foram aplicados pelo Evangelho a João Baptista que veio para preparar o caminho para o Messias no deserto das almas adormecidas (Mateus 3:3).

Alguns pensam que estes capítulos de consolação não foram escritos pelo próprio Isaías mas pelos seus discípulos **após** o regresso do exílio.

O fim de Isaías é desconhecido. Segundo a tradição judaica, foi morto, serrado ao meio, sob o rei Manassés, que «fez o que desagradou ao Senhor... e também derramou tanto sangue inocente que inundou Jerusalém...» (2 Reis 21:16).



Chronologie d'Isaïe

10.3 Jeremiah - O Lamento - Baruch

10.3.1 Jérémie

Jeremias é de uma família sacerdotal que vive na periferia de Jerusalém, em Anatoth (Jeremias 1:1). Ele profetizou em Jerusalém desde o 13º ano de Josias (626 a.C.) «até ao 11º ano de Zedequias» (Jeremias 1:3), que é o ano da deportação (2 Reis 25:2). Por conseguinte, experimentou pessoalmente o drama da deportação da sua preparação e tinha-o previsto.

A queda de Nínive (612 a.C.) e as reformas de Josias deram alguma esperança de salvação, mas o desespero surpreendeu os israelitas com a derrota dramática de Megiddo (609 a.C.) e a ascensão das ameaças babilónicas.

Jeremias era o filho do sumo sacerdote Hilkiah (Jeremias 1:1). Foi chamado por Deus quando era muito jovem: «As palavras do Senhor vieram até mim: 'Antes de te formar no ventre, conheci-te ... como profeta das **nações** que te estabeleci'. E eu disse: 'Ah, Senhor Javé, eu não posso falar: sou uma criança'» (Jeremias 1:5-6). Mas, apesar da sua juventude, Deus insistiu: «Não digas: 'Eu sou uma criança, pois estou contigo para te proteger...» (Jeremias 1,5-6). Ponho as minhas palavras na tua boca... Eu vos pus **sobre as nações** e sobre os reinos, para arrancar e derrubar, para cortar e destruir, para construir e para plantar«(Jeremias 1:6-10). Antes de construir, Deus deve destruir o que os homens construíram sem a sua confissão.

Note-se que Jeremias é escolhido como profeta»das nações«, não apenas dos israelitas; ele é portanto universal:»sobre **as** nações e os reinos«Ele deve»destruir e destruir«, e depois»construir e plantar«. A sua missão é semelhante à do profeta do Apocalipse que deve»profetizar contra muitos povos, nações, línguas e reis«(Apocalipse 10:11).

Jeremias tem a difícil missão de anunciar a invasão babilónica do Norte, a destruição do Templo de Salomão, e a deportação seguida do seu regresso após 70 anos de exílio:»E no Norte há um grande mal na terra contra todos os habitantes daquela terra...«(Apocalipse 10,11). (Jeremias 1:14)... Trarei sobre vós uma nação invencível. Devorará os vossos filhos e as vossas filhas... derrubará as vossas cidades fortificadas» (Jeremias 5,13-17). Pois assim diz Javé: «Só depois de 70 anos de Babilónia vos trarei de volta» (Jeremias 29,4-10).

Por outro lado, os falsos profetas contradiziam Jeremias: «Nenhum mal nos acontecerá, nem veremos espada nem fome...» (Jeremias 5:12). (Jeremias 5,12). Isto deu ao povo falsas esperanças e eles preferiram ouvir os sacerdotes e os chamados profetas que profetizavam a paz e a segurança em vez de Jeremias que profetizava a verdade amarga. Deus interveio sempre para pedir a Jeremias que proclamasse: «Coisas abomináveis estão a acontecer nesta terra: os profetas profetizam em nome da falsidade, os sacerdotes ensinam por sua própria vontade. E o meu povo adora-o! Mas o que farás quando o fim chegar?»! (Jeremias 5:30-31).

Deus repreendeu constantemente os líderes leigos e religiosos, e Jeremias transmitiu sempre corajosamente a mensagem: «Os sacerdotes não disseram: 'Onde está Deus? Os intérpretes da Torah não Me conheceram (*interpretaram mal as palavras de Deus, compreendendo-as segundo o espírito político, um espírito condenado por Deus*). Os pastores (*reis*) rebelaram-se contra Mim (*fazendo»o que é desagradável ao SENHOR«*), os profetas (*que se dizem profetas*) profetizaram em nome de Baal» (Jeremias 2,8).

Jeremias ainda denuncia os maus intérpretes, escribas e padres judeus, porque fazem Deus dizer na Torá o que Ele não quer dizer. É por isso que ele chama à pena dos escribas uma «calamidade mentirosa» que transformou a Torá numa mentira para servir os seus interesses (Jeremias 8,8), prescrevendo sacrifícios de animais e adoração que **Deus nunca pediu**: «**Nada disse** aos vossos pais quando os tirei da terra do Egipto a respeito do holocausto e do sacrifício, nem lhes ordenei que o fizessem» (Jeremias 8,8). Mas este é o mandamento que lhes ordenei, dizendo: Ouçam a Minha Voz... (Jeremias 7:22-23)... Como se pode dizer: 'Somos sábios,

e temos a Torá, a Lei do Senhor'? na verdade, a caneta dos escribas transformou-a numa **mentira**...«(Jeremias 8:8).

É de notar que Jeremias, sendo de uma família sacerdotal e filho do sumo sacerdote Hilkiah, estava bem colocado para saber que os escribas tinham manipulado o texto da Torá em seu próprio benefício»com a sua caneta falsa«(Jeremias 8:8). Pois foi este mesmo Hilkiah, o seu pai, que encontrou o texto da Torá no Templo (2 Reis 22,8). Ele teve de dizer ao seu filho Jeremias, que soube que os escribas e os padres tinham alterado os textos para se adequarem à sua conveniência. Jesus não deixou de denunciar»os escribas e os fariseus como hipócritas«(Mateus 23).

Como Jesus com o Segundo Templo, Jeremias profetizou a destruição do Primeiro Templo:»Será este Templo, que se chama pelo meu nome, um antro de ladrões? Farei a este Templo como fiz a Shiloh«(*Jeremias 7,11-14*), (*Shiloh é a cidade onde estava o primeiro santuário, que foi destruído pelos filisteus, os palestinianos daquela época: 1 Samuel 4,17-18*).

Os israelitas não queriam acreditar em Jeremias mesmo depois da invasão e deportação de Nabucodonosor. De facto, Nabucodonosor previu que o exílio seria longo: 70 anos (Jeremias 25:11). O profeta Hananias contradiz-o:»Assim diz o Senhor: Quebrei o jugo do rei da Babilónia! Mais dois anos e trarei de volta os vasos do Templo com todos os prisioneiros de Judá que foram para a Babilónia...«(Jeremias 28:1-4). Então Jeremias enviou aos exilados uma carta recomendando-lhes que se organizassem na Babilónia, que»construíssem casas e habitassem lá... para receberem esposas e terem filhos... para procurarem o **bem da** terra para onde são deportados, e para **rezarem a Deus por isso**«. Pois assim diz Javé:»Só após 70 anos concedidos à Babilónia é que vos trarei de volta«(Jeremias 29,4-10). Foi uma aberração para muitos judeus»rezar«**pelos** babilónios, seus inimigos. Eles viram em Jeremias um traidor e perseguiram-no. Compare com Jesus que pediu aos judeus que»amassem e rezassem pelos seus inimigos«(Lc 6,27).

Reconhecemos o verdadeiro profeta do falso quando as profecias são cumpridas. Jeremias, como todos os verdadeiros profetas, sabia que Deus falava com ele e o enviava. Os falsos profetas são culpados porque usam falsamente o Nome de Deus. Por isso Jeremias advertiu contra aqueles mentirosos que afirmam falar em nome de Deus:»Não vos deixeis enganar pelos profetas... não escuteis os seus sonhos, os frutos dos seus devaneios...«. Eu não os enviei, diz o Senhor» (Jeremias 29:8-9).

Esta atitude firme de Jeremias causou a sua perseguição: ele foi «espancado e algemado» (Jeremias 20:1-2) por Pasheshur, chefe da polícia do Templo.

A crescente animosidade quase desmoralizou o profeta: «Ouvi a maldade de muitos...» (Jeremias 20:1-2). Ouvi a maldade de muitos...«(Jeremias 20:1-2). Todos os meus amigos estavam de olho na minha queda... Maldito seja o dia em que eu nasci».. (Jeremias 20:10-15). (Jeremias 20,10-15). Deus revelou-lhe que até a sua própria família se tinha posicionado contra ele: «Sim, até os teus irmãos e a tua família são falsos para ti. Eles próprios o criticam com uma voz alta por trás. Não confie neles quando lhe disserem boas palavras» (Jeremias 12:6).

A missão de Jeremias pesava fortemente nos seus ombros: «Ai de mim, minha mãe, porque me deste à luz um homem de contenda e discórdia por toda a terra» (Jeremias 15,10). Desanimado, quase desistiu do seu pesado fardo: «A palavra de Javé tem sido para mim uma contínua reprovação e zombaria» (Jeremias 15,10). Eu disse a mim mesmo: 'Não pensarei mais nele, não falarei mais em seu nome'«(Jeremias 20,8-9). E Jeremias permaneceu em silêncio. Mas Deus não larga os seus profetas, queima-os no fundo dos seus corações com o seu amor insistente e obtém deles o testemunho que quer. Jeremias admite que o seu silêncio era como um fogo que queimava as suas entranhas:»...então estava no meu coração como um fogo devorador.... Não consegui suportar«(Jeremias 20:9). O profeta finalmente cedeu ao amor de Deus, um amor

poderoso e intoxicante, e, retomando a sua missão por amor de Deus, disse:»Enganaste-me, ó Senhor, e eu fui enganado; superaste-me; foste o mais forte«(Jeremias 20,7). Esta bela atitude de amor profundo contrasta com a de Jacob,»Israel«, que afirma superar Deus.... (Génesis 32:25-33). A grandeza do homem, a sua maior vitória, é deixar-se vencer por Deus.

O sofrimento interior e intenso purificou a alma de Jeremias.»Seduzido«por Deus, ele assumiu a sua missão até ao fim. Felizmente para nós, porque ele profetizou a»Nova Aliança«que Jesus iria encontrar:»Estão a chegar os dias, diz o Senhor, em que farei uma nova aliança com Israel e Judá. **Não como o pacto** que fiz com os pais deles. **Eles** quebraram este pacto. Mas este é o pacto que farei: porei a minha lei dentro deles, e escrevê-la-ei nos seus **corações**«.. (Jeremias 31:31-34). Leia este texto e medite sobre ele, comparando-o com as palavras de Jesus:»O reino de Deus está **dentro de vós**«(Lucas 17,21). Foi ao preço do seu sacrifício que Jesus fundou este Novo Pacto:»Este cálice«, disse ele aos seus Apóstolos,»é o **Novo Pacto** no meu sangue, que será derramado por vós«. (Lucas 22:20).

Note-se que Jeremias, falando deste Novo Pacto, não menciona a»Terra Prometida«, mas sim a vida interior, Deus escrevendo as suas palavras no **coração dos** crentes e não teremos mais»que nos ensinar uns aos outros, dizendo uns aos outros: 'Conhecei a Deus', mas todos me conhecerão, desde o menor ao maior...«(Lc 22,20) (Jeremias 31:34). Isto significa que os crentes já não terão de **insistir** naqueles que não acreditam em difundir o conhecimento de Deus, uma vez que este conhecimento já está difundido por todo o mundo, tal como acontece actualmente. Quem tiver sede dele, encontrá-lo-á, e quem não o desejar, negligenciá-lo-á:»Que o homem impuro se contamine novamente, e que o justo se santifique novamente«, diz Apocalipse (Apocalipse 22,11). Cada um é livre de escolher o seu caminho entre os prazeres temporais temporários e as alegrias permanentes da eternidade.

Deus pediu a Jeremias que escrevesse as suas profecias e as enviasse ao rei Joiaqim. Depois»Jeremias chamou Baruque que, sob o seu ditado, escreveu num pergaminho todas as palavras que Javé tinha dito ao profeta«(Jeremias 36,1-4). O rei permaneceu incrédulo e queimou o pergaminho (Jeremias 36,23). Jeremias teve de ditar as suas profecias uma segunda vez a Baruque, acrescentando»muitas dessas palavras«(Jeremias 36,32). É sobre este Baruch que falaremos mais tarde.

Jeremias tinha aconselhado os judeus a não resistir às tropas de Nabucodonosor, mas a ir ou sair de Jerusalém:»Quem ficar nesta cidade morrerá pela espada, pela fome e pela peste, mas quem sair e se render aos caldeus (*babilónios*), os seus atacantes, viverá, e a sua vida será o seu espólio«(Jeremias 21:8-9). (Jeremias 21:8-9). Algumas pessoas de alto nível ressentiram-se dele por ter falado desta maneira (Jeremias 38:1-3) e queriam matá-lo. Insistiram ao rei Zedequias:»Este homem merece a morte: pois desencoraja os combatentes que permaneceram nesta cidade e todo o povo, dizendo-lhes tais coisas. O rei Zedequias respondeu: «Eis que ele está nas vossas mãos...». Então eles levaram Jeremias e lançaram-no na cisterna... e Jeremias afundou-se na lama«(Jeremias 38,4-6). Leia este capítulo 38 e o que se lhe segue para saber como o rei salvou o profeta de uma morte horrível e certa, e como Nabucodonosor o tirou então da prisão, tratando-o melhor do que os chamados judeus piedosos tinham feito.

A situação dramática vivida pelos israelitas suscita a esperança de salvação messiânica. Jeremias proclama a libertação através da vinda do Messias no futuro. Mas este Messias ainda é concebido como um rei político que»restaurará«a nação (Jeremias 30:18). Agora a restauração **segundo Deus** é espiritual; foi iniciada por Jesus para ser concluída no fim dos tempos com a queda definitiva do actual Estado de Israel (Actos 3,21). Encontrará em Jeremias 23:5-6 e Jeremias 30:8-9 duas profecias messiânicas.

Jeremias foi levado à força para o Egipto por um grupo de israelitas que fugiram do país apesar das urgentes injunções de Jeremias de Deus para que permanecessem em Jerusalém.

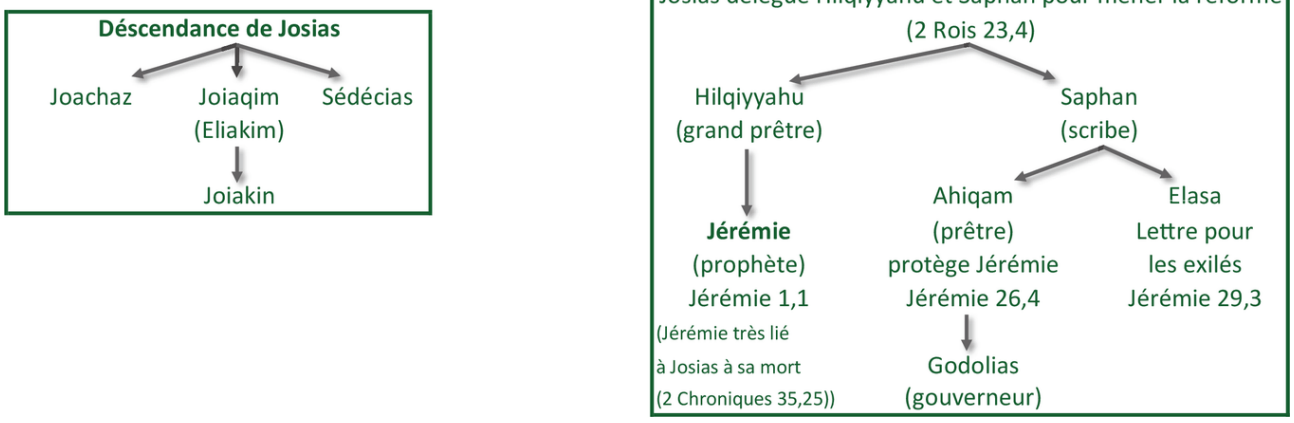
Não sabemos nada de Jeremias depois disso. É provável que tenha terminado os seus dias no Egipto. Ler os capítulos 42 e 43 que falam deste evento, profetizando a invasão babilónica contra o Egipto, e depois iniciar a seguinte leitura do livro de Jeremias.

Note-se que Jeremiah era de uma família sacerdotal. O seu pai,»Hilkiah«, foi o sumo sacerdote que encontrou o»Livro da Lei«(Torah) no Templo. Foi com base neste livro que o rei Josias empreendeu as reformas religiosas. Os escribas e padres acrescentaram cláusulas ao texto deste livro que lhes convinha. Jeremias, sendo o filho do sumo sacerdote, tomou consciência disto e revelou esta infâmia em Jeremias 7:22 e 8:8. Cabe-nos a nós aprender com isso!

10.3.2 O Livro das Lamentações

Estes lamentos, ou»Jeremias«, foram compostos após a ruína de Jerusalém e a queima do Templo. Jeremias pode ter composto alguns dos versos, mas há provavelmente mais do que um autor. Todos eles choram e fazem versos funerários para expressar o seu luto após a derrota de Jerusalém. Leia com este espírito:»Porquê, a cidade fica à distância, tão cheia! Ela tornou-se como uma viúva, a grande entre as nações! Princesa entre as províncias, ela é reduzida a uma drudgery«(Lamentações 1,1). Ver 2 Crónicas 35,25 sobre a lamentação composta por Jeremias após a morte do rei Josias em Megiddo.

Le prohète Jérémie



Histoire		Vie de Jérémie	
640	Josias		
630	Prophète Sophonie		
627	Vocation de Jérémie	Ch 1	Vocation de Jérémie
		Ch 2-6	Avant les réformes de Josias
622	Découverte du "livre de la Loi" (2 Rois 23,25)		
	Réforme religieuse	Ch 30-31	Livre de la consolation, nouvelle alliance 31,31
612	Prophète Nahum		
609	Meggido		
609	**Joachaz** (Eliakim 3 months)	Ch 11	Alliance rompue
	Retour du paganisme	Ch 7-9	Contre le Temple
609	**Joiaqim**	Ch 26	Arrestation de Jérémie
		Ch 14-15	Sécheresse rejet de Juda
605	Karkemish	Ch 19-20	Cruche brisée et Pashehur, Jérémie au carcan
	Prophétie des 70 ans d'exil (Jérémie 25)	Ch 25	Prophétie des 70 ans
		Ch 36	Rouleau déchiré
	Joiaqim vassal durant 3 ans (2 Rois 24,1)		
600	Révolte de Joiaqim		
	Prophète Habaquq		
598	**Joiakin** (3 mois)	Ch 13	Menace à Joiakin et exil
1ère DÉPORTATION			
597	**Sédécias**	Ch 27	Porter le joug de Babylone
	Prophète Ezéchiel	Ch 28	Faux prophète Hananya
		Ch 29	Lettre aux exilés
589-588	Révolte de Sédécias		
	Siège de Jérusalem	Ch 21-22	Réponse à Sédécias sur le siège de Jérusalem
		Ch 34	Sort de Sédécias
		Ch 37-38	Interruption du siège 588, Jérémie dans la citerne
		Ch 32-33	Reprise du siège, promesses de restauration
586	Prise de Jérusalem	Ch 39-40,6	Histoire de Jérémie à la chute de Jérusalem
2nde DÉPORTATION			
586	Godolias	Ch 40,7-45	Godolias jusqu'à la fin de Jérémie

O Profeta Jeremias

10.3.3 Apêndice ao estudo de Jeremias

Os 5 reis nos dias de Jeremias (Jeremias 1,2)

(2 Reis 22 a 26 e 2 Crónicas 34 a 36)

1. **Josias 640-609** (Grandes Reformas Religiosas + Livro da Lei encontrado)

Em 609 Neko subiu para ajudar os assírios contra os babilónios; Josias tentou impedir os egípcios de se juntarem aos assírios. Ele desejava a ruína final da Assíria, que ainda ocupava parte do norte de Israel. A sua derrota beneficiou assim o reino de Judá. Mas Neko destruiu Josias em Megiddo em 609 a.C., depois continuou para Karkemish onde foi derrotado por Nabucodonosor em 605 a.C. (2 Reis 23:29 e 2 Crónicas 35:20-25). Isto pôs um fim ao império assírio.

2. **Joachaz 609**

Ele permaneceu no trono durante três meses após a morte de Josias. Após o fracasso da Assíria em Karkemish, Neko, de regresso ao Egipto, apreendeu a Síria e a Palestina. Detronou Jehoahaz e levou-o com ele como prisioneiro para o Egipto. Ele estabeleceu o seu irmão Jehoiakim como rei no seu lugar, impondo um tributo à Judeia (2 Reis 23:31-35 e 2 Crónicas 36:1-4). Jeremias refere-se amargamente à partida de Jeoacaz para o Egipto:»Não chores por aquele que está morto (*Josias*); chora amargamente por aquele (*Jeoacaz*) que se foi (*para o Egipto*), porque não voltará, não verá a terra do seu nascimento...mas onde o fizeram prisioneiro, morrerá...«(2 Reis 23:31-35 e 2 Crónicas 36:1-4) (Jeremias 22,10-12).

3. **Joiaquim 609-598**

Jehoiaquim, no seu quarto ano de reinado (605 AC), ou seja 4 anos após Meggido, vendo a força de Nabucodonosor, submeteu-se a ele (Jeremias 36,1 ver a nota na Bíblia de Jerusalém). Sentiu-se seguro, protegido da ira do faraó. Joiaqim, feliz por se sentir seguro, quis matar Jeremiah depois de o ouvir prever o mal contra o seu país. Ele rasgou o pergaminho que Jeremias tinha escrito a Baruch. Deu a ordem de prender os dois. Mas Jeremias foi protegido por Ahiqam, filho de Sapphan (Jeremias 26 e 36). Sapphan estava próximo da corte real sob Josias e tinha ajudado o rei nas reformas (2 Reis 22:3-12). Como Jeremias era de uma família sacerdotal, Sapphan conhecia-o bem, daí a sua ajuda ao profeta (Jeremias 26,24). Sapphan é também o avô de Gedaliah, filho de Ahikam (2 Reis 25:22), que também ajudou Jeremias (Jeremias 40:5-6). (Saphan pai de Ahiqam pai de Gedaliah, todos amigos e protectores de Jeremias).

4. **Joiakin 598**

Primeira deportação: o rei e toda a sua corte real e todas as pessoas de boas condições (2 Reis 24:15). Nabucodonosor estabelece o seu tio Zedequias como rei no seu lugar (2 Reis 24:17 e 2 Crónicas 36:9-10).

5. **Zedekiah 598-586**

Zedequias revoltou-se contra Nabucodonosor (2 Reis 24:20). Esta última investiu assim Jerusalém (2 Reis 25,2). Querendo fugir, Nabucodonosor mandou prendê-lo, deportar e julgá-lo. Os babilónios entraram em Jerusalém, destruíram o Templo e deportaram o resto dos judeus, deixando os camponeses para cultivar a terra. Eles estabeleceram Godolias como governador (2 Reis 25 e 2 Crónicas 36:11-21).

10.3.4 Baruch

O livro de Baruch está ausente da Bíblia hebraica. Foi escrito por Baruch na Babilónia após a deportação:»Estas são as palavras que Baruch escreveu na Babilónia«(Baruch 1:1). Foram lidos nas assembleias deportadas»perante Jekonias rei de Judá (*exílio*) e perante todo o povo que veio para esta leitura perante os dignitários ... perante todos os habitantes da Babilónia«(Baruch 1,3-4).

Neste livro podemos ver a grande impressão que a mensagem de Jeremias causou, uma impressão que durou muito tempo na consciência judaica (2 Macabeus 2,1-7 & 15,14 / Mateus 16,14). O próprio Baruch só tem interesse porque repete e recorda as palavras ardentes do seu mestre, palavras que foram rejeitadas pelos judeus:»Enviaste sobre nós a tua ira e a tua ira,

como proclamaste através do ministério dos teus servos, os profetas, dizendo: 'Abaixa o teu pescoço e serve o rei da Babilónia'... Mas nós não ouvimos o teu convite para servir o rei da Babilónia«(Baruch 2,20-24).

Baruch recorda o novo convénio previsto por Jeremias para encorajar os exilados:»Mas na terra do seu exílio **voltarão para si mesmos** e saberão que eu sou o Senhor seu Deus... Então os trarei de volta à terra que jurei ao seu pai Abraão... Por eles farei um **pacto eterno**... e não expulsarei mais o meu povo Israel da terra que lhe dei«(Baruch 2:30-35). Esta»terra«é a Vida Eterna, celestial e não geográfica.

O pacto **eterno** em questão é aquele já proclamado por Jeremias (Jeremias 31,31) e cumprido por Jesus. Note-se que Baruch já tinha compreendido a dimensão interior e espiritual deste pacto:»Eles voltarão a **si próprios**«. Mas ele ainda acreditava na terra prometida como uma realidade geográfica,»a terra prometida a Abraão...«, e previu o regresso a essa terra (Palestina), profetizando que Deus»não **mais** afastará o seu povo da terra que lhe deu«(Baruc 2,35). No entanto, os judeus foram novamente exilados por Titus em 70 d.C. e espalhados por todo o mundo. É evidente, portanto, que a intenção de Deus visava uma estabilidade psicológica e espiritual, e não geográfica, que tem lugar nas **almas dos** crentes,»em si mesmos«.

Os judeus são considerados por Baruch como»os filhos amados da **viúva**«(Baruch 4:16) porque Israel, castigado por Deus, é comparado a uma viúva triste e abandonada. Este tema da»viúva«é frequentemente evocado em assembleias esotéricas (Maçonaria, Rosacruz) e refere-se a Israel.

Lembre-se da expressão»pôr no saco«(Baruch 4:20) que significa estar de luto por causa de situações dramáticas. Encontrar-se-á em Apocalipse sobre as duas testemunhas de Deus perseguidas pelos homens da Besta (Apocalipse 11:3).

Baruch termina o seu livro num tom optimista, recordando o regresso do exílio:»Jerusalém, tira o teu manto de tristeza e miséria... Eis que os vossos filhos que vêm do Oriente e do Ocidente estão reunidos...«(Baruch 5:1-9). O livro termina com a reprodução da carta de Jeremias aos exilados.

Assim, Baruch é uma revisão de Jeremias, um testemunho a seu favor.

10.4 Ezequiel

O profeta Ezequiel foi um sacerdote no exílio da primeira deportação dos judeus para a Babilónia (2 Reis 24:10-17):»No quinto ano do exílio do rei Joaquim (593-592 a.C.), a palavra de Javé chegou ao sacerdote Ezequiel **na terra dos caldeus**«(Ezequiel 1:1-3). O Templo de Salomão ainda não tinha sido destruído quando a sua missão começou. Ezequiel é, portanto, um contemporâneo de Jeremias. Enquanto estava no exílio, Ezequiel teve visões sobre a segunda deportação e a destruição do Templo e de Jerusalém que teve lugar alguns anos mais tarde (em 586 a.C.). Deus pediu-lhe que profetizasse contra os israelitas rebeldes, que proclamasse contra eles este castigo:»Vós, montanhas de Israel... Eis que eu trarei a espada contra vós.... E cairão com golpes no meio de vós...«(Ezequiel 6:1-7), mas com **um remanescente** para continuar o plano messiânico divino:»Mas pouparei alguns de vós que escaparem da espada... então os vossos sobreviventes lembrar-se-ão de Mim«(Ezequiel 6:8-10).

As profecias e visões mais importantes de Ezequiel são:

(Leia-os, à medida que for avançando, depois das minhas explicações).

10.4.1 O fim de Israel

Repare que Ezequiel profetiza»o fim«de Israel:»Assim diz o Senhor DEUS à terra de Israel: 'O **fim** está a chegar aos quatro cantos da terra... O **fim** está perto, o **fim** está perto de **si**... Não terei pena de vós...«diz o Senhor (Ezequiel 7:1-9).

Com Nabucodonosor, em 586 a.C., foi o **primeiro fim de** Israel. Jesus falou também do»fim«de Israel (Mateus 24,3-14). Isto teve lugar em 70 DC, quando Titus queimou o Segundo Templo. A maioria dos israelitas escapou para a diáspora. Este foi o **segundo fim de** Israel. Nos tempos apocalípticos em que vivemos, Israel viverá um **terceiro e último fim** (Mateus 24,14). Esta»Besta«do Apocalipse capítulo 13,»nunca mais será vista«(Apocalipse 18,21).

É este terceiro e último fim de Israel de que Jesus ainda fala nos Evangelhos:

»E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo... E então chegará **o fim**«(Mateus 24,14).

O Evangelho já é proclamado em todo o mundo. O fim do fim de Israel está próximo.

10.4.2 Visão dos 4 Vivos (Ezequiel 1:4-28)

»Vi um vento tempestuoso... No centro, algo como quatro seres vivos (Ezequiel 1:5). Tinham quatro caras cada uma e quatro asas cada uma. **Mãos humanas** apareceram debaixo das suas asas (Ezequiel 1:8)... Tinham o rosto de um **homem**... um leão... um touro... e uma águia... No cofre sobre as suas cabeças havia... um trono sobre o qual, no topo, estava um Ser **de aspecto humano**... Era algo que tinha a aparência da glória de Javé«(Ezequiel 1:26-28).

Esta grande visão, como todas as profecias messiânicas, foi mal compreendida no seu tempo. É uma profecia sobre os Evangelhos que apresentam o Messias, Jesus. Deus prediz o castigo babilónico que cairá sobre Israel do Norte como um vento tempestuoso. Pois o julgamento de Deus desce, inesperadamente, como uma tempestade.»Vigiai e rezai para não serdes surpreendidos«como as virgens tolas, recomenda Jesus (Mateus 24,42 / 25,1-13). Na mesma visão, Deus revela o seu plano de salvação em Jesus para toda a humanidade: os quatro vivos representam os quatro evangelistas. As suas asas são um símbolo da sua elevação espiritual, as mãos debaixo das asas indicam que são escritores, tendo escrito os 4 Evangelhos com as suas mãos. A»Abóbada«é o Céu, o»Trono«é a Sede de Deus para julgar os homens pelos Evangelhos. No topo do Trono está o Messias, tanto homem como Deus, tendo este ser uma»aparência **humana**«, mas tendo também»a aparência da **glória de Yahweh**«.

Podemos compreender hoje que, nesta visão, o Messias foi anunciado por Deus como a sua própria encarnação humana, sendo o próprio Deus o Messias que encarnará para salvar os crentes e julgar os incrédulos:»O Verbo fez-se carne«diz João no seu Evangelho,»vimos a sua **glória, a glória** que ele tem do Pai«(João 1,1-14). Somos capazes de compreender hoje, após a encarnação do Messias-Deus, que esta glória divina vista por Ezequiel estava em Jesus de Nazaré na sua plenitude.

Os quatro animais têm»uma forma humana, e cada um tem quatro faces e quatro asas unidas«. A forma humana indica que eles são homens. Os seus rostos estão virados para as quatro direcções, pois a sua Mensagem destina-se aos quatro cantos da terra. As suas asas estão unidas porque estão unidas umas às outras pela mesma Mensagem, a do Messias.

»Foram cada um diante de si, e foram para onde o Espírito os moveu, e não se voltaram como andavam«(Ezequiel 1,12), pois são movidos pelo mesmo Espírito, o Espírito de Deus que é reto. Eles entregam a sua Mensagem como»o semeador que sai para semear«(Mateus 13:4), sem olhar para trás.»Não olham para trás«, insiste Ezequiel, porque»quem pôs a mão na charrua e olha para trás é impróprio para o Reino de Deus«(Lucas 9,62).

»No meio destes animais apareceram como brasas ardentes, como tochas«(Ezequiel 1,13). Estas brasas e tochas ardentes são os corações dos Apóstolos e dos crentes que, como as brasas ardentes, são incendiadas com amor por Deus e pelo seu Messias e que, como as tochas, iluminam, com o seu brilho, este mundo sombrio.

»O fogo lançou um brilho, e do fogo saíram relâmpagos. Os animais iam e vinham como um raio«(Ezequiel 1:13-14). Jesus disse:»Porque assim como o relâmpago vem do oriente e brilha até ao ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem«(Mateus 24,27).

O Evangelho e a Mensagem do Apocalipse estão espalhados por todo o mundo, através da Internet. Espalha-se num abrir e fechar de olhos, como um relâmpago que vai do Oriente para o Ocidente. E isto através dos Apóstolos dos Últimos Tempos, pequenas brasas com corações ardentes de amor ao Messias e à sua santa Mãe.

No seu Apocalipse, João também vê estes 4 Vivos, sempre»no meio e à volta do Trono«(Apocalipse 4:6), porque, estando no Trono, tomam parte no Julgamento através dos seus Evangelhos.»Ao vencedor dar-lhe-ei para se sentar no Meu trono, assim como eu, depois da Minha vitória, me sentei com o Meu Pai no Seu trono«diz Jesus (Apocalipse 3,21). Não disse Ele aos Seus Apóstolos:»A vós que Me seguistes... Quando o Filho do Homem se sentar no seu trono de glória, também vós vos sentareis em 12 tronos julgando as 12 tribos de Israel«(Mateus 19,28)?

Tal como Ezequiel anuncia com esta visão a primeira vinda do Messias, também o livro do Apocalipse anuncia a segunda vinda do Messias no fim dos tempos, após o fim último do Estado de Israel contemporâneo.

10.4.3 Visão do livro comido (Ezequiel 3:1-15)

»**Coma** este volume... «**Comi-a** e era doce como mel na minha boca,... Depois disse-me: 'Filho do homem, vai à casa de Israel e traz-lhes as minhas palavras... Não tenhas medo deles, pois são uma geração rebelde... quer te ouçam ou não».

Ezequiel é convidado a «**comer**» o livro da sua profecia, ou seja, a assumir a sua missão contra os israelitas: «Não sois enviados a um povo de língua obscura, de língua bárbara... Não sois enviados para **muitos povos**, mas para a casa de Israel», diz Deus ao seu profeta (Ezequiel 3,5-6). A missão de Ezequiel - no seu tempo - limitava-se à «casa de Israel», por isso era específica e não se estendia a «muitos povos».

Esta imagem do livro «comido» é retomada em Apocalipse. No final dos tempos, quando Israel reaparece, os profetas de Deus são «novamente» convidados a «comer um livro» e a testemunhar, não só contra Israel, como foi o caso de Ezequiel, mas também «contra a multidão de povos, e nações, e línguas, e reis» que o apoiam na sua injustiça: «Vai, toma o pequeno livro que está aberto... come-o...» (Ezequiel 2,10). Engoli-o (*o livro*), e era doce como mel na minha boca... mas encheu as minhas entranhas de amargura. Então disseram-me: 'Tendes de profetizar **novamente** contra muitos povos, e nações, e línguas, e reis'«(Apocalipse 10,8-11). Note-se **a amargura da** profecia apocalíptica, inexistente na de Ezequiel, sendo mais dolorosa porque é universal, enfrentando mais obstáculos: a profecia de Ezequiel foi dirigida aos judeus apenas para os informar da primeira vinda de Cristo. Agora, a profecia do Apocalipse, que é mais difícil de suportar, dirige-se aos homens de todo o mundo, para os avisar e preparar para o regresso de Jesus no momento da Sua segunda vinda próxima:»Eis que Ele vem... E todo o homem O verá, e os que O traspassaram (*os judeus*) O verão, e **todas as centenas** da terra chorarão por Ele«(Apocalipse 1:7).

10.4.4 O Novo Pacto (Ezequiel 11:19-20 & 36:25-27)

Também aqui, a profecia do Novo Pacto insiste no coração e no espírito, não na posse de uma terra geográfica:»Dar-lhes-ei um coração, e porei **neles** um novo espírito«. É o Espírito Santo do qual Jesus fala (Lucas 11,13), que os seus **verdadeiros** súbditos recebem (João 14,15-26 / 16,7-15).

10.4.5 Viúva e luto de Ezequiel (Ezequiel 24:15-27)

Deus anuncia a Ezequiel a morte da sua esposa, aquela que é»a alegria dos seus olhos«(Ezequiel 24,16), pedindo-lhe que não a chore:»Não chorarás...«(Ezequiel 24,16). Geme em silêncio, não chores os mortos» (Ezequiel 24:16-17).

Este luto deveria ser o símbolo da destruição do Templo que era para os israelitas «a alegria dos seus olhos» (Ezequiel 24,21). Só após a destruição do Templo começará a missão de Ezequiel, com o cumprimento da sua profecia, ele será melhor ouvido. Então Deus permitir-lhe-á falar e soltará a sua língua: «Não sereis mais mudos» (Ezequiel 24,27), depois de o ter reduzido ao silêncio por causa da impiedade dos judeus: «Sereis mudos e não os advertireis, pois são uma semente rebelde» (Ezequiel 3,26).

A profecia apocalíptica também viveu um longo período de silêncio: «Guardai em segredo as palavras dos sete trovões, e não as escreveis» (Apocalipse 10:4). Este período - que durou 20 séculos - foi seguido pelo tempo da proclamação franca e aberta da mensagem: «Não guardes segredo das palavras proféticas deste livro, pois o Tempo (*do Retorno de Cristo*) está próximo» (Apocalipse 22,10). No Apocalipse, o período de silêncio deveu-se ao facto de as profecias apocalípticas ainda não terem sido cumpridas para serem compreendidas.

10.4.6 Ressurreição (Ezequiel 37:1-28)

Ezequiel vê uma visão de «ossos secos» voltando à vida: «Eis que abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, meu povo, e vos levarei para a terra de Israel» (Ezequiel 37,12). Esta ressurreição é interpretada por alguns como o regresso à vida do actual Estado israelita. Isto é falso. Esse estado será destruído para sempre.

A ressurreição em questão é a da alma, do seu regresso à vida espiritual de que Jesus falou (João 5,24-27). É reservado aos seus discípulos **fiéis**. Isto é o que a Revelação chama «a Primeira Ressurreição» (Apocalipse 20:6). Difere da ressurreição final no final dos tempos, chamada «Segunda Ressurreição», quando o corpo também será ressuscitado e renovado (João 5,28-29).

10.4.7 Gog e Magog (Ezequiel 38-39)

Estes nomes simbolizam os Pagãos da época. Os escolhidos, o «Povo de Deus», triunfarão sobre eles. O livro do Apocalipse explica que Gog e Magog, no século XX, são nada mais nada menos que os israelitas «que invadiram toda a extensão da Palestina» (Apocalipse 20:7-9). O Apocalipse lança uma luz divina que nos ajuda a interpretar correctamente a intenção de Deus na profecia de Ezequiel.

10.4.8 Visão do Templo reconstruído (Ezequiel 40-48)

Cerca de quinze anos após a ruína do Templo, «O 25º ano do nosso cativeiro» (Ezequiel 40:1), Ezequiel teve uma visão sobre a sua reconstrução. Ele viu «um homem cuja aparência se assemelhava à do latão». Tinha na mão um cordão de linho e uma vara de medir (*o Templo*) ... Ele mediu a espessura da construção... etc.«(Ezequiel 40:3-5).

Este é, evidentemente, o Templo espiritual, uma vez que Deus diz a Ezequiel:»Nenhum estranho,*incircunciso* de **coração**, entrará no meu santuário«(*os escribas acrescentam voluntariamente:»e incircunciso de **corpo**«*) (Ezequiel 44,6-9). O Apocalipse também fala da construção do Templo **espiritual** no fim dos tempos, um Templo também medido para admitir apenas crentes verdadeiros (Apocalipse 11:1). Este templo eterno não é outro senão Deus e Jesus

Cristo (Apocalipse 21,22),»Nada de impuro entrará nele, nem os que fazem o mal«(Apocalipse 21,27). Esta é a verdadeira dimensão do Templo de Deus que os israelitas não conseguiam compreender.

O novo Templo de Ezequiel é o descrito no Apocalipse. É espiritual. Compare as»águas da vida«que saem do santuário do Templo como visto por Ezequiel (Ezequiel 47:12), com o»Rio da Vida«do Apocalipse (Apocalipse 22:1-2). O Templo tal como visto por Ezequiel é espiritual, isto é uma simples dedução do facto de que as suas medidas e forma não correspondem ao Templo construído por Esdras após o regresso do exílio. Nenhum rio de vida correu para fora do santuário deste templo.

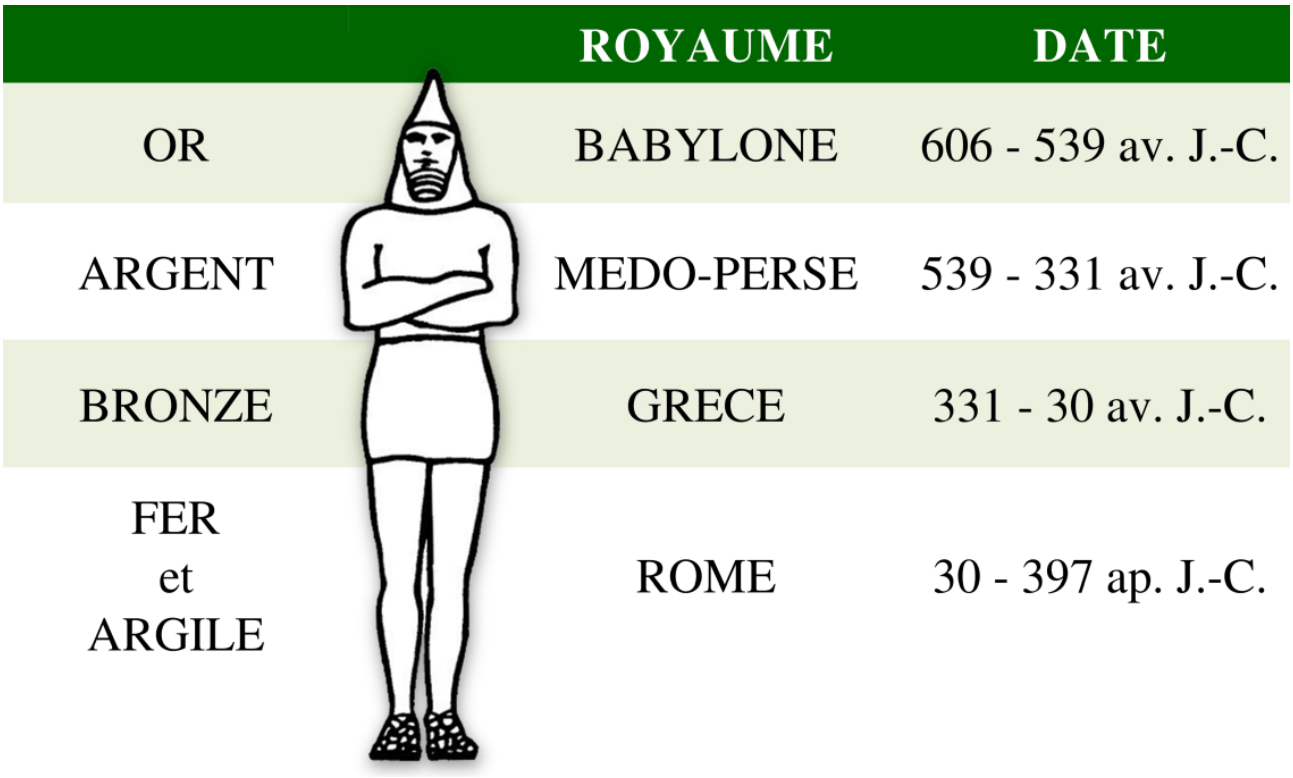
10.5 Daniel

Daniel foi levado para o exílio por Nabucodonosor provavelmente durante a primeira deportação de Judá (2 Reis 24). Ele pertencia à nobreza judaica:»O rei ordenou que alguns filhos de raça real ou de grandes famílias ... fossem levados de entre o povo de Israel para a corte do rei .... Entre eles estava Daniel...«(Daniel 1:3-6). Assim, o profeta era apenas uma criança quando deixou a Palestina.»Permaneceu no exílio até 1 d.C. do Rei Ciro«(Daniel 1:21).

Daniel tornou-se importante na corte depois de ter sido o único a revelar o seu sonho e a sua interpretação ao rei (como José com o Faraó). Ler o capítulo 2 e depois regressar a este curso.

A estátua vista por Nabucodonosor representa quatro impérios que se sucedem na história: babilónico, medo-persa, grego e romano. Foi sob o quarto destes impérios - o Romano - que o Messias foi anunciado, foi ele que»uma pedra foi solta sem lhe tocar, e veio e bateu na estátua ... e ela foi quebrada, tanto ferro como barro, bronze, prata e ouro ... o vento soprou-a sem deixar rasto«. E a pedra tornou-se uma grande montanha que encheu toda a terra» (Daniel 2:34). Os quatro impérios são explicados por Daniel (Daniel 2,36-43).**«Nos dias destes reis**, Deus levantará um reino (*o reino de Cristo, cujo reino não é deste mundo: João 18,36*) que nunca será destruído» (Daniel 2,44). Jesus veio - no tempo destes reis - sob o Império Romano. O seu Reino existe sempre e para sempre no coração dos seus fiéis.

O Império Romano faleceu; o que alguns judeus ainda estão à espera de compreender!



A estátua vista por Nabucodonosor e os 4 impérios

Para além das visões de Nabucodonosor, o próprio Daniel teve visões para o avisar sobre os desenvolvimentos históricos relativos aos quatro impérios. Notará que todas estas visões perturbaram e cansaram o profeta (Daniel 7,28 / Daniel 8,27). As mensagens divinas são muitas vezes pesadas de transportar.

Aqui estão as principais visões de Daniel:

10.5.1 Capítulo Sete: Visão das Quatro Bestas

As quatro «Bestas» representam os quatro impérios pagãos que precedem a vinda de Cristo. Esta visão é semelhante à da estátua de Nabucodonosor (Daniel 2). Sob o quarto império virá o Messias: é Ele «o Ancião (*pois os seus dias são dos dias antigos, dos dias da eternidade: Miquéias 5:1*) que se senta no Trono» para julgar (Daniel 7:9). O julgamento é indicado pelo facto de que «os livros estavam abertos» (Daniel 7:10). A expressão volta em Apocalipse (Apocalipse 10,2 / 20,12). Estes livros abertos são os livros do Antigo Testamento. Eles estão «abertos» para demonstrar, através das profecias neles contidas, que Jesus é verdadeiramente o Messias.

Assim, aqueles que não reconhecem Jesus como o Messias estão confusos e condenados pelas profecias que O predisseram (ver Lucas 24,25-27 / Act 17,2-11 / Act 18,28). Isaías repreende aqueles que não compreendem as visões proféticas, dizendo que elas são para eles como «um livro fechado (*ou selado*)» (Isaías 29,11).

Estas 4 «bestas» gentias ainda se encontram no Apocalipse sob a forma de «4 cavalos» (Apocalipse 6:1-8). Estão reunidos numa «Besta» que os representa a todos (Apocalipse 13). Esta Besta do Apocalipse, que aparece no fim dos tempos, difere das vistas por Daniel: simboliza o neo-paganismo que se manifesta como uma única nação, militar e universalmente poderosa, cujo centro é a Palestina e a sua cobiçada capital, Jerusalém (Apocalipse 13 e Apocalipse 20:7-9). É Israel.

10.5.2 Capítulo 8: Visão do «Bode do Ocidente»

Visão do «Bode do Ocidente» (*Alexandre o Grande: «o Rei de Yavan», Grécia, Daniel 8:5 & 21*) que triunfa sobre o império persa, o «Carneiro» (Daniel 8:6 & 20). Depois das suas muitas vitórias, Alexandre morreu no auge da vida, aos 33 anos: «O Bode tornou-se muito poderoso, mas com toda a força o grande chifre partiu-se, e no seu lugar estavam quatro Magníficos Homens...». Os quatro generais de Alexandre partilharam o seu império (Daniel 8:8). Antiochus Epiphanes, que conheceu ao ler os Macabeus (1 Macabeus 1:10-44), sucedeu a um destes 4 e governou a região da Palestina. A sua política de helenização provocou a revolta dos Macabeus (em 167 a.C.: 1 Macabeus 2). É simbolizado pelo «Corno que cresce muito na direcção do Sul e do Leste e da Terra do Esplendor» (*Palestina*). Este «chifre» contaminou o Templo de Jerusalém ao colocar «iniquidade (*a estátua de Zeus*) ali, derrubando a verdade no chão» (Daniel 8,11-12).

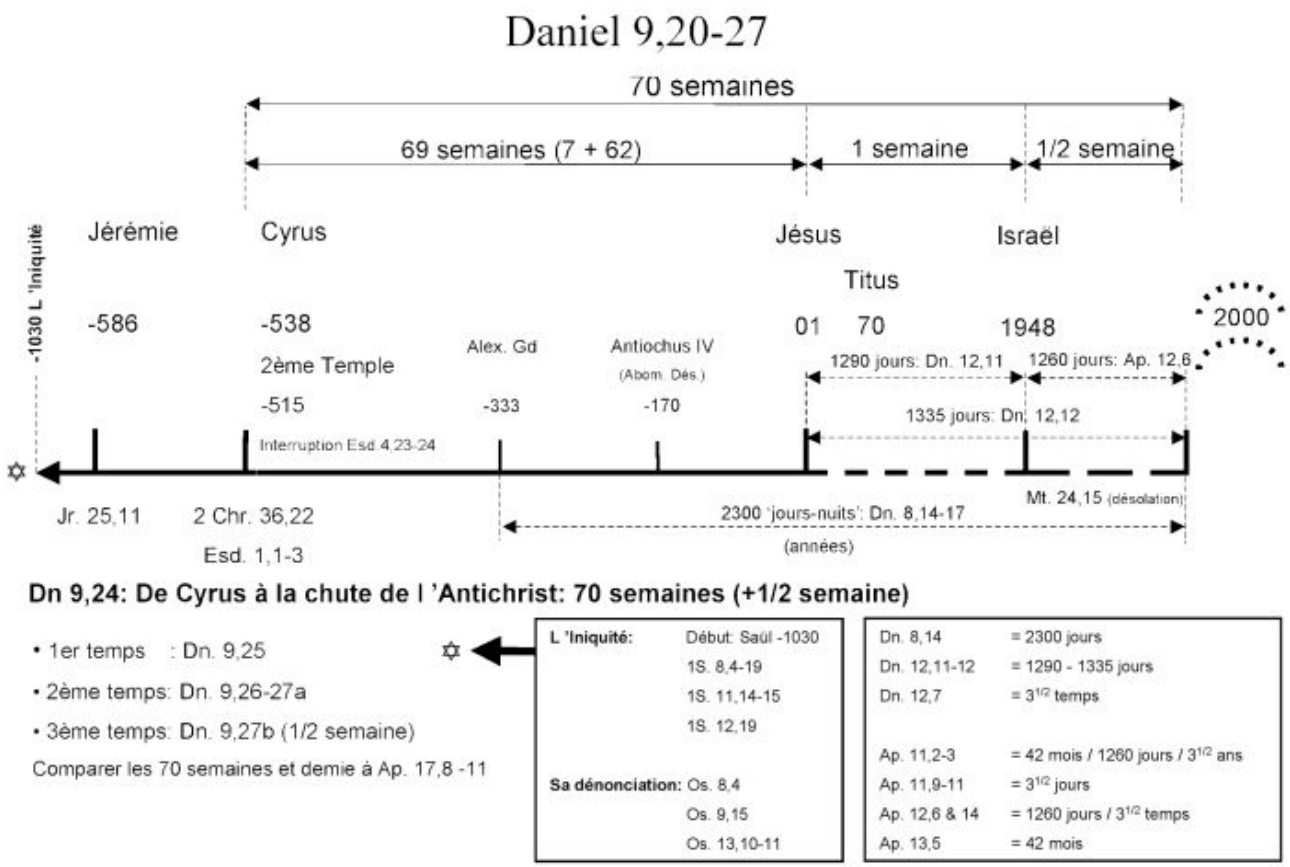
Note-se que Daniel não compreendeu a visão (Daniel 8:27). Devemos recordar o princípio profético já mencionado: uma profecia relativa a um acontecimento histórico só é entendida após o cumprimento do acontecimento predito. Depois, os livros proféticos que o prediziam «abrir». Estes livros permanecem «fechados» (*ou selados*) para aqueles que se recusam a admitir o cumprimento histórico da profecia. Ficarão para sempre cegos, com os olhos fechados nas verdades divinas.

10.5.3 Capítulo 9: Fim de 70 anos de deportação

Daniel estava «a procurar as Escrituras» (*de Jeremias*) e a rezar a Deus para «saber quando iriam terminar os 70 anos de exílio, conforme revelado por Javé ao profeta Jeremias» (Daniel 9:2). Deus aproveitou a oportunidade para lhe revelar o seu plano de salvação, enviando o «Príncipe-Messias» (*Jesus*) que será suprimido 69 semanas após a reconstrução de Jerusalém«(Daniel 9:25-26). Deus convida Daniel a não se limitar aos 70 anos de Jeremias, mas a olhar muito mais longe e ter uma visão global: 70 anos são 70»semanas«de **anos**, portanto 70x7=490 anos, a hora aproximada da vinda de Jesus.

Estas»70 semanas de **anos**«estão divididas em 3 períodos: 62-7-1.»Após 62 semanas, um Messias será suprimido (*foi, de facto, rejeitado e crucificado*) e... (*o trono político sionista de David*) não será seu«porque o seu reinado é espiritual. A cidade de Jerusalém e o Templo serão novamente»destruídos por um príncipe que virá«(Daniel 9,26). Foi Tito que cumpriu esta profecia destruindo o Templo uma segunda vez, em 70 DC. Uma tal profecia, anunciando uma segunda destruição do Templo, não era susceptível de consolar Daniel.

O período desde Daniel até ao»Príncipe-Messias«é de 62+7=69 semanas de anos (simbólicos). A última semana dos anos refere-se ao tempo da vinda do Messias. A última meia semana, ou seja, 3 dias e meio, representa os tempos apocalípticos em que estamos a viver. São conhecidos como os tempos do fim, quando veremos a»abominação da desolação«em Jerusalém (Daniel 9,27 / Mateus 24,15). Esta abominação não é outra senão o Anticristo sionista de hoje em Jerusalém: inimigo de Cristo na Terra Santa com a sua procissão de crimes e destruição. As»70 semanas de anos«terminarão»no final, no termo designado para o desolador (*Israel*)«(Daniel 9:27). Ou ainda, como Jesus disse:»Jerusalém será pisada por gentios (*sionistas que O rejeitam*) até que o tempo dos gentios (*o Estado de Israel*) termine«(Lucas 21,24).



Daniel 9:20-27

10.5.4 Capítulo 12: Visão do fim dos tempos

Esta última visão diz respeito ao período apocalíptico imediatamente anterior ao fim dos tempos.»Será um tempo de angústia **como** não tem havido desde o início do mundo«(Daniel 12:1) .»e que nunca mais haverá«, confirmou Jesus mais tarde (Mateus 24,21). Este período é um sinal do fim dos tempos, um sinal dado para que os sábios se possam preparar para o Juízo Final, quando»os que dormem no pó acordarão, uns para a vida eterna e outros para a (*eterna*) reprovação«(Daniel 12,2).

Esta visão é semelhante às visões apocalípticas de John. Revela um número simbólico de dias (1290 & 1335 dias: Daniel 12:11-12) um número complementar revelado a João (1260: Apocalipse 11:3 & 12:6). Uma comparação entre os dois textos será indispensável para a compreensão.

Contudo, só depois dos acontecimentos apocalípticos (a queda de Israel e da Terceira Guerra Mundial) é que estes números»se abrirão«à nossa compreensão e o seu simbolismo tornar-se-á claro. É por isso que Daniel»ouviu **sem compreender**«(Daniel 12:8). Estes eventos durarão»um tempo, duas vezes e meia«, ou seja, três vezes (ou períodos) e meia (Daniel 12:7). Estes são os»3 tempos e meio«e os»3 dias e meio«do Apocalipse 11:8-11. Correspondem à meia semana de Dan 9:27. Ninguém pode compreender esta profecia antes de»o cumprimento de todas estas coisas, quando aquele que vencer o poder do povo santo será consumado«(Daniel 12,7). Trata-se da destruição do Anticristo israelita que tem enganado e enfraquecido os crentes.»Vai, Daniel: estas palavras estão **fechadas e seladas** até ao tempo do Fim«(Daniel 12:9). É com a explicação do Apocalipse que todas estas profecias se tornam mais claras.

A Bíblia hebraica termina o livro de Daniel no capítulo 12. Os capítulos 13 e 14 encontram-se apenas na Bíblia Grega. Eles revelam a sabedoria de Daniel. São fáceis de compreender.

10.5.5 A síntese

Aqui está um texto conciso para compreender plenamente as profecias de Daniel. Proponho a leitura dos primeiros 12 capítulos do seu livro e especialmente dos capítulos 1 / 2 / 3,1-23 / 4 / 7 / 8 / 9 / 12. A chave para compreender estas profecias é perceber que elas visam o tempo da futura vinda do Messias, ansiosamente aguardada pelos judeus no passado.

Jesus tinha dito repetidamente (mais de 40 vezes nos Evangelhos) que Ele era o»Filho do Homem«(Mateus 8,20 / Mateus 12,40 / Mateus 24,30- / Marcos 9,12 / Marcos 13,29 / Lucas 12,8 / Lucas 18,8 / 21,36 / João 1,51 / João 6,27 / João 9,35 / Actos 7,56). Os judeus não compreenderam e perguntaram-lhe:»Quem é este Filho do Homem?«(João 12,34). Jesus referia-se à visão de Daniel 7,13-14, anunciando a vinda do Messias»vindo nas nuvens do Céu como o **Filho do Homem**... O seu império é império para sempre...«. Note-se que pela sua vinda»o juízo estava de pé, os **livros estavam abertos**«(Daniel 7:10). Estes são os livros proféticos a serem abertos, a serem consultados, para demonstrar através destas Sagradas Escrituras que Jesus é de facto o Messias anunciado pelos profetas (Actos 17,2 / 17,11). Encontramos esta expressão em Apocalipse 20:12 sobre a Segunda Vinda de Jesus para demonstrar, ainda pelas Escrituras Sagradas **abertas** - e em particular pelo Livro do Apocalipse, este»outro livro aberto«- que o Messias, que veio há 2000 anos atrás, já regressou espiritualmente.

Para compreender as profecias de Daniel, temos de compreender que tudo no seu livro está centrado na vinda do Messias. Este é **o ponto central** deste livro. Todas as outras profecias são de natureza histórica e dizem respeito aos impérios antes da vinda do Messias, aqueles que se sucederam durante e depois de Daniel: babilónico, medieval, persa, grego e romano. É sob este último império, nomeadamente o Império Romano, que o livro de Daniel anuncia a vinda deste»Filho do Homem«(Daniel 7,13-14), deste»Messias que foi suprimido«(Daniel 9,26), desta»pedra que foi cortada da montanha **sem lhe tocar com as mãos**«(Daniel 2,34), desta»pedra de tropeço«da qual Jesus fala (Mateus 21,42), que reduziu os impérios humanos a pó e cujo reino espiritual nunca passará (Daniel 2,29-45).

A angústia de Daniel ficou a dever-se ao exílio babilónico e à destruição do templo. Jeremias tinha previsto que este exílio duraria 70 anos (Jeremias 25:11-12 e Jeremias 29:10). No entanto, este período tinha passado. Daniel não viu o fim dos infortúnios de Israel. Pois houve dois êxodos: o primeiro em 597 a.C. seguido do segundo em 587 a.C. Um tímido regresso do exílio teve lugar após o édito de Ciro em 538 AC. Por volta de 538 houve uma tentativa de construir o templo, mas foi interrompido»até ao **segundo ano** do reinado de Dario«devido à oposição dos samaritanos (Esdras 4:24). Compreendemos a ansiedade de Daniel em ver o Templo reconstruído:»**No primeiro** ano de Dario«, ele confessa,»Eu, Daniel, olhei para as Escrituras contando o número de anos - como revelou Yahweh ao profeta Jeremias - que devem ser cumpridos para as ruínas de Jerusalém, nomeadamente 70 anos«(Daniel 9:1-2). Assim, no ano I de Dario, os 70 anos tinham passado, mas o Templo ainda não tinha sido reconstruído de acordo com as expectativas de Daniel e de todos os judeus.

Assim, o ponto importante a compreender é que Daniel desejava ver o Templo de pé e o Messias aparecer como um imperador todo-poderoso para estabelecer - finalmente - o império israelita sobre o mundo. Como é o caso dos israelitas sionistas de hoje.

Este profeta decidiu portanto fazer penitência jejum e confessar, num apelo bem estruturado, as múltiplas faltas do seu povo, implorando ao Criador que perdœ e reconstrua o Templo, não tanto pelos méritos do pecador povo israelita, mas pela sua própria honra divina (Daniel 9:3-19). Ele procura convencê-lo de que esta é a reputação divina de Deus:»Deixa o teu rosto iluminar o teu santuário, que está desolado por ti, Senhor.... Não é por causa das nossas obras justas que fazemos as nossas petições perante vós, mas por causa das vossas grandes misericórdias. Senhor, escutai... porque o vosso **nome** é invocado sobre a vossa cidade (*Jerusalém*) e o vosso povo«(Daniel 9,17-19).

Perante esta insistência humana de boa fé, uma insistência devida à ignorância e incompreensão do plano divino deste»homem preferido«(Daniel 10,11), o Céu intervém com Daniel - de repente e com ardor - para interromper esta ladainha de palavras vãs:»Eu ainda estava a falar... quando Gabriel veio sobre mim em pleno voo...«(Daniel 9:20). A interrupção abrupta de Gabriel lembra-nos o ensinamento de Jesus:»Nas vossas orações, não balbucieis... o vosso Pai **sabe do que precisais**...«(Daniel 9:20) (Mateus 6:7). Daniel precisava desta intervenção angélica para pôr fim a esta avalanche de palavras inúteis. Pois,»eu **ainda** estava a falar...«admite ele (Daniel 9:20).

Gabriel disse-lhe:»Entra na palavra, compreende a visão: Setenta semanas estão marcadas para o teu povo e a tua cidade santa, para pôr fim à transgressão, para selar o pecado, para expiar a iniquidade, para trazer a justiça eterna, para selar visões e profecias, para ungir o Santo dos Santos. Tomar conhecimento e compreensão... na ala do templo será a abominação da desolação até ao fim, mesmo até ao fim do tempo designado para o desolador«(Daniel 9:24-27).

Daniel não compreendeu esta visão, apesar de Gabriel lhe ter dito:»Penetre a palavra e compreenda a visão«. O profeta estava ansioso por ver os acontecimentos anunciados por Jeremias após os 70 anos de exílio cumpridos no terreno. O Céu veio dizer-lhe que 70 semanas, isto é, 70 semanas de anos, isto é, 70 x 7 = 490 anos antes do cumprimento histórico das profecias, foram-lhe atribuídas, não para reconstruir o Templo de Jerusalém de acordo com a expectativa de Daniel, mas»para ungir o Santo dos Santos«, isto é, o Messias, que é o verdadeiro Templo na concepção divina. Assim, o Templo de Jerusalém perde a sua importância. Foi Jesus que iluminou esta profecia ao anunciar, na altura da Sua vinda, cerca de 490 anos depois (70 semanas depois de Daniel):»Destrói este santuário (*o Templo*), e em três dias eu o levantarei...«. Ele falou do Templo do seu Corpo» (João 2,18-22). Ainda mais tarde, após a ressurreição de Jesus, os apóstolos compreenderam que o Templo de Deus habita em cada alma discípula de Jesus (1 Coríntios 3,16-17). O Apocalipse de João revela ainda melhor: cada edifício material religioso - templo, igreja, mesquita, pagode, etc. - torna-se nulo e nulo, porque na Jerusalém celestial não há templo, não há tal edifício (Apocalipse 21,22). Daniel estava longe desta concepção divina, ele estava esmagado, esmagado por este culto em espírito. É assim que entendemos o seu estado de espírito exausto (Daniel 8,27 / 10,9-10).

É pelo Espírito de Jesus que nos é dado compreender as profecias de acordo com a intenção de Deus. Até o próprio João Baptista, que veio cinco séculos depois, o precursor do Messias, ainda não os tinha compreendido. Segundo o testemunho de Jesus, João era «mais do que um profeta, mas menos do que o menor no reino dos céus» (Mateus 11,11). Para João Baptista também, tal como Daniel, esperava um reino israelita teocrático. Agora «os últimos no Reino dos Céus» compreenderam a dimensão espiritual, interior do Reino divino e do seu império eterno. A perturbação psicológica produzida em Daniel, mesmo inconscientemente, foi que ele «desmaiou e ficou dœnte durante muitos dias» (Daniel 8:27).

As visões de Daniel não se limitam à primeira vinda de Jesus; prolongam-se no tempo até ao seu regresso ao tempo apocalíptico: «um tempo de angústia como antes não havia nenhum» (Daniel 12,1). Jesus reiterou esta profecia em Mateus 24,21 e referiu-se à «abominação da desolação» de que falou o profeta Daniel (Mateus 24,15). Jesus, pela Sua primeira e segunda vinda, «abre os livros», nomeadamente os livros proféticos que anunciam a Sua vinda e o Seu regresso em vista do julgamento (Daniel 7,10 e Apocalipse 20,12). Assim, todas as profecias de Daniel são cumpridas por estes dois Eventos. Estamos à espera do «termo designado para o desolador» (Daniel 9:27): a saber, a queda da Besta. Então compreenderemos o pouco que ainda nos resta para compreender as profecias.

Para recordar: o livro de Daniel refere-se principalmente às duas Vindas de Jesus que, pelo Seu regresso, explicarão as palavras de Daniel, destinadas pelo nosso Pai a permanecer «seladas até ao tempo do fim» (Daniel 12,4). Aqui estamos nós!

10.5.6 Suplemento

Reflexão sobre Daniel ontem e nós hoje, os romanos com os israelitas ontem e os EUA com eles hoje

Daniel 2 apresenta o sonho de Nabucodonosor sobre «a imagem com a cabeça de ouro... e os pés em parte de ferro e em parte de barro». Isto significa «que as duas partes se misturarão como a **semente do homem**, mas não se manterão unidas, tal como o ferro não se mistura com o barro» (Daniel 2:43). Esta frágil semente **humana**, na intenção de Deus, que ocorreu 3 séculos depois de Daniel, designou a frágil aliança entre os Romanos e os Israelitas daquela época, como revelado no primeiro livro de Macabeus 8,17 etc. (1 Coríntios 8,17). Este pacto «em semente humana», isto é, entre romanos e israelitas, só poderia ser frágil. Uma tal mistura humana é tão frágil como a amálgama impossível entre ferro e argila. Os Romanos, nessa altura, tinham a reputação de serem invencíveis, uma reputação que os Estados Unidos têm hoje (1 Maccabees 8:1-14 e especialmente os versículos 11-13). O apoio incondicional romano aos judeus pode ser visto na carta revelada em 1 Maccabees 15:15-24. Sob o Império Romano, portanto, Israel já existia como um Estado. Não é, portanto, errado dizer que «aquele Monstro estava no passado» (Apocalipse 17:8) apoiado pelos romanos. Tudo isto preparava a vinda d'Aquele cujo «reino não terá fim, e nunca será destruído...» (Daniel 2:44), estando em almas. De facto, foi sob o Império Romano que veio o nosso abençoado Salvador. Apesar do apoio romano aos israelitas ontem, foram de facto os romanos que destruíram o reino israelita por Titus em 70 d. C. Surgiu assim a fragilidade da aliança.

Hoje, «novamente», Israel, o primeiro Monstro apocalíptico, obteve a protecção do todo-poderoso Estado americano, o segundo Monstro apocalíptico. Também isto estava a preparar, e ainda está a preparar, a vinda dAquele cujo «Reino não terá fim». Mas hoje trata-se da Sua **segunda** vinda, o Seu Regresso, ainda na alma. Aqueles que não dormem mas permanecem fiéis até ao fim, observando com a arma do discernimento, «abrir-se-ão para Ele **assim que Ele bater** à porta do coração» (Lc. 12:35-36 / Lc. 24:33 / Apocalipse 3:20).

Contexte historique des prophéties de Daniel

		Empire Assyrien
	612 Chute de Ninive	
		1. Empire Babylonien
	609 Bataille de Megiddo	
	605 Bataille de Karkémish	
	604 **Nabuchodonosor** (604-562)	
Daniel 1 : Daniel à Babylone	587 **Déportation** (Jr 25 : les 70 ans)	
	Déportation de Daniel (Daniel 1)	
Daniel 2 : Statue des 4 empires (ss Nabucho)	545 **Balthazar** (fils de Nabonide,	
(Babylone - Médo-Perse - Grec - Romain)	fils de Nabuchodonosor)	
		2a. Empire des Mèdes
Daniel 3 : Statue or et cantique		
	555 **Cyrus** le Perse : révolte	
Daniel 4 : L'arbre et la folie de Nabuchodonosor	contre les Mèdes	
	539 Cyrus entre à Babylone :	
Daniel 5 : Mort de Balthazar	mort de Balthazar (Daniel 5,30)	
		2b. Empire Perse
Daniel 6 : Daniel dans fosse aux lions	538 Edit de Cyrus (Daniel 9)	
	530 Cambyse (fils de Cyrus)	
Daniel 7 : Vision des 4 bêtes (an I de Balthazar):	Interruption construction Temple	
(Babylone - Mèdes - Perse - Grec)	Esd 4 et 5	
	522 **Darius I : (522-486) (Daniel 6,1)**	
Daniel 8 : Le Bélier et le Bouc	Reprise construction Temple	
(Perse-Grec : an III de Balthazar)	Esd 6	
		3. Empire Grec
Daniel 9 : 70 semaines (an I de Darius)	336 **Alexandre le Grand**	
	333 Bataille d'Issos	
Daniel 10-11 : Perse et Grec (an III de Cyrus)	331 Bataille d'Arbèle	
(Antiochus IV Epiphane)	319 Quatre Séleucides	
Daniel 12 : Temps de la Fin		
	175 **Antiochus IV Epiphane**	
	(175-164) (Daniel 7,8 / 8,9)	
N.B.: Lire:	170 Abomination de la désolation	
1Maccabées 1 ; comparer à Daniel 11,31-39	(Daniel 9,27 / 11,31 / 12,11	
Matthieu 24 / Luc 19,41-44 / Luc 21,20-24	Mt 24,25)	**4. Empire Romain**
Esdras et Néhémie.	63 Pompée prend Jérusalem	
	1 Jésus : (Daniel 9,25)	
	70 Titus détruit le 2e Temple	
	(Daniel 9,26)	

Contexto histórico das profecias de Daniel

11. Lição 11 - Os 12 pequenos livros proféticos

11.1 Osée

Ele é do Norte. Ele profetizou contra os judeus «nos dias de Uzias, Yotam, Acaz e Ezequias, reis de Judá (*Sul*) e nos dias de Jeroboão, filho de Joás, reis de Israel (*Norte*)» (Oséias 1:1). É portanto um contemporâneo de Isaías (que também profetizou contra Acaz). Hosea é um contemporâneo de Amós. É possível que tenha visto a ruína de Samaria pelos assírios (721 a.C.).

Deus pediu-lhe que fosse um sinal para os judeus, tomando como sua esposa uma «mulher levada à prostituição (*como todo o povo judeu*) e filhos da prostituição, pois o país só se prostitui a si próprio» (Oséias 1:2). Deus declara pela sua boca que «porá um fim ao reino da casa de Israel». Nesse dia quebrarei o arco de Israel no vale de Yizreel«(Oséias 1:2-5). Este vale é o vale de Megido, onde a desastrosa derrota de Josias teve lugar um século e meio mais tarde (2 Reis 23:29-30). Volta em Apocalipse como símbolo da derrota final do Israel moderno (Apocalipse 16:16).

Oséias anuncia, como Jeremias mais tarde (Jeremias 3,18), a reunião de Israel e Judá sob»uma só cabeça... Porque ele será grande no dia de Yizreel«(Oséias 2:2). Este único líder é o Messias que deve unir na Sua Pessoa todos os homens após a destruição do exército israelita que obstrui o plano de Deus. É por isso que ele será»grande no dia de Yizreel«, quando este exército for destruído:»Eu te destruirei, Israel«(Oséias 13:9). Oséias é contra o nacionalismo judeu e a sua realeza (Oséias 8:4 e 13:9-11); ele revela uma salvação espiritual não militar, uma salvação que»não é por arco e espada, nem por guerra, nem por cavalos, nem por cavaleiros«(Oséias 1:7). Ver também Oséias 10:13-15 sobre a destruição militar de Israel»que confiou nas suas carruagens e na multidão dos seus guerreiros«e não em Deus. Oséias, portanto, ousou denunciar, como Samuel antes dele, a realeza israelita, portanto o nacionalismo judeu.

Oséias rebelaram-se sobretudo contra os sacerdotes e os chamados profetas que deixam o povo na ignorância (Oséias 4:4-6). Ao lerem este grande profeta, sejam sensíveis à sua dor; é com um gemido interior que ele se dirige aos judeus. Ele denuncia os seus adultérios espirituais, prevendo a deportação do Norte (Oséias 8:6-13). Os israelitas perseguem-no:»O profeta está louco.... Espiam-no e montam-lhe armadilhas de todas as maneiras, e a hostilidade persegue-o até à casa do seu Deus«(Oséias 9:7-8).

11.2 Joël

Se ler Jœl cuidadosamente, verá que ele se dirige a duas sociedades diferentes, com séculos de diferença:

1. Aos judeus da Judeia

2. Muito mais tarde, a todas as nações.

Ambas as sociedades serão punidas pela sua infidelidade. Após o castigo, haverá uma restauração.

Este é o tema geral de Jœl. Aqui estão os detalhes:

11.2.1 Punição de Judá

É aos judeus que Jœl se dirige à invectiva divina:»Tocai a trombeta em **Sião** (*Jerusalém*), tocai o alarme na minha montanha sagrada«! (Jœl 2:1).»Porque um povo enfrentou a minha terra, um povo poderoso e inumerável, que fez da minha vinha um deserto e da minha figueira uma desolação«(Jœl 1,6-7).»Videira«e»figueira«são símbolos de Israel. Quando Jesus amaldiçoou a figueira, estava a insinuar a destruição de Israel (Mateus 21,18-21).

Jœl é um profeta após o exílio. A punição anunciada é portanto a invasão romana e a destruição do Templo por Tito (70 d.C.). Os sacerdotes são convidados à penitência antes do culto do Templo ser abolido:»Sacerdotes, vestidos de saco (*símbolo do arrependimento*)...«. Pois a casa do vosso Deus (*o Templo*) é privada de oblação (*oferecida pelos fiéis*)... (Jœl 1:13-14)... Volta para Mim com todo o teu coração... Rasga o teu coração e não as tuas vestes, volta para o Senhor teu Deus porque Ele é terno e misericordioso... Quem sabe? E se Ele regressar (*sobre a sua decisão de o destruir*)? E se ele deixar uma bênção atrás dele (*e deixar de punir por causa do seu arrependimento*)»? (Jœl 2:12-14).

A peste prevista virá «do Norte» e será como os diferentes tipos de gafanhotos na devastação que provocará: «O que o grilo deixou, o gafanhoto devorou; o que o gafanhoto perdeu, o cockchaf devorou...» (Jœl 2,12-14) (Jœl 1:4). Esta praga de gafanhotos é também mencionada por Amós (Amós 4,9) e Malaquias (Malaquias 3,11). É retomado pelo livro do Apocalipse (Apocalipse 9,2-11).

Este castigo é «o Dia de Javé» (Jœl 1,15 / 2,1 / 2,11), uma expressão profética que se tornou tradicional (Isaías 13,6 / Ezequiel 30,2-3 / Amós 5,18). Alguns judeus pensavam que este dia seria a seu favor; mas todos os profetas os convidaram a não se iludirem: «O dia de Javé chega como uma **devastação** do *Deus Todo-Poderoso...* (Jœl 1:15)... Que todos os habitantes da terra tremam. Dia das trevas e da escuridão» (Jœl 2:1-2). «Ai daqueles que suspiram depois do dia do Senhor... Será trevas, e não luz» (Amós 5:18).

11.2.2 Catering

Após a destruição, Deus anuncia a restauração: «Eu vos retribuirei pelos anos que o gafanhoto devorou.... Comereis ao máximo toda a vossa embriaguez» (Jœl 2:25). Esta restauração será através de Cristo e será espiritual; será através do Seu Corpo e Sangue. Jesus tinha dito aos seus Apóstolos: «Em verdade vos digo a vós que me seguistes na **restauração**...» (Mateus 19:28). Aqueles cuja mentalidade permanecerá materialista e política não provarão este alimento divino e «o **vinho novo** será retirado da sua boca» (Jœl 1,5): o «vinho novo» é o que Jesus dá para a **restauração da alma** (João 6,53-57 / Lucas 22,14-20 / Mateus 26,27-29).

Esta **primeira** restauração é feita pelo dom do Espírito de Deus: «Depois disto (*a praga dos gafanhotos*) derramarei o meu Espírito sobre **toda a carne**» (*isto é, sobre todos os homens - através de Jesus - não apenas sobre os judeus*) (Jœl 3,1). Os judeus compreenderam esta restauração politicamente, uma «ressurreição» do Estado de Israel.

Mas os Apóstolos de Jesus compreenderam que se tratava de uma dimensão espiritual interior na alma humana. É por isso que Pedro se refere a esta profecia da efusão do Espírito divino em Actos 2,17-21. Em Actos 3,20-21 ele afirma ainda que a «restauração universal da qual Deus falou através da boca dos profetas» é realizada através de Jesus.

Esta restauração tem lugar em duas fases: a primeira teve lugar com a vinda de Jesus há 2000 anos e a segunda já está em curso no nosso tempo apocalíptico através do Retorno de Jesus Cristo a nós. Falo deste último mais tarde e no texto «A Chave do Apocalipse».

11.2.3 Punição do mundo

O castigo infligido a Israel é um exemplo, uma lição para todas as nações do mundo que se tornaram indiferentes à mensagem de Jesus. «As cidades também serão julgadas e punidas pela sua iniquidade e pelos seus vícios: quando eu restaurar Judá e Jerusalém, congregarei todas as nações, e as farei descer ao vale de Jeosafá. Aí entrarei em juízo com eles sobre Israel, o meu povo (Jœl 4:1). Que as nações sejam abaladas, e que subam ao Vale de Jehoshaphat Pois ali me sentarei em juízo com todas as nações. Empurrão na foice: a vindima está madura; vem, pisa: o lagar está cheio... Multidões sobre multidões no Vale do Julgamento!...» (Jœl 4:12-14).

O «Vale de Jeosafá» não existe geograficamente; é um lugar simbólico cujo nome significa: «Deus julga»; é também o «Vale do Julgamento» ou o «Esmagamento» ou a «Decisão» divina de derrubar os inimigos de Deus e do seu Messias, Jesus de Nazaré.

Este julgamento tem lugar pouco antes do fim dos tempos, uma vez que a «colheita está **madura**» e a «prensa está **cheia**». O Apocalipse de João retoma as mesmas expressões de Jœl (Apocalipse 14,14-19) e explica que Jesus, «a Palavra de Deus... é Aquele que pisa no lagar o vinho da ira ardente de Deus» (Apocalipse 19,13-15).

Assim, «Israel» ou «o povo de Deus» do qual Jœl fala (Jœl 4,1) é formado a partir dos discípulos de Jesus. Este é o **verdadeiro** povo de Deus. Nos nossos dias apocalípticos, portanto, todas as nações que apoiam Israel, o Estado baseado na injustiça e na negação de Jesus, são julgadas. Os negadores de Cristo são colhidos de todas as nações da Palestina para serem «esmagados» como uvas no lagar. Este é o «Vale de Jeosafá» onde Deus julga, esmaga, sob os pés do Messias, do Anticristo e de todas as nações que o apoiam.

Com a primeira vinda de Jesus, houve a primeira efusão do Espírito divino. Esta efusão não foi isenta de acontecimentos sangrentos: a destruição de Jerusalém e do Templo em 70 d. C. Antes do regresso de Cristo, uma segunda efusão terá lugar (e está agora a acontecer) sempre com acontecimentos sangrentos - guerras e revoluções - que preparam uma terceira guerra mundial: «Naqueles dias derramarei o meu Espírito. Darei sinais no céu e na terra: sangue, fogo, pilares de fumo», diz o Senhor (Jœl 3:3). Estes sinais apontam para guerras: as colunas de fumo são características das bombas modernas... especialmente as bombas nucleares.

Jesus fala-nos de todos estes sinais (Mateus 24 / Lucas 21), «dos problemas destes dias» e de «o sol se tornar escuro e a lua perder o seu brilho» (Mateus 24,29), como também diz Jœl (Jœl 3,4) e Apocalipse (Apocalipse 6,12). Não devemos compreender isto literalmente e esperar o desaparecimento do sol e da lua. Estas são expressões simbólicas e proféticas; indicam tempos difíceis, o desaparecimento da fé e da moralidade: o eclipse do Sol **espiritual**.

11.2.4 A Restauração Universal

Depois destes cataclismos, tudo será renovado: «Nesse dia as montanhas pingarão vinho **novo**... e em todos os riachos de Judá as águas correrão». Uma fonte brotará da casa do Senhor«(Jœl 4:18-19).

O»vinho novo«ou o»sumo fresco da vinha«(como alguns traduzem) simbolizam os novos tempos que se seguirão ao castigo universal. Eles são»o novo céu e a nova terra«após a derrota dos inimigos de Jesus (Apocalipse 21,1). O Egipto simboliza os incrédulos que estarão sempre em desolação.

Este é o tempo de uma regeneração espiritual colectiva, e refiro-me à regeneração **espiritual** e **colectiva**. Tem lugar dentro das almas dos crentes, de **todos os** verdadeiros crentes. Cristo manifestar-se-á a eles como prometeu (João 14,21) e como Pedro revelou:»Deus enviará então o Cristo que vos estava destinado, Jesus, que o Céu deve guardar até ao tempo da restauração universal de que Deus falou pela boca dos profetas«(Actos 3,20-21). Pois, como nos revela

Paulo:»Cristo aparecerá uma **segunda vez**, do pecado (*em espírito e alma*) aos que o esperam, para lhes dar a salvação«(Hebreus 9,28).

Aqueles que compreenderam que a restauração universal é uma ressurreição nacional israelita perecerão no»Vale de Jeosafá«, esmagados na»cuba da ira divina«.

11.3 Amós

É o mais antigo dos escritores profetas; a sua missão estende-se de 783 a 743 a.C. É portanto contemporâneo de Oséias, Isaías e Miquéias, mas precede-os.

Amós prega no Norte, no santuário de Betel, onde é enviado por Deus para profetizar contra Israel e o seu rei Jeroboão II (Amós 7:7-17). Mas ele é do Sul, de Teqoah na Judeia (Amós 1:1), mais uma razão para ser odiado pelos israelitas.

Amos é um simples pastor, sem riqueza nem educação. Ele não faz parte de uma instituição profética reconhecida, nem tem um diploma de profecia como outros chamados profetas do seu tempo. Ele próprio confessa que não era»nem profeta nem irmão profeta«(Amós 7,14), não sendo membro de nenhuma fraternidade ou grupo profético (como alguns movimentos»carismáticos«hoje em dia). Deus não se impressiona com os graus religiosos na escolha dos seus homens. Assim»foi por trás do rebanho«(Amós 7:15) que Deus tomou Amós tal como escolheu Pedro, André, Tiago e João oito séculos depois, arrancando-os das suas redes de pesca para os tornar apóstolos do seu Messias. Ele desprezava os escribas e fariseus, que eram mais bem treinados e instruídos em assuntos religiosos do que ele, preferindo homens com corações flexíveis, dóceis ao Espírito Santo.

Deus pede a Amós que profetize contra Israel:»Levarei o meu povo Israel ao mesmo nível, não lhe perdoarei mais... Os santuários de Israel serão destruídos«(Amós 7,7-9). O»nível«é um instrumento de medida: Deus»mede«a retidão da alma, como em Apocalipse 11:1, para revelar os corações e condenar os ímpios. É a previsão da invasão assíria (Amós 3:11) e da deportação (Amós 5:27).

Amós é o primeiro a falar do»Dia de Javé que será trevas, sem luz para os israelitas«(Amós 5,18) e do»remanescente«que permanecerá após o castigo (Amós 5,15).

Ele é o profeta da justiça social, pois rebelou-se contra os ricos e o seu luxo excessivo (Amós 2:6-7; Amós 4:1-3; Amós 5:7-12).

A sua profecia também se espalhou contra a Judéia, prevendo a sua ruína:»Assim diz o SENHOR:.... Eu desencadearei fogo sobre Judá, e ele devorará os palácios de Jerusalém«(Amós 2,4-5).

Amós denunciou o culto externo, revelando que Deus não gosta dele, que Ele exige em vez disso a prática da justiça como forma de culto:»**Odeio, desprezo** as vossas festas...«(Amós 2,4-5). As vossas oblações **não quero**,... Mas que a justiça flua como água, e a justiça como um riacho que nunca seca» (Amós 5:21-24).

11.4 Abdias

É o mais curto dos livros proféticos. O verdadeiro nome do profeta é «Obadyah», que significa «Escravo de Deus» (em árabe: «Abdallah»).

Este pequeno livro é uma profecia contra os Edomitas, pois eles tinham invadido a Judeia: «Pela matança e violência contra Jacob, teu irmão, a vergonha te cobrirá e desaparecerás 'para sempre'» (Obadiah 1:9-10).

Obadiah previu uma restauração à Judeia: «Aqueles que se encontram no Negeb (*Sul da Judeia*) ocuparão o Monte Esau (*Edom*)... etc.» (Obadiah 1:9-10) (Obadiah 1:19-21). Esta restauração é ainda nacionalista com as suas ambições expansionistas de assumir a Edom.

11.5 Jonas

A história contada neste livro é simbólica, não histórica, embora seja atribuída ao profeta Jonas mencionado em 2 Reis 14:25.

A moralidade da história: Deus aceita o arrependimento de todos os homens, mesmo que sejam ninivitas (assírios), inimigos dos judeus. Deus não é, portanto, monopólio ou posse apenas dos israelitas, mas de toda a humanidade.

Jonas foi enviado aos ninivitas, tal como os Apóstolos de Jesus pregavam o arrependimento e o Messias aos gentios, e tal como Jesus era bondoso para com os soldados romanos. Tudo isto é uma causa de escândalo para os fanáticos, judeus e outros. O que pensariam hoje os cristãos de um dos seus bispos que preferia os muçulmanos a eles? E vice-versa, o que pensariam os muçulmanos de um dos seus líderes religiosos que preferiria cristãos justos a muçulmanos ímpios?

A permanência de Jonas na barriga do peixe durante três dias e três noites (Jonas 2:1) simboliza o enterro do Messias durante três dias antes da sua ressurreição. O salmo dito por Jonas, depois de ter saído do ventre dos peixes, pode perfeitamente aplicar-se a Cristo no ventre da terra depois da angústia da crucificação e da sua ressurreição após a morte: «Desci às terras inferiores para os povos de outrora, mas tu fizeste subir a minha vida do abismo, ó Senhor meu Deus» (Jonas 2,7).

É por isso que Jesus falou de Jonas como um «sinal» (Mateus 12:40-41). Este sinal foi e continua a ser mal compreendido por muitos, especialmente pela maioria dos judeus que serão julgados pelos homens de Nínive - que os condenarão - por não acreditarem em Jesus como Messias! Para os Ninevitas acreditavam em Jonas, menos importante que Jesus (Mateus 12,41). Este julgamento é um golpe fatal para todos os fanáticos.

11.6 Miqueias

Micah é um homem do campo do sul da Judeia, «de Moreshet», a sul de Hebron. Ele profetizou «nos dias de Yotam, Acaz e Ezequias, reis de Judá» (Miquéias 1:1). Um simples aldeão, ele é mentalmente semelhante a Amos, um simples pastor. Ele é um contemporâneo de Isaías. Tal como Amós, denunciou o luxo desenfreado dos «que cobiçam os campos e os tomam, e as casas e os tomam» (Miqueias 2:1-2).

Ele denunciou a impiedade dos israelitas e profetizou a ruína de Samaria e da Judeia: «Farei de Samaria uma ruína...» (Miquéias 2:1-2). Não há remédio para o golpe de Javé, ele chega até Judá, ele bate à porta do meu povo, até Jerusalém«(Miqueias 1,6-9). Ele prevê a destruição de Jerusalém e do Templo (Miquéias 3,12) e a deportação (Miquéias 4,10):»Pois os vossos pecados Sião tornar-se-á um campo de lavoura, Jerusalém um montão de escombros e a montanha do Templo um monte arborizado (Miquéias 3,12)...«. Ireis até Babel» (Miquéias 4:10).

Miqueias consola os judeus através do Messias-Rei que «os reunirá como ovelhas no curral... O seu rei passará diante deles» (Miqueias 2,12-13). O seu rei passará diante deles«(Miquéias 2,12-13). Este rei nascerá em Belém:»Tu, **Belém**, o menor dos clãs de Judá, de ti me nascerá aquele que há de reinar sobre Israel, cujas origens remontam aos tempos antigos, aos dias da **eternidade**«(Miquéias 5,1). Esta profecia foi cumprida em Jesus, nascido em Belém (Mateus 2,6; João 7,42). Lembre-se bem desta importante profecia, especialmente porque ela revela a origem **eterna** do Messias (compare com os seus nomes divinos: Isaías 9:5).

Miquéias ainda consola os judeus com a restauração após a ruína. Mas esta restauração foi ainda entendida do ponto de vista nacional:»A montanha do Templo será estabelecida no topo das montanhas.... Muitas nações irão para lá... A soberania do passado, o reino sobre a casa de Israel, voltará para vós«(Miqueias 4,1-8). Do mesmo modo, o Messias é visto apenas como

um rei nacionalista cujo»poder se estenderá até aos confins da terra e nos libertará da Assíria se ele invadir a nossa terra«(Miquéias 5:2-5).

Miquéias teve uma grande influência. Os judeus lembraram-se das suas profecias muitos séculos depois dele, como Jeremias (Jeremias 26,18) testemunha sobre a profecia de Miqueias sobre a destruição de Jerusalém e do Templo (Miqueias 3,12).

11.7 Zephaniah, Nahum, Habakkuk

Estes 3 profetas devem ser estudados em conjunto porque são contemporâneos. Eles viveram o mesmo período difícil antes da queda de Níniveh (em 612 a.C.), e foram animados pela mesma esperança, a de ver a restauração nacional de Israel após a tão esperada queda de Níniveh. Contudo, após esta queda, foi o desespero total com a amarga derrota de Megido e a morte do rei Josias que encarnou as esperanças dos nacionalistas judeus.

Historicamente, o Zephaniah é mais antigo que o Nahum. Por isso vou apresentá-lo perante os outros dois profetas, ao contrário do seu lugar na Bíblia.

11.7.1 Sophonie

Zephaniah profetizou sob Josias, portanto entre 640 e 609 a.C. (ano da morte de Josias em Megiddo). Josias ascendeu ao trono em tenra idade (tinha apenas 8 anos em 640: 2 Reis 22,1). Assim, ainda não tinha iniciado as suas reformas religiosas e o clero estava apodrecido. Assim, Sofonias rebelou-se contra os ministros da religião e anunciou a destruição de Judá. Esta destruição é o»Dia de Iavé«que está»próximo, que vem a toda a pressa«, e será um»dia de ira e angústia...«(Zephaniah 1:14-18).

Josias foi influenciado por Sofonias. Empreendeu as suas reformas para evitar que o pior acontecesse à nação. Mas, como a profetisa Hulda previu nessa altura, o castigo divino é inevitável (2 Reis 22,14-20).

Depois deste castigo, restará um»remanescente«, humilde e poucos, que regressarão a Deus (Sofonias 3:12). É através deste remanescente que a»restauração«prevista pelos profetas terá lugar. Mas Zephaniah continua a ver que esta restauração é nacional (Zephaniah 3:19-20).

Sofonias profetiza, não só contra Judá, mas também contra a Assíria e prevê a queda de Nínive:»Deus fará Nínive solitário«(Sofonias 2:13-15). Ao prever o fim da Assíria e a ruína de Judá, Sofonias proclama indirectamente a vinda do império babilónico que, no seu tempo, estava a tornar-se cada vez mais forte.

11.7.2 Nahum

Ele profetizou alguns anos depois de Zephaniah. O perigo para Nínive aumenta com o aumento do poder babilónico. Nahum desencadeia-se contra Nínive muito pouco antes da sua queda:»Contra vós vem o destruidor (*Nabupolonassar, pai de Nabucodonosor*).... As portas com vista para o rio (*o Tigre*) abertas, há pânico no palácio (*de Nínive; os babilónios já estavam a atravessar o Tigre para chegar a Nínive*)... Nínive é como uma piscina da qual correm as águas (Nahum 2:2-9)... Nínive, que desolação!«(Nahum 3:7).

Exaltado pela perspectiva da derrota dos assírios, inimigos de Israel, Naum vê apenas a salvação para Judá e a sua restauração. Deixa-se levar pela esperança de restauração (nacional):»Ver.... Salvação! (*para Judá, pela destruição de Nínive*)... (Nahum 2:1)... Sim, o Senhor restaurará a Vinha de Jacó«.. (Nahum 2:3). Esta esperança foi curta porque a derrota dos judeus em Megiddo em 609 seguiu de perto os calcanhares da derrota de Nínive em 612. Assim, a esperança de salvação deu lugar à confusão. Alguns anos mais tarde Jeremias disse:»Esperávamos a paz, e nada de bom veio...uma era de expiação, e eis o terror«(Jeremias 8:15 e 14:19).

A profecia da restauração não é em vão, contudo, se for entendida espiritualmente, de acordo com a intenção de Deus: em Jesus.

11.7.3 Habaquq

Habakkuk profetiza após a queda de Nineveh. O perigo para os israelitas vem agora dos»caldeus«(*babilónios*):»Eis que eu levanto os caldeus ... para ocupar as casas dos outros«(Habacuque 1:6).

Habacuque repete de forma velada as ameaças de Miquéias contra Jerusalém:»Ai daquele que constrói uma cidade em sangue e funda uma cidade (*Jerusalém*) sobre o crime«(Habacuque 2,1 / Miquéias 3,10). Esta é a proclamação do castigo pela invasão da Babilónia.

11.8 Haggai e Zechariah

Estes dois profetas devem ser vistos juntos porque trabalharam juntos para a reconstrução do Templo após a sua destruição por Nabucodonosor (Esdras 5:1).

11.8.1 Haggai

Os dois capítulos do Haggai são dedicados à reconstrução do Templo. Ageu exorta Zorobabel e Josué a construir este santuário:»A palavra do Senhor veio de Ageu para Zorobabel, o Alto Comissário de Judá, e para Josué, o sumo sacerdote.... Subir à montanha (*do Templo*), trazer madeira (*para construção*) e reconstruir a Casa (*Templo*)«(Haggai 1,1-8).

O segundo Templo foi concluído por volta de 515 AC. Não era tão luxuoso como o primeiro e os velhos choravam a memória nostálgica do primeiro Templo a brilhar de»glória«(Esdras 3:12). Haggaius consola-os e promete-lhes um Templo mais maravilhoso do que o primeiro:»Quem entre vós é o sobrevivente que viu este Templo na sua antiga glória? E como o vê agora? Aos seus olhos, ele não é como nada? Mas tende bom ânimo ... a glória futura deste Templo será maior do que a primeira, diz o Senhor«(Haggai 2:3-9). Não foi assim, pois este Templo foi destruído por Titus em 70 DC. Será Haggai um verdadeiro profeta?!

Haggai e toda a comunidade compreenderam materialmente esta»glória«, acreditando numa reunião das riquezas de todos os não judeus. De facto, Ageu fez o Senhor dizer:»Sacudirei todas as nações, para que os tesouros de todas as nações possam fluir, e encherei este Templo de glória, declara o Senhor dos exércitos. O dinheiro é meu! O meu é o ouro«! (Haggai 2:7-8). É difícil acreditar que o Senhor tenha exigido todas estas riquezas materiais para os cofres do Estado de Israel! Esta não foi certamente a intenção de Deus que insiste sempre na glória **espiritual** do Templo **espiritual** que está nas almas dos crentes e não na prata e no ouro. Esta glória espiritual excede **infinitamente** a medíocre e falsa glória material do Templo de Salomão. É a glória espiritual do Templo de Salomão, do qual Jesus falou, dizendo:»Eis os lírios do campo, como eles crescem.... Digo-vos que o próprio Salomão (*conhecido pelo seu gosto pelo luxo*) em toda a sua glória não estava vestido como um deles«(Mateus 6:28-29).

Antes da invasão, os profetas predisseram o **castigo**. Durante o exílio, falaram de consolo, e quando regressaram à Palestina, exortaram à **restauração** nacional. No tempo de Haggai e Zacarias, a esperança nacional baseava-se em Zerubbabel, descendente do rei David. Ele era o Alto Comissário. A comunidade esperava que ele devolvesse o reino a Israel. Acreditava-se que era o Messias predito, e Ageu,»inspirado«, disse-lhe,»Zerubbabel.... -diz o Senhor - eu farei com que gostes de um anel de sinalização. Porque eu vos escolhi«(Haggai 2:23). Esta escolha divina não significava que Zorobabel fosse o Messias, mas que o Messias viria dos seus descendentes (Mateus 1,12-13).

11.8.2 Zacharie

Zacarias exortou o povo a reconstruir o Templo (Zacarias 1:16). Ele teve 8 visões das quais as duas mais importantes são:

1. A»medida«de Jerusalém: soar os corações para restaurar a comunidade com os verdadeiros crentes: Zacarias 2:5-9. (Comparar com Apocalipse 11:1 e 21:15).

2. As»Duas Oliveiras«(os»Dois Ungidos«que constrœm o Templo: Zacarias 4:1-10. Comparar com Apocalipse 11:4).

Zacarias proclamou uma importante profecia sobre o Messias»humilde e montado num burro«, não uma carruagem de guerra, que acabará com a»carroça e o cavalo«de guerra (Zacarias 9:9-10). Esta é uma inovação na mentalidade da guerra judaica. Esta profecia cumpre-se com Jesus, o humilde Messias por excelência, que entrou em Jerusalém montado num burro (Mateus 21,1-5 e 11,29).

11.9 Malachie

Este livro tira o seu nome da palavra»malachi«que significa»meu Anjo«. Este nome deriva do facto de o autor profetizar a próxima vinda do Messias chamado»o Anjo -malach- do Pacto«(Malaquias 3:1). Malachi (*Meu Anjo*) é portanto um nome assumido e o autor, desconhecido, escreveu após o regresso do exílio e a reconstrução do Templo, por volta de 450 AC.

Como outros profetas antes dele, Malaquias denunciou a impiedade dos sacerdotes e a vaidade do seu culto, declarando que a aliança de Deus com Levi, a tribo da qual os sacerdotes vieram, foi destruída:»A vós esta mensagem, sacerdotes.... Enviarei a maldição sobre vós e amaldiçoarei a vossa bênção. E quebrarei os vossos braços, e lançarei a vossa imundície sobre os vossos rostos, e a imundície das vossas solenidades, e levar-vos-ei com ela... para que o meu pacto com Levi não seja mais... Desviou-se do caminho... Destruíste o pacto de Levi«(Malaquias 2:1-8. Ver Novo Pacto em Jeremias 31:31-32).

Lembre-se que David tinha profetizado o estabelecimento pelo Messias de um sacerdócio diferente do de Levi, um sacerdócio»segundo a ordem de Melquisedec«(Salmo 110:4). Este sacerdócio foi instituído por Jesus; é o único sacerdócio aprovado por Deus (Hebreus 7:11-19).

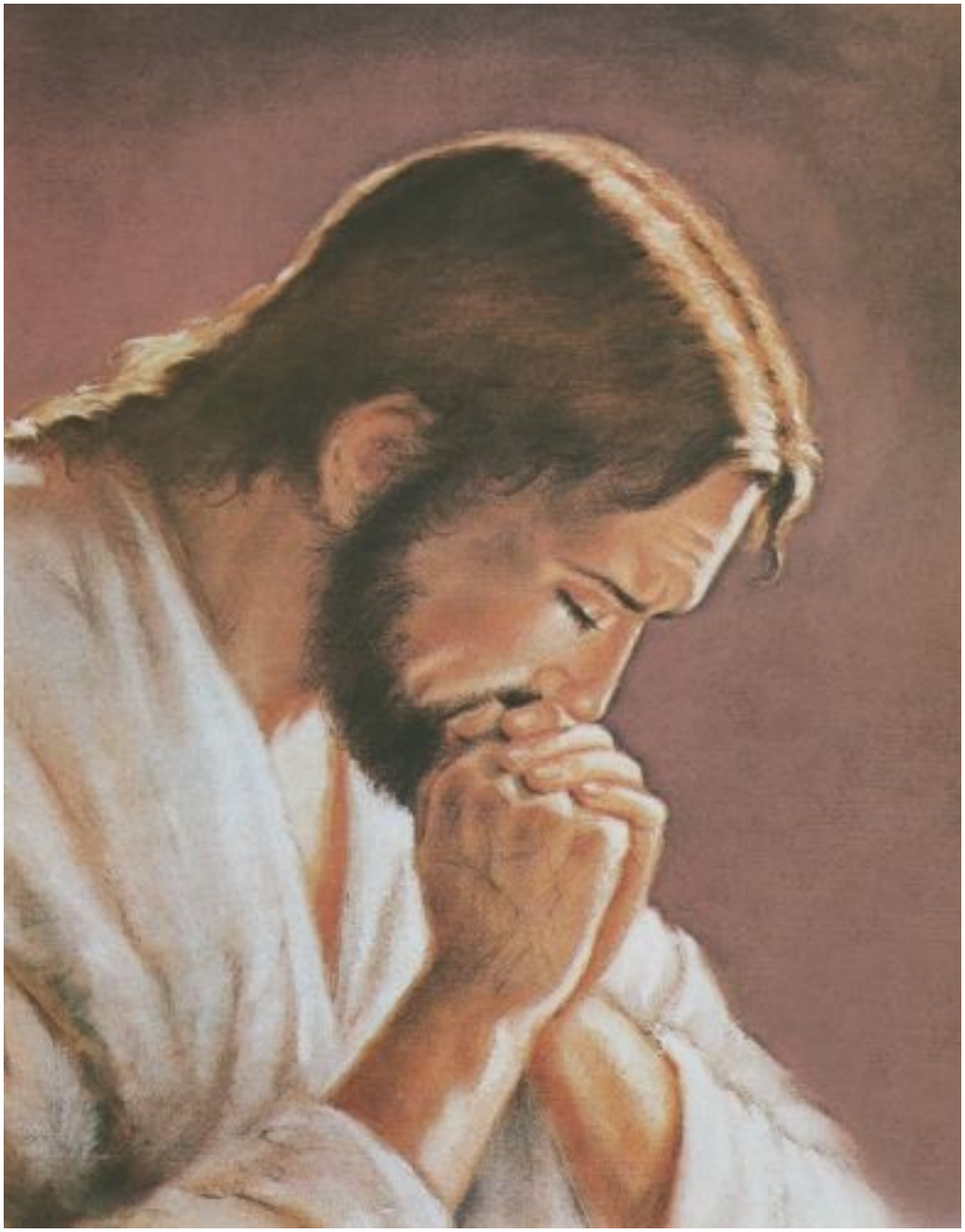
O que é novo em Malaquias é a revelação de um precursor enviado para preparar a vinda do Messias:»Eis que eu enviarei o meu mensageiro (um precursor) para **abrir** caminho diante do meu rosto, e de repente o Senhor que procurais, e o Anjo da Aliança (*o Messias*) que desejais, entrará no seu santuário«(*Malaquias 3:1*).

Este mensageiro precursor de Cristo é»Elias«:»Eu enviar-te-ei Elias, o profeta, **antes que** chegue o Meu Dia...«(Malaquias 3:23). Jesus explicou que foi João Baptista (Mateus 17,10-13), que veio, não como uma reencarnação de Elias, mas com o mesmo»espírito e poder de Elias«(Lucas 1,17) como já expliquei.

Esta profecia do Anjo (Malaquias), o precursor do Messias, é peculiar a Malaquias. Nenhum outro profeta falou disso. É por isso que é o ponto mais saliente deste livro e lhe deu o seu nome: Malachi.

Aqui termina o estudo dos livros do Antigo Pacto, um pacto que, como já viu, se tornou nulo e sem efeito, e precisa de ser **reformado**. Esta reforma foi realizada por Jesus, que inaugurou os tempos da restauração **espiritual e universal** que ainda estamos a viver. Pois, como Paulo salienta, as regras materiais do Antigo Pacto»são regras para a carne (*o corpo*), relativas apenas a alimentos, bebidas, várias abluções, e impostas apenas até ao momento da **reforma**«(Hebreus 9:10). Vamos agora estudar os livros que nos apresentam este maravilhoso e vivificante Novo Pacto em Jesus, o Messias.

12. Lição 12 - Os Livros do Novo Testamento



Rezando a Jesus

Existem 27 livros do Novo Testamento, alguns dos quais não excedem algumas linhas (2 & 3 John and Jude). A fim de as estudarmos, dividimo-las da seguinte forma:

- *Lição 12*: Os Evangelhos Sinópticos & os Actos dos Apóstolos.
- *Lição 13*: O Evangelho de João e as *Cartas* dos Apóstolos.
- *Lição 14*: O Pequeno Livro do Apocalipse.

Os Evangelhos Sinópticos e os Actos dos Apóstolos

12.1 Apresentação dos Evangelhos Sinópticos

Evangelho significa literalmente»Boa Nova«(do grego:»Ev«: boa e»angelos«: mensagem ou notícia). É a proclamação da»Boa Nova«da vinda do Messias, que tanta sede aguardava.

Existem quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Os 3 primeiros são mais ou menos semelhantes e constituem uma biografia de Jesus. Eles têm a mesma grande preocupação: demonstrar que Jesus é verdadeiramente o Messias esperado pelos judeus, mesmo que ele não»tenha libertado Israel«politicamente (Lucas 24,21) nem»restaurado o reino (*político*) em Israel«(Actos 1,6). Esta é a visão comum destes Evangelhos, e é por isso que são chamados os Evangelhos»sinópticos«, do grego»syn«, que significa»mesmo«, e»optikos«, que significa»ponto de vista«. Estes três Evangelhos apresentam uma biografia **humana** de Jesus. Este é o seu ponto de vista comum. João, por outro lado, revela, além disso, a sua divindade.

Apresentar-vos-ei juntos os Evangelhos sinópticos, baseados no Evangelho de Mateus. A partir deste, vou falar-vos das semelhanças que ele tem com Mark e Luke. Mas antes, vou apresentar-vos cada um destes três evangelistas. Depois da sinoptica virá o estudo do Evangelho de João.

12.1.1 Mateus

Ele é um dos doze Apóstolos de Cristo. Ele é mencionado em Mateus 9:9 e 10:3. Ele é judeu e odiado pelos judeus porque era»publicano«, ou seja, cobrava ao público os impostos impostos impostos pelos romanos. Assim, ele tirou dos judeus para dar aos romanos, aquele que era judeu. Mas quando Jesus o convidou a segui-lo (Mateus 9,9), respondeu imediatamente à chamada, deixando cair tudo. É chamado por Marcos e Lucas do seu nome judeu»Levi«(Marcos 2,13-14 / Lucas 5,27-28).

Mateus é o primeiro a escrever uma história sobre Jesus. Escreveu-o para os judeus que se tinham tornado cristãos; por isso escreve em hebraico (aramaico) e refere-se frequentemente às profecias do Antigo Testamento para mostrar que Jesus cumpriu o que já estava previsto no Antigo Testamento (Mateus 1,22 / 2,5-6 / 2,15-18 / 3,3 / 4,14-16 etc.). O Evangelho de Mateus é o único livro do Novo Testamento escrito em aramaico, todos os outros foram escritos em grego antigo, a língua internacional da época, que os Apóstolos aprenderam a pregar (Actos 21,37-40).

12.1.2 Marc

Ele não faz parte do grupo dos Apóstolos, mas juntou-se ao seu ministério após a ressurreição de Jesus (Actos 12,12). Ele seguiu Paulo e ajudou-o (Actos 12,25), depois afeiçoou-se a Pedro que o considerava»seu filho«(1 Pedro 5,13). Foi seu secretário, por assim dizer, e foi inspirado por Pedro que Marcos escreveu o seu Evangelho, que algumas pessoas consideram ser, indirectamente, o Evangelho de Pedro. Muitos comentadores bíblicos pensam que o»jovem«mencionado, sem ser nomeado, por Marcos (Marcos 14:51-52) não é outro senão Marcos, pois este detalhe não vale a pena mencionar se não tivesse sido experimentado pelo próprio escritor.

12.1.3 Luc

Luke era um médico pagão. Ele veio a conhecer Cristo através de Paulo e tornou-se seu companheiro de viagem (Colossenses 4,14) e fiel colega de trabalho, quando outros o abandonaram (2 Timóteo 4,9-11). Foi influenciado por Paulo que escreveu o seu Evangelho em grego a um homem notável chamado»Teófilo«(Lucas 1,3). O seu Evangelho é, indirectamente, o de Paulo, tal como o Evangelho de Marcos reflectia os ensinamentos de Pedro.

Notará que Lucas escreve com a preocupação de ser **preciso** nas verdades que reporta a Teófilo»depois de ter inquirido **cuidadosamente** sobre tudo desde o **início,** tendo feito inquéritos com **testemunhas oculares**«(*a Virgem Maria, Pedro, etc. Lucas 1:2-3*). É portanto o único a dar-nos pormenores sobre o nascimento de João Baptista, a Anunciação a Maria e a infância

de Jesus (Lucas 1 e 2). Isto deve-se à sua formação médica científica, que não deixa nada ao acaso.

Lucas também escreveu o livro dos Actos dos Apóstolos que também dirigiu ao nobre»Teófilo«(Actos 1,1) para o informar sobre a história de Jesus e dos seus discípulos, **depois da ascensão** de Jesus ao Céu (Actos 1,1-11). Assim, o livro de Actos pode ser visto como uma continuação do Evangelho de Lucas. Recomendo que o estudem com os outros Evangelhos sinópticos, antes do Evangelho de João.

Agora, e a partir do Evangelho de Mateus, vamos familiarizar-nos com estes três primeiros Evangelhos: a sinopse.

Os judeus, como sabem, sabiam que o Messias seria um descendente de David. Assim, Mateus apressou-se a acalmá-los, especificando que Jesus é descendente do Rei David. Assim ele começa o seu Evangelho dando a»genealogia de Jesus, o Cristo, **filho de David**, filho de Abraão, etc.«(Mateus 1:1). A maioria dos nomes mencionados por Mateus nesta genealogia encontram-se no Antigo Testamento, especialmente os dos reis da Judeia, desde David até à deportação, até ao regresso do exílio com Zerubbabel (Mateus 1:12).

Lucas também menciona a genealogia de Jesus (Lucas 3,23-38). Mas em vez de dar uma lista de Abraão a Jesus, como Mateus, Lucas começa, pelo contrário, de Jesus a Abraão e volta para»Adão, filho de Deus«(Luk 3,38). A diferença nos nomes dos antepassados deve-se ao facto de Lucas dizer que Jesus é filho de David por»Natã, **filho de David**«(Luk 3,31), mas Mateus apresenta-o como filho de David por Salomão, filho de David (Mateus 1,6-7). Encontrará o nome de Natã em 2 Samuel 5:14 e 1 Crónicas 3:5; é um dos filhos de David nascido em Jerusalém e mais velho que Salomão. Não importa se Jesus é descendente de um ou de outro, ele ainda é»um descendente e filho de David«. Note-se, além disso, que Lucas, procurando precisão nas suas informações, diz que Jesus»era, **acredita-se**, o filho de José, o filho de Heli, etc.«(Lc 3,23). Este»acreditado«acrescenta uma nuance importante e convida-nos a ir além da genealogia humana rigorosa e meticulosa dos nomes. Jesus é, acima de tudo, o Filho de Deus!

Esta nuança convida-nos, sobretudo, a não parar na genealogia do sangue, mas a voltar, como João fez no seu Evangelho, à genealogia **divina** de Jesus, dizendo:»No princípio era a Palavra (*Jesus*)... e a Palavra era Deus...«(Lc 3,23). (João 1:1)... E a Palavra tornou-se carne e habitou entre nós.»(João 1:14). A importância desta última genealogia ofusca totalmente a primeira e o próprio Jesus convida-nos a considerá-la, dizendo aos judeus: «Como é que o Messias é filho de David, uma vez que David o chama **Senhor**? (Mateus 22,41-46 e Salmo 110,1).

Alguns judeus usam este texto para afirmar que Jesus»confessa«que não é o filho de David. Ele não está! Pois Jesus não diz que também não é isso, mas que é ainda mais do que isso, sendo o»**único** Filho de Deus«, o **único** que foi milagrosamente gerado no mundo por Deus, no ventre de uma mulher ainda virgem, sem a intervenção de um homem. E, acima de tudo, que Ele já existia antes de se encarnar.

Detenho-me um pouco na questão da genealogia, porque os homens fracos e imaturos na fé, e muitos inimigos do Evangelho, usam a»diferença«entre a genealogia de Mateus e a de Lucas como desculpa para afirmar que os Evangelhos são falsos, prova desta»discrepância«entre os dois evangelistas sobre este ponto. Esta é uma crítica superficial que as pessoas que não são capazes de ir ao fundo da questão se entregam. Tinha, no entanto, de ser avisado e atento.

Nesta fase, pode ler os textos sobre genealogia em Mateus e Lucas, bem como os outros textos mencionados. Mas não leia os Evangelhos na sua totalidade até ter estudado as minhas explicações.

Destacarei os pontos do Evangelho de Mateus que mais precisam de ser esclarecidos.

12.2 Preparação de Jesus

Antes de assumir a sua missão, Jesus retirou-se sozinho para o deserto. Este retiro é um período de transição entre a sua vida como carpinteiro - uma vida de inserção social e pública comum a todos os homens - e a sua vida como Messias que deve manifestar uma nova personalidade desconhecida e insuspeita por aqueles que o rodeiam. A fim de assumir este fardo sério e pesado - e de preparar a sociedade para tomar consciência dele - foi necessário romper com a vida diária, profissional e rotineira. É por isso que Mateus e os outros evangelistas nos dizem que é»o Espírito (*de Deus*) que conduz Jesus para o deserto«(Mateus 4,1 / Marcos 1,12 / Lucas 4,1).

Cada apóstolo deve conhecer, de uma forma ou de outra, esta ruptura momentânea com a sociedade e fazer um retiro espiritual para aprofundar e compreender o apelo de Deus antes de enfrentar a sua missão.

O diabo intervém sempre para perturbar esta solidão e impedir a alma de capturar a Deus. Ele ensurdece os ouvidos com os seus ruídos e a sua cegueira. Portanto, antes de servir a Deus, é preciso triunfar sobre o seu inimigo, o diabo, que é também o inimigo dos amantes de Deus.

Jesus foi»tentado pelo diabo«em 3 pontos:

12.2.1 Agir a mando do diabo, não de Deus

»Ordena que estas pedras sejam transformadas em pão«, ordena-lhe Satanás (Mateus 4:3-4). Jesus pode fazer este milagre. No entanto, Ele não quer agir a **pedido do demónio**, mas de acordo com o plano divino, e quando soar a hora de Deus. Depois multiplicará pães e peixes para que outros comam no deserto (Mateus 14,13-21). Deve-se recusar fazer algo, por melhor que pareça, se não for inspirado pelo Espírito divino. Este é um ensinamento para aqueles que se entregam à prática condenável da magia»negra«ou dita»branca«.

ABILÈNE
PHÉNICIE
SYRIE
Sidon
Damas
Césarée
Hermon
ITURÉE
Tyr
Césarée de Philippe
GALILÉE
Capharnaüm
Bethsaïda
Magdala
Mer de Galilée
Cana
Tibériade
Tabor
Gadara
Nazareth
Naïn
SAMARIE
DÉCAPOLIS
Jourdain
Sychar
Samarie
Gérasa
Garizim
Jabbok
Ephraïm
PÉRÉE
Emmaüs
Jéricho
Béthanie
Jérusalem
Bethléem
Machéronte
Mer Morte
JUDÉE
NABATÉENS

12.2.2 Não tente a Deus

»Se és o Filho de Deus, expulsa-te«, diz-lhe novamente o diabo (Mateus 4,5-6).»Não tentarás a Deus«, respondeu Jesus. Se temos de confiar em Deus, não devemos, por outro lado, abusar dessa confiança. Isso seria desafiar Deus, pô-lo à prova. Deus não se permite ser influenciado por chantagem. Muitos acreditam que são escolhidos por Deus e se permitem fazer o mal que é condenado por Deus. Como exemplo: Deus recusa um reino de Israel, mas os israelitas insistem em estabelecê-lo enquanto continuam a proclamar-se o»povo escolhido«de Deus. Eles estão numa ilusão perfeita. Ao estabelecerem este reino político - contrariamente à vontade de Deus - não obterão a Sua bênção. Não se pode forçar a mão de Deus ou colocá-lo perante um facto consumado. Se Jesus tivesse ouvido Satanás e se tivesse atirado ao chão, Deus tê-lo-ia deixado cair, apesar de estar escrito:»Ele mandará aos Seus anjos e eles levar-vos-ão nas suas mãos...etc.«, pois esta queda foi inspirada pelo diabo, não por Deus. Por outro lado, este versículo convida-nos a ter plena confiança em Deus nas provações - permitidas por Ele - que nos assolam. Mas Deus não nos ajuda na imprudência que provocamos diante dos outros para demonstrar, com orgulho, que Deus nos protegerá e que Ele está ao nosso serviço. Neste caso, Deus abandona-nos. Uma pessoa que conduza loucamente a 200 km/h com o pretexto de que Deus está a protegê-los ficará desapontada. Pois não devemos tentar a Deus. Devemos usar as virtudes da prudência, sabedoria, etc., para evitar a tentação. Neste caso, Deus protege-nos.

12.2.3 O Reino de Deus está dentro de

»Adorai-me e eu vos darei todos estes reinos«, disse Satanás a Jesus (Mateus 4,8-11). É o império sionista que o diabo oferece a Cristo, um poder político, aquele cobiçado pelos israelitas. Jesus não se engana; Ele recusa-a. O seu Reino não é deste mundo, está dentro, nos corações (João 18,36 / Lucas 17,20). Quando o demónio é derrotado, ele parte sem poder resistir ao comando de Cristo:»Satanás, retira-te«(Mateus 4:10). Isto significa que Jesus permitiu ao diabo testá-lo para uma sabedoria profunda: para nos ensinar como agir perante este maligno.

O diabo vai embora, mas, como diz Lucas,»para regressar à hora marcada«(Lucas 4,13). Este regresso do diabo foi feito pelos judeus que queriam coroar Jesus como rei sionista, pela força, como nos ensina João. Mas Ele»percebeu que eles viriam e **o levariam** (*pela força*) e o fariam rei. Depois fugiu novamente para a montanha sozinho«(João 6:14-15). Mais uma vez Jesus recusou-se a ser rei de um império israelita que o demónio já lhe tinha oferecido.

Quando escolhemos o Reino de Deus, devemos estar sempre preparados para as provações que o diabo e os amantes do Reino da Terra nos imporão.»Meu filho«, diz o livro de Ecclesiasticus,»se afirmas servir o Senhor, prepara-te para o julgamento«. Seja recto no coração, arme-se de coragem, não se deixe arrastar para o tempo da adversidade» (Eclesiasticus 2:1-2). Isto é o que Jesus nos ensina praticamente através da tentação a que ele nos quis submeter. Só quando saiu vitorioso, após a provação, «Jesus voltou para a Galileia com o **poder do Espírito**» (Lucas 4,14). É **com** este Poder Espiritual Divino que ele empreende a sua missão. Tenhamos também cuidado em agir e em comprometer-nos sem a ajuda indispensável de Deus. Devemos, portanto, saber discernir o Espírito de Deus em nós. É uma graça a ser pedida. Temos de ter o Espírito Santo dentro de nós; é o primeiro tesouro espiritual que Jesus recomenda que peçamos ao nosso Pai celestial (Lucas 11:13 / Mateus 7:11).

12.3 Jesus em Missão: O seu discurso inaugural (Mateus 5:1 - 7:29)

Jesus não começa a sua missão em Nazaré, a sua cidade, mas mais longe, em Cafarnaum, onde se instala (Mateus 4,12). É a cidade de Pedro e dos primeiros Apóstolos, todos pescadores no lago de Tiberíades, na margem norte da qual se encontra Cafarnaum (Ver no mapa). Esta cidade tornou-se o seu centro de influência. Os milagres de Jesus tornaram-no conhecido em toda a região (Mateus 4,23-25). Este foi o cumprimento da profecia de Isaías, que designou a

terra de Zebulom e Neftali (Galileia) como o centro de onde viria a Grande Luz Divina (Isaías 8:23 - 9:1).

As multidões seguiram Jesus que aproveitou a oportunidade para proclamar o seu grande discurso inaugural conhecido como as «Bem-aventuranças». Isto continha ensinamentos revolucionários para a sociedade judaica da época. É revolucionário porque é anti-sionista e anti-racista, sendo para a salvação de todos os homens, e não apenas dos judeus.

Lucas **especifica** que Jesus se dirige **aos judeus** que vieram ouvi-lo: «Eu **vos** digo (*judeus*), **que me estão a ouvir**: Amai os vossos inimigos...» (Lc 6,27). Jesus sabia que aqueles que O ouviam eram todos judeus sionistas que pensavam que cada não-judeu é um inimigo a ser odiado. Ele quer quebrar o gueto psicológico em que os seus ouvintes estão presos há muitos séculos; é por isso que Ele diz: «Ouvistes que foi dito: 'Amarás o teu próximo (*o judeu como a ti mesmo*) e odiarás o teu inimigo (*todos os não-judeus: Levítico 19:17-18; Deuteronómio 15:3*). Mas digo-vos: Amai os vossos inimigos (*aqueles que* ***considerais*** *como inimigos*), rezai pelos vossos perseguidores (*eles não vos perseguem, mas defendem-se contra a vossa maldade. Pense nos palestinianos perseguidos pelos israelitas e que são considerados»terroristas«*). Diz-se que Jesus disse aos judeus modernos:»Reza pelos teus inimigos palestinianos, sê bom para eles, dá a outra face se eles te derem uma bofetada, pois são eles que têm razão. Dêem-lhes a terra que pedem, pois ela lhes pertence«. Lembrem-se que é aos impiedosos sionistas que Jesus se dirige:»Digo-vos a vós que me escutais...«

»Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, certamente não entrareis no Reino de Deus«, diz-lhes Jesus novamente, porque esta chamada»justiça«é racista e prefere o judeu, com todos os seus defeitos, aos inocentes não-judeus (Mateus 5:20). Hoje, esta frase poderia ser traduzida da seguinte forma:»Homens, se a vossa justiça não exceder a de todos os teólogos e clero, não vos aproximareis de Deus, por mais que acrediteis«....»Se não amas os justos, sejam eles judeus, cristãos, muçulmanos, orientais ou ocidentais, norte ou sul, a tua fé é em vão«.

Os judeus odiavam os samaritanos. Foi por isso que Jesus deu a parábola do»**Bom** Samaritano«(Lc 10,29). Ele deu esta parábola a um advogado judeu que, observou,»queria **justificar-se**«por não estar pronto a ajudar um não-judeu, não sendo seu vizinho. Este jurista judeu só faz o bem de acordo com a lei racista judaica: é preciso ir além desta lei desumana se se quiser entrar na casa de Deus.

Ao ensinar estas coisas, Jesus»não abole a Lei (*Torah*) mas, pelo contrário, cumpre-a por uma Lei de Amor«que os judeus interpretaram mal.»Não vim para abolir, mas para cumprir«, disse Jesus. Ele chega à perfeição (Mateus 5:17-20). Não só»não matarás«, mas»não insultarás«o teu irmão (Mateus 5,21-26). E o seu irmão é todo o homem justo. Também vós, sede justos e capazes de compreender esta nobre verdade.

Para os judeus, como para muitos crentes ainda hoje, o pecado está no cumprimento do acto material. Mas Jesus muda esta concepção: o mal já está na intenção de realizar um acto:»Quem olhar para uma mulher para a cobiçar, já cometeu adultério com ela no seu coração«(Mateus 5,27-28). Não é errado olhar, mas olhar enquanto se deseja e se trabalha para alcançar. Então, mesmo que não consigamos consumar a acção, o pecado é realizado em **nós**. Se eu planeio roubar algo, mas por alguma razão não o posso fazer, é considerado um acto maligno já feito na minha consciência. Uma vez que o Reino está **em nós**, o mal também está em nós.

Estes são os ensinamentos mais mal compreendidos nas»Beatitudes«. O resto é fácil de compreender.

Lembre-se novamente que»dar a outra face a quem lhe bater«é um mandamento dirigido aos injustos e não significa que os homens honestos e inocentes devam ser fracos face à **injustiça**. Devemos saber como nos defender, a autodefesa é um dever, especialmente quando temos de proteger a nossa família, os nossos filhos e a nossa própria vida contra um agressor criminoso.

O Apocalipse, falando do Anticristo, convida-nos a»pagar-lhe com o seu próprio dinheiro«, e até a dar-lhe uma»dose dupla«dos tormentos que terá causado aos outros (Apocalipse 18:6-7).

Convido-vos, a este respeito, a meditar sobre a atitude de Jesus perante um dos guardas que o esbofeteou quando foi preso (João 18,19-23); ele não deu a outra face, mas pediu àquele que o esbofeteou injustamente que prestasse contas. É necessário manter a dignidade e o orgulho perante a injustiça violenta; também isto é humildade e grandeza de alma. Quanto à atitude de apresentar a outra face, deve ser a de alguém que cometeu uma injustiça para com alguém que o censura. O culpado deve humilhar-se e admitir a sua culpa, deve redimir-se, e estar grato àqueles que o aceitam de volta e o esbofeteiam com a palavra de justiça para o corrigir.

12.4 Jesus e João Baptista (Mateus 11:1-15)

João Baptista foi anunciado, como explicado anteriormente, por Malaquias»para preparar o caminho perante o Messias«(Malaquias 3:1). O próprio Jesus refere-se a esta profecia (Mateus 11,10). Este precursor do Messias foi, segundo a concepção israelita, preparar os judeus para o Messias Rei de Israel, que iria restaurar o reino em Israel, um reino político da dinastia de David. O próprio João Baptista não tinha compreendido que o Reino do Messias é espiritual e universal. Mateus relata que»João Baptista, na sua prisão, tinha ouvido falar das obras de Cristo«(Mateus 11,2). Mas estas obras não eram políticas: nem uma reunião armada para destronar Herodes, que não era da dinastia davídica, nem um grito de resistência violenta contra os romanos, como queriam os Zelotes (o partido nacionalista judeu a que pertencia o apóstolo Simão, o Zelota): Mateus 10,4), mas perdão dos pecados, cura dos dœntes, e bondade para com os oficiais romanos, considerados por Jesus como tendo uma fé ardente»como não há nenhuma mesmo em Israel«(Mateus 8,5-13).

João Baptista, na sua prisão, estava à espera de ser libertado por uma revolta revolucionária de Jesus. Estas»obras«de Jesus, que não eram nacionalistas, surpreenderam-no e escandalizaram muitos outros judeus. O prisioneiro Precursor enviou alguns dos seus discípulos para perguntar a Jesus:»És tu aquele que virá (*o Messias «nacionalista»*) ou devemos esperar outro? (Mateus 11:3). Esta questão deve ter assediado os discípulos de João Baptista, que por sua vez assediaram o seu mestre. Confiaram nele, ele tinha-lhes dito que o Messias esperado era Jesus, cujos «sapatos não eram dignos de serem tirados» (Mateus 3,11). Então, perguntaram-se, porque é que este Messias não trabalha para restaurar o reino de Israel? De que é que ele está à espera? Como é que ele é terno com os romanos e visita os gentios para curar os dœntes como os gadarenos (Mateus 8:28-34) e os sidónios (Mateus 15:21-28)? Tudo isto escandalizou os fanáticos judeus.

A resposta de Jesus aos enviados de João Baptista pretende quebrar o espírito nacionalista e fanático nos corações judeus que foram desviados pelo sionismo de boa fé: «Falai a João dos milagres que tendes visto: os cegos podem ver... etc.» (Mateus 8,28-34). ... a Boa Nova (*da vinda do Messias*) é *pregada* aos **pobres** (*não aos ricos que pensavam ser privilegiados: Isaías 61,1*) e bendito é aquele a quem eu não ofendo (*pois também eu não sou um activista nacionalista*)«(Mateus 11,4-6). Esta resposta só poderia perturbar os enviados de John.

Jesus, enfatizando que João Baptista é um profeta, e que é mesmo»o maior entre os filhos das mulheres«(Mateus 11,9-11), convida os seus ouvintes a acreditar no testemunho deste profeta que se considera»indigno de desatar os sapatos de Jesus«(Mateus 3,11). Ele convida-os a acreditar que Ele, Jesus, é verdadeiramente este Messias esperado, mesmo que achem engraçadas as suas obras não políticas. No entanto, Cristo apressa-se a apontar que João Baptista, apesar da sua grandeza, é»menor do que o menor no reino dos céus«(Mateus 11,11). A razão? É porque o menos no Reino **dos Céus** (não de Israel) compreendeu que Jesus é rei, não de um estado político, mas de uma vida espiritual **interior**, não nacionalista, como o grande João Baptista e os próprios Apóstolos de Jesus acreditaram na boa fé no início.

João Baptista também deve a sua grandeza ao facto de ele encerrar uma era, a da concepção do Messias nacionalista:»Todos os profetas trouxeram as suas profecias a João«(*para que ele pudesse dar testemunho do Messias, que Jesus, que não é nem um soldado nem um político como Ariel Sharon, Itzhak Shamir e Shimon Peres são hoje*). Mas a partir de João começa uma nova concepção do messianismo:»Desde os dias de João Baptista até agora (*e ainda hoje*) o Reino dos Céus tem sofrido violência, e os violentos tomam-no pela força«(Mateus 11,12-13). Porque é que isto acontece? Porque os judeus tiveram de fazer violência a si próprios, sacudir-se violentamente para se libertarem de preconceitos e ideias preconcebidas, e de toda uma herança mental que moldou e distorceu a sua compreensão do messianismo. Assim, eles deixaram-se atrair colectivamente à espera de um Cristo sionista, apesar das repetidas advertências dos profetas e da recusa franca de um rei israelita por parte de Deus e de Samuel.

É difícil livrar-se de uma mentalidade nacionalista. No entanto, se alguém quiser fazer parte do Reino de Deus, **como Deus pretendia que** fosse, tem de ser violento, tem de renunciar a quaisquer ideias políticas que se possam ter sobre ele. Os judeus presos pela ideia de um Estado israelita, os cristãos que acreditam no **Estado do Vaticano** (chamado cristão mas que se tornou político) e os muçulmanos que militam para estabelecer monarquias ou repúblicas islâmicas devem, hoje em dia, todos»usar de violência«para se libertarem das correntes destas ideias desviantes se quiserem entrar no Reino espiritual dos Céus.

A nível da vida diária e pessoal, temos muitas vezes de nos abanar e»fazer violência«para sair da indolência que nos paralisa e assim resistir à corrente materialista que arrasta os fracos. Estes seguem cegamente a maioria, sem pensar e sem poder escolher livremente uma vida pessoal, diferente da dos outros, mas mais útil para o coração e para a alma.

João Baptista é, finalmente,»aquele Elias que deve regressar«, explicou Jesus (Mateus 11,14 / 17,11-13). Eu tinha explicado que o precursor de Jesus tinha de se apresentar no mundo»com o espírito e poder de Elias«(Lucas 1,17). É portanto espiritualmente que devemos interpretar a profecia de Malaquias 3:23 e não textualmente, como fazem aqueles que aguardam o regresso de Elias em pessoa, a sua reencarnação. Esta era a intenção de João ao dizer que ele não é Elias (João 1:21).

Um ponto importante deve ser compreendido: João Baptista causou uma impressão tão profunda nos judeus que muitos acreditavam que ele era o Messias. É por isso que este precursor não deixou de sublinhar que ele não era o Messias:»Eu não sou o Cristo«, diz ele (João 1:20). Os sacerdotes perguntaram-lhe:»Porquê baptizar então, se não és nem Cristo nem Elias«(João 1,25). E ele respondeu:»Baptizo-vos com água para **arrependimento**, mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu.... Ele irá baptizar-vos com o Espírito Santo e o Fogo (João 1,26 e Mateus 3,11).

O baptismo de João é, portanto, uma preparação, um apelo ao **arrependimento**. O baptismo de Jesus dá graça e **perdão** que João Baptista não pôde conceder. Esta é a razão pela qual o baptismo de Jesus é mais poderoso do que o do seu precursor. Para o obter, deve cair sobre um coração que já está arrependido. João, portanto, apela ao arrependimento através de um baptismo de água que já não terá a sua razão de ser após a vinda do Messias. Jesus inaugura no mundo um novo baptismo espiritual para todos os homens que se arrependem e decidem mudar para melhor.

Muitos peregrinos judeus vieram a Jerusalém durante os feriados religiosos. Alguns, vindos de Éfeso, tinham conhecido João Baptista e, impressionados por ele, reconheceram a importância do seu baptismo. Por isso foram baptizados por ele e regressaram a casa. Esta categoria de judeus formou o núcleo dos primeiros cristãos. Foram visitados pelos Apóstolos que lhes explicaram a inadequação do baptismo de João e a importância do baptismo de Jesus: «Quando ouviram isto, foram baptizados em nome do Senhor Jesus... e o Espírito Santo veio sobre eles»

(Actos 19,1-7). Com o Apocalipse, no nosso tempo, o conceito de baptismo assume um nível espiritual mais elevado.

12.5 Como os Apóstolos Conceberam o Messias (Mateus 16)

Os Apóstolos - como toda a sociedade judaica de ontem e de hoje - não esperavam de todo o tipo de Messias que viram em Jesus. Foi necessária muita pedagogia e tacto da parte do Carpinteiro de Nazaré para introduzir na mentalidade judaica altamente politizada o conceito do Messias modesto e humilde, espiritual e universal.

De várias formas, Jesus apresentou aos seus discípulos o seu Reino não temporal, aberto a todos os homens, que este jovem e modesto carpinteiro veio inaugurar. Falando-lhes do Reino que acreditavam ser político, disse-lhes: «Não se pode dizer: 'Aqui está, ou aqui está'; pois saibam isto, que o Reino de Deus está **dentro de vós**» (Lucas 17,21), e assim não deve ser procurado fora, num lugar geográfico, em Jerusalém ou Samaria. E ainda: «Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, para tomar o seu lugar na festa do Reino de Deus» (Lucas 13,29). Os súbditos deste Reino universal não serão portanto os únicos judeus, porque «há últimos (*gentios que vieram à fé depois dos judeus*) que serão os primeiros, e primeiros (*judeus*) que serão os últimos» (Mateus 19,30/Luk 13,30). O messianismo explicado por Jesus era impensável para todos os judeus, porque estavam imbuídos da ideia nacionalista e patriótica. Ainda hoje, a ideia de um tal messianismo não se apresenta ao pensamento dos israelitas.

Após dois anos de assistência e preparação dos seus Apóstolos, e um ano antes de ser entregue à crucificação, Jesus sondou os seus Apóstolos. Tinham visto as suas obras milagrosas, mas teriam compreendido os seus ensinamentos e também as subtilezas das suas insinuações? Eles tinham de compreender duas coisas:

1. que Jesus, sob esta modesta aparência, é o Cristo esperado.

2- Que a missão de Cristo não é restaurar o Estado de Israel, ao contrário da sua esperança. O Messias teve de confirmar os seus Apóstolos na sua fé total nele para que não o negassem após a sua aparente «derrota» na cruz, e para que continuassem a acreditar nele apesar do facto de ele não ter restaurado o Estado de Israel (ver Lucas 24,21 e Actos 1,6).

Jesus perguntou portanto, um ano antes da sua morte: «Quem pensas que eu sou?» Pedro respondeu: «Tu és o Cristo» (Mateus 16,15-20). Jesus louvou o seu apóstolo porque, através das aparências de pobreza, Pedro reconheceu em Jesus o Messias que, no entanto, se esperava que fosse de nobreza ou mesmo realeza de acordo com o mundo. Mas não havia nada de luxuoso neste humilde e modesto carpinteiro de Nazaré; a sua nobreza era interior. Pedro discerniu no seu Mestre o Messias, nada menos do que «o Filho de Deus», apesar da simplicidade das suas vestes. Por isso Jesus disse-lhe: «Esta revelação chegou até vós não em carne e osso (*não sob a forma de glória humana*), mas do meu Pai que está nos céus». Foi uma forte intuição interior, uma luz espiritual poderosa e profunda que moveu Pedro a falar.

Mas, paradoxalmente, Cristo apressou-se a recomendar aos seus Apóstolos «a ninguém dizer que era Cristo» (Mateus 16,20). Porque não? Porque as multidões viriam para o forçar a ser o rei político de Israel como já tinha acontecido (João 6:15). Não só lhes recomendou total discrição, mas, «a partir desse dia, Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém, sofrer e morrer lá, e ressuscitar ao terceiro dia» (Mateus 16,21).

Com estas palavras, carne e sangue tomou conta da vida de Pedro; ele nada mais ouviu do que o Pai celestial podia inspirar nele. Convencido de que o Messias iria restaurar o reino em Israel, não podia imaginar que este salvador da «nação» fosse morto. Com um gesto violento, Pedro «arrastou» Jesus até ele e começou a **mortificá-lo** (*repreender, repreender*), dizendo: «Não, isto não te vai acontecer»! (Mateus 16,22). Se esta foi a atitude dos Apóstolos após dois anos de iniciação, imagine o que os outros judeus pensaram de Jesus... e especialmente Judas Ischariot, que apenas aspirou ao reino de Israel.

Depois de louvar Pedro por tê-lo reconhecido como o Messias, Jesus repreende-o por o «mortificar». A concepção messiânica de Pedro sobre o Messias ainda é realista: «Vai para trás de mim, Satanás! Estás no meu caminho! Pois os vossos pensamentos não são de Deus, mas do homem»! (Mateus 16,23). De Samuel, os israelitas estão à procura de um reino israelita que Deus condena!

Com a condenação do Estado de Israel, Deus está a estabelecer um novo princípio de julgamento das consciências no mundo. Este princípio é válido para nós, os homens do século XX; é um critério, uma medida de verdadeira fé. Os homens que trabalharam - e continuam a trabalhar - para a edificação e permanência de Israel, não pensam como Deus, mas como homens, como Jesus disse a Pedro. O Apocalipse de João diz-nos, que no fim dos tempos, Deus encarregará os Seus Enviados de «medir o Templo», ou seja, sondar as consciências dos homens, especialmente dos crentes representados pelo «Templo» (Apocalipse 11,1 / 21,15). Este inquérito está agora a ser realizado através do Estado de Israel: aqueles que são a favor do Estado de Israel são contra Deus e aqueles que resistem a Israel servem o plano de salvação universal de Deus

O exame de consciência de Jesus através da pergunta feita aos seus Apóstolos: «Quem pensais que eu sou?» revelou que eles entendiam que ele era o Cristo, mas que, segundo eles, ele deveria restaurar o reino israelita. Antes da sua ascensão, perguntaram-lhe de novo: «Irá neste momento restaurar o reino de Israel? (Actos 1:6). Assim, ainda não tinham compreendido o pensamento do Mestre, apesar do facto de»ele se ter mostrado vivo **após a** sua paixão durante **40 dias** para os manter no Reino (*espiritual*) de Deus«(Actos 1:3).

O inquérito de Jesus aos seus Apóstolos revelou a sua fé inabalável nele:»Vós sois o Messias«. Após dois anos de formação, apenas este primeiro passo foi dado. O segundo passo - que o Messias não é um nacionalista - ainda estava para ser dado. Mas os Apóstolos não conseguiram avançar mais, paralisados pela antiga - mas agora tradicional - concepção de que o Messias deveria ser o rei temporal de Israel. Para todos os judeus isto era evidente por si mesmo e nem sequer discutível.

Portanto, já era uma tarefa enorme para Pedro ter a certeza de que Jesus é o Messias. O resto poderia ser construído sobre esta certeza:»Tenho muitas coisas para vos dizer«, disse Jesus aos doze,»mas não podeis levá-las **agora**«(João 16,12). Nesse momento não conseguiam compreender que aquele em quem tinham colocado todas as suas esperanças para o império israelita acabaria tragicamente pregado a uma cruz.

Assim, foi só depois de ter garantido a solidez da sua fé na sua pessoa que Jesus **»começou«a** revelar-lhes o plano de Deus:»Serei traído e morto...«(Jo 16,12) (Mateus 16:21-23). A fim de lhes explicar que esta tragédia tem razões profundas, que ele a aceita livremente para o seu próprio bem e que é suficientemente poderoso para a evitar, Cristo foi transfigurado perante eles em luz»seis dias depois«de ter declarado a sua morte, aquele resultado humano avassalador do seu messianismo. Mas eles tinham de saber que, se ele quisesse, poderia ter escapado àquela morte ignominiosa, aquele que se transfigurou perante eles, aquele que ressuscitou dos mortos. Era do interesse deles que ele se submetesse - livremente - ao sacrifício:»É melhor **para vós** que eu vá«(João 16,7), disse-lhes Jesus. E mais uma vez:»Eu **dou** a minha vida... Não me é tirado. Dou-o de mim mesmo. Tenho poder para o dar e poder para o tirar«(João 10:17-18).»Já vos disse isto **antes de** acontecer, para que quando acontecer **acrediteis**«(João 14,29).

Lembre-se, então, que é para **salvar** os seus discípulos que Jesus aceita **voluntariamente** entregar-se aos seus algozes. Mas antes de mais era necessário garantir a sua fé no seu messianismo. Depois de se ter assegurado desta fé nos seus apóstolos, perguntou aos seus amigos íntimos:»Eu sou a ressurreição e a vida! Sim, acredito que vós sois o Cristo...«respondeu ela (João 11:25-27). (João 11,25-27). E de que iria Jesus salvar o seu povo? Da mentira sionista, do engano do nacionalismo, do fingimento onde vaguearam, acreditando serem eles próprios os

escolhidos e mais importantes aos olhos de Deus do que os não judeus. Em suma, para libertar do fogo do fanatismo e do materialismo todos aqueles que verdadeiramente acreditam nele.

Para consolidar a fé dos seus Apóstolos, Cristo quis mostrar-lhes o poder do seu corpo para controlar os elementos da natureza. Testemunharam isto quando o viram caminhar sobre a água, algo que Peter não foi capaz de imitar. Isto ajudou a aumentar a sua fé (Mateus 14:25-33).

Uma segunda vez Jesus recordou a sua próxima matança e os seus apóstolos»ficaram consternados«(Mateus 17,22-23), especialmente porque aconteceu logo após a Transfiguração.

Uma terceira vez Jesus repetiu:»O Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e escribas ... e crucificado«(Mateus 20,17-19).»Mas«, acrescenta Lucas, e apesar de todas estas advertências,»eles não compreenderam nada de tudo isto, pois a palavra foi-lhes escondida e eles não compreenderam o significado«(Lucas 18,31-34). Estavam obcecados com o reino de Israel e imaginavam (que com Jesus) o reino ilusório iria aparecer imediatamente (Lucas 9,11).

Para os judeus, o»Reino de Deus«(ou»do Céu«) na terra significa o reino de Israel na Palestina. Para Jesus, não é isso. Como entende este Reino?

Toda a sociedade judaica estava tão sedenta e cega pelo poder político que a mãe dos dois apóstolos, Tiago e João, veio ter com Jesus logo após a terceira proclamação da sua paixão para pedir favores materiais para os seus dois filhos:»Então a mãe dos filhos de Zebedeu veio ter com ele e disse: 'Estes são os meus dois filhos; manda que se sentem, um à tua direita e outro à tua esquerda, no teu reino.... E isto provocou os outros dez à indignação«(Mateus 20:20-24). Acreditando que este reino era temporal e de natureza imediata, os discípulos ficaram em primeiro lugar, cada um vendo-se mais adequado para ser o primeiro-ministro, ou querendo pastas ministeriais importantes.

Quando os Apóstolos lhe perguntaram:»Quem é o primeiro no reino dos céus?«Jesus não respondeu:»És tu, Pedro, ou tu tal«, mas»ele chamou uma pequena criança.... «Quem será tão pequeno como esta pequena criança, esta é a maior...» (Mateus 18:1-4). E em resposta ao pedido da mãe de Tiago e João, Jesus disse: «Os governantes dos gentios ordenam-nos como professores.... **Não deve ser o mesmo entre vós**... O primeiro entre vós será o vosso servo».. (Mateus 20:24-28).

A fim de remover toda a ilusão dos seus Apóstolos, Cristo convida-os a segui-lo no caminho do sacrifício, não no caminho da glória segundo o mundo: «Se alguém quiser seguir-me, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz...» (Mateus 20,24-28). Que bem fará o homem ganhar o mundo inteiro (como os israelitas cobiçam), se ele arruinar a sua própria vida?«(Mateus 16:24-26). Não teria Cristo rejeitado o império do mundo oferecido a ele por Satanás (Mateus 4,9-10), e depois os judeus (João 6,15)? Por outro lado, o Anticristo aceitará este mesmo império do»Dragão«(*Satanás*) na era apocalíptica em que estamos a viver (Apocalipse 13:2).

A maioria dos ensinamentos de Jesus visa destruir a mentalidade do gueto e a mentalidade da casta tribal ou familiar em que a sociedade judaica da época se afundava. Foi precisamente para quebrar esta mentalidade fanática que Jesus disse aos seus ouvintes judeus:»Não vim para trazer a paz (*o «shalom» israelita, uma espécie de «Pax israeliana»*) à terra, mas sim uma espada. Porque vim para pôr um homem **contra** o seu pai, uma filha **contra** a sua mãe... e eles terão como seus inimigos os membros das suas famílias«(Mateus 10,34-36). A espada de que Jesus fala é a espada da palavra da verdade que toma uma decisão.

Os judeus repreendem Jesus por estas palavras que, segundo eles, são contrárias ao mandamento divino de respeito pelos pais. Não é assim, pois o que Cristo significa é que os pais se levantarão contra os seus filhos quando os virem seguindo os ensinamentos não políticos de Jesus, considerando-os contra a nação judaica e antipatrióticos. Também aqueles que se deixam intimidar pelos seus pais ao ponto de se desviarem de Cristo são indignos dele:»Quem

ama o seu pai ou a sua mãe mais do que eu não é digno de mim (Mateus 10:37). Deus é o primeiro servido e é o de fazer violência para quebrar as correntes das tradições humanas que nos impedem de conquistar o Reino de Deus (Mateus 11,12).

A maioria das sociedades modernas, mesmo aquelas que afirmam acreditar em Deus e na democracia, estão condenadas por causa do fanatismo. O que diriam hoje israelitas, cristãos, muçulmanos e o mundo inteiro sobre Jesus quando ouvem o Messias falar desta maneira? O que diriam os judeus do século XX na Palestina de hoje quando ouvem Jesus negar-lhes o direito divino de estabelecer um Estado israelita na Palestina? O que diriam os cristãos quando ouvissem Jesus condenar o **Estado** do Vaticano que se tornou um culto político e cristão em geral que se tornou pagão? Quem se pode separar da sua própria família para seguir Jesus livremente? Poucas pessoas, de facto.

12.6 Porque é que Cristo teve de ser morto?

Ao morrer sem restaurar o reino temporal em Israel, Jesus deu o golpe fatal à concepção do Messias sionista. Após a sua morte, os seus discípulos continuaram a acreditar que ele era o Messias, apesar de não ter restaurado o reino da dinastia davídica.

Jesus teve de morrer desta forma para matar, morrendo na cruz, o nacionalismo judeu. Restaurou assim a vida à essência do verdadeiro judaísmo que é espiritual e não político.

Foi através da sua morte que Jesus libertou o seu próprio povo, revelando-se como o Messias espiritual e universal que veio ao mundo por toda a humanidade, e não apenas pelos judeus. É à morte de Jesus que um não judeu deve a si próprio possuir a Bíblia. Este livro foi ciosamente guardado pelos judeus antes de Jesus. Os sacerdotes e escribas judeus tornaram as palavras dos profetas herméticas e inacessíveis porque os condenavam. Os líderes judeus não quiseram expor a sua vergonha perante o mundo inteiro.

O controlo dos sacerdotes sobre a Bíblia tornou-a não só inscrita para os não judeus, mas também para a grande maioria dos próprios judeus. Oséias reprovou os sacerdotes por deixarem o povo na ignorância (Oséias 4:4-6) e Malaquias condenou-os por prenderem o conhecimento de Deus atrás das grades dos seus lábios (Malaquias 2:7-9). Foi também contra o clero que Jesus se rebelou, acusando-os de terem «tirado a chave do conhecimento». Disse-lhes: «Não entrastes, e aqueles que queriam entrar impediram-nos» (Lucas 11,52 / Mateus 23,13). Ao dar as «chaves do céu» a Pedro, Jesus abriu a porta do conhecimento de Deus aos povos de todo o mundo (Mateus 16,19), libertando estas chaves das mãos da casta clerical judaica infrutífera.

Jesus precisou de imenso, mesmo infinito, amor e coragem indomável para enfrentar os israelitas. Jesus não hesitou em passar por aquele fogo ardente para nos obter a Luz através da Cortina de Ferro israelita: «Sim, Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho único, para que **todos os** que nele crêem não pereçam mas tenham a vida eterna» (*João 3,16*).

O que fariam hoje os judeus de Israel, especialmente os rabinos, a um judeu que se apresenta como Messias e recusa qualquer forma de nacionalismo judeu, de um Estado de Israel? Todo o mal vem do facto de os judeus estarem obstinadamente a tentar estabelecer um tal estado político. Este estado foi o conflito central entre Jesus e os judeus, como foi entre eles e Samuel... e entre eles e Deus (1 Samuel 8). Se os israelitas tivessem sido capazes de aceitar o messianismo divino e apolítico, não teria havido razão para que Jesus tivesse tido de passar pela morte física. Ele teria continuado a ensinar pacificamente e a proclamar o caminho espiritual aberto a todos os homens, ajudado nisto por toda a comunidade israelita.

Contudo, foram apenas os discípulos de Jesus que tornaram a fé acessível aos gentios, ao espanto de alguns judeus e ao grande escândalo da maioria de outros (Actos 10,34-48/ 11,1-8/ 14,27/ 15,7-12/ 26,23...). Era necessário subir à cruz para matar o messianismo político e fanático, mas a «Chave» confiada a Pedro deu muitos frutos (Mateus 16,19).

12.7 Quando devemos perdoar ou julgar?

Algumas pessoas entendem mal os ensinamentos de Jesus sobre perdão e julgamento. Eles acreditam que devemos sempre perdoar tudo a todos, incondicionalmente, sem nunca julgarmos. Tal atitude é uma auto-negação, uma renúncia à dignidade humana e uma luz verde dada ao mal no mundo.

Esta é a intenção de Cristo em relação ao perdão e julgamento:

12.7.1 Perdão

Só é concedido na condição de: «Se o teu irmão pecar, vai procurá-lo e leva-o de volta... Se ele te ouve, ganhaste o teu irmão. Se ele não o ouvir... diga à comunidade. E se ele se recusar a ouvir mesmo a comunidade, que ele seja para vós como o gentio e o cobrador de impostos» (Mateus 18:15-17). Os gentios e cobradores de impostos foram rejeitados pela comunidade de crentes.

Isto significa que um não deve guardar rancor e parar com a culpa, mas abrir o coração ao outro perdoando **se** a repreensão for ouvida. Se houver arrependimento, então devemos perdoar para obter também o perdão: «Se perdoardes... vosso Pai celestial também vos perdoará...». Mas se não perdoardes, vosso Pai celestial também não vos perdoará«(Mateus 6,14-15). Mas se o infractor não se arrepender da sua culpa, então deve ser rejeitado como gentio.

Perdoar não significa ter uma atitude fraca desde então:

1. O pecador **deve ser recapturado**, aberta e publicamente, se necessário, e
2. Se ele for teimoso nos seus erros, deve romper com ele se ele se recusar a ouvir.

   »Se o teu irmão pecar, **repreende-o**«, diz Lucas,»e se sete vezes no dia pecar contra ti e sete vezes regressar arrependido, perdoar-lhe-ás«(Lucas 17,3-4). O arrependimento deve, portanto, ser seguido de um perdão de misericórdia, **se** o arrependimento for sincero.

O papel de João Baptista era precisamente o de convidar ao arrependimento para merecer perdão.

Contudo, há um pecado que não é perdoável»nem neste mundo nem no outro«, diz Jesus, é pecado»contra o Espírito Santo«(Mateus 12,31-32). Consiste em opor as suas ideias, os seus pensamentos, aos pensamentos de Deus. Não há perdão possível neste caso porque nunca há um verdadeiro arrependimento. Jesus, ao dizer estas palavras, dirigia-se aos fariseus que lhe resistiam e atribuía o seu poder milagroso ao diabo, e não»ao Espírito de Deus«(Mateus 12,22-28). É imperdoável para os chamados religiosos não discernir o Espírito de Deus nas obras divinas. Este é um aspecto de pecar contra o Espírito. Orgulho e egoísmo são outros exemplos. O Apocalipse lista estes tipos de pecado (Apocalipse 21:8)

Este pecado grave e imperdoável consiste na recusa orgulhosa e ilógica da verdade óbvia. Desviar os olhos para não ver que se está errado, dizer que a Beleza é feia e que o verdadeiro é falso é um pecado contra o Espírito divino:»Ai daqueles que chamam ao mal bem e ao bem mal, que transformam as trevas em luz e a luz em trevas«, diz Isaías (Isaías 5,20). Tomar o direito de julgar sem recorrer a Deus é»comer da árvore do conhecimento do bem e do mal e morrer dele«(Génesis 2:17) por se ter dado a liberdade de julgar superficialmente, de acordo com a sua própria mentalidade humana - muitas vezes distorcida -, sem se referir ao Espírito de Deus como critério de julgamento.

João pede-nos que rezemos por um irmão»que cometeu um pecado que não vai à morte, e nós dar-lhe-emos a vida (*pela graça do arrependimento*)«. Mas pede-nos, por outro lado,»que não rezemos por aqueles que pecam até à morte«(1 João 5,16-17). Este é o pecado contra o Espírito

divino, para o qual Deus é inexorável. Pois eles são inimigos de Deus que cometem tais falhas graves, mesmo que se apresentem como crentes. Os verdadeiros filhos de Deus não cometem tais faltas:»Sabemos que quem nasce de Deus não peca, mas o gerado de Deus (*Cristo Jesus*) guarda-o, e o ímpio (*Satanás*) não tem poder sobre ele«, diz João (1 João 5,18-19). De facto, rezar pelos inimigos de Deus é ofender Deus:»Não interceda por este povo...«(1 João 5,18-19). Porque não vos ouvirei,» diz o Pai celestial a Jeremias (Jeremias 7,16).

Para reconhecer o pecado perdoável do imperdoável, devemos ter o Espírito de Deus dentro de nós. Deus dá o seu Espírito aos seus verdadeiros filhos (Lc 11,13). É à luz de Deus e na atitude geral da pessoa que se percebe a profundidade do coração e se reconhece se o arrependimento é sincero ou auto-serviço, ou se o indivíduo se agarra aos seus erros sem esperança de ir além deles.

12.7.2 O julgamento

Muitos pensam - erradamente - que Jesus impede os crentes de julgar os outros quando Ele diz: «Não julgueis e não sereis julgados, não condeneis e não sereis condenados» (Lucas 6,37).

Agora, a fim de reconhecer qualquer pecado, deve ser feito um julgamento. Jesus, ao aconselhar a não julgar, está a falar aos ouvintes que estão habituados a condenar os outros levianamente, a julgá-los de acordo com o que convém aos seus interesses e modos de pensar. Rejeitaram Jesus, julgando-o por dados superficiais, pela sua má aparência que não se enquadrava nas suas concepções pomposas do messianismo. Os líderes judeus não julgaram Jesus segundo as profecias messiânicas e os critérios de justiça que exigem **uma objectividade absoluta**.

Tal objectividade só pode ser alcançada após a eliminação de preconceitos e paixões cegas. Enquanto esta purificação não tiver tido lugar, é preciso abster-se de julgar o comportamento dos outros: «Parai de julgar pela aparência», diz Jesus, mas acrescenta imediatamente: «**Julgai** com justiça» (João 7,24).

Acima de tudo, devemos julgar-nos a nós próprios, reconhecer as nossas próprias falhas, corrigi-las para ver claramente, e depois julgar os outros, mas «**em justiça**», não de acordo com a nossa opinião. E a justiça ordena-nos que tiremos o mal que está em nós e «então veremos claramente e tiraremos o argueiro do olho do outro» disse Jesus (Mateus 7,5).

Jesus prescreve não «dar aos cães o que é santo, não lançar as nossas pérolas perante os porcos» (Mateus 7,6). Para praticar isto, **é preciso julgar** que tal é «cão» e tal é «porco».

Devemos portanto concluir que julgar é um dever do qual não devemos abster-nos, mas que os nossos julgamentos devem ser feitos à Luz de Deus, de acordo com a Sua perfeita Justiça.

12.8 Jesus e os ricos (Mateus 19,16-26)

Cristo não é contra possuir riqueza material, mas contra estar apegado ao dinheiro, como os mesquinhos, preferindo-o aos valores espirituais: «Não se pode servir a Deus e ao mâmon» (*Deus do dinheiro: Mateus 6:24*).

Quando Jesus convidou este jovem rico a segui-lo como apóstolo, mas só depois de se ter despojado dos seus bens para os pobres, ele, em vez de se regozijar, «partiu triste, pois tinha grandes posses». Não estava pronto a abdicar deles por bens espirituais (Mateus 19:22).

«É difícil para um homem rico entrar no Reino de Deus», diz Jesus (Mateus 19,23), não porque seja rico, mas porque põe toda a sua confiança na sua riqueza material, não em Deus: «Cuidado com toda a cobiça, pois mesmo em abundância a vida de um homem não é assegurada pelos seus bens», diz Ele (Lucas 12,15). Portanto, «os ricos não devem depositar a sua confiança em riquezas precárias (*dinheiro, etc.*), mas em Deus.... Que façam o bem... saibam partilhar... para adquirir a vida (*eterna*) verdadeira» (1 Timóteo 6:17-19).

Entre os discípulos de Jesus havia gente rica, mas eles sabiam como fazer bom uso dos seus bens materiais: «José, um homem rico de Arimatéia», colocou o corpo de Jesus no seu próprio túmulo (Mateus 27,57-60). Da mesma forma, Lázaro e as suas duas irmãs, Maria e Marta, eram ricos, e Zaqueu, «um homem muito rico» (Lucas 19:2), foi salvo por ter decidido «dar metade dos seus bens aos pobres e dar quatro vezes mais àqueles que tinha prejudicado» (Lucas 19:1-10). (Ver 2 Coríntios 8:13: procurando a igualdade, mas sem ruína).

Os Apóstolos, como todos os judeus, acreditavam que a riqueza material era um sinal de bênção. Por isso maravilharam-se com as palavras de Cristo sobre os ricos e perguntaram-lhe: «Quem então pode ser salvo», uma vez que os próprios ricos têm tais dificuldades (Mateus 19:25). Jesus já lhes tinha recordado a profecia de Isaías: «A Boa Nova será pregada aos **pobres**» (Mateus 11,5 / Isaías 61,1). Por isso «olhou para eles (*os pobres*) e disse-lhes: 'Para os homens (*mesmo que sejam ricos*) isto (*salvação*) é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis'» (Mateus 19,26). Isto é para lhes dizer que Deus os preferiu, os pobres que tinham renunciado a tudo (*mesmo que tivessem pouco*) para O seguir, aos ricos que se recusaram a ser seus discípulos.

Em suma, há pessoas ricas que são ricas espiritualmente também pelo bom uso que fazem do dinheiro. Estes seguem Jesus. Há pessoas ricas que são espiritualmente miseráveis porque estão apegadas ao seu dinheiro, do qual depende a sua segurança. Por outro lado, há pobres que são espiritualmente ricos porque sabem como confiar em Deus que nunca os desaponta (Mateus 6:25-34). Há pessoas pobres que são duplamente miseráveis porque têm sede de dinheiro e estão dispostas a fazer qualquer coisa - mesmo injustiça - para ter cada vez mais, em vez de confiar em Deus.

12.9 A maldição da figueira (Mateus 21:18)

Esta maldição é verdadeira, mas é sobretudo simbólica. Note-se que segue a expulsão dos mercadores do Templo e precede o regresso de Jesus ao Templo, onde ele é interceptado pelos líderes religiosos (Mateus 21,23-27) que o interrogam maliciosamente. A figueira (como a videira) é um símbolo de Israel. Ao amaldiçoá-lo, os líderes judeus sentem-se visados (como os libaneses se sentiriam - por exemplo - visados quando o Cedro, símbolo do Líbano, é amaldiçoado). Esta maldição dos escribas e dos fariseus «hipócritas» torna-se manifesta no capítulo 23 de Mateus dedicado à condenação destas «serpentes, descendentes de víboras», cujo sangue derramaram «cairá sobre elas», e termina com uma condenação de Jerusalém (Mateus 23,37-39), simbolizada pela figueira amaldiçoada. «Não era a época dos figos», diz Marcos (Marcos 11,13); por isso Jesus sabia que não conseguia encontrar figos na figueira nesta época. Portanto, o símbolo é claro: como a figueira não contém figos e engana as pessoas escondendo esta nudez com folhas, assim Jerusalém cobre-se para esconder a sua maldade e inúmeros crimes (ver Jeremias 4:30 e Mateus 23:37). Leia a parábola da figueira árida (Lucas 13:6-9).

Finalmente, note-se que esta história esconde uma moral: «... se tiveres fé que **não hesita**, não só farás o que acabei de fazer à figueira, mas mesmo que digas a esta montanha:»Levanta-te e atira-te ao mar«, será feito» (Mateus 21,21). «Figueira» e «Montanha» são dois símbolos de Israel. Jesus falou «ao entrar na cidade» (*Jerusalém: Mateus 21,18*), e olhou para ela enquanto falava. É esta «montanha», também mencionada no Apocalipse, que «foi lançada ao mar» (Apocalipse 8:8). Ele é a Besta do Apocalipse a ser resistida e vencida pela **fé**, que não hesita, «lançando-o ao mar» de onde saiu (Ap 13,1). Esta é a moralidade da história, uma moralidade a ser aplicada hoje, após o regresso daquela montanha amaldiçoada que poderia enganar as pessoas de pouca fé. (A montanha de Sião é frequentemente mencionada na Bíblia como símbolo de Israel: Miqueias 3,12 / Jœl 2,1 / Daniel 9,20).

12.10 Impostos (Mateus 22:13-17)

Os romanos cobravam impostos dos países que ocupavam. Na Palestina, os judeus pagavam estes impostos em mœda comum, que na época romana era carimbada com a efígie de César.

Não havia mœda israelita, apesar do facto de haver uma aparência de reino israelita com o rei Herodes.

Os judeus consideravam uma alienação insuportável ter de pagar tais impostos. Os romanos instruíram os funcionários judeus, os Editores, a cobrar estes impostos aos seus concidadãos que os odiavam. Jesus, ao escolher Mateus (um publicano), desafiou e irritou muitos judeus (Mateus 9,9-11).

«Enviaram alguns dos fariseus e herodianos (*uma seita a soldo do rei Herodes, que, sabendo que não era amado pelo povo, tinha os seus homens a espiar no Templo e nas cidades*) para o apanharem:»...É legal pagar o imposto a César ou não? (Mateus 22,15) Se Ele tivesse respondido «Sim», Jesus teria sido acusado de ser um traidor à nação judaica e teria despertado a animosidade do povo que O admirava, destruindo-se a si próprio, «apanhado na armadilha da Sua palavra», como queriam os fariseus. Se ele tivesse respondido: «Não», teria sido acusado pelos romanos como um revolucionário que impede o povo de pagar impostos. Foi um bom truque.

Os judeus teriam querido que Jesus fosse este revolucionário nacionalista. Eles tê-lo-iam apoiado. Não tentaram torná-lo rei de Israel? (João 6:15). Foi só depois de compreenderem as suas intenções apolíticas que decidiram perdê-lo. Apesar de o terem acusado do que gostariam que ele tivesse feito: sedição contra Roma. Os hipócritas! É de notar que este episódio teve lugar no final da missão de Jesus, depois dos judeus decepcionados terem percebido que a sua missão não era nacionalista. Por isso, decidiram perdê-lo.

Jesus abafou o seu truque: «Conhecendo a sua hipocrisia, ele respondeu-lhes: 'Sou um hipócrita'.»Traz-me um denário que eu vejo... de quem é a imagem?«Eles responderam,»de César«. Assim, o dinheiro que era tratado em Israel era carimbado com a efígie de César, não com a efígie de Herodes, ou de qualquer dos reis judeus do passado. A resposta lapidária de Jesus atingiu os seus detractores com espanto:»Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus«(Mateus 5:1). Os herodianos tiveram de comunicar estas palavras ao seu rei com algum embaraço.

Os judeus, ao aceitarem vender e comprar em mœda romana, devem concordar em pagar impostos a Roma na mesma mœda.

12.11 A verdade sobre Judas

Porque é que Judas traiu Jesus?

Poucas pessoas podem responder claramente a esta pergunta. Tente responder-lhe antes de continuar a ler.

Porque é que Judas seguiu Jesus?

É a resposta a esta pergunta que nos permite responder à primeira de forma inteligente.

Tudo o que Judas queria de Jesus era a restauração nacional do reino Davidic. Ele esperava que Jesus colocasse todo o seu poder espiritual ao serviço deste objectivo político, na esperança de ser uma das suas figuras mais brilhantes. Os milagres de Cristo e o seu significado espiritual pouco lhe interessaram; não despertaram nem a sua admiração nem um entusiasmo capaz de elevar espiritualmente o seu juízo. Ele permaneceu no fundo do poço.

Após a multiplicação dos pães, as multidões inspiradas seguiram Jesus para o proclamarem rei. Ele fugiu. Quando O procuraram, encontraram-No, mas para ouvir uma repreensão da Sua parte:»Vós Me procurais, não porque vistes milagres, mas porque comestes o vosso recheio de pão.... Trabalhar antes pela alimentação espiritual«(João 6:26-27).

Tal como Judas, todas estas pessoas estavam apenas interessadas em benefícios materiais. Prova disso é que quando ele falou do verdadeiro alimento que dá vida eterna à alma, eles já não o

ouviam e Jesus concluiu:»Há entre vós alguns que não acreditam«. João explica ainda:»Porque Jesus sabia desde o princípio quem eram os descrentes e quem **o** trairia«(Jo 6,64-71).

Judas era portanto um dos que não acreditava no significado profundo dos milagres de Jesus, apesar da sua presença ali quando eles eram realizados. Mais grave do que a sua indiferença foi o facto de ter continuado a seguir Jesus sem acreditar. Ele deveria ter ido com as multidões que partiram quando Jesus perguntou aos Doze:»Queres ir também«? (João 6,67). Porque é que ficou? Porque estava demasiado apegado aos benefícios de um possível reino político que ele esperava que Jesus estabelecesse. Nada mais lhe importava.

Jesus compreendeu as verdadeiras intenções deste falso discípulo e disse:»Não vos escolhi eu, os Doze? No entanto,**um de vós** é um demónio«. João não nos deixa adivinhar quem era este»demónio«e acrescenta:»Ele estava a falar de Judas, filho de Simão Iscariotes: pois ele devia traí-lo, um dos Doze«(João 6,67-71).

Quando Pedro ficou zangado com Jesus por anunciar a sua morte iminente, Jesus respondeu:»Satanás, vai atrás de mim«(Mateus 16,23). Mas Pedro finalmente aceitou o reino espiritual de Jesus. Dos Doze, apenas um teve de se agarrar ao seu demónio:»Um de vós é um demónio«, disse Jesus, apenas um: Judas Iscariotes.

Outra diferença entre Pedro e Judas é que Pedro, ao negar conhecer Jesus (Mateus 26,69-75), ficou surpreendido. Mas Judas traiu Cristo pelo frio e premeditação calculada. O pecado de Pedro é do tipo perdoável. O pecado do traidor, Judas, é contra o Espírito Santo, um pecado imperdoável (Marcos 3,28-30 / João 15,22-24 / 1 João 5,16).

Judas decidiu libertar Jesus quando perdeu toda a esperança de poder realizar o seu maior desejo: o reino de Israel. A decisão cresceu gradualmente no coração de Judas e o desejo de agir foi desencadeado durante a refeição na casa de Lázaro»seis dias antes da Páscoa«(Joh. 12,1-11), cinco dias antes da crucificação e quatro dias antes da traição no jardim das oliveiras. Durante a refeição na casa de Lázaro,»Maria, tomando um quilo do perfume de um nardo verdadeiro e muito caro, ungiu com ele os pés de Jesus. Judas Iscariotes disse então: 'Porque é que este perfume não foi vendido por 300 denários e dado aos pobres? Não disse isto por preocupação com os pobres, mas porque era um ladrão e, segurando a bolsa, roubou o que nela foi posto«(João 12:5-6). Este é o aspecto ignorado de Judas, o seu verdadeiro rosto de»ladrão«revelado pelo apóstolo João, que o conhecia bem.

Jesus respondeu à indelicada observação de Judas:»Deixa-a em paz: era para o dia do meu enterro que ela devia guardar este perfume. Para os pobres, tê-los-eis sempre convosco, mas nem sempre me tereis«(João 12,7-8). Com o seu olhar poderoso e penetrante, Jesus dirigiu estas palavras àquele que o devia trair e que agarrou o peso da sua consciência. Judas não podia suportar este reposicionamento da sua pessoa, nem o louvor que Jesus deu a Maria, que ele queria levar de volta:»Todo o mundo se lembrará dela pelo que ela fez«(Mateus 26,13). Foi»**então**«, diz Mateus,»que Judas foi ter com os chefes dos sacerdotes«para lhes entregar o Messias (Mateus 26,14-15). O seu orgulho não podia suportar esta afronta pública.

A hipocrisia de Judas manifestou-se novamente quando Jesus anunciou aos Apóstolos:»Um de vós irá trair-me«. Entristeceram-se e todos lhe perguntaram: 'Sou eu?' Judas, sabendo que ele estava a ser visado, perguntou-lhe: 'Sou eu? Tu o disseste', respondeu Jesus (Mateus 26,20-25).

Ao entregar Jesus, Judas esperava ser restaurado à confiança do clero judeu. Percebendo que tinha perdido a estima dos Apóstolos e dos judeus, saiu para se enforcar em desespero, sabendo que tinha entregue um homem inocente à ira dos seus algozes (Mateus 27,3-4).

Judas não esperava um resultado tão dramático. Ele pode ter pensado em colocar Jesus aos pés do muro entregando-o, acreditando que isso o forçaria a chegar a um acordo com os líderes religiosos para restaurar o reino em Israel. Mas não podemos forçar a mão de Deus e obrigá-lo a fazer a nossa própria vontade, mesmo ameaçando matá-lo.»Não tentarás o Senhor teu Deus«,

Judas pôs Deus à prova. Ele fez isto por si próprio, porque estava demasiado apegado ao seu sonho de estar entre os poderosos deste mundo.

Assim, Judas só foi»vencido com remorso«, com pesar por ter seguido Jesus, quando»viu Jesus condenado«à morte (Mateus 27,3). Este foi o fim definitivo do seu sonho. Esta é a verdadeira causa do seu pesar. Ele não teve **arrependimento** que lhe tivesse valido o perdão e salvação divinos. Tudo o que lhe restava era escolher a morte como meio de fugir da realidade. Ele cometeu suicídio!

Este suicídio é o símbolo do destino final do Sionismo antigo e moderno. Ao morrer, Jesus põe um fim às falsas esperanças sionistas que levam ao suicídio espiritual:»Pela sua morte, Jesus venceu a morte«, diz a liturgia pascal. Os judeus ligados a Jesus foram salvos de uma morte espiritual certa.»Morte, onde está o teu aguilhão«, disse Paulo após a sua conversão a Jesus (1 Coríntios 15,55)? É por isso que»Cristo teve de suportar estes sofrimentos«e conhecer a morte (Lc 24,26). Tendo esmagado a ilusão sionista pela sua cruz, Jesus ressuscitou para devolver ao judaísmo o seu verdadeiro rosto e aos seus fiéis a verdadeira esperança.

Reflexão

Tal como Judas, outros pensavam seguir Jesus, movidos não por causas espirituais, mas por causas nacionalistas. Mateus relata dois desses casos (Mateus 8:18-22):

1. *O escriba que disse a Jesus»Seguir-te-ei para onde quer que vás«*. Naquele momento Cristo tinha acabado de realizar vários milagres e os espíritos estavam inflamados a Seu favor. Ele estava»rodeado por grandes multidões e deu ordens para ir para o outro lado«do Lago Tiberias. Esta região era pagã, desprezada pelos judeus e infiel a eles. No entusiasmo geral, este escriba destacava-se por oferecer os seus serviços e seguir Jesus»para onde quer que Ele fosse«, mesmo no país pagão imundo proibido pela Torá. Ele é um escriba, imbuído de preconceito e patriotismo israelita. Ele estava pronto a seguir Jesus como qualquer patriota seguiria um líder militar revolucionário que se propõe a libertar a pátria, armas na mão, mas a pátria de Cristo é celestial, não geográfica. O escriba não tinha previsto isto. Então Jesus deixou-o compreender que não teria glória terrena quando lhe disse:»O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça«, o que significa:»Então porque me deves seguir? Algumas pessoas pensam que Jesus recusou esta oferta do escriba. Não é este o caso; ele apenas espelhou à sua consciência, em duas palavras, as verdadeiras exigências e sacrifícios que devem ser feitos para se tornar um discípulo do Messias. Deve assumir-se que este escriba renunciou à sua proposta, pois se tivesse seguido Jesus, teria estado entre os Apóstolos. Assim, foi o escriba que se retirou, não Jesus que o rejeitou.

2. Isto também explica porque «*outro dos **discípulos***», depois de ouvir a resposta de Cristo ao escriba, disse-lhe: «Primeiro deixa-me ir e enterrar o meu pai, e depois voltarei e seguir-te-ei» Ele também queria esconder-se elegantemente: «Segue-me e deixa os mortos enterrar os mortos», respondeu Jesus, para cancelar o seu pretexto (Mateus 8,21-22).

Judas também teria feito melhor em ter escapado a tempo como tantos outros (João 6:60-71). Mas, guiado pelas suas luxúrias materialistas, preferiu continuar a ter esperança e a esperar... relutantemente... ao ponto de desespero, traição e suicídio.

12.12 O fim dos tempos (Mateus 24)

Alguns dias - três ou quatro - antes do fim da sua vida terrena, Jesus falou aos Apóstolos de um outro fim, o do Templo, e portanto do Estado de Israel, ambos destruídos em 70 EC, cerca de 35 anos após este anúncio profético. Este foi o segundo «fim» de Israel.

Falando do profeta Ezequiel, eu tinha salientado que ele, também no seu tempo, tinha previsto o fim de Israel, que ocorreu em 586 a.C. Este foi o primeiro «fim» de Israel.

No nosso tempo -precisamente desde 1948- e pela terceira vez, um Estado israelita está no mundo, 2000 anos após a sua segunda destruição. Verá o seu fim em breve, como o fez nas duas vezes anteriores. Pois, quando Jesus fala do fim, Ele significa, como Ezequiel, o fim de Israel, aquele estado que se interpõe no caminho do plano de Deus.

Ele foi destruído pela primeira vez para mostrar aos judeus que o objectivo de Deus não é o nacionalismo hebraico, que o Messias esperado não deve ser visto como um «patriota judeu» que se lança numa conquista militar do mundo para expandir um império israelita (Sionismo). Israel foi destruído uma segunda vez (70 AD) para significar que o Messias já veio ao mundo na pessoa de Jesus. Ele será aniquilado uma terceira e última vez - e para sempre - e nunca mais voltará. Este terceiro e último fim de Israel adverte os homens sobre o regresso espiritual de Jesus, tal como Ele próprio tinha anunciado no Evangelho.

Uns dias antes de ser entregue por Judas, Jesus estava com os seus Apóstolos em Jerusalém. Admiraram a construção do Templo, embelezado por Herodes o Grande, mas foram imediatamente repreendidos por Jesus: «Vês tudo isto, não vês? Não restará **aqui** (*em Jerusalém*) pedra sobre pedra! Tudo será destruído»! (*Pense na indignação secreta de Judas ao ouvir isto*). Depois perguntaram-lhe: «Dize-nos quando é que isto vai acontecer e qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo» (Mateus 24,2-3).

Preste atenção à pergunta feita pelos Apóstolos: eles queriam saber «**quando** isto (*a destruição do Templo*) terá lugar» e também «qual será o sinal da vinda (*política, acreditavam eles*) de Cristo» que porá um «fim ao mundo pagão». Eles compreenderam que Jesus reinaria, mas após a destruição deste belo Templo. De acordo com a sua mentalidade, Jesus iria então restaurar o reino de Israel, tal como nos dias de David e Salomão. Ele poria assim fim ao poder das nações gentílicas, com Roma na liderança. Mas Jesus significou a destruição do Templo e o fim político de **Israel**, o reino que, **segundo Deus**, paradoxalmente encarna o paganismo. Cristo não disse que o oficial romano, embora um gentio, tinha mais fé que todos os israelitas, aqueles «filhos do reino de Israel que serão lançados nas trevas exteriores» por causa da sua rejeição de Jesus? (Mateus 8:5-13).

Hoje, especialmente após o reaparecimento de Israel, somos capazes de compreender, muito melhor do que no passado, as profecias escatológicas de Jesus encontradas nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas. João não os menciona porque escreveu o seu Evangelho muito depois da sinopse (cerca de 45 anos) e sabia que eles estavam lá.

Jesus respondeu à pergunta dos Apóstolos («Quando terá lugar?») de uma forma mais extensa do que eles imaginavam. A sua resposta abrange não só a destruição do Templo e o segundo fim de Israel (cerca de 35 anos mais tarde), mas também acontecimentos futuros. Estas terão lugar após a terceira vinda de Israel em 1948 e precederão a sua terceira e última queda.

O terceiro reaparecimento do Estado sionista tem um significado específico universal e espiritual: vem imediatamente antes do Regresso de Cristo nas **consciências**. Este regresso começou com a revelação do Mistério Apocalíptico, a 13 de Maio de 1970. O terceiro e último fim de Israel está próximo.

12.12.1 Sinais dos tempos

Os capítulos 13 de Marcos e 21 de Lucas relatam estas profecias escatológicas (do fim dos tempos) cujos principais sinais são:

Perseguição dos Apóstolos

Antes da segunda queda de Israel, os Apóstolos foram perseguidos como predito (Lucas 21,12). Da mesma forma hoje, Israel persegue os seus inimigos que lhe resistem em justiça. Este é o prelúdio para o fim do Estado de Israel.

Jerusalém investida pelos gentios e falsos cristo

Os gentios em Jerusalém são um sinal da sua iminente derrocada. Ontem, os gentios foram os romanos que, tendo tomado conta da cidade, a queimaram com o seu Templo e espalharam os judeus por todo o mundo (Lucas 21,23-24). Hoje, por outro lado, os gentios são os chamados judeus que tomaram posse de Jerusalém: são os gentios modernos (por causa da sua rejeição de Jesus). A sua presença maciça na Palestina e na Cidade Santa significa o fim próximo e último do Estado de Israel: «Jerusalém continuará a ser pisada pelos gentios (*os»falsos judeus«de quem fala Apocalipse 2,9 e 3,9*) até ao fim do tempo dos gentios» (Lucas 21,24). Este será portanto o fim do poder sionista visível e ocultista no mundo.

Os falsos cristos aparecerão dizendo que «o tempo (*o tempo do Messias sionista*) está próximo». Estes são falsos profetas (os actuais sionistas) que vêem no Estado de Israel uma «prova» de que chegou o momento da vinda do Messias israelita, que ele está à porta, e que em breve se declarará perante todo o mundo. De facto, Jesus tinha dito: «Muitos virão dizendo: 'Eu sou o Cristo', e enganarão a muitos» (Mateus 24:5).... Portanto, se alguém vos disser: 'Eis aqui Cristo' ou 'eis aqui', não acrediteis«(Mateus 24,23-24). Ouvimos os israelitas dizerem que finalmente chegou o tempo messiânico, que Ariel Sharon era o Cristo, outros disseram que Menahim Begin era o Cristo, outros ainda que o Rabino Meir Kahana era o Cristo, o Rei de Israel. Sabemos que Jesus é o único Cristo de Deus e que a era Messiânica foi inaugurada por ele há 2000 anos atrás.

A tensão internacional e a ameaça nuclear

»Os homens morrerão de susto à espera do que ameaçará o mundo. As nações estarão angustiadas, preocupadas (guerras nucleares: Lucas 21:25-26)... Nação contra nação será levantada... (Mateus 24:7)... Então veremos o Filho do Homem (*Jesus*) a chegar... (Luke 21,27)«. É por isso que dizemos que estes acontecimentos são»sinais dos tempos«, porque indicam a hora do regresso de Jesus.

Propagação Universal do Evangelho

»Esta Boa Nova do Reino (*a boa notícia de que o Messias, Jesus, veio ao mundo*) será proclamada em todo o mundo como um testemunho para todos os povos. E então virá o fim«(*o terceiro e último fim de Israel: Mateus 24,14*). Hoje o Evangelho está espalhado por todo o mundo. Está traduzido em mais de 360 línguas e 1500 dialectos. O fim do Anticristo israelita está próximo, assim como o»Novo Céu e Nova Terra«anunciado por Apocalipse e Pedro (Apocalipse 21:1; 2 Pedro 3:13).

Os Apóstolos dos Últimos Dias

Jesus disse:»Então... verão o Filho do Homem a vir nas nuvens... Ele enviará os seus anjos com uma trombeta para reunir os seus eleitos dos quatro cantos«... (Mateus 24:30-31).

Estes»anjos«são homens enviados por Deus no fim dos tempos para»despertar«os homens de boa vontade do mundo, recordando-lhes as profecias escatológicas, mostrando-lhes o seu cumprimento com os»sinais dos tempos«(*o regresso de Israel, a perseguição mundial dos seus inimigos, a tensão internacional, o medo da energia nuclear, a difusão universal do Evangelho*).

A»trombeta sonora«que desperta as»virgens sábias«da parábola (Mateus 25) é a Mensagem Apocalíptica. Revela a identidade do Anticristo, a»Besta do Apocalipse«(Apocalipse 13) que

tinha conseguido enganá-los e pô-los a dormir. A revelação do mistério do Apocalipse é o»grito da meia-noite«(Mateus 25,6), no meio do sono, para levantar do seu sono as almas de boa fé enganadas pelos truques satânicos da»Besta«sionista (Mateus 25,1-7).

Mateus é o único que nos fala sobre os Apóstolos dos últimos tempos. Com efeito, ele informa-nos que Jesus, falando do fim dos tempos, diz:»... no momento da colheita (*última escolha dos eleitos no fim do mundo*), direi aos ceifeiros (*o próprio Jesus enviará os seus «ceifeiros», os Apóstolos do fim dos tempos*): primeiro recolhei o joio que será queimado e depois recolhereis o meu trigo no meu celeiro«(Mateus 13:30). Ele também diz:»Assim como o joio é recolhido e queimado com fogo, assim será no fim do mundo: O Filho do Homem enviará os seus anjos, que recolherão do seu reino todos os malfeitores (*o «joio»*) e todos os trabalhadores da iniquidade e os lançarão na fornalha ardente«(Mateus 13:40-42).»E assim será no fim do mundo: os anjos (*apóstolos dos últimos dias*) aparecerão e separarão os ímpios dos justos«(Mateus 13,49-50). Agora leia Mateus capítulo 13.

12.12.2 Esclarecimentos úteis sobre Mateus 24

A Abominação da Desolação estabelecida no Lugar Santo, na Terra Santa (Palestina), representa Israel, o auge da abominação porque, rejeitada por Deus, este estado apresenta-se no entanto como o»povo escolhido«e a obra de Deus na Terra Santa da Bíblia.

Este Estado, que tem causado tanta destruição e horrores, apresenta-se»em pele de ovelha«e acusa os outros de terrorismo, quando é apenas um»lobo esfomeado«que se pode facilmente»reconhecer pelas suas obras assassinas«, apesar do seu disfarce de ovelha inocente (Mateus 7:15-16). Os crimes israelitas cometidos na Palestina, à vista de todo o mundo, fazem de Israel aquela»Abominação da Desolação«- o cúmulo do horror - na Terra Santa, prevista por Daniel (Daniel 9,27 / 11,31 / 12,11) e recordada por Jesus (Mateus 24,15).

»Ai dos que estão grávidos...«, porque o seu voo será mais difícil do que o dos outros por causa da sua gravidez. Jesus não ameaça as mulheres grávidas, Ele simpatiza. Temos de traduzir»Ai daqueles que estarão grávidos e daqueles que amamentarão naqueles dias«. Pois estes dias serão difíceis especialmente para eles (Mateus 24:19).

»Que o vosso voo não seja no sábado«: ironia da parte de Cristo, porque no sábado, os judeus não devem andar mais de um quilómetro... Agora terão de fugir viajando longas distâncias para fugir dos seus inimigos... (Mateus 24:20).

Pode agora iniciar a leitura sistemática dos Evangelhos Sinópticos sem se deparar com grandes dificuldades. Pode então passar ao livro de Actos dos Apóstolos que lerá depois de consultar as minhas explicações.

12.13 Os Actos dos Apóstolos

Este livro é uma continuação do Evangelho de Lucas e foi escrito por ele. É o segundo livro enviado a»Teófilo«para o tornar consciente»de tudo o que Jesus fez e ensinou, desde o princípio ... até ao dia em que foi levado para o céu«(Actos 1:1-2). Pode ser visto como uma continuação do Evangelho de Lucas. Conta-nos o que os Apóstolos fizeram **depois de** Jesus, até cerca de 62 d.C., pouco antes do martírio de Pedro e Paulo em 64 d.C. em Roma.

Lucas, um historiador dos Apóstolos, diz-nos que escreve como um companheiro de viagem de Paulo. Depois de falar de Paulo na terceira pessoa do singular, ele escreveu:»Ele passou pela Síria.... Chegou a Derbe... Levou o Timothy com ele... Passaram pela Frígia«.. Lucas fala no plural em primeira pessoa, juntando-se ao grupo de Paulo:»Procurámos ir à Macedónia, acreditando que Deus nos estava a chamar para a evangelizarmos«(Actos 16:1-10). Actualmente, Lucas juntou-se a Paulo em Troas, na Turquia (ver cartão bíblico).

Depois de ter informado Teófilo sobre a vinda do Messias no seu»primeiro livro«, nomeadamente o seu Evangelho, Lucas, no seu segundo livro a Teófilo (Actos dos Apóstolos), relata-lhe a

difusão da mensagem evangélica»em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra«(Actos 1,8), ou seja, a Roma. Ele informa-o sobre a resistência dos judeus fanáticos à mensagem universal e não racista de Jesus. Esta resistência foi até à perseguição e morte de vários apóstolos e discípulos por estes judeus. Lerá a história das conversões de muitos judeus e gentios e da sua união na pessoa de Jesus.

Vou indicar-vos os pontos mais salientes do livro, o que é necessário compreender para compreender o essencial e o espírito que Lucas quer comunicar ao seu leitor. Então, lerá este livro com atenção. É de grande interesse para nós hoje em dia, pois é de grande relevância agora com o reaparecimento de Israel. A contínua resistência dos israelitas modernos a Jesus e a sua subtil mas real perseguição aos seguidores de Jesus tornam a mensagem do livro de Actos actual e poderosa.

12.13.1 Os Apóstolos ainda não compreenderam (Actos 1:6)

Na Ascensão de Jesus, os Apóstolos ainda não tinham compreendido a dimensão interior do Reino de Deus e ainda perguntavam a Jesus:»Ides **restaurar o reino de** Israel nestes dias? Após três anos de treino e «lavagem cerebral», após a crucificação e ressurreição de Cristo e a sua miraculosa estadia de 40 dias com eles, os Apóstolos ainda se encontram num impasse. Foi necessária uma intervenção do Espírito Santo, e tempo, para que se apercebessem da verdadeira natureza do Reino e da sua verdadeira «restauração» (Actos 3,21).

12.13.2 Pentecostes

Deus dá o seu Espírito, a sua «mentalidade», aos Apóstolos 50 dias após a Ressurreição (Páscoa). Isto correspondeu à festa judaica da «Colheita», simbolizando a colheita espiritual pelo Evangelho, a escolha dos eleitos pelo dom do Espírito Santo àqueles que nela acreditam (João 4,34-38 / Lucas 10,2 / Mateus 13,30 / Apocalipse 14,15-16). Os incrédulos não beneficiam deste Espírito que cura, dá Vida eterna e felicidade à alma.

Os Apóstolos são então compreendidos por todos aqueles que não falam hebraico, e não apenas por hebreus. É uma forma de restauração após a confusão de Babel onde os homens já não se entendiam uns aos outros (Génesis 11:1-9).

12.13.3 A forte oposição judaica à mensagem de Jesus

Esta oposição percorre o livro de Actos e faz Pedro dizer: «Esta é de facto uma liga que Herodes e Pôncio Pilatos formaram com os gentios e os povos de Israel (*os judeus por toda a parte*) nesta cidade (*Jerusalém*) **contra o** vosso santo servo **Jesus**» (Actos 4,27). «Contra Jesus» significa «Anti-Cristo»: é sobre eles que João fala quando aponta para o Anti-Cristo (1. João 2,22 / 4,1-6 / 2. João 7). No final dos tempos, a mesma liga anti-Cristo é formada pelos israelitas do mundo que, embora negando Jesus, reuniram as chamadas nações cristãs (ver os textos «O Anticristo e o Regresso de Cristo» e «Os Cristãos e Israel»). A oposição dos judeus levou à perseguição e martírio dos Apóstolos e dos discípulos de Jesus. Estevão foi o primeiro mártir (Actos 7 e Actos 12:1-2).

12.13.4 A Conversão de Paulo a Cristo

Lucas insiste na conversão de Paulo a Cristo. Paulo «aprovou o assassinato de Estêvão» (Actos 8,1) e «não respirou senão ameaças e carnificina contra os discípulos do Senhor» (Actos 9,1). Ele repete a história da sua conversão três vezes (Actos 9:1-19 / 22:5-16 / 26:10-18), depois de assinalar que esta dramática convulsão de Paulo ocorreu depois de ele «ter devastado a igreja, indo de casa em casa, roubando homens e mulheres da mesma e lançando-os na prisão» (Actos 8:3). Mas Paulo estava a agir de boa fé, convencido de que estava a servir a causa de Deus; estava comovido pelo **amor a** Deus, não pelo **ódio** a Jesus como os outros perseguidores dos discípulos. É por isso que ele merecia ser iluminado pelo próprio Cristo, directamente, não pelos homens, porque só Deus o podia convencer do seu erro (Gálatas 1,11-17 / 1 Timóteo 1,12-16).

12.13.5 A fé comunicada aos gentios (Actos 10:1-11 e 10:18)

Foi necessária a intervenção divina, tanto com os gentios (Act 10,1-8) como com Pedro (Act 10,9-24) para que a Mensagem Bíblica - o conhecimento do único Deus - mantido hermeticamente selado pela casta clerical judaica, passasse para os gentios e depois para o mundo.

Os primeiros discípulos judeus de Jesus ficaram surpreendidos por este conhecimento se ter alargado aos não judeus: «Então Deus deu também o arrependimento aos gentios, para que eles pudessem viver!»(Actos 11:18). Pois os judeus acreditavam - e ainda hoje acreditam - que os não judeus, não tendo um espírito como os judeus, vivem apenas para esta terra e não têm acesso à vida eterna e à ressurreição, sendo o seu destino semelhante ao dos animais sem uma alma eterna.

Este desprezo pelos gentios - devido ao fanatismo do clero hebreu - tornou a missão dos Apóstolos muito dolorosa, especialmente na comunidade judaica. De facto, a mensagem do Evangelho teve de passar pela espessa barreira do extremismo judeu, aquela fronteira psicológica intransponível erigida pelo clero judeu que só Deus podia quebrar; Ele fê-lo intervindo ao mesmo tempo com um gentio, o centurião Cornélio, e com um apóstolo, Pedro. Mas isto não aconteceu sem espanto por parte dos judeus bem-intencionados e sem a resistência dos fanáticos da mesma comunidade (Actos 22:21-22). Sem esta intervenção divina directa, a Mensagem do Evangelho nunca teria chegado aos gentios.

Esta feroz resistência judaica à mensagem divina dos Apóstolos de Jesus tomou muitas formas:

1. A perseguição dos Apóstolos e dos crentes manifestou-se anteriormente. Isto não é surpreendente, pois os profetas também foram perseguidos em Israel.

2. Infiltração nas fileiras cristãs para trazer os seguidores de Jesus de volta à prática da Lei do Mosaico (Actos 15,1-5 / 20,28-30). Este método desonesto foi bem sucedido com alguns dos apóstolos que acabaram por incitar à prática do culto ineficaz do mosaico para a salvação, como diz Paulo (Gálatas 3,11). Assim, cederam à pressão dos «intrusos que se tinham infiltrado para espionar» a comunidade cristã desde o seu início (Gálatas 2:4). Assim, vemos o próprio apóstolo Tiago, que era nada menos que o chefe da comunidade cristã em Jerusalém, a exigir que Paulo sacrificasse ao culto mosaico, como o fizeram «os milhares de judeus que abraçaram a fé (*em Jesus*) e são **todos** seguidores **zelosos** da Lei (*de Moisés*)» (Actos 21,17-26). Paulo teve de se submeter às exigências de Tiago, mas isto não impediu os judeus de o perseguirem, «procurando matá-lo» (Actos 21:31).

3. A infiltração judaica na comunidade cristã foi denunciada por Paulo (Gálatas 1,7 / 2,4 / 6,12,/ Tito 1,10-14 / 2 Coríntios 11,13-15 / Colossenses 4,11), por Pedro (2 Pedro 2,1) e Judas (Judas 1,4 e 12, em comparação com 1 Coríntios 11,17-33).

4. Incitação judaica dos gentios contra os apóstolos (Actos 14,2 / 17,5-9).

5. Paulo é acusado de ser «um líder do **partido** dos Nazarenos» (Actos 24,5) dando aos Romanos a impressão de que é um partido político que se opõe a César para proclamar outro rei, Jesus, em vez do Imperador (Actos 24,14 / 17,7 / 25,8). É o mesmo truque utilizado pelos judeus contra Jesus (João 19,15). É a arma utilizada hoje pelos cristãos contra os Apóstolos dos últimos tempos, cuja missão é denunciar o Anticristo: Israel. São acusados de «fazer política», aqueles que denunciam a politização do espiritual pelos sionistas e os seus chamados aliados cristãos.

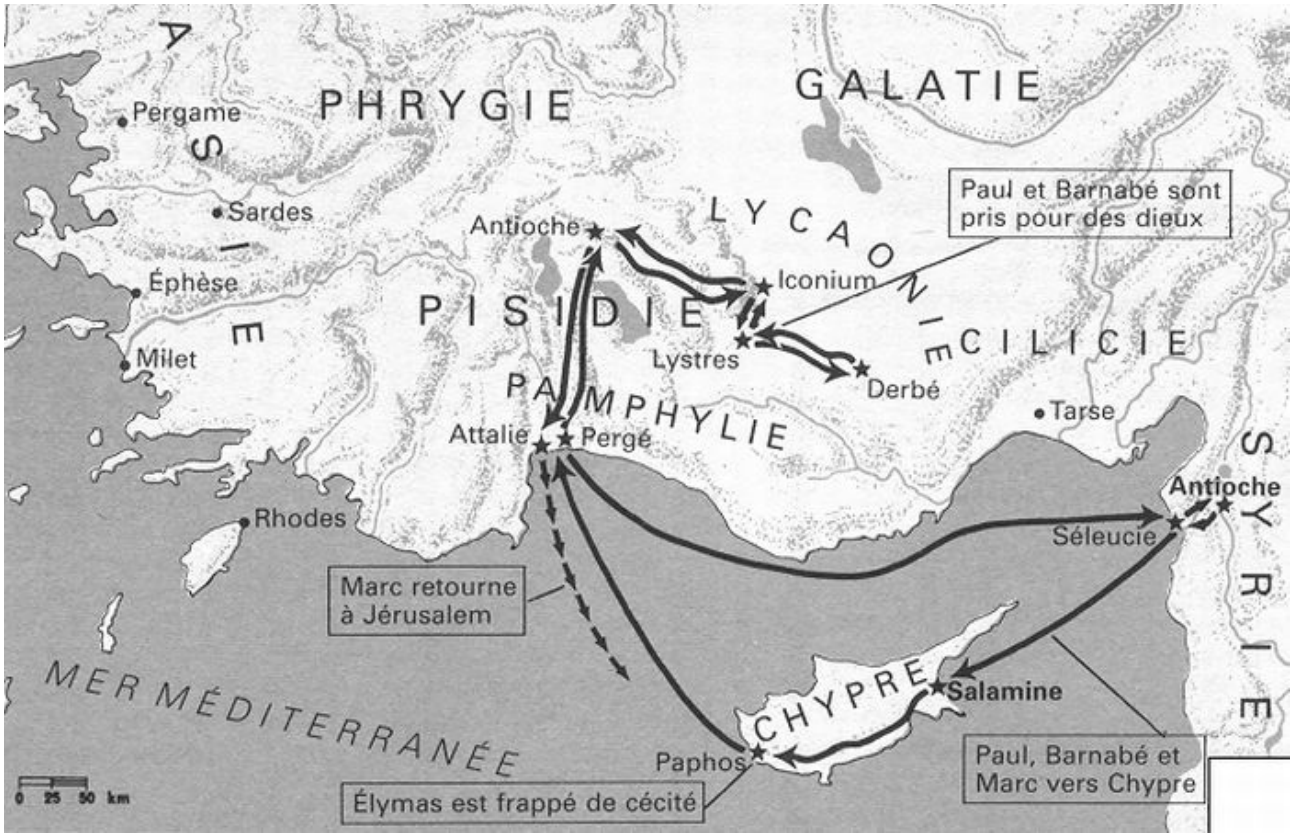
12.13.6 «De acordo com as Escrituras» (Actos 17:2-3)

É «segundo as Escrituras que Paulo explicou, estabelecendo que Cristo devia sofrer e ressuscitar» (Act 17,2-3), e os crentes «examinaram as Escrituras para ver se tudo estava correcto» (Act 17,11). Todo o **verdadeiro** cristão deve ser capaz de «demonstrar **através das Escrituras** que Jesus é o Cristo» (Actos 18,28) e que Israel (que nega que Jesus é o Cristo) é o Anticristo anunciado por João (1 João 2,22).

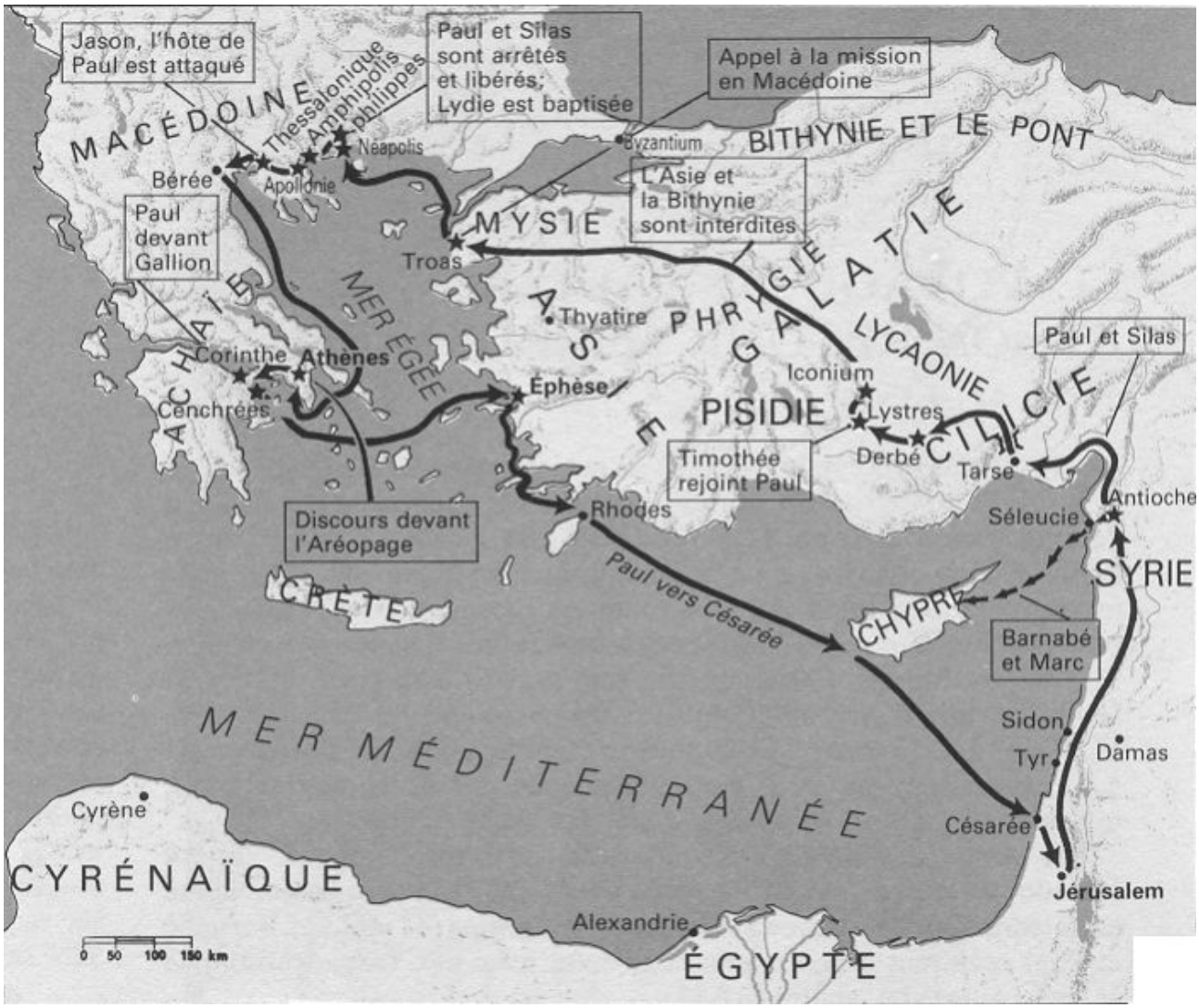
Pedro recomenda-nos que estejamos «sempre prontos a defender-nos de qualquer pessoa que vos peça a razão da esperança que há em vós» (1 Pedro 3,15).

Não podemos defender a nossa fé na ignorância das Sagradas Escrituras. É através do conhecimento bíblico que podemos ser apóstolos de Jesus, o verdadeiro e único Messias.

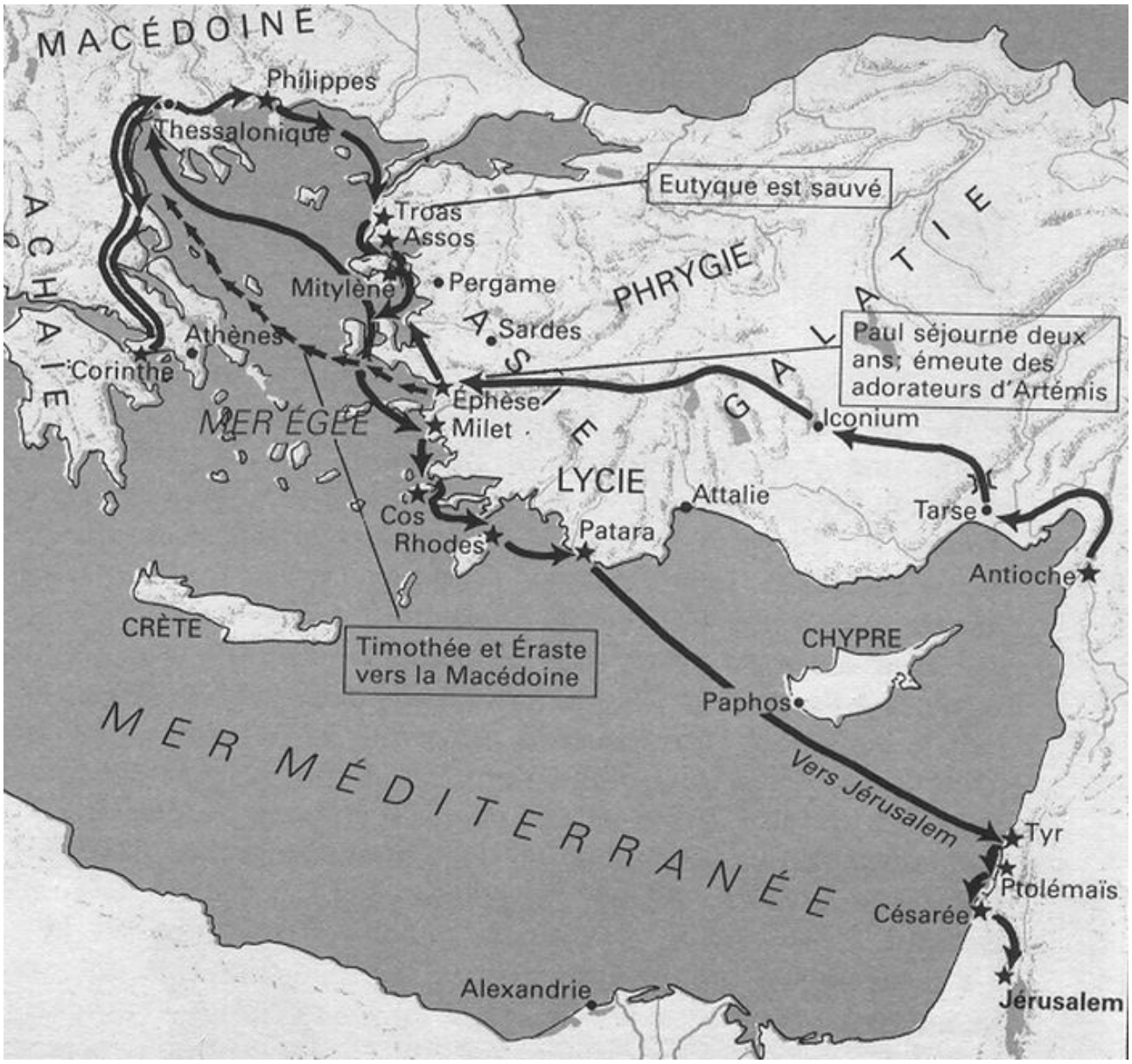
O objectivo deste curso bíblico é dar este conhecimento àqueles que são chamados a ser discípulos de Jesus e que querem responder a este chamado divino.



A primeira viagem missionária de Paulo (46-48 d.C.)



A segunda viagem missionária de Paul (49-52 d.C.)



A terceira viagem missionária de Paul (53-57 d.C.)

A viagem de Paulo a Roma (59-62 d.C.)

13. Lição 13 - O Evangelho de João e as Cartas dos Apóstolos

13.1 Apresentação do Evangelho de João e das suas Cartas

O Evangelho de João não é, como a sinopse é, uma biografia de Jesus. O que interessa aqui ao evangelista não é a genealogia humana do Messias esperado, mas outra realidade relativa à sua personalidade, muito mais profunda e comovente: a sua ascendência divina. Portanto, ele começa o seu trabalho com uma introdução magistral para nos revelar o que ele próprio tinha descoberto, ou seja, a genealogia **divina** de Jesus, dizendo: «No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo **era Deus** (João 1,1)...». E o Verbo tornou-se carne e habitou entre nós«(João 1,14).

João, portanto, não é um historiador da vida terrena de Cristo, como os outros evangelistas, mas um **teólogo que** revela a sua natureza divina. Os sinópticos ensinam-nos que Jesus é o Messias esperado. João também atesta esta verdade, mas vai mais longe - ou melhor, mais alto - para nos ensinar o que outros não revelaram, que este Messias é Deus encarnado, o Criador que assume a forma humana para estar pessoalmente presente, com os homens na terra e de uma forma tangível. É esmagador, espantoso quando se pensa no assunto. É especialmente verdade.

João é o único evangelista a comunicar-nos esta preciosa informação e foi por isso que foi chamado»teólogo«. Ele é representado por uma águia, porque se ergueu bem alto em pensamento.

Só depois de atingir a idade de 90 anos é que João decidiu escrever o seu Evangelho. Foi então o único sobrevivente entre os Apóstolos. Ele não tinha considerado oportuno escrever antes disso porque foram encontrados outros Evangelhos, bem como as muitas cartas dos Apóstolos para informar os crentes sobre Jesus. O que o levou a escrever? É importante para si saber.

Vimos na lição anterior que os judeus anti-Cristo estavam a infiltrar-se na nascente comunidade pró-Cristo para a destruir a partir do seu interior. Eles perturbavam os crentes não só forçando-os a praticar o culto judaico, mas afirmando que o Messias não era Jesus mas João Baptista, ou atacaram os cristãos porque acreditavam na divindade do Messias. Os fiéis perturbados voltaram-se, portanto, para John em busca da luz de que precisavam dele. Sabendo que ele era o discípulo amado de Jesus, eles sabiam que podiam confiar nas suas palavras.

Então João começou o seu Evangelho esclarecendo-os sobre estes dois pontos litigiosos:

1. **Jesus é o Messias**

   João Baptista não é o Messias (a Luz):»Ele veio para dar testemunho da Luz, para que através dele todos possam acreditar (*no Messias*). Ele não era a Luz, mas a testemunha da Luz. A Palavra era a verdadeira Luz«.. (João 16:9).

   Jesus, a Palavra de Deus, é portanto também o Messias.

2. **Jesus é Deus encarnado**

   Jesus é a Palavra, a Palavra é Deus (João 1,1) e a Palavra tornou-se carne, Ele levou um corpo humano para viver com os homens (João 1,14). Jesus é, portanto, verdadeiramente Deus encarnado.

Tendo sido discípulo de João Baptista e apóstolo de Jesus (como André: João 1,35-40), João estava portanto bem posicionado para acalmar os fiéis que a ele recorriam. Ele confunde os erros espalhados pelos falsos profetas que denuncia nas suas cartas (1 João 4,1-6 / 2 João

1,7) e no Apocalipse (onde os chama falsos judeus e sinagoga de Satanás: Apocalipse 2,9 e 3,9). Os»Nicolaítas«: Apocalipse 2,6 eram uma seita de judeus supostamente convertidos que negavam a divindade de Jesus.

Uma boa maneira de estudar o Evangelho de João é lê-lo cuidadosamente e descobrir:

1. os versículos que demonstram que o Messias é Jesus, e não João Baptista;
2. as - muitas vezes subtis - insinuações nas discussões de Jesus, onde Ele se revela como Deus encarnado.

Lerá este maravilhoso livro depois de ter esclarecido cada um destes dois pontos para ajudar a sua investigação.

13.1.1 Jesus é o Messias

No início, muitos judeus acreditavam que João Baptista era o Messias. Os Evangelhos dizem-nos que ele insistiu em dizer-lhes:»Eu vos baptizo com água; aquele que vem depois de mim (Jesus) é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno de lhe tirar os sapatos«. Ele vos baptizará com o Espírito Santo e com fogo» (Mateus 3,11). No entanto, Lucas diz-nos que muito mais tarde ainda estava em Éfeso dos judeus que se contentavam com o baptismo de João Baptista (Actos 19,1-7). João também esteve em Éfeso. Os judeus daquela cidade eram os «anticristos» mais violentos: «...quando os judeus da Ásia o viram no Templo, agitaram toda a multidão e puseram-lhe as mãos em cima...» (Actos 21:27).

No seu Evangelho, João insistiu e repetiu muitas vezes o testemunho de João Baptista: «João veio como testemunha, para dar testemunho da Luz...» (Actos 21,27). Ele não era a Luz, mas a testemunha da Luz. A Palavra era a verdadeira Luz«(Jo 1:6-9).... John dá testemunho dele. Ele proclama:»Este é aquele de quem eu disse: 'Aquele que vem depois de mim passou antes de mim, porque foi antes de mim'«(João 1,15)... Este é o testemunho de João:»Eu não sou o Cristo«.... (João 1:19-27)... No dia seguinte, quando viu Jesus aproximar-se dele, disse:»Eis o Cordeiro de Deus... Dele eu disse: «Vem um homem atrás de mim... Ele é o Escolhido (*Cristo*) de Deus. (João 1:29-36)». «Vós próprios me dareis testemunho de que eu disse: 'Eu não sou o Cristo, mas sou enviado perante ele...» (João 3:26-36).

Assim, desde o início, João acalma os seus discípulos: Jesus é de facto Cristo Deus. Ele termina o seu Evangelho confirmando-os nesta crença, dizendo que lhes trouxe todos os sinais que Jesus realizou «para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que acreditando em vós possais ter vida em seu nome» (João 20:30-31).

13.1.2 A divindade de Jesus

João começa o seu Evangelho com uma palavra-chave que tem um grande impacto na mentalidade judaica: «No início», em hebraico «Bereshit» («Be»: em, «reshit»: início). A importância desta palavra reside no facto de inaugurar o Antigo Testamento, a Torá. De facto, o livro do Génesis começa da seguinte forma: «No princípio (Bereshit) Deus criou o céu e a terra».

É **intencionalmente** que João, impulsionado pelo Sopro de Deus, usa esta palavra que atinge o coração judeu e o choca para o abrir aos livros do Novo Testamento. É no mesmo Espírito que João começa a sua primeira carta: «Aquilo que foi desde o **início**...».

Respondendo aos fiéis que lhe procuravam, João queria escrever um novo Génesis, um novo «Bereshit»: «No início era a Palavra...». Tudo era através d'Ele e sem Ele nada era. De todos os seres Ele era a Vida e a Vida era a Luz dos homens. João (*Baptista*) não era a Luz... A Palavra era a verdadeira Luz«(João 1:1-9).

Com estas palavras corajosas, João explica em profundidade o que diz Gênesis sobre Deus, o Criador do céu, da terra e da luz. Este Criador não é outro senão a Palavra:»Todas as coisas

foram feitas por ele«(João 1:1-9) (João 1:3) porque»estava **no princípio** com Deus«(João 1:2) e»era Deus«Ele próprio (João 1:1).»E o Verbo tornou-se carne (*em Jesus*)«(João 1,14). Aqueles que recorreram a John não podiam esperar uma resposta melhor. Compreende porque é que John foi chamado»o teólogo«.

Ao longo do seu Evangelho, João esforça-se por registar fielmente as palavras de Jesus em que se baseia para dizer que»a Palavra estava desde o princípio com Deus e era Deus«. Não O ouvira Ele dizer aos judeus:»Antes de Abraão ser, eu sou«? (João 8:58). Não teria também ouvido o Baptista dizer antes dele, o seu discípulo:»Aquele que vem depois de mim, passou antes de **mim**, porque **estava antes de mim**«? (João 1:30). Agora João sabia que Abraão precedeu Jesus na terra por 2.000 anos e que João Baptista O precedeu por seis meses. No seu Evangelho não podia calar as conclusões lógicas que extraiu do que tinha ouvido. Ele deu-nos o seu testemunho com amor e precisão, para que aqueles que acreditam nele possam ser salvos.

A crença na divindade de Jesus já existia antes do Evangelho de João. Nas suas cartas, Paulo alude:»Aquele que estava na forma de **Deus** não guardou ciosamente a **sua** posição como Deus«, diz ele de Jesus (Filipenses 2,6). E ainda:»Nele (*Jesus*) deves andar...«. Porque nele habita corporalmente **toda a plenitude** da divindade» (Colossenses 2:6-9). As cartas de Paulo datam de cerca de 40 anos antes do Evangelho de João.

Uma vez que os cristãos já acreditavam na Encarnação de Deus, na «plenitude» da Pessoa de Jesus, porque é que João escreveu para convencer os seus discípulos do que eles já sabiam? É, como já disse, porque foram incomodados por desordeiros que pretendiam semear a dúvida e a discórdia nas fileiras cristãs. São estes desordeiros, vindos das massas judias que negaram Jesus, que são chamados «anticristos» por João: «Ouvistes dizer que o Anticristo está para vir. Já agora **muitos anticristos** vieram ... Saíram da **nossa casa** (*judaica*), mas não estavam connosco... Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo; existe o Anticristo», diz ele sobre eles (1 João 2,18-22). Paulo também se refere a eles quando escreve: «De agora em diante o mistério da impiedade está em acção» contra os primeiros judeus que foram fiéis a Jesus (2 Tessalonicenses 2,7).

13.1.3 Os dois campos judeus

Falando de anticristos, aproveito esta oportunidade para falar das 2 categorias de judeus resultantes da vinda de Jesus: aqueles que eram pró-Cristo para Ele e os outros que se colocaram contra Ele, os anticristos.

Jesus, o Messias espiritual, que não era um nacionalista judeu, dividiu a sociedade hebraica em dois campos: «Os judeus estavam divididos por causa das palavras de Jesus. Muitos deles disseram:»Ele está possuído por um demónio. De que serve ouvi-lo?«Outros disseram:»Essa não é a língua dos possuídos por demónios...«(João 10:19-21).

Da mesma forma, Paulo»suscitou discórdia entre os judeus de todo o mundo«(João 10:19-21) (Actos 24:5) separando o»joio do trigo bom«, os incrédulos dos crentes. É neste sentido que Jesus tinha dito:»Não vim para trazer a paz, mas uma espada«. Pois eu vim para colocar o homem (*que não acredita em mim*) contra o seu pai (*que acredita em mim*)... etc.» (Mateus 10:34-35). Os judeus incrédulos repreendem Jesus por dizer isto e acusam-no de quebrar a unidade do povo e da família .

O lado dos crentes deixou-se convencer - através de profecias - que o Messias tinha de sofrer a morte, para que a mensagem monoteísta passasse dos judeus - que a tinham selado - aos gentios (Act 17,1-4) e que «judeus e gregos (*gentios que eram politeístas*) davam glória a Deus» (Act 19,17). Todos estes acreditavam em Jesus, apesar da resistência dos judeus israelitas, que não viram Nele o Cristo nacionalista que tinham imaginado. Assim, «milhares de judeus abraçaram a fé cristã» (Act 21,20).

Por outro lado, os judeus fundamentalistas formaram um campo exclusivamente judeu fanático, um «gueto» violentamente nacionalista. Aspirando apenas à «restauração» do reino de David na Palestina, este campo opôs-se impiedosamente ao primeiro. Esta oposição foi tão violenta que levou à perseguição dos seguidores de Jesus que tiveram de se encontrar «portas fechadas por medo dos judeus incrédulos» (João 20,19).

Houve assim uma divisão total entre os dois campos e as palavras de Jesus provaram ser verdade: «Não vim para trazer a paz, mas a espada». De facto, é pela «espada» que um bom número de Apóstolos pereceu, apedrejado até à morte como foi Estêvão (Act 7,59) ou literalmente «pela espada» como foi «Tiago, irmão de João» (Act 12,2).

Para Deus, qual destes dois campos representa a **verdadeira** face do judaísmo? Será o dos fundamentalistas que permaneceram ligados ao ideal nacionalista, ou o dos discípulos judeus de Jesus que foram transformados em «universalistas» após a sua libertação dos preconceitos impostos pela visão estreita e fanática de um judaísmo mal compreendido?

Jesus responde a esta pergunta quando diz: «Não vim para abolir a Torá e os Profetas (isto é, os livros do Antigo Testamento): Não vim para abolir, mas para **cumprir**... Se a vossa justiça não **ultrapassar** a dos escribas e fariseus, certamente não entrareis no Reino dos Céus» (Mateus 5,17-20).

Jesus, então, é a **perfeição do** judaísmo e o verdadeiro judeu é aquele que se fez seu discípulo: «Se queres ser **perfeito**... vem, segue-me», diz Jesus ao jovem rico que pratica escrupulosa e literalmente os preceitos da Lei Mosaica (Mateus 19,21). Tendo compreendido isto, Paulo, que era um fariseu praticante, diz aos judeus: «Se pertenceis a Cristo, então sois descendentes de Abraão, herdeiros segundo a promessa» (Gálatas 3:29).

Assim, de acordo com o Evangelho, é verdade que um judeu que se faz discípulo de Jesus é um verdadeiro judeu. Aqueles que o negam não são verdadeiros judeus, mas são «falsos judeus», os «falsos irmãos», aqueles «intrusos» de quem Paulo fala, «que se infiltraram para espiar» os cristãos (Gálatas 1,7). São estes falsos judeus que João denuncia como «anticristos» e «enganadores» (1 João 2,18-22 / 1 João 4,2-3 / 2 João 1,7), «que não confessam Jesus Cristo que veio em carne e osso» (2 João 1,7). «Se alguém vier ter consigo sem trazer esta doutrina», continua João, «não o receba em sua casa e não o cumprimente». Aquele que o saúda participa nas suas obras más«(2 João 1,10). O Apocalipse adverte-nos contra o seu reaparecimento no fim dos tempos e chama-lhes»falsos judeus«,»usurpadores do título de judeus«, mesmo»sinagoga de Satanás«(Apocalipse 2,9 / 3,9), uma vez que Jesus tinha acusado os seus antecessores de terem»o diabo como pai«, e não Deus (João 8,44). Estes falsos judeus modernos são os nacionalistas israelitas.

13.2 Os Ensinamentos do Evangelho de João

O que interessa a João não são tanto as obras de Jesus, mas os seus ensinamentos. Ele comunica-nos as mesmas partilhando connosco as várias discussões que o seu Mestre teve uns com os outros, deixando-nos compreender por nós próprios as luzes que Jesus quer dar aos homens.

Assim, João não faz uma lista de doutrinas, mas apela ao senso comum daqueles que sabem ler nas entrelinhas e extrair os ensinamentos de Cristo das suas próprias palavras nas suas várias discussões ou controvérsias.

Jesus aproveitou frequentemente a oportunidade de algum evento, por vezes aparentemente banal (por exemplo, o *seu diálogo com a samaritana: João 4*) para revelar uma verdade. Por vezes até criou a oportunidade para uma discussão útil. Assim, os seus milagres tiveram o propósito indirecto e profundo de provocar discussões nas quais expôs os seus pontos de vista - sobre a Torá, por exemplo - a fim de corrigir o desvio em que a comunidade hebraica se tinha afundado.

De facto, Jesus fez milagres no sábado, para dizer que neste dia não se deve reduzir a uma imobilidade quase total, como pensavam os judeus. Curou assim um paralítico num sábado ao grande escândalo dos judeus e aproveitou a oportunidade para responder:»O meu Pai ainda está a trabalhar e eu também estou a trabalhar. Mas esta foi mais uma razão para os judeus quererem matá-lo, uma vez que não contentes com a violação no sábado, ele ainda chamou a Deus seu próprio Pai, tornando-se assim **o igual de Deus**«(João 5,17-18).

O que João quer dar-nos acima de tudo é esta palavra de Jesus:»A minha doutrina não é minha, mas a daquele que me enviou«(Jo 5,17-18) (João 7:16). Esta doutrina de Jesus foi-nos entregue por João através das seguintes discussões que Jesus teve:

13.2.1 Construir o verdadeiro Templo (João 2:13-22)

Controvérsia com os judeus no Templo para falar da sua destruição e da construção do verdadeiro Templo, o»santuário do seu corpo«, ou seja, da sua Pessoa (ver Apocalipse 21:22).

13.2.2 Diálogo com Nicodemus (João 3:1-21)

Nele Jesus revela a necessidade de»nascer de novo **em espírito**«, de se descondicionar e de se libertar de preconceitos para poder ver a verdade e optar por ela objectivamente depois de ter quebrado as correntes corporais, porque»o que é carne é (*habita*) carne, mas o que é nascido do Espírito é espírito«e vive eternamente.

13.2.3 Diálogo com a mulher samaritana (João 4:1-42)

Jesus provoca um diálogo com uma mulher samaritana por três razões:

1. Quebrando o ódio entre judeus e samaritanos, um ódio que é construído pelo ostracismo:»Porque os judeus **não têm relação** com os samaritanos«, relata João (João 4:9). A parábola do **Bom** Samaritano chocou os judeus (Lc 10,29-37). Esta abordagem amigável de Jesus, um judeu, surpreendeu a mulher:»Como! Tu és judeu, e pedes-me, uma samaritana, para beber a mim«! (João 4:9). Jesus dá um passo anti-racista.

2. Ele quebra os preconceitos sociais da época, especialmente na mentalidade dos seus discípulos que se surpreendem ao vê-lo falar com uma mulher (João 4,27), que é também uma mulher samaritana (João 4,9).

3. A principal razão é revelar aos samaritanos que ele é o Messias (João 4:25-26; 4:41-42).

Note-se que os samaritanos - como crianças dóceis e inocentes - acreditaram em Jesus, **não porque O tinham visto fazer milagres**, mas simplesmente por causa do que tinham»**ouvido**«da mulher samaritana (João 4:39-42). Os judeus, por outro lado, mostraram-se relutantes. O próprio Jesus tinha dito, quando regressou à Galileia dois dias depois:»...um profeta não tem respeito no seu próprio país«(João 4,44). Em Caná, Ele disse novamente, não sem amargura:»Se não **virdes sinais** e maravilhas, não acreditareis«(Jo 4,44) (João 4:48)... como os samaritanos acreditavam n'Ele e não viam sinais ou maravilhas.

13.2.4 A Ressurreição Espiritual (João 5:1-47)

É a ressurreição da **alma** através da aceitação da Verdade proclamada por Jesus. É chamada a»primeira ressurreição«(Apocalipse 20:5-6). Curando um paralítico, Jesus aproveita a oportunidade para revelar a sua filiação divina, a sua»igualdade com Deus«e»o próprio Deus«, como disseram os judeus escandalizados (João 5,17-18 / 10,33). Nesta ocasião, Jesus anuncia também que»os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus e os que o ouvirem viverão«(João 5,25). Isto significa que os gentios, que são considerados mortos pelos judeus, chegarão à vida espiritual por causa da sua fé em Jesus. O profeta Baruque diz aos judeus exilados entre os babilónios, considerados como»**mortos**«que»descem ao Seol«:»Porquê, Israel, porque estás na

terra dos teus inimigos, envelhecendo numa terra estrangeira, contaminando-te com os mortos (*os babilónios*), que são contados entre aqueles que descem ao Seol«(Baruque 3,10-11).

Este regresso da**alma** à vida é uma ressurreição espiritual, a da **alma** no corpo vivo **já aqui** na terra. Jesus diz:»Vem a hora - e **aqui estamos nós** - em que os mortos (*pecadores*) ouvirão a voz do Filho de Deus e os que o ouvirem (*arrependidos*) viverão«(João 5,25). O Apocalipse chama-lhe»a primeira ressurreição«(Apocalipse 20:5-6).

Portanto, não é a»segunda ressurreição«, a que terá lugar **no fim do mundo**. Jesus explica:»Está a chegar a hora, em que os justos terão uma parte na vida eterna, e os ímpios conhecerão a «morte eterna» (i.e. a infelicidade eterna: João 5,28-29). Esta morte final da alma é chamada a «segunda morte» por Apocalipse 20:6 (sendo a primeira morte física, e a segunda a morte da alma).

Note-se *a perseverança* do aleijado curado: «**durante trinta e oito anos**» ele apresentou-se para ser curado, «mas outro veio antes dele na água». Jesus curou-o porque ele «sabia que estava neste estado há **muito** tempo» sem perder a esperança de ser curado.

13.2.5 O «Pão» da Vida Eterna (João 6:1-67)

Jesus multiplica os pães para falar de outro «Pão» que dá Vida à alma, a Vida Eterna, tal como falou da «Água» da Vida Eterna à mulher samaritana da água do poço de Jacob (João 4,13-14).

Mas antes de realizar o milagre, Aquele que «sabia bem o que ia fazer», Ele queria «pôr à prova Filipe», assim como os outros Apóstolos. Então Ele disse a Philip: «Onde podemos comprar-lhes pão para comerem? Note-se que ele disse isto»**para o testar**«(João 6:5-6). Filipe era um dos Apóstolos presentes em Caná quando Jesus multiplicou o vinho (João 1,43 e 2,1-3). Assim, ele deveria saber que Jesus poderia dar comida a esses milhares de pessoas sem qualquer problema. Mas nem Filipe nem André, que também esteve presente em Caná, compreenderam com o que o Messias contava e podia fazer (João 6,8). Deviam ter-lhe respondido:»Mas tu podes fazer tudo, Senhor! Basta dizer uma palavra, como em Caná, e haverá pão para todos«!

Os dois milagres devem ser reunidos: o milagre do vinho e o milagre do pão, os dois produtos através dos quais Jesus se nos dá na sua refeição espiritual. Ainda não expliquei o milagre de Caná (João 2,1-11) para falar agora sobre ele.

Compare a atitude de fé de Maria, a Santíssima Virgem, em Caná, com a dos Apóstolos aqui presentes. Em Caná foi Ela quem tomou a iniciativa de pedir a Jesus para multiplicar o vinho. Os seus Apóstolos - Filipe e André em particular, e outros -»também foram convidados«(João 2,2). Embora soubessem disso, Filipe e André estavam longe de pensar no que Jesus faria e poderia fazer em relação à multiplicação dos pães. A sua Mãe em Caná tinha assumido a liderança ao exortar Jesus a multiplicar o vinho. Ela ganhou o dia pela alegria dos convidados. Maria, a quem Deus nada recusa, conseguiu assim antecipar o tempo em que Jesus realizaria os seus milagres (João 2,4). Isto deveria ter inspirado Filipe e André na sua resposta a Jesus sobre o pão.

Em Caná Jesus não diz à sua Mãe:»O que queres de mim, mulher?...etc.«como alguns traduzem, mas:»O que é isto para mim e para ti, mulher? A minha hora ainda não chegou«(João 2,4). Por outras palavras, quando Maria diz ao seu filho que o vinho se acabou, ele responde:»O que é que isso importa para ti e para mim? Não é da nossa conta; não é da nossa conta. Não é o dia do meu casamento nem a minha hora! No dia do meu casamento não haverá falta de Vinho. Aqui ninguém me acusou de vinho«. É neste espírito que as palavras de Jesus devem ser compreendidas e traduzidas a partir do texto original grego (ver a tradução na Bíblia por André Chouraqui). Não devemos pensar, como fazem algumas pessoas, que na resposta de Jesus à sua Mãe, houve uma falta de respeito por ela. Isso seria indigno do Messias... Não esqueçamos ainda que Jesus acaba por responder ao pedido da sua mãe.

Na sua controvérsia com os judeus, Jesus disse-lhes:»Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou não o atrair«(João 6,44). Ele disse isto porque muitos foram ter com Ele acreditando que Ele era o Messias, portanto o Rei **político** de Israel. Não foram, portanto, atraídos pelo Espírito do Pai de Jesus. Esta multidão correu atrás de Jesus, não por causas espirituais, mas porque foram atraídos para Ele, como Judas, por interesses políticos, económicos e terrenos. Por isso Jesus disse-lhes:»Trabalhai pela comida eterna, não pela comida perecível«(João 6,27). Falou do Seu Corpo e Sangue, Pão e Vinho de Vida Eterna (João 6:51-58). Apenas aqueles que são atraídos pelo Pai são capazes de compreender o significado profundo das palavras **espirituais** de Jesus. Aqueles que foram atraídos por Ele por bens terrenos não viram significado nas Suas palavras e acabaram por abandoná-lo, como Judas fez mais tarde (João 6:60-71).

13.2.6 Água da Vida (João 7:37-39)

Quando Jesus falou à mulher samaritana sobre a água que ele dá de beber, ouviu»o Espírito que aqueles que acreditam nele devem receber«.. (João 7:39). Para ser regado com este Espírito que dá a Vida à alma, é preciso ter sede dela. Os tépidos estão excluídos. Jesus dá este mesmo Espírito na Eucaristia a»todos aqueles que têm sede dele«(Mateus 26,27-28 / Apocalipse 22,17).

13.2.7 O discurso de Jesus no Templo (João 7,1-53)

A Festa das Tendas, também conhecida como Festa da Colheita (Êxodo 23:16), comemorava os 40 anos passados no deserto do Sinai em tendas (Levítico 23:42-43). Nesta festa, os judeus iam todos os anos em peregrinação a Jerusalém para oferecer sacrifícios no Templo. Esta festa é ainda hoje celebrada em Israel.

Os»irmãos«de Jesus, ou seja, os habitantes de Nazaré, disseram-lhe, não sem ironia:»Passa daqui para a Judéia para que os teus discípulos possam ver as obras que fazes: não se age em segredo quando se quer ser conhecido. Já que fazes estas coisas, dá-te a conhecer ao mundo«(João 7:3-4). Imediatamente após estes versículos, João explica:»Porque nem os seus irmãos acreditaram n'Ele«(João 7,5).

Porque é que os concidadãos de Jesus O pressionaram a ir a Jerusalém para se manifestar perante o mundo e não acreditar n'Ele? Eles sabiam que»os judeus queriam matá-lo«(João 7:1; João 7:13)!

Devemos compreender que foi num tom cínico e zombador que estas pessoas se dirigiram a Jesus e O **desafiaram** a comparecer perante o povo como o Messias esperado. Não acreditavam que fosse capaz de ser o líder político esperado, capaz de satisfazer os israelitas sedentos de independência nacional. Não esqueçamos, de facto, que o próprio João Baptista e os Apóstolos tiveram dificuldade em compreender a missão puramente espiritual de Jesus e do Seu Reino espiritual que»não é deste mundo«, como Ele revelou a Pilatos (João 18,35-37).

Estes nazarenos falaram a Jesus com o mesmo espírito de desafio que o demónio que lhe tinha dito:»Se tu és o Filho de Deus (*o Messias*) ordena que estas pedras se transformem em pão...«(Jo 18,35-37). Se és o Filho de Deus, lança-te para baixo» (Mateus 4,3-5). Foi também neste espírito maligno que, quando viram Jesus na cruz, «os transeuntes acenaram-lhe com a cabeça e disseram: 'Se és o Filho de Deus, desce da cruz'» (Mateus 4,3-5) Ele é o Rei de Israel! Que Ele desça agora da cruz (*para restaurar o reinado de David*) e acreditaremos n'Ele.... Ele disse: «Eu sou o Filho de Deus»! (Mateus 27:39-44). Mas «Deus não deve ser posto à prova» (Deuteronómio 6:16).

Podemos compreender a razão pela qual Jesus respondeu aos seus concidadãos: «O meu tempo (*para ser o Rei espiritual e universal*) ainda não chegou, enquanto que para **vós** o tempo (*para esperar pelo Messias nacionalista*) ainda é bom. O mundo não vos pode odiar (*pois aguarda o mesmo Messias que vós e tem o mesmo espírito que o vosso*): odeia-me porque testemunho (*através do meu messianismo espiritual*) que as suas obras são más. Vós subis à festa; mas eu não subo a esta festa, pois o meu tempo (*de rei*) ainda não está cumprido» (João 7,6-8).

Jesus recusou-se a ir a Jerusalém com «os seus irmãos» da Galileia, porque não queria acompanhá-los no seu espírito mundano e oportunista. De facto, não O convidaram a ir a Jerusalém num espírito de peregrinação e de recolhimento, mas sim num espírito de campanha eleitoral, fazendo de uma festa religiosa um trampolim para um objectivo político. Por isso Jesus respondeu: «Não vou a essa festa», ou seja, não vou convosco, nem com esse espírito. Mas João acrescenta: «Mas quando os seus irmãos subiram, ele subiu, mas **secretamente** e sem ser visto» (João 7,10). Então Jesus foi para Jerusalém, mas num espírito muito diferente dos outros, uma vez que lá foi «em segredo», sem tentar dar-se a conhecer ou ser conhecido como eles pensavam (João 7,4).

Jesus sempre se recusou a manifestar-se num espírito de publicidade ruidosa, ao ponto de serem os próprios judeus «que O procuraram durante a festa» (João 7,11) e não Ele, Jesus, que procurou aparecer, como os Seus «irmãos» Lhe pediram que fizesse. Não teria Ele avisado os Apóstolos para não dizerem a ninguém que Ele era o Messias? (Mateus 16,20).

É de facto sobre este Messias discreto que Deus falou a Isaías, descrevendo-o da seguinte forma: «Eis o meu servo a quem sustento, o meu escolhido a quem a minha alma prefere. Pus o meu Espírito sobre Ele... Ele não grita, Ele não levanta a sua voz, Ele não faz ouvir a sua voz nas ruas» para fazer discursos eleitorais e dar-se a conhecer ao mundo (Isaías 42:1-2). Só quem tem olhos espirituais para ver pode compreender que Jesus é o Cristo, o Escolhido de Deus: «Quem tem ouvidos, ouve», disse Jesus muitas vezes (Lucas 14,35 e Mateus 13,9).

No entanto, Jesus levantou por vezes a sua voz, mas foi sempre para proclamar verdades espirituais e para ser ouvido por todos. De facto, João diz: «No último dia da festa, Jesus levantou-se e disse em **voz alta**: 'Se alguém tem sede, venha a Mim e beba, quem crê em Mim', segundo a palavra da Escritura: 'Do seu ventre correrão rios de água viva'. Ele falou do Espírito que aqueles que acreditam Nele devem receber» (João 7,37-39 / ver também Ezequiel 47,1-13 e Apocalipse 22,2). É sobre esta mesma «água viva» que Jesus falou à mulher samaritana (João 4,13-14).

O Messias não promete aos seus discípulos um império sobre o mundo, nem glória temporal, mas o Espírito de Deus que restitui ao homem a imagem de Deus. Aqueles que têm sede, ao dirigirem-se a Ele, nunca ficarão desapontados.

Não é este Espírito divino que os concidadãos de Jesus procuravam; não é por esta Água que eles tinham sede. Os seus discípulos, por outro lado, só queriam beber da Fonte dadora de vida que o Messias veio a abrir neles. São Paulo, por exemplo, considerou nulo o culto mosaico da Torá em relação à fé em Jesus e disse: «Sou um hebreu, um filho de hebreus, circuncidado no oitavo dia. Quanto à Lei (*a Torá*), um fariseu; quanto ao zelo, um perseguidor da Igreja; quanto à justificação que a Lei pode dar, um homem sem culpa. Mas todas estas vantagens que me foram proporcionadas, considerei-as como uma desvantagem, por amor de Deus. Ainda mais, considero agora tudo uma desvantagem ao preço do supremo ganho que é o conhecimento de Cristo Jesus, Meu Senhor. Por Sua causa, aceitei perder tudo. Considero todas as coisas como lixo, para que eu possa ganhar Cristo».. (Philippians 3:5-8). Paulo, que tinha sede do Espírito de Jesus, não ficou desapontado. Ele estava bem consciente de que O possuía, pois disse: «Penso que também tenho o Espírito de Deus (1 Coríntios 7:40)...» (Filipenses 3:5-8). Nós somos os (*verdadeiros*) circuncidados, nós que adoramos segundo o Espírito de Deus, e tiramos a nossa glória de Cristo Jesus«(Filipenses 3,3). Paulo não teria dito estas palavras vivas se tivesse ficado satisfeito com a adoração da Torá e se não tivesse sido preenchido com a Água de Jesus.

Para nós que estamos a estudar este Curso Bíblico, estas palavras sobre a Água da Vida Eterna são da maior importância; para o propósito do nosso estudo é ter dentro de nós a Fonte desta Água prometida por Jesus. Estamos portanto directa e pessoalmente preocupados e interessados. É por isso que devemos fazer a nossa»avaliação espiritual«, como já foi recomendado no

início deste Itinerário Espiritual. Deixe-nos saber se temos sede da Água de Jesus, se bebemos dela, se»rios de água viva brotam do nosso ventre«(João 7,38). Podemos também dizer como Paulo:»Creio que tenho o Espírito de Deus«? Será que pensamos como Deus? Serei eu como Ele quer que eu seja? Se assim for, então felizes estamos nós! Abençoado sejais vós! O seu estudo não terá sido em vão.

Agradeçamos ao Messias que nos deu a sua Vida para nos conceder esta felicidade. Não permitamos que ninguém nos tire este»tesouro que levamos em vasos de barro (*frágeis*), para que possamos ver que este poder extraordinário pertence a Deus e não vem de nós«, como diz Paulo (2 Coríntios 4,7). Fiquemos com Deus e Ele irá proteger-nos.

13.2.8 Controvérsia entre Jesus e os judeus (João 8:12-59)

Nesta violenta controvérsia entre Jesus e os judeus, Jesus revela que Ele age sempre de acordo com»o que vê e ouve do Pai«e que, por outro lado, os judeus que O recusam agem de acordo com»o que ouvem do seu pai... o diabo«(João 8,38-44).

O ensinamento destas palavras é que todos nós agimos - consciente ou inconscientemente - de acordo com o que contemplamos no segredo da nossa alma. Reproduzimos actos inspirados pelo espírito que ouvimos. Se o nosso coração está inclinado para Deus, estamos a reproduzir o bom comportamento; mas se é o espírito do diabo que nos atrai, então as nossas acções serão más. Se os judeus queriam matar Jesus, é porque têm»o diabo como pai«, são seduzidos pelo seu espírito dominante e contemplam-no, conscientemente ou não, sem cessar.

O homem imita sempre o que contempla e admira. Este pai criminoso, o diabo,»é um homicídio desde o início«, declara Jesus. Não teria ele seduzido os pais da humanidade, procurando matar as suas almas levando-os para longe de Deus? Os Apóstolos seguiram Jesus, pois é Deus que eles inconscientemente procuram, é Ele que eles contemplam sem o conhecerem. Cristo queria que eles tomassem consciência disto quando lhes disse na véspera da Sua Paixão:»Ninguém vai ao Pai a não ser através de mim.... **De agora em diante**, conhecei-o e **vistes-o**«(João 14,7). Nessa mesma ocasião Ele também lhes revelou que eles»conheciam o Espírito Consolador porque Ele habitava com eles e estava (*já*) **neles**«(João 14,17).

13.2.9 Os judeus querem um Cristo nacionalista (João 10:24)

Os judeus reuniram-se em torno de Jesus e disseram-lhe:»Quanto tempo nos fará esperar? Se és o Cristo, diz-nos claramente«.»Já vos disse, mas não acreditais«, respondeu-lhes Jesus.

Os judeus pedem uma resposta, não para se curvarem às exigências divinas que são espirituais, mas para levar Jesus a curvar-se às suas exigências políticas, para assumir a liderança num violento movimento insurreccional contra a ocupação romana. Foi para O fazer compreender que estão prontos a lutar se Ele for o Messias nacionalista. Ele teria apenas uma palavra a dizer e eles pegariam em armas depois dele.

O mundo judeu esqueceu o que o profeta Isaías tinha dito sobre o Messias:»Sobre ele repousa o Espírito de YHVH.... A sua **Palavra** (*não a sua espada*) é a vara que atinge o violento, o sopro dos seus lábios mata o ímpio«(Isaías 11,4). Jesus nunca deixou de atacar com a palavra»a violência israelita para matar o pecado do nacionalismo«. Mas os fanáticos recusaram-se a ouvi-lo, preferindo»morrer neste pecado«(João 8,21-24) em vez de renunciarem às suas ambições de hegemonia política, como é o caso dos israelitas dos séculos XX e XXI, que preferem morrer a renunciar ao seu sonho do»Grande Israel«.

13.2.10 O Consolador, a Trindade (João 14:16-31)

João é o único que nos falou tanto sobre o Espírito Santo (João 15:26 / 16:7-15). Ele é o»Consolador«(em grego:»Paraclitos«, e em hebraico:»Menachem«: João 14,16 e 14,26). Este Espírito sustentará os Apóstolos e»consolá-los-á«após a partida dramática de Jesus:»Dar-vos-ei **outro** Consolador (*além de Mim*)...«. Não vos deixarei órfãos (*sem Mim*) **Voltarei** para vós (*através deste Consolador*)» (João 14,16-18). Note-se que é novamente Jesus que «regressa a eles» sob a forma do Espírito Consolador. Jesus e este Espírito são portanto Um, tal como Jesus e o Pai também são Um. O Pai, Jesus e o Espírito são, portanto, Um. Este texto revela a Trindade.

O consolo vem do facto de que Cristo, após a sua morte, se manifesta -exclusivamente- «àqueles que o amam» (João 14,21) para os consolar. Mas os Apóstolos não compreenderam estas palavras. Eles ainda imaginavam que Jesus seria o rei nacionalista de Israel, que em breve se manifestaria vivo aos judeus. Por isso perguntaram-lhe: «Como pode mostrar-se apenas a nós e não ao mundo»? E Jesus tenta, até ao último momento, explicar-lhes que o reino que esperam não é aquele que imaginam, mas que está dentro deles: «Meu Pai e eu iremos ter com aquele que Me ama, e faremos **nele** a nossa morada».. (João 14:23). Ainda não eram capazes de compreender esta dimensão interior. Foi muito mais tarde que John escreveu tudo isto, depois de ele próprio ter compreendido o significado profundo destas palavras. Ele escreveu então para iluminar outros judeus-cristãos a ir além dos limites do falso judaísmo, cuja consequência fatal é um nacionalismo de Deus indesejado. Estes ensinamentos espirituais são válidos para homens de todos os séculos... especialmente os materialistas.

13.2.11 Santificar o Nome de Deus (João 17:1-26)

Jesus reza em voz alta para dar os seus últimos ensinamentos antes de deixar a terra:

1) A Vida Eterna consiste em «**conhecer** Deus e o seu Messias», ou seja, ter em si mesmo a verdadeira concepção de Deus, não imaginá-lo de outra forma que Ele não seja. Apenas os escolhidos reconhecem esta «imagem» de Deus em Jesus, participando assim na Vida Eterna aqui na terra (João 17,3). São Paulo diz: «Se o nosso Evangelho permanece velado, está velado para aqueles que estão perdidos, para os descrentes, cujas mentes o deus deste mundo cegou para que não vejam o Evangelho da glória de Cristo, que é a **imagem de Deus**, brilhar» (2 Coríntios 4,3-4). Isto aplica-se hoje àqueles que não conseguem reconhecer a Besta do Apocalipse, aqueles para quem o Livro do Apocalipse de João continua fechado.

Exigir um Messias sionista significa ter uma imagem enganosa de Deus. Quando Jesus nos pede que rezemos, «Santificado seja o Vosso Nome», Ele convida-nos a purificar as nossas concepções de Deus e os Seus planos de salvação para os homens. A nossa impureza impede-nos de ver a Essência divina na sua pureza. Um olho míope vê um rosto deformado; não é o rosto que é mau, mas o olho que olha para ele. «O Pai cura-me os olhos para que eu possa ver-Te como Tu és». Santificado seja o Vosso nome em mim, não desfigurado pela minha cegueira«. Jesus perguntou a um cego:»O que queres que eu faça por ti? Ele respondeu: «Senhor, que eu vejo». E Jesus curou-o imediatamente. Também nós devemos fazer este pedido a Cristo com fé. Pois Jesus está vivo, e vive para sempre, para nos responder. Vamos ouvi-lo dizer-nos no nosso coração o que Ele disse ao cego: «Eis! A tua fé salvou-te» (Lucas 18,35-43). Jesus disse que Ele tinha vindo para dar vista, a Visão **Interior** (João 9,39-41).

«Tornei o vosso nome conhecido dos homens», disse Jesus ao Pai (João 17,6). Este Nome já não é apenas o de «YHVH», como foi revelado a Moisés, mas uma verdade mais profunda, **imanente** ao homem, escrita em letras de fogo na sua vida íntima: **Deus** está **no coração dos** crentes e o inferno é um coração sem Deus. Deus é a Felicidade perfeita. Quem conhece Deus como Ele é, goza da felicidade perfeita: «Deus é Amor» informa-nos João (1 João 4,16), e «quem não ama (*Jesus*) não conheceu Deus» (*ou seja, não O ama*), diz João, porque «o amor

de Deus manifestou-se no envio do seu único Filho Jesus, para que pudéssemos viver por Ele» (1 João 4,9). Este é o «Nome» de Deus, que é o que nós reconhecemos: Amor! E o Amor **encarnado**: O Messias! Este Santo Nome é um escândalo para muitos. Mas para os crentes é a Vida Eterna. Este é o Nome revelado por Jesus e que só Ele poderia revelar.

Jesus revelou este Nome de Deus e disse-nos que Ele «irá revelá-lo **novamente**» (João 17,26), ou seja, no futuro. Esta revelação é feita **em nós**, até ao fim dos tempos, «para que o amor com que me amaste esteja **neles** e eu **neles**», disse Jesus. Esta imanência de Deus deve, portanto, ser perfeita no coração dos crentes, para que possam estar cheios d'Ele. O Cristo sempre vivo continuará a ensinar-lhes o Amor, o Amor que se une e se une ao Pai.

Aqueles que pregam uma «transcendência» de Deus têm uma imagem distante e falsa d'Ele, não conforme ao Nome revelado por Jesus: um Nome**«Em nós**», imanente ao homem crente, sendo amor, e o Amor nunca é transcendente. O Nome de Deus é «Imanente».

2) «Não vos peço que os tireis do mundo, mas que os afasteis do mal» (João 17,15). Não nos devemos, portanto, isolar do mundo como fazem alguns monges e religiosos. A maioria deles tem medo do mundo e tem medo de enfrentar as realidades da vida quotidiana e as dificuldades do testemunho de Jesus. Eles assemelham-se àquele servo medroso que escondeu o seu único talento na terra, merecendo ser rejeitado pelo Mestre (Mateus 25:24-30). Somos chamados a «vencer o mundo» sabendo que «Aquele que está em nós (*Jesus*) é mais forte do que aquele que está no mundo (*Satanás*)» (1 João 4,4). Os Apóstolos nunca se isolaram.

É permanecendo no mundo com a força de Deus que seremos capazes de salvar pessoas de boa vontade que foram desviadas pelos truques do mundo. Aqueles que vivem no mundo, como Jesus, mas que têm o verdadeiro conhecimento e o verdadeiro «Nome» de Deus, não temem «sucumbir à tentação»; vencerão as seduções mundanas com uma luta corajosa; triunfarão sobre o mal, «as portas do inferno não poderão ficar contra eles» (Mateus 16,18). Temos de ter esta fé!

13.2.12 «O meu reino não é deste mundo» (João 18,33-36)

Pilatos, **preocupado**, pergunta a Jesus se ele é o Rei dos Judeus. Jesus respondeu: «O meu reino não é deste mundo (Pilatos não tinha, portanto, necessidade de se preocupar ou de o prender). Se o meu Reino fosse deste mundo, o meu povo (os Apóstolos e todos os discípulos depois deles) teria lutado para que eu não fosse entregue aos judeus. Jesus respondeu a Pilatos, que estava obviamente preocupado, acreditando que Jesus se estava a apresentar como o rei temporal de Israel em vez de Herodes, o amigo dos romanos. Ele queria ter a certeza de que Jesus não estava a preparar uma insurreição contra Roma. Vale a pena notar a ansiedade de Pilatos, que foi agravada quando ouviu Jesus apresentar-se como»Filho de Deus«:»Quando Pilatos ouviu isto, ficou **ainda mais** alarmado...«, diz João (João 19,8). A crise de consciência de Pilatos tornou-se ainda mais aguda pelo sonho premonitório da sua esposa Claudia Procula a favor de Jesus (Mateus 27:19). Segundo a tradição, ela abandonou o seu marido depois de ele ter entregue Jesus aos judeus. Ela ter-se-ia tornado cristã.

Pela sua resposta Jesus quer dizer a Pilatos que a sua missão não é opor-se a Roma, caso contrário ele teria ordenado a todos os seus seguidores que se levantassem contra Herodes e César e lutassem com violência armada para que»ele não fosse entregue«aos seus inimigos. Todos os seus seguidores esperavam apenas uma palavra dele para se levantarem. Isto é o que preocupava Pilatos.

Os líderes judeus apresentaram Jesus a Pilatos como um revolucionário contra os romanos. Lucas diz-nos que trouxeram Jesus perante Pilatos e depois começaram a acusá-lo, dizendo:»Encontrámos este homem a agitar a nossa nação à revolta (contra Roma), impedindo-os de pagar as tribos a César e afirmando ser Cristo o Rei«(Lucas 23:1-2).

Foi esta reivindicação de soberania que preocupou Pilatos. Mas como Jesus não aspirava a um reino político, queria libertá-lo (Lucas 23,13-16).»Mas os judeus gritaram: «Se o libertares, **não és amigo de** César». Aquele que se faz rei opõe-se a César. Não temos outro rei senão César«(João 19:12-15). Só»**então**«, ou seja, depois desta proclamação da única soberania de César, Pilatos»entregou-lhes Jesus para serem crucificados«, diz João (Jo 19,16). O representante de César não conseguiu resistir à ameaça de ser acusado de trair o imperador e parecer favorecer Jesus, depois de lhe ter sido apresentado como um terrorista revoltado contra a ocupação romana. Para ser um santo, Pilatos teria de»fazer violência a si mesmo«, apoiando a justa causa de Jesus até ao fim, correndo o risco de sofrer infâmia entre os homens para merecer a glória eterna do Céu.

Finalmente, devemos notar a má fé dos líderes judeus que»excitaram a multidão a pedir que em vez disso libertasse Barrabás«e que Jesus foi condenado (Marcos 15,11).»Barrabás era um assassino«(João 18,40),»um prisioneiro famoso«(Mateus 27,16),»preso juntamente com os **amotinados** que tinham cometido assassinatos na **sedição** (contra os romanos)«(Marcos 15,7). A má fé dos judeus aparece na escolha da libertação do activista Barrabás, um»famoso«nacionalista israelita da época, e na condenação de Jesus como activista revolucionário, acusando-o de ser o que Barrabás era.

Note-se que os Apóstolos estavam armados com duas espadas (Lucas 22:38), ainda acreditando numa revolta armada contra o poder estabelecido. Quando Jesus lhes falou da batalha decisiva que tiveram de travar, ouviu a batalha espiritual que tiveram de enfrentar depois da sua crucificação:»Agora, quem tiver uma bolsa, que a leve... quem não vender o seu manto e comprar uma espada... que a leve... que venda o seu manto e compre uma espada... porque eu estou no fim dos seus dias«(Lucas 22,36). Jesus falou da espada da palavra, da força da alma que os Apóstolos devem ter quando confrontados com os momentos difíceis e as lutas espirituais que irão surgir»quando tudo o que Lhe diz respeito chegar ao fim«, ou seja, a Sua próxima crucificação. Mas não compreenderam as suas palavras; acreditavam que a hora da revolta contra Herodes e César tinha chegado. Por conseguinte, responderam imediatamente:»Há aqui duas espadas«. Exasperado pela sua incompreensão, Cristo respondeu:»Basta!«(Lc 22,35-38). Pois, como Paulo mais tarde a compreendeu:»A espada do espírito é a palavra de Deus«(Efésios 6,17). Apocalipse explica bem que, para Cristo,»a espada«é a palavra, o poder da palavra da verdade:»Da Sua boca sai uma espada afiada«(Apocalipse 1,16),»Lutarei contra este povo com a espada da **minha boca**«(Apocalipse 2,16).

No Jardim das Oliveiras, quando Jesus foi preso,»Quando os companheiros de Jesus viram o que estava prestes a acontecer, perguntaram-lhe: 'Mestre, vamos atacar com a espada?' E um deles atingiu o servo do sumo sacerdote e cortou-lhe a orelha direita. Jesus interveio para impedir o seu povo de O entregar pela espada e disse aos seus apóstolos: «Deixai (*as vossas espadas*)! Já chega!» (Luke 22,49-51). Não recebendo qualquer ordem para lutar, «os discípulos (*desapontados*), todos O deixaram e fugiram» (Mateus 26,56), como Jesus tinha acabado de os avisar: «Eis que vem a hora em que sereis dispersos pelo estrangeiro, cada um ao seu lado, e me deixareis em paz» (João 16,32).

13.2.13 João permanece até ao regresso de Jesus (João 21,22)

«Por favor deixe-o (*John*) ficar até eu vir, o que é que isso lhe interessa?»

Estas palavras foram dirigidas por Jesus a Pedro, sobre João, «o discípulo a quem Jesus amava», como João gosta de se apresentar (João 21,20). Estas palavras levaram os discípulos a acreditar que o regresso de Cristo estava iminente, que aconteceria enquanto João ainda estivesse vivo.

Esta crença reflecte-se nas palavras de Paulo aos Tessalonicenses: «Nós, que estamos vivos, **ainda estaremos lá para a vinda do Senhor** (*Jesus*)» (1 Tessalonicenses 4,15 / repetido em 4,17).

Também João, vendo-se velho e prestes a deixar esta terra (tinha cerca de 95 anos quando escreveu o seu Evangelho), sabendo que «a notícia se tinha espalhado entre os irmãos de que este discípulo não morreria (*antes do regresso de Jesus*)», explica as palavras do Salvador dizendo: «Mas Jesus não tinha dito a Pedro: 'Ele não morrerá', mas: 'Por favor, deixai-o ficar até eu vir (*o que é que isso vos importa*)'» (João 21,23).

Paulo, que também acreditava no regresso imediato de Jesus, tinha percebido o seu erro muito antes de João escrever o seu Evangelho. Também na sua segunda carta aos Tessalonicenses ele rectifica o que tinha dito na sua primeira carta sobre a vinda de Jesus. Esclarece-lhes dizendo: «Não se apressem a deixar o espírito agitar-se, nem se alarmem com palavras ou letras como vindo de nós, o que vos faria pensar que o Dia do Senhor já está aqui». Que ninguém o engane de forma alguma. De antemão o Apostolado deve vir e revelar o Maligno, o Adversário«(2 Tessalonicenses 2:1-4). Este»Adversário«, chamado»Anticristo«por João, é o adversário de Cristo Jesus (1 João 2,22).

Antes da vinda de Jesus, no final dos tempos, é-nos dado um grande sinal como ponto de referência: o aparecimento do Anticristo, a»Besta«que devemos reconhecer (Apocalipse 13).

O livro do Apocalipse de João é-nos dado para este fim. Contém as revelações feitas a João para nos ajudar a reconhecer a identidade deste temível inimigo que deve aparecer na véspera do regresso de Jesus. É neste sentido que João deve permanecer no mundo, até à vinda de Jesus. É através do seu Apocalipse que João ainda está no mundo, para preparar os crentes para este Regresso, pois, graças a este livro salutar, sabemos que o Anticristo já apareceu na terra. O Regresso de Jesus já não está, portanto, muito longe; em algumas almas já começou mesmo.

Aqui termina o estudo do Evangelho e as cartas de João. O que eu disse sobre as suas 3 cartas é suficiente para nos permitir lê-las sem encontrar nenhum ponto obscuro importante.

Agora leia o Evangelho de João e as suas cartas antes de passar ao estudo das cartas escritas pelos Apóstolos.

13.3 As cartas de Paul

Paulo escreveu 14 cartas para fortalecer a fé dos primeiros cristãos, a maioria dos quais eram judeus-cristãos. A sua principal preocupação era avisá-los contra os adversários que tentavam mantê-los afastados de Jesus, os judeus que lhe resistiam em todo o lado e que queriam trazer os neófitos de volta à prática das obras da Torá através de todo o tipo de raciocínios. Por isso Paulo, escrevendo aos Gálatas, disse-lhes:»Ó tolos Gálatas, que vos enfeitiçaram.... Só quero saber uma coisa da sua parte: recebeu o Espírito por praticar a Lei (*Torah*) ou por acreditar na pregação (*do Evangelho*)?«(Galatianos 3:1-2).»Admiro-me que tão cedo abandones Aquele que te chamou pela graça de Cristo... Só há pessoas (*os judeus descrentes*) que estão a agitar problemas entre vós e que querem perturbar o Evangelho de Cristo«(Gálatas 1,6-7). É assim que age o espírito maligno do Anticristo.

As duas cartas de Paulo aos Romanos e Gálatas devem ser estudadas em conjunto porque abordam o mesmo problema: para evitar que os judeus-cristãos voltem à prática inútil do culto e às obras da Lei (*Torah*):»A Lei (*Torah*) não pode justificar ninguém perante Deus.... O justo viverá pela **fé** (*em Jesus, não pela adoração*), mas a Lei não procede da fé (*em Jesus*)... Cristo redimiu-nos (*libertou-nos*) desta **maldição** da Lei«.. (Galatianos 3:11-13). Na sua carta aos Romanos Paulo diz:»Cremos que o homem é justificado pela fé sem a prática (*das obras*) da Lei (*Torah*)«(Romanos 3,28). Paulo condenou-se aos judeus ao chamar à Torá uma maldição. Mas isto justificou-o e glorificou-o perante o Pai e o seu Messias.

Assim, todo o esforço de Paulo foi para convencer estes judeus que se tinham tornado cristãos (habituados ao culto prescrito nos livros do Êxodo, Levítico, Números e Deuteronómio) que

estas práticas de culto são estéreis para a alma e que só a fé em Jesus como Messias, e que **só** a fé, sem a prática da Lei (Torá), pode salvar.

Nesta altura, pode ler a Carta aos Gálatas.

Antes de ler a carta aos romanos, deve saber que Paulo a dirige aos cristãos em Roma. Estavam divididos em duas comunidades distintas e, infelizmente, opostas:

1. A dos judeus-cristãos formados pelos judeus que acreditavam em Jesus
2. A dos gentios-cristãos formados por gentios (maioritariamente romanos) que se juntaram aos seguidores de Cristo.

Estas duas comunidades desprezavam-se uma à outra. O primeiro, formado por judeus, considerava os gentios indignos de fazer parte do povo dos crentes. Os judeus que seguiram Jesus pensavam que o cristianismo estava reservado apenas aos judeus, ainda não tinham compreendido a dimensão **universal** da mensagem de Jesus. Então Paulo escreveu-lhes:»É Deus o Deus só dos judeus e não dos gentios? Certamente também dos gentios, pois há um só Deus que justificará os circuncidados (*judeus*) pela fé (*em Jesus*) bem como os incircuncisos (*gentios*) pela fé«(Romanos 3,29-30).

A comunidade gentio-cristã, por sua vez, desprezou a comunidade judaico-cristã, acreditando - erradamente - que os judeus deveriam ser globalmente excluídos do povo dos crentes porque tinham rejeitado Jesus. Paulo contradisse-os, dizendo:»Eu próprio não sou um israelita? Deus não rejeitou o Seu povo... Resta **um remanescente** escolhido pela graça (*pela fé em Jesus*). Mas se por graça, já não é por causa de obras (*culto da Torá*)«(Romanos 11,1-6). Portanto, não devemos fechar a porta perante»este remanescente«, estes judeus»escolhidos«, porque eles acreditam em Jesus. Isto está a acontecer de novo hoje, porque muitos judeus - como o movimento»judeu por Jesus«- acreditam que Jesus é o Messias.

Com argumentos tão sinceros, verdadeiros e pacíficos, Paulo tentou trazer harmonia entre judeu-cristãos e gentio-cristãos, convidando ambos a»serem acolhedores um para o outro«(Romanos 15,7).

Os israelitas modernos (sionistas) utilizam tais versos, na mesma carta, para obter a aceitação dos cristãos, enganando-os com uma tradução inteligentemente falsa das palavras e intenções de Paulo. Ao fazê-lo, os sionistas pretendem ganhar o apoio do mundo cristão para o Estado de Israel. As palavras de Paulo não visam apoiar o Estado de Israel, nem os israelitas dos séculos XX e XXI, mas»o remanescente escolhido«(Romanos 11,5) entre os judeus, escolhidos no passado por causa da sua fé em Jesus. Estas amáveis palavras aplicam-se também aos judeus de hoje **que acreditarão em Jesus**. Os hebreus nacionalistas de hoje, pela sua recusa em reconhecer Jesus como o Messias, são o Anticristo (1 João 2,22) e os falsos judeus denunciados por Jesus (Apocalipse 2,9 e 3,9).

Não se deve esquecer que Paulo deu aos judeus **uma condição** para a salvação. De facto, ele diz claramente:»**Se não permanecerem na incredulidade** (*isto é, na sua recusa de Jesus*), serão enxertados (*no povo de Deus*)«(Romanos 11,23).

Aqueles que pensam que Paulo está a defender os israelitas do nosso tempo e o Estado de Israel devem aperceber-se disso:

1. Paulo é um hebreu que se tornou um apóstolo de Jesus. Renunciou ao culto judaico da Torá, que considerou como uma nulidade, mesmo uma maldição (Galatianos 3,13).

2. Paulo lutou violentamente contra os negadores de Jesus, considerando-os inimigos de Deus e dos homens, dizendo:»Os judeus mataram o Senhor Jesus e os profetas, perseguiram-nos, não agradam a Deus, são inimigos de todos os homens...«(1 Tessalonicenses 2:15-16).

3. Paulo afirma claramente que a conclusão do seu raciocínio é o fracasso daqueles que são para o Estado de Israel e o sucesso dos escolhidos de Jesus:»O que devemos então concluir? O que Israel (*um Estado imperialista*) procura, não o alcançou, mas aqueles que foram escolhidos alcançaram-no (*os seguidores de Jesus obtiveram o Espírito Santo e alcançaram o Reino de Deus*)«(Romanos 11:7).

A carta aos Romanos termina com saudações. Paulo dirige-os aos membros das duas comunidades, convocando-os um a um para os ajudar a aproximarem-se: Prisca e Aquila são de origem judaica (Romanos 16:3) e Lucas menciona-os em Actos 18:1-2. Lereis os nomes dos cristãos gentios mencionados por Paulo, fazendo a todos eles esta recomendação final de amor:»Saudai-vos uns aos outros com um beijo santo«(Romanos 16,16).

Leia agora a carta aos Romanos, tendo em conta que foi dirigida a estas duas comunidades a fim de as reconciliar e unir no amor do Messias, Jesus, convidando a primeira a elevar-se acima das considerações farisaicas condenadas por Deus (ver Mateus 5,20) e a segunda a não se afundar por sua vez no racismo, excluindo os judeus, enquanto tal, da possibilidade de acreditarem em Jesus.

Para Paulo ensinou constantemente que em Jesus, judeus e gentios são um só:»Porque Ele (*Jesus*) é a nossa paz, que nos fez um só povo, derrubando a barreira entre nós e os*gentios*, e removendo **o ódio** na **sua carne**, esta Lei (*Torah*) e os seus preceitos e ordenanças, para criar na sua Pessoa ambos num só homem novo.... e reconciliar ambos com Deus num só corpo (*através da Cruz*)«(Efésios 2,14-18).

Sabendo que a sua missão era revelar Deus e Cristo aos gentios (Actos 9:15), Paulo compreendeu que tinha de lutar ferozmente contra o exclusivismo dos judeus que»o impediram de pregar aos gentios para a sua salvação«(1 Tessalonicenses 2:16).

Todas as cartas de Paulo são o fruto das suas lutas para»tornar o Filho de Deus conhecido entre os gentios«(Gálatas 1,16). Ele gozou da graça de anunciar aos gentios»as insondáveis riquezas de Cristo«(Efésios 3,8),»as gloriosas riquezas do seu mistério entre os gentios«(Colossenses 1,27), tornando-se o inquestionável»apóstolo dos gentios«(Gálatas 2,8), como Jesus queria (Actos 9,15).

Tendo compreendido este ponto importante sobre Paulo, pode agora ler o resto das suas cartas.

As cartas de Peter, James e Jude não apresentam qualquer dificuldade. Leia-os.

14. Lição 14 - O livro do Apocalipse de João

O Apocalipse é um livro profético que relata os acontecimentos e protagonistas do século XX. Este período tumultuoso é o do reaparecimento e do fim de uma Besta: o Anticristo, na véspera do regresso de Cristo.

Este Livro foi revelado a João, o Apóstolo de Jesus, no ano 95.

Leia o texto: »La Clé de l'Apocalypse«.

15. Lição 15 - Estudos Temáticos

15.1 Os fins últimos

Leia o texto: »Os Últimos Fins«.

Completa a sua formação espiritual abrindo-se à inspiração do Alcorão. Estudo »A Faithful Glance at the Quran «e o opúsculo »The Antichrist in Islam«.

15.2 Teologia

Um conhecimento de»Teologia«completará a sua formação»científica«e ajudá-lo-á a elevar-se espiritualmente. Todas as religiões têm a sua teologia. A teologia cristã está dividida em duas partes: teologia doutrinal e teologia moral.

Teologia Doutrinal

As insígnias que precisamos de conhecer e que se baseiam nas Sagradas Escrituras:

- Deus Um e Trindade
- Deus criador
- Deus Encarnado (Cristologia)
- Os Sacramentos
- A Virgem Maria (Mariologia)
- A noção de povo de Deus, etc.

O estudo deste curso bíblico contém vários ensinamentos teológicos.

O Apocalipse lançou nova luz, especialmente sobre a noção do que é o povo de Deus, tratada em obras teológicas tradicionais no capítulo»A Igreja«, bem como a noção de»Sacerdote«.

Teologia moral

- Os Dez Mandamentos
- Justiça social e internacional; etc.

Esta moralidade é simplificada numa frase de Jesus:»Ama a Deus e ao teu próximo como a ti mesmo«...

Este é o fim da terceira etapa deste Itinerário Espiritual que consiste - como já mencionado no início do curso - em escolher e aprofundar o caminho espiritual escolhido.

16. BIBLIOGRAFIA

1. »*A Bíblia de* Jerusalém«, publicada por Cerf Editions
2. Tradução»*The Quran*« Edições Masson Dar Al Kitab Allubani/Gallimard la Pléiade
3. »*Synopse des quatre Évangiles*« PR Lagrange Librairie Lecoffre
4. »*Philosophies Vivantes*«, 1931 e »*Des savants nous parlent de Dieu*«, de René Courtois, edições. Foyer Notre Dame, Bruxelas
5. »*The Bible by the Cards*«, Yoharan Aharoi e Michael Avi-Yonah Brepols Edition..
6. »*Moisés e Faraó*«, Dr. Maurice Bucaille, publicação Seghers
7. »*The Bible Unveiled*«, Israel Finkelstein, Neil Asher Silberman, Bayard Publishing..
8. »*Déluge et arche de Noé*« de André Parrot (edições:»Cahiers d'archéologie biblique«; 15 de Fevereiro de 1955, página 32
9. »*André Gide par lui-même*«, Écrivains de toujours, éditions du Seuil, Claude Martin, 1963

Para consultar

- »Olhar Fiel sobre o Alcorão«
- »Os cristãos e Israel«
- »O Anticristo e o Regresso de Cristo«
- »O Anti-Cristo no Islão«
- A palestra: »A Bíblia Refuta Israel«
- A conferência: »A mistificação escatológica profetizada".

Copyright © 2026 - Pierre2.net - All rights reserved.

Contents

1 Itinerário Espiritual - Em Busca da Verdade **3**

1. INTRODUÇÃO . . . 3
2. PRIMEIRA FASE - A PRELIMINAR . . . 3
   - 2.1 Descondicionamento . . . 4
   - 2.2 Pré-requisitos para o sucesso . . . 5
   - 2.3 Conclusão . . . 5
3. SEGUNDA VEZ - SENSIBILIZAÇÃO . . . 6
   - 3.1 Avaliação da personalidade . . . 7
   - 3.2 A descoberta dos nossos complexos . . . 8
   - 3.3 Calmaria . . . 8
   - 3.4 Conselhos práticos . . . 9
   - 3.5 Meditação . . . 9
4. TERCEIRA VEZ - A VIAGEM ESPIRITUAL . . . 10
   - 4.1 Primeiro passo - Deus . . . 10
   - 4.2 Segunda fase - Religiões . . . 14
   - 4.3 Terceira etapa - a opção: Revelação Divina . . . 20
   - 4.4 Quarto passo - felicidade . . . 24

2 O curso bíblico **25**

1. Lição 1: Os livros da Bíblia . . . 25
   - 1.1 Autores e tempo de escrita . . . 27
   - 1.2 Tradições orais . . . 28
   - 1.3 A autenticidade do texto bíblico . . . 29
   - 1.4 Línguas bíblicas . . . 32
2. Lição 2 - Os primeiros 11 capítulos do Génesis . . . 34
   - 2.1 A primeira conta de criação (Génesis 1:1 a 2:3) . . . 34
   - 2.2 A Segunda História da Criação (Génesis 2:4-25) . . . 38
   - 2.3 A Revolta do Homem contra Deus (Génesis 3) . . . 40
   - 2.4 Caim e Abel: o homem mata o homem seu irmão (Génesis 4) . . . 46
   - 2.5 Aumento do Mal e Punição pela Inundação (Génesis 6) . . . 49
   - 2.6 O Dilúvio (Génesis 6:5 a Génesis 7:24) . . . 51
3. Lição 3 - De Abraão a Isaac (Génesis 12 a 24) . . . 57

3.1 Abraham . . . 57
3.2 Deus promete aos descendentes de Abraão e uma terra (Génesis 12:6-7) . . . 59
3.3 Melquisedeque (Génesis 14:17-20) . . . 61
3.4 O Pacto das Metades (Génesis 15:7-17) . . . 63
3.5 Ishmael (Génesis 16) . . . 64
3.6 Isaac (Génesis 17 e 18) . . . 65
3.7 Circuncisão (Génesis 17:9-14) . . . 66
3.8 Revelação da Santíssima Trindade (Génesis 18) . . . 67
3.9 Sodoma e Gomorra (Génesis 19) . . . 67
3.10 Nascimento de Isaac e expulsão de Hagar e Ishmael (Génesis 21) . . . 68
3.11 O Sacrifício de Isaac (Génesis 22) . . . 70
3.12 O Casamento de Isaac (Génesis 24) . . . 70
4. Lição 4 - A história de Isaac e Jacob (Génesis 25 a 50) . . . 72
4.1 Os dois filhos de Isaac: Esaú e Jacob (Génesis 25,19-) . . . 72
4.2 As duas esposas de Jacob (Génesis 28 e Génesis 29) . . . 73
4.3 A «luta» de Jacob contra Deus (Génesis 32:24-33) . . . 74
4.4 Os 12 filhos de Jacó: As 12 tribos de Israel (Génesis 35,22-26) . . . 75
4.5 As 12 tribos no Egipto (Génesis 37 a 50) . . . 77
4.6 Questionário sumário . . . 78
5. Lição 5 - O Livro do Êxodo . . . 80
5.1 A longa estadia dos israelitas no Egipto . . . 81
5.2 A vocação de Moisés . . . 82
5.3 As 10 pragas do Egipto . . . 84
5.4 Páscoa . . . 85
5.5 O Sacerdócio Judaico . . . 87
5.6 A Canção de Moisés (Exodus 15) . . . 87
5.7 Maná (Exodus 16) . . . 88
5.8 A Lei de Moisés (Êxodo 20-31) . . . 88
5.9 A Arca do Pacto e o Candelabro (Êxodo 25) . . . 89
5.10 O Bezerro de Ouro (Exodus 32) . . . 90
5.11 Questionário . . . 90
6. Lição 6 - Leviticus - Números - Deuteronómio . . . 92
6.1 Leviticus . . . 92
6.2 O Livro dos Números . . . 100
6.3 O livro do Deuteronómio . . . 109
6.4 Questionário . . . 114
7. Lição 7 - Joshua, Juízes, Ruth, Samuel 1 & 2 . . . 115
7.1 O livro de Joshua . . . 115
7.2 O Livro dos Juízes . . . 119
7.3 O livro de Ruth . . . 121
7.4 O primeiro livro de Samuel . . . 121
7.5 O Segundo Livro de Samuel . . . 123
8. Lição 8 - Os Livros dos Reis - Crónicas - Esdras - Neemias - Tobias - Judite - Ester - Macabeus . . . 128
8.1 O Primeiro Livro dos Reis . . . 128
8.2 O Segundo Livro dos Reis . . . 133

8.3 Os livros de Crónicas . . . 137
8.4 O livro de Esdras . . . 139
8.5 O Livro de Neemias . . . 140
8.6 Os livros de Tobit, Judith e Esther . . . 140
8.7 Primeiro e Segundo Livro dos Macabeus . . . 140
8.8 Recomendação . . . 142
9. Lição 9 - Os 7 Livros de Sabedoria . . . 143
9.1 O Livro de Emprego . . . 143
9.2 O Livro dos Salmos . . . 144
9.3 O Livro de Provérbios . . . 146
9.4 O livro de Eclesiastes . . . 146
9.5 O Cântico das Canções . . . 146
9.6 O Livro da Sabedoria . . . 146
9.7 O livro de Ecclesiasticus . . . 147
10. Lição 10 - Os 4 grandes livros proféticos . . . 148
10.1 Introdução . . . 148
10.2 Isaías . . . 149
10.3 Jeremiah - O Lamento - Baruch . . . 153
10.4 Ezequiel . . . 159
10.5 Daniel . . . 163
11. Lição 11 - Os 12 pequenos livros proféticos . . . 171
11.1 Osée . . . 171
11.2 Joël . . . 171
11.3 Amós . . . 174
11.4 Abdias . . . 174
11.5 Jonas . . . 175
11.6 Miqueias . . . 175
11.7 Zephaniah, Nahum, Habakkuk . . . 176
11.8 Haggai e Zechariah . . . 177
11.9 Malachie . . . 178
12. Lição 12 - Os Livros do Novo Testamento . . . 179
12.1 Apresentação dos Evangelhos Sinópticos . . . 180
12.2 Preparação de Jesus . . . 182
12.3 Jesus em Missão: O seu discurso inaugural (Mateus 5:1 - 7:29) . . . 184
12.4 Jesus e João Baptista (Mateus 11:1-15) . . . 186
12.5 Como os Apóstolos Conceberam o Messias (Mateus 16) . . . 188
12.6 Porque é que Cristo teve de ser morto? . . . 191
12.7 Quando devemos perdoar ou julgar? . . . 192
12.8 Jesus e os ricos (Mateus 19,16-26) . . . 193
12.9 A maldição da figueira (Mateus 21:18) . . . 194
12.10 Impostos (Mateus 22:13-17) . . . 194
12.11 A verdade sobre Judas . . . 195
12.12 O fim dos tempos (Mateus 24) . . . 197
12.13 Os Actos dos Apóstolos . . . 200
13. Lição 13 - O Evangelho de João e as Cartas dos Apóstolos . . . 207
13.1 Apresentação do Evangelho de João e das suas Cartas . . . 207

13.2 Os Ensinamentos do Evangelho de João 210
13.3 As cartas de Paul 219
14. Lição 14 - O livro do Apocalipse de João 222
15. Lição 15 - Estudos Temáticos 222
15.1 Os fins últimos 222
15.2 Teologia 222
16. BIBLIOGRAFIA 223